

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

A BIBLIOFILIA NO BRASIL

Oto Dias Becker Reifschneider

Orientador: Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda

BRASÍLIA
MAIO/2011

A BIBLIOFILIA NO BRASIL

Oto Dias Becker Reifschneider

DEFESA DE TESE AVALIADA EM: / /

AVALIAÇÃO:

Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
Orientador

Profa. Dra. Ana Maria Camargo
Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Secchin
Examinador

Dr. Ésio Macedo Ribeiro
Examinador

Profa. Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Examinadora

Profa. Dra. Suzana Pinheiro Machado Mueller
Examinadora (suplente)

BRASÍLIA
MAIO/2011

AGRADECIMENTOS

Aos amigos

Jorge Brito, que obras me legou

Rafael Viana, que fez trabalhos mil

Êsio Macedo, que livros carregou

Rubem Amaral, que textos corrigiu

Pelo interesse, dedicação e altruísmo.

Ao meu orientador, Antonio Miranda, pelo pragmatismo e amizade.

Ao CNPq, por me possibilitar dedicação exclusiva aos estudos.

À banca de qualificação, pelas sugestões e encaminhamento.

A editoras, autores, bibliotecários, curadores e bibliófilos que me facilitaram acesso aos seus textos e que me auxiliaram no encontro de livros e documentos, em especial:

Em Fortaleza, Augusto Bezerra e Lúcio Alcântara; em Salvador, Luís Guilherme Pontes Tavares; no Rio de Janeiro, Ubiratan Machado, Milena Duchiate e Anibal Bragança; em São Paulo, Leonel de Barros, Ana Maria Camargo e Plínio Martins Filho; em Porto Alegre, Marcos Lindenmayer, André Gambarra e Waldemar Torres; em Belo Horizonte, Mario Drumond; em Brasília, Briquet de Lemos, Gustavo Torres, Cristiano Lopes, Bruno Borges e Maurício de Paula Pinto; em Washington, Maria Angela Leal; em Nova Iorque, Fernando Peña e Richard Ramer.

Aos que formaram os acervos que integram as instituições que pude pesquisar e aos que organizaram mecanismos de busca pela internet.

À minha família,

Dedico esta tese.

RESUMO

Investigou-se, ao elaborar esta tese, a bibliofilia no Brasil, em seus aspectos históricos, sociológicos e comunicacionais. Após as discussões metodológicas iniciais, fez-se um levantamento sobre a expansão dos “estudos do livro”. Em seguida, foi estudada a situação do livro no país, com foco no descaso histórico com as coleções públicas nacionais, além do exame de alguns aspectos pontuais, como a história do *ex libris* e da encadernação. A partir de um amplo levantamento bibliográfico, tentou-se traçar um breve histórico da bibliofilia no Brasil, não só identificando os colecionadores, mas também o destino de suas coleções, destacando-se alguns dos mais importantes atores. A partir da literatura mais recente e de contatos previamente estabelecidos, foram mapeados os bibliófilos contemporâneos e, quando possível, contactados e entrevistados. A segunda parte da tese, i.e., a análise de diversos aspectos que compõem a *oeconomia* da bibliofilia, deu-se primordialmente a partir das conversas com esses bibliófilos, livreiros e das observações feitas *in loco* nas cidades visitadas. Tentou-se demonstrar não só o fazer do bibliófilo em seus mais variados aspectos, mas seu papel social, suas implicações na rede formada pela bibliofilia e fora dela. Para tanto, foram discutidos aspectos simbólicos, estéticos e econômicos, do fascínio da obra rara à importância de bibliotecas particulares.

ABSTRACT

In this thesis, historical, social and communicational aspects of bibliophily were explored. After the initial methodological discussions, an assessment of the expansion of the book studies field is presented. Following that, the contemporary situation of the book in Brazil, with focus on the historical negligence towards national public collections, as well as the study of specific aspects such as the history of *ex libris* and of binding. A brief history of bibliofily in Brazil was then written, founded on a thorough bibliographical survey, with the identification of book collectors as well as the destiny of their collections – short studies were developed for some of the more relevant actors. Based on recent literature and on contacts previously established, contemporary bibliophiles were identified and, whenever possible, contacted and interviewed. The second part of the thesis, that is, the analysis of aspects that integrate the *oeconomia* of bibliophily, was based primarily on consultations with the bibliophiles, as well as with booksellers, and observations *in loco* of the cities that were visited. This thesis presents not only the bibliophile's actions in its different facets, but also its social relevance, and the repercussion of bibliophily inside and outside its network. In order to accomplish this investigation, symbolic, esthetic and economic aspects were studied, from the spell cast by rare books to the relevance of private collections.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
I APRESENTAÇÃO	12
Explicação necessária	13
Problema objeto da pesquisa	16
II ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	18
Embasamento teórico	19
Procedimentos e observações metodológicas	24
III O LIVRO E OS ESTUDOS DO LIVRO	30
A centralidade do livro na cultura ocidental	31
Os estudos do livro hoje	33
IV O LIVRO NO BRASIL	37
O livro no Brasil	38
O descaso com os livros	42
V A BIBLIOFILIA	65
A bibliofilia	66
Análise psico-etimológica	70
A obra rara	78
VI A BIBLIOFILIA NO BRASIL	82
Um breve histórico	83
Alguns bibliófilos	104
- Barão de Studart	104
- Eduardo Prado	108
- Oliveira Lima	112

- Alfredo de Carvalho	116
- Mario de Andrade	123
- Castro Maya	129
- Rubens Borba de Moraes	131
- Plinio Doyle	135
- Carlos Lacerda	139
- José Mindlin	141
 VII ASPECTOS DA BIBLIOFILIA	 147
A encadernação	148
<i>Ex libris</i>	153
Edições de arte	159
O livro objeto	171
O amor aos livros e a literatura nacional	172
A importância das bibliotecas particulares	174
 VIII O COMÉRCIO DE LIVROS USADOS	 179
Histórico	
Colônia/Império	180
República	182
Leilões	199
O impacto da internet	204
Cenário atual	207
Brasília	208
Fortaleza	210
Porto Alegre	210
Rio de Janeiro	211
Salvador	212
São Paulo	212
 IX A BIBLIOFILIA NO BRASIL HOJE	 214
Introito	215

Entrevistas realizadas	216
Conversas	220
Outros bibliófilos identificados	222
Das redes	224
 X COM A PALAVRA OS BIBLIÓFILOS	 228
O comércio de livros usados e raros	229
Causos e achados	232
O cuidado com os livros	239
O destino dos livros	242
 XI EM RETROSPECTO	 248
Observações gerais	249
Da bibliofilia	249
Da feitura da tese	250
A bibliofilia e a Ciência da Informação	252
 XII BIBLIOGRAFIA	 257
 XIII ANEXOS	 286
i Instrução normativa do IPHAN	287
ii Listagem de Luis Guilherme	289
iii Relatório BCE	292
iv Desapropriação da biblioteca de Eichenberg	298
v Lei e Decreto regulamentando a exportação de livros antigos	299
vi Conto de Drummond: “A perfeita sabedoria”	303
 TABELAS	
p. 217 – entrevistas realizadas	
p. 220 - conversas	
p. 222 – outros bibliófilos identificados	

IMAGENS

Todas as imagens foram feitas e manipuladas pelo autor e são de seu acervo, exceto quando creditadas.

- p.28 – capa do catálogo do 14°. Leilão da Livraria Fólio
- p.39 – capa da primeira edição de *Os livros nossos amigos*
- p.48 – um dos *ex libris* de Olavo Dias da Silva
- p.60 – detalhe do *Dictionnaire bibliographique, ou nouveau manuel du libraire et de l'amateur de livres*, de Etienne Psaume (1824)
- p.64 – fotos da biblioteca do Caraça, antes e após o incêndio de 1968 (ZICO, 1988, p. 161-162)
- p.67 – folha de rosto da edição americana (1894) da obra *Bibliomania*, do ensaísta Bollioud-Mermet
- p.85 – foto de Salvador Mendonça (*Catálogo Salvador de Mendonça*, 1906)
- p.87 – serviços gráficos oferecidos por José Carlos Rodrigues em *Novo Mundo*, 23 de março de 1972
- p.84 – foto de Alfredo Pujol, tirada de
- p.84 – *ex libris* de Alfredo Pujol
- p.93 – *ex libris* de Estevam de Almeida
- p.90 – foto de “Bibliotheca Moderna Particular” paulistana, provavelmente da de Pujol (DINIZ, *Bibliothecosophia*, 1916)
- p.101 – *ex libris* de João Fernando (Yan) de Almeida Prado
- p.107 – o Barão de Studart em sua biblioteca (Acervo do Instituto do Ceará in: BEZERRA, 2010, p. 25)
- p.110 – *ex libris* de Eduardo Prado
- p.111 – as bibliotecas de Eduardo Prado no Brejão (sua fazenda) e em Paris (*Revista Moderna*, 1898)
- p.116 – Oliveira Lima em sua biblioteca / Oliveira Lima no Japão (Acervo da Biblioteca Oliveira Lima da Universidade Católica em Washington – DC)
- p.117 – foto de Alfredo de Carvalho (*Bibliotheca Exotico-Brasileira*)
- p.119 – foto da folha de rosto do exemplar no. 1 da tiragem especial de 20 exemplares de *Estudos Pernambucanos*
- p.128 – Mario de Andrade em sua biblioteca (cortesia do IEB / USP)

- p.130 – imagens do livro *O Pároco* de Coelho Neto, ilustrado com gravuras em metal de Darel, encomendado por Castro Maya para distribuição no Natal
- p.134 – Rubens Borba de Moraes *ex libris* / em seu gabinete na ONU (cortesia de Ana Maria Camargo / Briquet de Lemos)
- p.138 – Plínio Doyle, acompanhado de sua esposa, filha e de Drummond, em sua biblioteca (SENNA, 2000, p. p. 102).
- p.145 – *ex libris* de Mindlin
- p.146 – capa do discurso de posse de Mindlin na ABL e foto de Mindlin em sua biblioteca publicada em livreto comemorativo do Grolier Club
- p.150 – lombadas de encadernações de Kieffer, mandadas fazer por Pujol em Paris
- p.152 – encadernação especial para *O Caçador de Esmeraldas*, da Cem Bibliófilos, com a capa em couro simulando a capa do livro
- p.153 – *ex libris* de Alfredo de Carvalho
- p.156 – *ex libris* comemorativo da feitura de 300 *ex libris* por Alberto Lima
- p.157 – *ex libris* de Lúcio Alcântara
- p.159 – *ex libris* de Elvino Poci
- p.160 – imagem de *O Cântico dos Cânticos*
- p.161 – folha de *Poemas Negros* ilustrada por Lasar Segall
- p.162 – capa de Vicente do Rego Monteiro para *Montmartre en 1925*, editado em 1925 em Paris
- p.163 – imagens do livro *Corazon de la Tierra* impresso por João Cabral
- p.164 – capa de *ABC da arte & amor de Calasans* gravador
- p.164 – capa *Doorway to Portuguese*, impressa a partir de folhas
- p.165 – gravura em metal de Piza para capa de *Extraits*, de Palissy
- p.166 – capa e caixa de *Pássaros espaços*, escrito, ilustrado e editado por Salvador Monteiro
- p.167 – Capa de *Escritura*, livro organizado e editado por Gastão de Holanda/ serigrafia de Maria Luiza Leão ilustrando poesia do editor
- p.168 – folha de rosto e imagem de folha de *Oswaldianas*
- p.169 – sobrecapa com desenho de Grassmann para volume da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, de Brasília
- p.170 – Célula Tipográfica, livreto sanfonado
- p.172 – Capa de *Soneto da Buquinagem*, de Drummond, editado por Segalá
- p.173 – Capa de *Crime do Estudante Batista* de Ribeiro Couto

- p.174 – capa e detalhes de *Uma lira dos vinte anos*, de Lêdo Ivo, com dedicatória para João Cabral, que fez o projeto gráfico da obra com Houaiss
- p.176 – *ex libris* de Barbosa Machado, o Conde da Barca, Commandeur d'Araujo
- p.182 – etiqueta de livraria de Albino Jordão (Casa do Livro Azul), que se encontrava no volume *Discurso sobre a Historia da Philosophia* de João Rodrigues d'Araújo, editado em Pernambuco (1839)
- p.186 – foto de Eurico Brandão (cortesia do retratado)
- p.187 – detalhe de papel de embrulho antigo da Livraria Brandão Sebo
- p.189 – Melquidesec e João Câmara (foto de Clóvis Campêlo, tirada em 1991)
- p.192 – Péricles Coli Machado e Maria Lúcia
- p.209 – carimbo e *ex libris* de Jorge Brito
- p.210 – capa do segundo número da revista *Scriptorium*, editada pela Associação de Bibliófilos, sediada em Fortaleza
- p.222 – Maurício Paula Pinto mostra um livro seu a Danilo Matoso
- p.297 – parede do subsolo da BCE (UnB), com livros deteriorando entre goteiras e poças d'água

explicação necessária

problema objeto da pesquisa

Explicação necessária¹

Meu interesse pela bibliofilia e, conseqüentemente, pelos aspectos materiais, gráficos e sensoriais da cultura impressa, vem se desenvolvendo há pelo menos doze anos. Caso se tome o colecionismo de forma mais ampla, desde menino. O caminho de minhas preferências, se esquecermos os detalhes, vem sendo perscrutado há tempos:

O *cacoethes collegendi* é um distúrbio que parece recair sobre o sujeito humano, do berço ao caixão. (...) Uma das mais inofensivas destas manias é a bibliomania, que, por razões próximas ao bolso, raramente aparece antes do paciente ter atingido a meia-idade².

A este cacoete coletor é atribuída a formação de coleções que possibilitaram a criação de importantes bibliotecas e museus, a preservação e estudo de nossa cultura. O papel do mecenato nas artes e nas letras, inextricável das paixões acumuladoras de aristocratas e industriais, foi, durante séculos, primordial na formação da cultura que hoje temos por nossa. Alguns desses exemplos serão expostos ao longo deste projeto.

Pode-se atribuir à explosão material o extravasamento desse papel para outros setores da sociedade, que não apenas uma pequena elite. Às novas gerações da elite apatacada não é mais reservado acesso exclusivo à cultura formal, assim como o acesso a objetos com alto valor cultural agregado se diversificou. O filtro do conhecimento passa a ter tanta ou mais importância que o da moeda. É nessa nova possibilidade de fazer que se enquadra parte significativa de meus sujeitos, onde me enquadro eu também. Dessa progressão de coleções, de interesses diversificados fluindo para livros, de certa forma dispersos entre

¹ Por sugestão de meu orientador, escrevo uma breve explicação autobiográfica da escolha do tema.

² “The *cacoethes collegendi* is a disorder which seems to prey upon the human subject, from the cot to the coffin. (...) One of the most harmless of these many manias is bibliomania, which for reasons closely connected to the pocket, rarely makes itself apparent before the patient has reached middle life.” (*The book-analyst and library guide*, p. 209). Todas as traduções, a não ser quando notado, foram feitas por mim.

diversas áreas, surge, ao final, um interesse pelo próprio interesse, uma meta-compreensão do colecionar, especificamente da bibliofilia.

Em meados de 2005 comecei a pensar e escrever sobre o tema, a procurar com mais afinco uma bibliografia específica. Hoje, o principal foco de minha biblioteca são esses livros. Dentro da classificação de “estudos do livro”³, tenho mais de 700 obras, boa parte delas referente ao universo brasileiro. Além do prazer proporcionado pela formação desse núcleo, esse é muitas vezes o único caminho para se ter acesso a determinados materiais e conseguir desenvolver uma investigação detalhada. Infelizmente, não há muitas bibliotecas universitárias de pesquisa com acervos especializados no país.

Resolvi, então, compilar toda a bibliografia que conseguisse sobre “estudos do livro” no Brasil e, ao consultar os livros, tomar anotações para eventualmente escrever uma bibliografia comentada. São, por enquanto, mais de 800 obras e artigos ligados ao livro, dos mais diversos aspectos, entre outros: artes gráficas, tipografia, bibliofilia, obras raras, história do livro e da leitura. Por enquanto, foram consultadas com esmero as coleções da BCE (UnB - Brasília), do IHGB (Rio de Janeiro), da Oliveira Lima (Catholic University - Washington), do Grolier Club (Nova Iorque) e do professor Plínio Martins Filho, além de meus próprios livros. Espero ainda consultar a Biblioteca do Congresso (Washington) e algumas outras bibliotecas, tanto acadêmicas, quanto particulares. Fiz também diversas buscas em sítios de livreiros, especialmente em meta-buscadores de sebos, como a Estante Virtual e o ViaLibri, e em catálogos de leilões. O Worldcat – a maior rede de bancos de bibliotecas no mundo – foi também de grande utilidade, mesmo que ainda não tenha conseguido consultar todos os livros encontrados nos catálogos das bibliotecas que a integram, pois são mais de 10.000 bibliotecas e as obras muitas vezes estão disponíveis em apenas uma instituição.

³ Incluo quaisquer obras, até mesmo literárias, que tragam referências a livrarias, editores, circulação de livros, editoração etc.

Em meados de 2007, resolvi pesquisar o banco de dados da Plataforma Lattes para averiguar quantos pesquisavam assuntos correlatos aos “estudos do livro”. O número foi maior do que esperava. Vendo os artigos e demais trabalhos esparsos em publicações nunca realmente apropriadas, acabando por não atingir o público alvo, pensei em organizar uma revista acadêmica dedicada ao tema. Do final de 2007 ao início de 2008 a revista foi estruturada, traduzida para inglês e espanhol, e foi colocada *online*, em um programa de incubação do IBICT, que tem por base a proposta do PKP (*Public Knowledge Project*). A revista conta, por enquanto, com apoio da Biblioteca Nacional de Brasília e tem um Conselho Editorial bastante representativo. Foi aberta uma chamada de trabalhos permanente e os trabalhos do primeiro número estão em processo de avaliação e revisão⁴.

⁴ <http://inseer.ibict.br/biblion/index.php/biblion>

Problema objeto da pesquisa

O tema desta tese é a investigação da bibliofilia no Brasil, tanto em seus aspectos sociais, quanto nos individuais. O que interessa, nas análises das questões individuais, não são apenas as motivações auto-declaradas dos colecionadores, mas as suas biografias como um todo, em seu aspecto psico-sociológico, levando em conta não só a formação do indivíduo como o diálogo entre colecionadores e grupos satélites. Buscou-se, assim, trabalhar os aspectos sociais, da interação entre os agentes, nas redes formadas, nos meios e caminhos de comunicação.

A origem desse fazer bibliofílico, mesmo que haja algum tipo de predisposição inata para o colecionismo, ou melhor, para o acúmulo de objetos em determinadas pessoas, dá-se socialmente, pois apenas em sociedade, e nas mais complexas, é que há a escrita. E é com a escrita que há o acúmulo simbólico e cultural que possibilita o surgimento do livro e o desenvolvimento de ideias complexas, baseadas em conhecimentos seculares, arcabouço mantido por um meio que em muito supera a capacidade de memória oral do ser humano.

A bibliofilia e os bibliófilos, em suas ações coincidentes e objetivos semelhantes, são o principal foco deste estudo. Ao seu redor, gravitam redes por eles suportadas parcial ou completamente: livreiros antiquários, encadernadores (grande parte das encadernações em couro e as ditas “de arte”), gravadores, casas de leilões, restauradores, ilustradores, tipógrafos, fabricantes de papéis especiais (com pH neutro ou ligeiramente alcalino, marmoreados) e curtumes de couro (há, na Nigéria, alguns específicos para preparo de couro para encadernação, incluindo o tingimento, etc), entre outros.

Além do bibliófilo e de suas relações mais imediatas, interessa-nos a importância dada à cultura em determinada sociedade, na medida em que nossa atenção se volta ao destino dessas bibliotecas – a preservação do patrimônio histórico-cultural, da memória, e todas suas possíveis implicações. Percebêmo-la não apenas pelo tratamento dado pelos

governos e instituições aos acervos bibliográficos, assim como a dada pelos herdeiros: o problema não é a disposição de uma coleção para se auferir um retorno financeiro, mas como isto é feito. As trajetórias de bibliotecas, sua formação e seu ulterior esfacelamento (pois elas têm sim uma face, a de seus artífices), quando isso ocorre, têm impacto tanto cultural quanto comercial.

O trabalho dar-se-á, portanto, a partir de uma breve genealogia que identificará o contexto histórico que possibilitou a bibliofilia no Brasil, além do já mencionado levantamento bibliográfico. Tendo por base um esboço da história da bibliofilia no Brasil, com base nas entrevistas, leituras e observações, será traçada a *oeconomia*⁵ da bibliofilia brasileira contemporânea. Serão tratados assuntos como a importância do livro-objeto, a constituição de bibliotecas particulares, a atividade editorial de pequenas tipografias e confrarias.

⁵ Entendido como disposição, arranjo. Preferimo-la ao termo “economia”, pois este tem conotação eminentemente material.

II

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

embasamento teórico

procedimentos e observações metodológicas

Embasamento teórico

Borko, em um sucinto, porém conhecido, texto de 1968, baseando-se em Taylor, define a Ciência da Informação como interdisciplinar, tendo por escopo as propriedades, os comportamentos, os processamentos e os fluxos de informação. Além de Borko, tanto Shera, com sua epistemologia social, quanto Belkin com suas cinco áreas de interesse da Ciência da Informação, ou mesmo Ingwersen e suas preocupações no contraste de definições de informação, poderiam ser citados, pois a temática apresentada enquadra-se em uma ou mais de suas facetas nas proposições desses estudiosos. Mesmo que não tivessem em mente trabalhos de cunho etno-histórico-psico-sociológico ao tratar de aspectos da informação, como este pretende ser, resta o fato de que as questões por eles levantadas enquadram-se perfeitamente no estudo pretendido.

Não será adotado um único fundamento teórico em respeito à multiplicidade de questões a serem tratadas. Da mesma forma que métodos distintos têm poderes explicativos maiores para áreas específicas, teorias distintas fundamentarão de melhor forma a análise e a compreensão de diferentes facetas da temática estudada. Um dos principais referenciais teóricos na elaboração desta tese é Alfred Schutz. Assim como Pascal, que, ao criticar o cientificismo (a aplicação dos cânones de pesquisa das ciências exatas a tudo), distingue entre o *esprit géométrique* e *esprit de finesse*⁶, Schutz, a partir de Husserl, distingue a pesquisa social das ciências exatas pelos cientistas sociais tratarem com interpretadores do mundo, e não com objetos inanimados. “O mundo-da-vida, no entanto, do qual as Ciências Naturais têm que abstrair, é a realidade social que as ciências sociais devem investigar”⁷. O pesquisador, portanto, deveria concentrar-se na experiência do mundo vivido pelos indivíduos, de como eles lidam com o

⁶ (BARZUN, p. 216)

⁷ (...) *the Lebenswelt, however, from which the natural sciences have to abstract, is the social reality which the social sciences have to investigate* (SCHUTZ, p. 58)

que é dado por certo, por seguro⁸. Habermas, em seu clássico *A lógica das Ciências Sociais*, defende o mesmo ponto de vista:

(...) o papel do observador neutro talvez seja um modelo falso para o domínio experimental da comunicação; talvez o papel de participante reflexivo seja mais apropriado⁹.

Para qualquer fenômeno observado, portanto, as motivações, as intenções, o caminho percorrido até o desenvolvimento de uma ação será necessariamente distinto entre quaisquer dois atores sociais. Ademais, o pesquisador não terá nunca acesso a todo esse processo e, mesmo que o ator quisesse, nunca conseguiria descrevê-lo com precisão. Caem por terra, assim, uma série de pressupostos de validade e objetividade frequentemente mencionados nas Ciências Sociais¹⁰. Assim, para Schutz,

O Homem encontra-se a qualquer dado momento de seu dia-a-dia em uma situação biograficamente determinada, isto é, em um meio-ambiente físico e sócio-cultural tal como definido por ele, no qual ele tem sua posição, não apenas em termos de espaço físico e tempo externo, ou seu status e papel no sistema social, mas também sua posição moral e ideológica¹¹.

Se não é possível um acesso direto ao pensamento alheio e se nem mesmo o ator, após agir, consegue traçar as minúcias que o levaram àquela ação (quando muito o ator tem consciência das sutilezas do pensar), a questão a ser explorada é, em primeiro lugar, o que é possível

⁸ He[Schutz] argues that the social sciences should focus on the ways that the life world – the world individuals take for granted – is experienced by its members. (...) From this perspective, the scientific observer deals with how the social world is made meaningful. (DENZIN e LINCOLN, p. 485)

⁹ (...)the role of a disengaged observer may be a false model for the experiential domain of communication; perhaps the role of the reflective participant is more appropriate. (HABERMAS, p. 93)

¹⁰ Não existem, para Schutz, fatos em si, mas construtos, abstrações. Todos os fatos são selecionados, interpretados: filtrados.

¹¹ *Man finds himself at any moment of his daily life in a biographically determined situation, that is in a physical and socio-cultural environment as defined by him, within which he has his position, not merely his position in terms of physical space and outer time or his status and role within the social system but also his moral and ideological position* (SCHUTZ, p. 9)

apreender e, em segundo lugar, como estruturar essa apreensão. É preciso também particularizar a pesquisa científica social, distingui-la de uma inquisição do senso-comum. Schutz lista três postulados para construtos modelares científicos dessa pesquisa¹²:

- postulado da consistência lógica;
- postulado da interpretação subjetiva;
- postulado da adequação.

São esses os postulados que garantem a cientificidade ao se estudar o Mundo-da-vida; não há, como já explanado, a possibilidade de uma estruturação matemática desse campo, pois a subjetividade humana lhe é inerente. Quanto à questão da possibilidade de compreensão de dado fenômeno, é preciso levar em consideração que o conhecimento é socializado. Existem, de acordo com Schutz, três aspectos da socialização do conhecimento¹³:

- a reciprocidade de perspectivas ou a socialização estrutural do conhecimento;
- a origem social do conhecimento ou a socialização genética do conhecimento;
- a distribuição social do conhecimento.

Pode-se fazer ao menos uma inferência dessas questões: se todo conhecimento é de fundo comum, o fato de trabalhar-se com pessoas de um mesmo país, que falam uma mesma língua e que têm um interesse específico por livros, especificamente no que concerne à bibliofilia, faz com que elas tenham vivências em determinadas instâncias similares. Mesmo que elas sejam de classes sociais diferentes, tendo, portanto, visões de mundo distintas, o interesse pelo livro-objeto de forma acentuada as aproxima.

¹² (SCHUTZ, p. 43-44)

¹³ *The reciprocity of perspectives or the structural socialization of knowledge; The social origin of knowledge or the genetic socialization of knowledge; The social distribution of knowledge.* (SCHUTZ, p. 11)

De acordo com Schutz, o mesmo objeto deve significar coisas diferentes para duas pessoas distintas, pois uma estando em determinado lugar tem outra distância e experiência na percepção do objeto da outra que está em outro lugar - a situação é biograficamente determinada. Para Schutz, esses problemas são superados por duas idealizações: a idealização de trocas de ponto de vista - que talvez pudéssemos chamar de empatia - e a idealização da congruência dos sistemas de relevância.

Um dos principais conceitos utilizados por Schutz, o de tipificação, gira em torno da ideia do *posso-fazer-novamente*¹⁴: em experiências similares projetamos resultados similares a experiências anteriores. Isso só é possível com a tipificação das experiências, excluindo-se delas justamente o que as torna únicas. Entre outras coisas, a formalização e padronização do comportamento comungam para o sucesso da atitude tipificadora.

Para Schutz, o conhecimento pode ser adquirido por quatro tipos ideais de fontes: a testemunha ocular; o *insider*, cuja informação deve ser considerada válida por sua inserção arraigada no contexto; o analista, que compartilha o sistema de relevâncias do pesquisador; e o comentador, que não compartilha o sistema de relevâncias, mas que coletou as informações e apresentou-as de tal forma que possam servir a uma outra análise. No desenvolvimento de suas tipologias, Schutz teve como inspiração Weber e Husserl, em cujos trabalhos as tipologias desempenham papel fundamental.

Todos os bibliófilos entrevistados devem ser considerados *insiders*, pois estão inseridos de forma arraigada no contexto estudado. Das testemunhas oculares não foram registrados depoimentos formais mas, em livrarias e outros meios, suas observações enriqueceram a percepção geral do pesquisador. As contribuições de analistas as temos em dissertações, teses e artigos científicos e apenas em raros casos são também os analistas *insiders*, em boa parte das vezes sua participação na *oeconomia* é praticamente inexistente, não passando de testemunhas

¹⁴ *I-can-do-it-again* (SCHUTZ, p. 21-22).

oculares. Como comentadores, temos agentes que deixaram memórias de suas vivências, ou agentes entrevistados com maior vivência e que por isso e por uma disposição mais inquisitiva, tenham refletido sobre o assunto. O pesquisador, por sua vez, insere-se em cada um desses tipos ideais em momentos diversos da pesquisa. Esta tipologia serve, portanto, também para fundamentar os métodos de pesquisa escolhidos e as diversas facetas do pesquisador a cada passo. As classificações feitas ao longo da tese são dentro do espírito dessas tipologias, tendo sempre presente sua parcialidade e caráter generalista. Elas são, no entanto, essenciais para se tentar compreender as diversas feições que os agentes podem adquirir em seus respectivos papéis.

Schutz, no entanto, como já indicado, não é a única fonte teórica deste estudo. Há também textos mais filosóficos, interpretativos, da Academia¹⁵, que tratam especificamente de colecionismo ou bibliofilia, apesar de poucos. Entre eles estão Walter Benjamin, que se pergunta sobre as motivações dos bibliófilos¹⁶ e discorre sobre o desempacotar de sua biblioteca; e Jean Baudrillard, em *Les système des objets*, que trata em um dos capítulos exclusivamente do colecionar. O filósofo francês foi um dos primeiros a lançar um novo olhar na centralidade dos objetos na cultura: como permeiam nossos fazeres, sua expansão, o contínuo desenvolvimento de vocabulário a partir deles. Baudrillard não se interessa apenas pela função do objeto ou em aspectos técnicos, mas também em como sua inserção altera e conforma a trama social.

Nos últimos anos, Susan Pearce, do curso de Museologia de Leicester, além de Steve Connor e John Sellars, do London Consortium¹⁷,

¹⁵ São muitos os estudos elaborados por bibliófilos, mas estes permanecem, geralmente, na lógica do campo – na acepção de Bourdieu. Na Europa e nos EUA proliferam tais depoimentos. No Brasil não há tantos: Rubens Borba de Moraes, José Mindlin e Eduardo Frieiro foram alguns dos poucos a fazê-lo.

¹⁶ “Por que você coleciona livros?” – Alguém já fez essa pergunta a um bibliófilo, para induzi-lo à auto-reflexão? Como seriam interessantes as respostas, pelo menos as sinceras! Pois apenas os não-iniciados poderiam crer que não existe aqui o que esconder ou racionalizar. (BENJAMIN, *Obras escolhidas (Magia e Técnica, Arte e Política)*, p. 235).

¹⁷ Uma pós-graduação interinstitucional que trata de diversos aspectos do patrimônio cultural.

trabalharam a questão do colecionismo com maior profundidade. Os dois, aliás, coordenaram uma disciplina intitulada *Cultures of Collecting*, que lidou, como revela o nome, especificamente com o colecionismo, relacionando-o com patologia, história, ciência, consumo e arte. Outros, como Arjun Appadurai, que estudou a vida social das coisas, Foucault, com seus questionamentos sobre a ordem das coisas, Durkheim, com a distinção entre sagrado e profano, e Bourdieu, que desenvolveu conceitos como “capital cultural”, lidam com inúmeras questões relevantes para o estudo da bibliofilia. Para as questões psicológicas, foram utilizados estudos sobre acumuladores compulsivos, assim como alguns vislumbres sobre o colecionismo, como o de Freud, ele mesmo colecionador. Dentro da tipologia metodológica elaborada por Schutz, portanto, eles se enquadram nessa pesquisa como analistas, pois partilham dos mesmos interesses, mesmo não estando inseridos, a princípio, na trama estudada.

Procedimentos e observações metodológicas

Como já explicitado, foram utilizados procedimentos distintos para estudar o mundo da bibliofilia – quem requer essa multiplicidade é o objeto. Elaborou-se, inicialmente, um questionário semi-estruturado para a condução das entrevistas, que foram gravadas em um gravador digital de voz, transferidas para arquivos no computador e, em seguida, deglavadas. Nas primeiras entrevistas, o questionário foi mantido com o entrevistador para ter certeza de que todas as questões fossem respondidas, mas sua simples consulta por vezes interrompeu o fluxo da conversa. Após algumas entrevistas, todas as questões já internalizadas pelo entrevistador, decidiu-se deixá-las correr da forma mais livre possível, apenas havendo algum direcionamento no caso do entrevistador perceber que determinadas questões importantes não seriam de outra forma respondidas. Havendo resistência do entrevistado na entrada em determinadas searas, optou-se por não se

insistir, para que o fluir da conversa não fosse prejudicado, assim como a riqueza das informações obtidas. As questões inquiridas são a da entrada no mundo dos livros, do interesse na bibliofilia, do conhecimento e contatos no mundo bibliofílico. Pode-se afirmar que as entrevistas inicialmente tiveram, em sua formulação, um caráter semi-estruturado, passando aos poucos a ter mais abertura, com intervenções do entrevistador para suscitar sempre maiores revelações por parte do entrevistado.

É importante notar que, por vezes, as entrevistas são o mais fiel reflexo das informações obtidas: várias dessas entrevistas foram sucintas e sintéticas. Outras vezes, no entanto, as entrevistas não passam de breves sínteses em meio a longas conversas. Houve mesmo situações em que a gravação fosse vetada, ou, se percebida como prejudicial ao correr da conversa, deixada de lado. Para ilustrar, em Brasília, passei perto de 10 horas seguidas com Maurício Paula Pinto, mas gravamos apenas 38 minutos (não seria factível gravar as dez horas), quase que *pro forma*, já cansados; em Fortaleza, foram gravados 36 minutos com Cid Saboia de Carvalho, que foi quase todo o tempo que passei com ele. No Rio de Janeiro, em conversa com Waltercio Caldas, que logo enveredou para uma aula de arte de vanguarda ilustrada por sua coleção, receoso de interromper o fluxo, desisti da entrevista. Há ocasiões em que as formalidades e estruturas devem ser postas de lado - a riqueza adquirida não merecia ser posta em risco.

O mapeamento dos bibliófilos embasou-se, inicialmente, em contatos da lista de discussões “Biblion_brasil” (hospedada pelo yahoogroups), coordenada por mim desde 2002, atualmente inativa, mas com 70 membros cadastrados, além de informações conseguidas com livreiros e indicações de bibliófilos. O mapeamento é um processo contínuo e inevitavelmente incompleto. A questão da pertinência da amostragem não se nos impõe, pois, num universo estimado em, no máximo, 150 indivíduos, metade foi identificada e mais de 20% entrevistada. Foram feitas, no total, 30 entrevistas formais (gravadas), 7 entrevistas

informais, não gravadas, denominadas “Conversas”. Além disso, foram identificados, porém não entrevistados, outros bibliófilos. Outra questão a ser ressaltada é que não se definiu um limite ao número de entrevistas a serem realizadas, pois, devido ao caráter subjetivo e exploratório da investigação, assim como pela meta de se traçar as redes que compõem esta *oeconomia*, quanto maior o número de entrevistados, melhor.

É preciso, infelizmente, fazer uma ressalva quanto às entrevistas. Inicialmente fez-se uso do gravador modelo VN-480PC, da marca Olympus, pesquisado e testado antes de sua utilização. No primeiro dia de entrevistas, no Rio de Janeiro, conectado ao computador, o gravador queimou. O motivo é difícil precisar, talvez por alguma descarga, pois o computador, um *laptop*, estava ligado à tomada. De qualquer maneira, com poucas horas até a entrevista, fui ao Centro e adquiri o melhor gravador que pude, um Panasonic, modelo RR-US450, desta vez sem maiores pesquisas, não tão informado. Este segundo gravador, mais moderno e de maior capacidade, foi utilizado para gravar todas as outras entrevistas.

Por conta da pesquisa, que era muita, resolvi contratar uma pessoa para fazer a degravação das entrevistas, trabalho notoriamente moroso. Além da demora na transcrição, quando fui verificar o trabalho feito, este não era aceitável. Para a entrevista utilizada na qualificação, por exemplo, a pessoa contratada havia transcrito doze páginas - refiz o trabalho e transcrevi vinte páginas. É preciso dizer, no entanto, que o fato de não ter conhecimento do tema deve ter dificultado em muito o trabalho da contratada. Para um trabalho minucioso na degravação vale o adágio, faça você mesmo – lição aprendida. O que não suspeitava era que gastaria, em média, uma hora de trabalho ininterrupto por página degravada. Dependendo da entrevista, seriam gastas de 12 a 40 horas. Essa demora, aprendi, se deve ao fato de que nossa memória de curto prazo é limitada, usualmente, a uma capacidade média de gravar somente 4 palavras em sequência, com variabilidade de uma. O

desempenho depende do treino, da concentração no momento, da exposição repetida a padrões da fala que podem facilitar a memorização de certos agrupamentos de fala, entre outros fatores¹⁸. Caso se tente fazer um trabalho mais rápido, degravando um maior número de palavras por vez, é inevitável a imprecisão.

À época da qualificação, em Brasília, estava trabalhando nas gravações quando meu computador parou de funcionar. Levei-o a alguns técnicos e o problema era a placa-mãe: o valor do reparo sairia igual ao de outro computador. Com alguns backups em mãos, além do disco rígido do computador, fiquei tranquilo. Instalei o programa em outro laptop e, quando fui resgatar as entrevistas, descobri que os arquivos não existiam em nenhum dos *backups*. Fui me informar e descobri que a Panasonic elaborou de tal maneira o formato de arquivo proprietário que ele não pode ser copiado, apenas pode ser lido no programa fornecido e transferido a partir do próprio programa. Após pesquisar bastante, decidi tentar a sorte: comprei um computador usado, do exato mesmo modelo do meu, e substituí o disco rígido, torcendo para que tudo funcionasse: funcionou. Ao invés de transferir os arquivos utilizando o programa, resolvi atualizar o computador, instalar tudo o que utilizava normalmente e, quando o Banco do Brasil resolveu fazer a atualização, o computador, ao reiniciar, como se diz no jargão, “deu pau”. Perdi alguns dias (e noites) tentando resolver o problema, mas não tive sucesso. Resolvi então compilar tudo o que tinha feito e cheguei à conclusão que tinha o suficiente para terminar a tese. Das 29 entrevistas gravadas, consegui ficar com 13 que eu mesmo gravei e 8 que a pessoa contratada gravou. Felizmente, as entrevistas mais importantes eu as gravei quase todas, infelizmente duas das mais interessantes estão entre as que a pessoa contratada gravou. Não houve, porém, perda irreparável, pois de todas as pessoas entrevistadas apenas uma faleceu, o editor Salvador Monteiro,

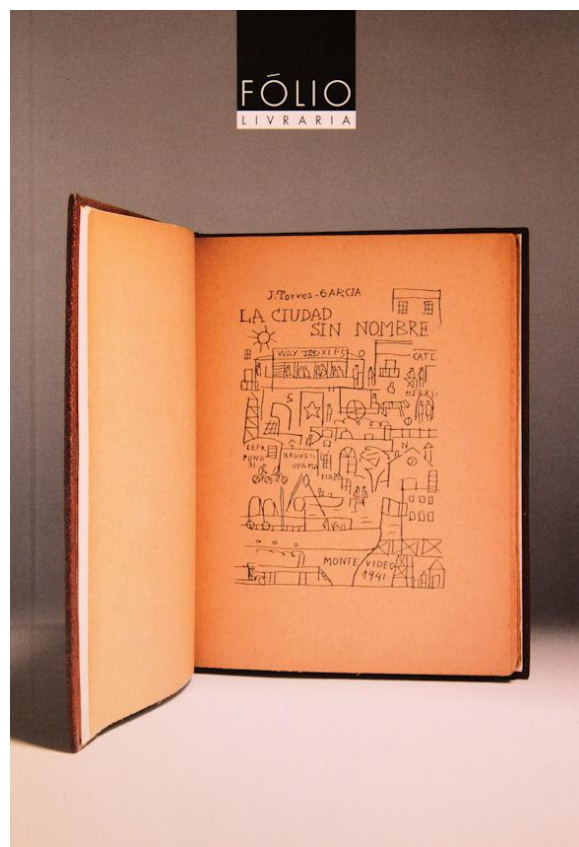
¹⁸ A literatura sobre o tema é grande. Esta é apenas uma boa revisão de literatura mais recente:

<http://www-personal.umich.edu/~clustig/Publications/2008/JonidesLustigMoore.pdf>

e sua entrevista foi trabalhada com esmero, submetida a uma revista acadêmica. As outras entrevistas, tenho esperança, ainda poderão ser recuperadas.

As fontes para a pesquisa não são apenas as documentais e as entrevistas com os colecionadores, mas também incursões em bibliotecas, antiquários e leilões, com observação de seu funcionamento, de sua dinâmica, além de conversas exploratórias e participativas com pessoas envolvidas na *oeconomia* estudada. A experiência adquirida nos diversos centros livreiros, nas cidades visitadas, foi também relatada, assim como outros tópicos relevantes, tal como o impacto da internet.

Todas as entrevistas, observações e incursões a centros livreiros foram feitas pessoalmente. Alguns poucos dados, como resultados consolidados de leilões, foram conseguidos com os organizadores ou leiloeiros, pois apenas eles têm acesso a esses dados. Informações práticas e impressionistas sobre os leilões foram também obtidas junto aos leiloeiros e/ ou organizadores do evento. Havia-se vislumbrado desenvolver uma tipologia preliminar das casas de leilão, perfil que se poderia aplicar também aos sebos existentes: tradicional, moderno e amador. Após pesquisa mais atenta, chegou-se à conclusão de que os problemas, ou exceções, dessa simples tipologia seriam tantos que não valeria a pena propô-la. Apesar de não serem muitas as casas de leilões de livros, não há continuidade, periodicidade ou padronização na maior parte delas. Talvez o único leilão consistente, criterioso, desde seu início, sejam os organizados pela Folio Rare Books, em São Paulo. [ao lado a capa do catálogo do 14º. leilão]



Outra questão inquirida é se bibliotecas particulares surgem a partir do estudo ou do colecionismo - ou se conjugam sempre os dois (além, é claro, do papel da família, da educação, do meio). Dois importantes estudiosos e bibliófilos que uniram essas atividades admiravelmente foram Oliveira Lima e Alfredo de Carvalho, mas há exemplos dos mais variados. Rui Barbosa parece-nos ter privilegiado a questão acadêmica, o estudo em si, ao colecionismo – mesmo que a maior parte de seus 35.000 volumes tenha, com certeza, permanecido intacta (uns tantos podem ter servido de referência, outros devem ter sido apenas folheados). Rubens Borba de Moraes, que se dedicou a estudos bibliográficos e chegou a exercer o cargo de diretor da Biblioteca Nacional, ao contrário de Rui Barbosa, parece ter desenvolvido um interesse acadêmico uma vez iniciada sua coleção, que serviu como preciosa fonte para suas próprias pesquisas bibliográficas. Segundo Ana Maria Camargo, Borba de Moraes formou mais de uma biblioteca em vida. Uma dessas bibliotecas foi vendida ao livreiro Olyntho de Moura, que, por sua vez, a vendeu a José Mindlin. Este, o mais conhecido bibliófilo brasileiro, aproxima-se mais do colecionador e menos do estudioso, mesmo que nos últimos anos tenha publicado diversos volumes de memórias bibliofílicas. Enquanto Borba de Moraes tinha no livro tanto seu trabalho quanto seu hobby, Mindlin tinha como trabalho outras atividades (advocacia, jornalismo, empresariado) – além do mecenato cultural¹⁹.

Pode-se, talvez, classificar a bibliofilia por três possíveis caminhos: como *hobby* (profissionais liberais, industriais), como consequência dos estudos (professores e pesquisadores – em ambos os casos, o *cacoethes collegendi* pode ser fator pré-existente), vertentes que, mais frequentemente, encontram-se no meio do caminho. Há, também, um nível patológico, que nada traz de enriquecedor: o acúmulo compulsivo, desordenado, sem critérios, que trataremos por bibliomania. Essas questões serão investigadas com mais cuidado em “A bibliofilia”.

¹⁹ Esse papel de mecenas exercido por Mindlin, louvado publicamente, tem seus detratores, mas não nos cabe tratar dessas questões aqui.

a centralidade do livro na cultura ocidental

os estudos do livro hoje

A centralidade do livro na cultura ocidental

Há muito o livro, secular guardião do conhecimento, deixou de ser apenas um objeto qualquer entre tantos outros que permeiam nossa cultura – talvez ele nunca tenha tido um tal anonimato. A experiência tátil, estética, da leitura fez com que a materialidade do livro não passasse despercebida por seus amantes e estudiosos – só se consegue estudar com afincos o que se ama. Seu conteúdo, aliás, veiculado de formas distintas antes do livro, perde a primazia, sua relevância dependendo do enfoque de cada estudo. Pode-se, por exemplo, pesquisar encadernações e papéis sem maior atenção à matéria impressa.

Decerto, só se pode compreender o ser humano se nos debruçarmos sobre a história das coisas, dos objetos por ele criados e moldados. Assim como não se pode pensar em locomoção sem fazer referências a máquinas, não se pode tratar de conhecimento sem os livros. Para compreendermos o livro, portanto, devemos traçar sua relação com o ser humano, seu papel em nossa História e desenvolvimento cultural. O fascínio pelo livro vem desde antes do advento da prensa de tipos móveis. Foi, no entanto, após Gutenberg, com a explosão exponencial da produção de livros, que a palavra impressa arrebatou o imaginário coletivo.

Ao pensarmos em livros, vem-nos imediatamente a ideia de conhecimento e, por consequência, de poder – já nos indicava o adágio *Scientia potentia est*²⁰. O fascínio que eles exercem não é descabido, nem tão difícil de se conceber, pois sua influência no mundo ocidental é inegável e imensurável. As motivações que geram uma dedicação por vezes obcecada a eles, um empenho extraordinário que por vezes se desenvolve num projeto de vida, podem, no entanto, não ser tão claras.

²⁰ O livro, como objeto material, ainda não foi ultrapassado. Há, hoje, os meios digitais, a internet, que têm progredido a passos largos, mas isto não tira o *status* que o tempo conferiu ao objeto livro.

Mesmo que suscitem dúvidas quanto à sanidade do envolvido, são decerto interessantíssimas. Mindlin, em palestra de 1993, trata de bibliofilia como *gentle madness* – loucura mansa; Basbanes²¹, ensaísta bibliocêntrico, intitula sua obra magna, editada em 1995, *Gentle Madness*. Apesar de, aparentemente, eles terem chegado à mesma expressão de forma independente, ela já havia sido utilizada ao menos uma vez, por um comentador do livro *La Bibliomanie en 1878*, de Brunet, filho homônimo do grande bibliógrafo francês, ao tratar da grande valorização de determinadas obras²².

²¹ Após alguns questionamentos quanto às origens da expressão na lista de discussões EX-LIBRIS, em 17/04/2009, o próprio Basbanes se manifestou: “The French phrase cited by Jay Dillon is new to me, and a delight to learn (though the translation of “cette douce manie” more accurately is “this gentle madness,” not “the gentle madness”). As for my use of “A Gentle Madness” for the title of my 1995 book, I can say, in all candor, I thought I was using it for the first time. I came up with the coinage quite apart from any earlier use, my inspiration being the characterization made by Benjamin Franklin Thomas of his late grandfather, Isaiah Thomas, that the man had been “touched early by the gentlest of infirmities, bibliomania.” I coupled that with the thrust of an essay written by Lawrence C. Wroth in 1945 for “The Library of Congress Quarterly Journal of Current Acquisitions” titled “The Chief End of Book Madness,” which credited the private collector with having contributed mightily to the building of every major American research library--which was a central premise of my book. Barney Rosenthal gave a Malkin Lecture at Columbia in 1986 titled “The Gentle Invasion,” a wonderful essay that chronicled the experiences of the Jewish emigre booksellers of the 1930s and ‘40s, which I cited and used at length in my second book, “Patience & Fortitude.””. Após esta mensagem, Basbanes escreve outra, traçando a origem do seu uso da expressão ao ano de 1988, quando o livro já estaria em processo de edição.

²² Fifteen years afterwards it brought in £88, and in 1871, *cette douce manie*, as the author dutifully calls it, the gentle madness having in a great measure been originated by the elder Brunet, had reached such a height that M.Fontaine found a purchaser for it at no less a sum than £160! (The book-analyst and lybrary guide, p. 210)

Os estudos do livro hoje

Conforme observara Karin Winkler, em artigo de julho de 1993 no “The Chronicle of Higher Education”, “Logo após muitos críticos culturais se lamentarem pelo declínio dos livros e da leitura, alguns estudiosos estão tornando esses tópicos o centro de um novo campo de investigação”²³. De fato, desde então os estudos do livro não pararam de se expandir e aprofundar, especialmente em países de cultura anglo-saxã, em importantes centros acadêmicos ocidentais, frequentemente ligados às grandes bibliotecas universitárias e aos departamentos de Ciência da Informação, como acontece na Universidade da Califórnia (UCLA), em Stanford (EUA), em Londres (University of London), em Edimburgo (Escócia), e também em Leiden (Holanda) e várias outras instituições de prestígio. Os focos de estudo, nesses locais, são a história do livro, da leitura, do mercado editorial, a bibliofilia, as obras raras, a circulação de ideias e informação. Seguem, abaixo, informações sobre alguns desses centros.

Em Edimburgo, *The Centre for the History of the Book*²⁴ (CHB) foi criado em 1995, tendo por aspiração ser um centro internacional e interdisciplinar de estudos dedicados aos aspectos materiais da cultura do texto – não apenas da impressa – pois estuda a produção, circulação e recepção de textos, das formas tradicionais à eletrônica.

O *Leiden Centre for the Book*²⁵, criado em janeiro de 1997 nessa importante cidade holandesa para a cultura ocidental, visou coordenar diversas iniciativas ligadas aos estudos do livro já existentes na universidade. Entre elas, as cadeiras de paleografia e codicologia²⁶ do Departamento de História, a especialização em Estudos do Livro e de Publicação do Departamento de Inglês. O centro tem interesse explícito

²³ “Just when many cultural critics lament the decline of books and reading, some scholars are making them the center of a new field.”

²⁴ Para maiores informações: <http://www.hss.ed.ac.uk/chb/>

²⁵ Para maiores informações: http://www.let.leidenuniv.nl/wgbw/index_eng.htm

²⁶ Estudo dos atributos físicos de códices, documentos em formato de livros (manuscritos ou impressos).

em estudos tanto materiais, de produção, quanto de significação da escrita, da cultura impressa. Seus interesses não se restringem ao livro na Europa.

Nos EUA, entre outros centros universitários, há o *The University of Iowa Center for the Book*, cujo foco é preparar alunos para o trabalho em Coleções Especiais, nos seus mais diversos desdobramentos. A entrada no programa depende do aceite dos alunos tanto no Mestrado da *School of Library and Information Science*, quanto no *Graduate Certificate program* do Centro.

A Associação de Bibliotecários Americanos (*American Library Association - ALA*²⁷), da *Association of College and Research Libraries (ACRL)*²⁸, conta, entre as suas divisões, com a *Rare Books and Manuscripts Section (RBMS)*²⁹. Seu propósito é representar e promover os interesses de bibliotecários de coleções especiais, assim como o estudo de obras raras e manuscritos.

Uma das instituições mais interessantes ligadas aos estudos do livro, nos EUA, é a *Society for the History of Authorship, Reading & Publishing (SHARP)*³⁰, criada em 1991 com o objetivo de conectar estudiosos do livro mundialmente. A sociedade conta hoje com mais de 1000 membros de 20 países, entre historiadores, bibliotecários, sociólogos, bibliófilos e livreiros, entre outros.

No Canadá, a Universidade de Toronto possui duas frentes ligadas aos estudos do livro. Há o curso de graduação *Book and Media Studies*³¹, de estudo dos livros e dos meios de informação, com caráter interdisciplinar – como não poderia deixar de ser. Assuntos tais como a produção de manuscritos e livros, até mesmo na internet, e ilustração, censura e propaganda são cobertos por este programa. Há também um programa interdisciplinar colaborativo em História do Livro e Cultura

²⁷ Para maiores informações: <http://www.ala.org>

²⁸ Para maiores informações: <http://www.ala.org/acrl/>

²⁹ Para maiores informações: <http://www.rbms.info/index.shtml>

³⁰ Para maiores informações: <http://www.sharpweb.org/>

³¹ Para maiores informações: <http://www.utoronto.ca/stmikes/bookmedia/>

Imprensa (Book History and Print Culture³² - BHPC), apoiado por alguns departamentos de pós-graduação da Universidade de Toronto com o *Massey College*³³. Os alunos de mestrado ou doutorado que integram esse programa tiveram, antes, que ser aceitos em outros programas da universidade. Os alunos têm também, à sua disposição, *The St. Michael's Print Room*. Nela estão guardadas uma coleção de prensas, máquinas para encadernação e tipos antigos.

O *Mainzer Institut für Buchwissenschaft*³⁴ foi fundado em 1947 com o apoio financeiro da cidade de Mogúncia. Pelo instituto já passaram mais de 850 alunos, sendo que, atualmente, 50 trabalham nas suas dissertações e teses. O Instituto conta com três professores e cinco assistentes, além de diversos palestrantes convidados, como editores e impressores. Entre suas publicações, estão a série de livros *Bibliothek des Buchwesens* e o *Lexikon des gesamten Buchwesens*, publicados por Hiersemann em Stuttgart, além do *Mainzer Studien zur Buchwissenschaft*, publicado por Harrassowitz em Wiesbaden. Entre outras publicações, há também o anuário internacional *Gutenberg-Jahrbuch*, da Internationale Gutenberg-Gesellschaft.

O *Institut d'histoire du livre*³⁵, criado em abril de 2001, juntou a biblioteca Municipal e o Museu da Imprensa de Lyon à *École nationale des chartes* (Paris) e à *École nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques* (Villeurbanne) – responsável pelo treinamento de curadores de bibliotecas na França - e à *École normale supérieure, lettres et sciences humaines*, inaugurada em 2000 e Lyon, que é, aliás, um dos centros históricos da cultura do livro na Europa.

Na *Senate House Library*, da Universidade de Londres, existe uma preciosa coleção de estudos do livro – uma das cinco coleções especiais

³² Para maiores informações: <http://bookhistory.fis.utoronto.ca/>

³³ Para maiores informações: <http://www.utoronto.ca/massey/>

³⁴ Para maiores informações:

<http://www.buchwissenschaft.uni-mainz.de/index2.html>

³⁵ Para maiores informações: <http://ihl.enssib.fr/siteindex.php?page=134>

da biblioteca – intitulada *Book Studies Collection*³⁶. Esta coleção engloba livros, jornais e revistas que lidam com os mais diversos aspectos de escrita, impressão, coleção e publicação, em todas as principais línguas ocidentais europeias, tendo um escopo internacional.

De fato, nota-se um interesse crescente relacionado a livros, leitores e mesmo à bibliofilia, como se pode constatar pelo número de obras sobre esses assuntos publicadas e traduzidas nos últimos anos, em especial por editoras universitárias e acadêmicas. Algumas delas, como a Autêntica, de Belo Horizonte, a Ateliê Editorial e a EdUSP, de São Paulo, a Casa da Palavra, do Rio de Janeiro, e a Briquet de Lemos, de Brasília, têm sido fulcrais na disseminação e consolidação dos estudos do livro. Na Escola de Comunicação da USP, o núcleo Com-Arte, entre suas publicações, tem uma interessante série denominada “Editando o Editor”, onde são publicadas entrevistas com importantes editores brasileiros. O INTERCOM (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação) e o ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação) têm sempre trabalhos publicados sobre o livro e a cultura impressa. Instâncias como o Instituto Pró-Livro e as associações de editores, como a ABEU (Associação Brasileira das Editoras Universitárias), acabam também por promover pesquisas na área, além de oferecer importantes subsídios. Por último, o núcleo de pesquisa LIHED³⁷ (Livro e História Editorial), da UFF (Universidade Federal Fluminense), promoveu dois importantes seminários em estudos do livro, o primeiro em 2004 e o segundo em 2009 – os textos apresentados estão disponíveis na internet. Em 2010, vários destes centros abrigaram importantes seminários sobre o tema, tanto na Europa, quanto nas Américas.

³⁶ Para mais detalhes: <http://www.ull.ac.uk/subjects/bookstudies/index.shtml>

³⁷ Para mais detalhes: <http://www.uff.br/lihed/>

algumas observações

o descaso com os livros

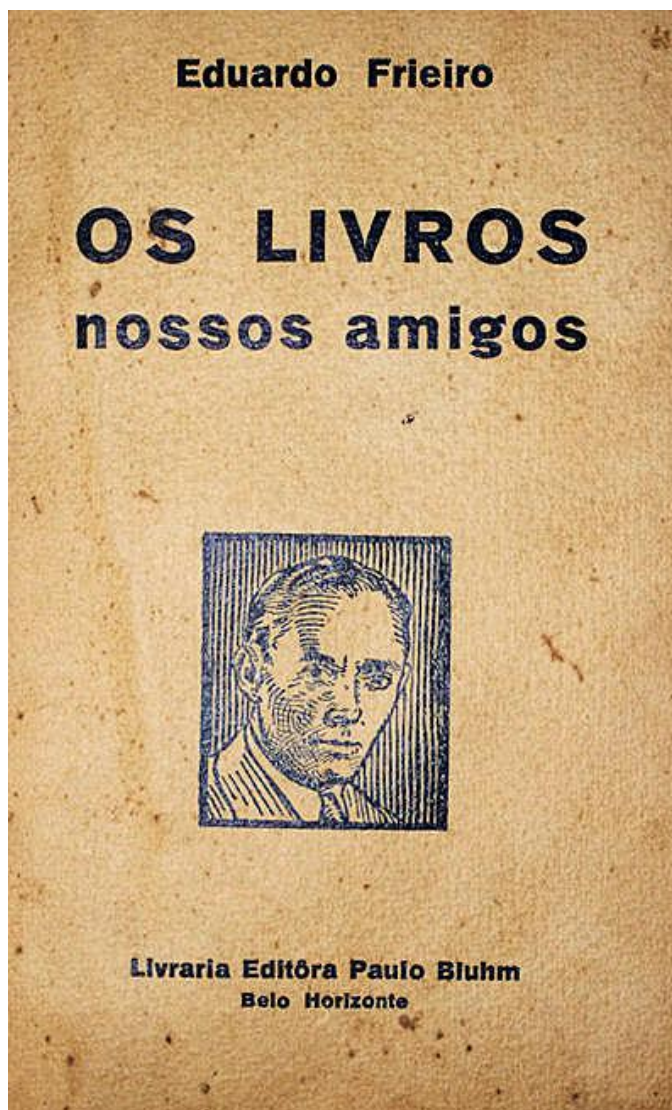
Algumas observações

A multiplicidade de olhares que o livro suscita não depende apenas do objeto em si e de seu conteúdo, mas também de quem o observa, e como. Dos aspectos diretamente materiais, há o papel, os tipos, as tintas e os insumos para encadernação, o que leva a inquirir sobre a indústria gráfica. A tipografia e as gráficas têm, muitas vezes, seu início atrelado à imprensa, cuja história passa também a interessar na construção da história do livro. A composição e a ilustração nos remetem às artes gráficas, que carregam questões tanto técnicas, quanto estéticas. Em relação ao conteúdo, mas com frequentes menções ao objeto, há ensaios, críticas literárias. Por último, existem também estudos mais holísticos, de cunho histórico ou sociológico, sobre o desenvolvimento do livro.

Há, no país, trabalhos de maior ou menor extensão sobre todos esses tópicos, além de inúmeros estudos e ensaios correlatos. Algumas frentes foram mais trabalhadas que outras, como a história da imprensa e a memória editorial, ainda com grandes lacunas. O mais conhecido trabalho de vulgarização da história do livro é *A palavra escrita*, de Wilson Martins. Especificamente sobre o Brasil, a mais importante obra é *O livro no Brasil*, do inglês Laurence Hallewell, cujo foco principal é a história das editoras no país. *A história da imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, publicada pela primeira vez em 1966, está em sua quarta edição (1999), e é ainda um livro texto utilizado em escolas de jornalismo. O melhor ensaio de bibliofilia publicado é *O bibliófilo aprendiz*, de Rubens Borba de Moraes. Estas quatro obras estão entre as mais conhecidas e apreciadas pelos especialistas e amantes do livro. A obra de Wilson Martins, publicada originalmente em 1957, está em sua terceira edição, de 2001. *O livro no Brasil*, tese defendida em 1975, editada em inglês em 1982, com primeira edição brasileira em 1985, foi re-editada pela EdUSP em 2005, sendo notável a diferença de composição entre as duas versões. O

clássico manual de Borba de Moraes, de 1965, já está em sua quarta edição, de 2005. Três outras obras de Borba de Moraes são clássicas em seus respectivos campos: *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial* é o principal estudo da área; sua *Bibliographia Brasiliana* é a mais completa fonte de referência para colecionadores e livreiros de Brasiliana; por fim, a *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, feita em colaboração com Ana Maria de Almeida Camargo, é a referência bibliográfica primordial para esse importante período de introdução da palavra impressa no Brasil.

Os autores mencionados acima fazem parte do cânone atual. Num período anterior, houve o trabalho de Helio Viana *Contribuição à história da imprensa brasileira* (1945), a bibliografia de Valle Cabral – *Anais para a Imprensa Nacional do Rio de Janeiro* (1881) para a Imprensa Régia, além de *O livro, o jornal e a tipografia* de Carlos Rizzini como principal obra de história da palavra impressa. Até o lançamento do manual de Borba de Moraes, o principal livro de bibliofilia era *Os livros nossos amigos*, do mineiro Eduardo Frieiro, lançado em 1941, que conta com cinco edições [capa da primeira edição ao lado]. Para a Brasiliana, uma das principais fontes era o catálogo *Bibliotheca Brasiliensis* (1930) dos alfarrabistas londrinos Maggs Bros.



Os estudos sobre o livro no Brasil Colônia são poucos, como o são os trabalhos sobre tipógrafos (*Arthur Arezio da Fonseca – nome para compor em caixa alta*, de Luis Guilherme Ponte Tavares), e ilustradores (*Oswaldo Goeldi: iluminação, ilustração*, de Priscila Rossinetti Rufinoni). A maior parte dos tipógrafos e boa parte dos ilustradores, de suas obras, permanece desconhecida – só quem lida com obras raras tem a oportunidade de conhecê-los. O pai de Lima Barreto, por exemplo, fora tipógrafo da Imprensa Nacional, e publicara no final do Império o *Manual do aprendiz de compositor*, uma tradução – com intervenções – da obra de Jules Claye, publicada originalmente em Paris (1871). A bibliofilia produziu bons e curiosos trabalhos, parte deles desconhecidos até mesmo dos especialistas. Entre os bibliófilos, Felix Pacheco foi, provavelmente, o mais prolífico. Alguns bibliotecários, como Edson Nery da Fonseca e, num período anterior, o Barão de Ramiz Galvão, deixaram extensa produção intelectual sobre temas históricos, sociológicos e bibliográficos.

Além da produção intelectual, acadêmica, especializada, há também a produção técnica, comercial, funcional, muitas vezes desprezada. A maior parte dessa produção pode ser classificada como catálogos. Importantes testemunhas do mercado editorial e da circulação de obras raras, os catálogos têm sua história a contar. Catálogos de livrarias prestam-se não apenas para o estudo de preços, de proveniência, mas, sendo de sebos ou leiloeiros, podem conter informações sobre a biblioteca que esteve à venda; catálogos de editoras, por vezes contêm informações sobre as linhas editoriais e os interesses literários de uma época; catálogos de bibliotecas revelam o que estava disponível em determinado local, para que público, além de apontamentos importantes para a história da biblioteca.

São poucas as instituições que se preocuparam com a preservação de catálogos, mesmo entre prestigiosas instituições estrangeiras, coisa que vem mudando nas últimas décadas. Além do aspecto efêmero e uso

aparentemente pontual de muitos desses catálogos, há ainda o problema de eles não se enquadrarem na lei do depósito legal. Uma das maiores coleções de catálogos de que se tem notícia está na Inglaterra, na *British Library*, com dezenas de milhares de itens, os mais antigos datando de 1676. Infelizmente, não há, no Brasil, uma instituição que preserve sistematicamente essas importantes fontes de pesquisa. Pode-se encontrar uma certa quantidade de obras da área em bibliotecas como a da UnB, ou em grandes acervos, como na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mas é mais fácil encontrar coleções sistemáticas entre livreiros e bibliófilos.

Para que qualquer área do conhecimento, ou setor da sociedade, se volte sobre si mesma como acontece no mundo dos livros, é preciso que ela esteja inquestionavelmente consolidada. Havendo dúvida, basta perscrutar as centenas de tratados de tipografias, encadernações, papéis, ilustrações e demais temas do mundo dos livros. Nas universidades, as bibliotecas agem como núcleo da vida universitária, das pesquisas e publicações. As livrarias, por toda parte, são pontos privilegiados de encontros culturais, promovendo lançamentos, palestras de escritores e, por vezes, outras manifestações artísticas. Em culturas onde a preocupação com a leitura é maior, como nos EUA, existem programas para distribuir livros a crianças desfavorecidas em suas visitas médicas semestrais. Em vários países, o Estado tem a prerrogativa da compra de imóveis e objetos, caso ele entenda serem do interesse público. Na França, esse direito é denominado *Droit de préemption*, na Espanha *Derecho de compra*, na Inglaterra *Right of first refusal*. No Brasil, o direito de preempção é conhecido, principalmente, em seu aspecto imobiliário, como explícito no Estatuto da Cidade (lei 10.257 de 10 de julho de 2001), entre outros. Não só esse direito não é usado em relação a obras raras, ou outros objetos culturais, como nenhuma instância envolvida na tutela do patrimônio cultural brasileiro está preparada para exercer seu papel: é necessário conhecimento especializado e fiscalização ostensiva.

Um exemplo contundente do desconhecimento de nossa burocracia no que toca nossa cultura material está na *Instrução Normativa* nº 01, de 11 de junho de 2007, do IPHAN (**ANEXO i**), pela qual é implantado o “Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros”. O que essa instrução pede, para qualquer pessoa minimamente instruída no assunto, é que todo e qualquer comerciante de livros usados seja cadastrado como comerciante de obras raras. Poderiam, por exemplo, começar com os 1679 livreiros e 2711 livreiros-leitores cadastrados na EstanteVirtual³⁸. Não só ignoram o volume de material a ser cadastrado (milhões de itens), mas pedem uma riqueza de detalhes que a maior parte de nossas bibliotecas e arquivos não proporciona, nem está capacitada – seja pela falta de pessoal ou preparo – a fazê-lo. Se fossem de fato seguir essa instrução, além dos sebos terem um custo que consumiria parte significativa de sua receita, seria impedido o fluxo característico do mercado de livros usados, inviabilizando assim essa atividade. Ademais, não é por apresentar *ex libris* (há bibliotecas particulares destituídas de obras raras e com marcas de posse) ou ser de evidente interesse para o país – evidente para quem? – que uma obra é rara.

³⁸ Dados de 28 de novembro de 2009.

O descaso com os livros

Todos os governos estrangeiros protegem as letras patrias, porque conhecem que pelo progresso d'ellas, é que são considerados; o governo do Brasil segue outra via, porque só favorece as tretas (...) (MELLO MORAES, 1881, p. X)

Talvez seja a pouca familiaridade, a pouca intimidade que temos com o livro e a leitura, refletida em nosso descaso geral com o objeto livro. Essa é uma longa história, que pode ser traçada às bibliotecas jesuíticas abandonadas com a expulsão da Ordem pelo Marquês de Pombal em 1759 e do abandono de outras tantas coleções coloniais, principalmente de ordens religiosas, das quais provavelmente não teremos nunca notícias. Boa parte dos livros que herdávamos do Brasil Colônia, assim como parte significativa do que foi impresso e do que aqui chegou durante o Império, se desfez pelo descaso passivo ou pela ignorância ativa, como veremos.

A sentença de morte para os conventos, no entanto, foi dada com a circular de 19 de maio de 1835 do governo imperial, proibindo o noviciado (MORAES, 2006, p. 24). Rubens Borba de Moraes menciona o trabalho de Daniel Pedro Muller sobre os conventos paulistas, no qual relatava que alguns sequer tinham monges em suas premissas – estavam absolutamente abandonados. Menos de vinte anos após o trabalho de Muller, um de nossos mais cultuados escritores românticos, Gonçalves Dias, preocupou-se com a questão das bibliotecas quando circulou pelo Maranhão trabalhando num levantamento do que ainda havia por lá:

Quanto á parte litteraria, é o convento de Santo Antonio o que mais avulta, contendo uma bibliotheca de quasi 2,000 volumes; mas por negligencia, acham-se muitos, quasi todos, damnificados a ponto de não poderem servir. Estão arrumados em sete ou oito estantes sem ordem alguma e collocados em uma sala incommoda para o estudo, por ser vivamente ferida pelo sol, sem uma mesa de estudo, sem uma

cadeira, sem um castiçal, entre lanternas de varões quebrados e paramentos de igreja, que já para nenhum uso prestam. (...) Não havendo um catalogo na bibliotheca, tive de percorrer os volumes um por um, para que ao menos soubesse o que elles continham, e na esperança de encontrar entre elles livros dos que faltam nas nossas principaes bibliothecas, ou algum manuscripto esquecido. Nada disso: são volumes de theologia casuistica, de philosophia rançosa, que ao abrir-se pareciam estranhar e queixar-se da mão, que os importunava no descanso morto, em que jaziam.(...) Eis a livraria de Santo Antonio, que é a melhor de todas as de ordens religiosas no Maranhão. (DIAS, 1853, p. 371-372)³⁹

Outro descaso, desta vez pontual, que abrange *grosso modo* o mesmo período, foi registrado por Inocêncio:

Em 1761, frei Antônio de Santa Maria Jaboatão mandou imprimir em Lisboa seu *Orbe serafico novo brasilico*. Saiu um belíssimo livro, admiravelmente impresso em excelente papel. Grande parte da edição foi mandada para Pernambuco e ficou encaixotada no convento, tal como viera de Portugal, até 1840. Inútil dizer que poucos volumes foram salvos. A umidade e os insetos destruíram a maior parte. (MORAES, 2006, p. 25)

No entanto, o relato mais revelador do cruel destino de nossos livros durante o século XIX, por sua riqueza de detalhes, pode ser encontrado na *Phytographia* do Dr. Mello Moraes⁴⁰, publicada em 1881 pela Garnier, no Rio de Janeiro:

A *Flora Fluminense* do celebre Franciscano Frei José Marianno da Conceição Velloso, que se mandou gravar e imprimir em Pariz por conta do Estado, com cujas estampas se gastaram *um milhão de cruzados*

³⁹ Este trecho está entre os citados por Rubens Borba de Moraes. O relatório completo de Gonçalves Dias foi também reproduzido na Revista de Biblioteconomia de Brasília, em 1973, e está disponível em:

<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/40/28>

A revista do instituto original foi também reproduzida pelo Google e está disponível online.

⁴⁰ Importante homem de letras, Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844-1919) escreveu, entre outros, *Festas e tradições populares do Brazil*. Sua bibliografia completa poder ser consultada em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292556/or1292556.pdf

(mais de dous milhões de francos⁴¹) pouco se distribuiu, porque foram abandonadas em Pariz, e alli serviram para forrar as barretinas dos soldados francezes, e a parte que veio para o Rio de Janeiro, foi atirada no pavimento terreo da Secretaria da Justiça, onde muitas estampas apodreceram, e o resto foi vendido, para com ellas se fabricar papel de embrulho. (Vide adiante Flora Fluminense.) (MELLO MORAES, 1881, p.3)

Mello Moraes, em seu livro, escreveu um capítulo intitulado *Historia da Flora Fluminense*, exclusivamente sobre o caso:

Acabada a obra, consta-me, que se mandaram para o Rio de Janeiro 500 exemplares; ficando em Pariz 1,500; os quaes, não sendo reclamados, foram entregues, não sei a quem, e dos quaes salvaram-se algumas collecções; e por fim, se reconhecendo, que essas estampas não eram mais procuradas, foram vendidas ou dadas, ao chapeleiro que fornecia barretinas, para o exercito francez, o qual forrou com as estampas, as que estava fazendo para os soldados do exercito.

Os 500 exemplares, que vieram para o Rio de Janeiro, foram parar no saguão da secretaria de Estado dos negocios da justiça, (em frente do Passeio Publico), onde permaneceram apodrecendo, pela humidade ; fazendo-se presente de alguns exemplares, a uma ou outra pessoa, que pedia. - Ninguém subscreveu á obra do famoso religioso, e naturalista mineiro, á excepção do tenente-general Joaquim de Oliveira Alves (ministro da guerra em 1822.) (MELLO MORAES, 1881, p. IX)

A Flora Fluminense não fora, infelizmente, caso único:

D'este mesmo sabio franciscano, vieram para o Brasil, de Lisboa, um grande numero de exemplares da sua importante obra *O fazendeiro do Brasil*, e outras impressas em Lisboa, na *Typographia do Arco do Cego* ; e consta-me, que por ordem superior, sendo repartida por varias capitancias, á serem distribuidas pelos fazendeiros, nunca sahiram das secretarias dos governos, em modo que se inutilisaram, ou antes foram

⁴¹ Apenas para se ter uma ideia aproximada de quão alto era esse valor, segundo Jean Monange, em 1830 um franco equivaleria a pouco mais de 2 euros, i.e., a edição custara em valores atuais, mais de 9 milhões de reais.

bem aproveitadas pelos tres *famosos litteratos que temos*, que são Mrs. *Cupin, Tray e Bicha*, (isto é, cupim, traça e bicho.)

Memoro estes factos, porque o que tenho visto, e o que sei, depoem extraordinariamente contra as varias administrações officiaes, que tem tido o Brasil (...)(MELLO MORAES, 1881, p. IX)

Não me admira o que se pratica com a impressão dos livros uteis, quando temos um aviso do ministerio da Fazenda de 18 de Janeiro de 1836, mandando entregar ao da Guerra- , todo o papel impresso, que existia na Typographia Nacional, para ser aproveitado na fabricação do cartuxame : - e realmente entregou- se, uma extraordinaria quantidade de arrobas de papel impresso, indo como inutil a *Historia do Brasil* do sábio Visconde do Cayrú, as *Memorias* do padre Luiz Gonçalves, os *Annaes do Rio de Janeiro* do Dr. Balthazar da Silva Lisboa; as *Memorias do Rio de Janeiro* de Monsenhor Pizarro; as de Fr. Leandro do Sacramento, sobre a cultura do chá, e outras obras de merecimento, impressas na Typographia Nacional, desde 1808 á 1836 !!!

No dia 14 de Janeiro de 1861, a Typographia Nacional annunciou á venda em leilão de 2,950 arrobas de impressos, indo entre elles alguns exemplares da *Flora Fluminense*. (MELLO MORAES, 1881, p. X-XI)

No testemunho de Mello Moraes, o Rio de Janeiro teve destaque não só por ser sua morada, mas por ser o maior depositário de livros do país. A mais importante de nossas instituições livreiras, a Biblioteca Nacional, infelizmente não tem – assim como as outras instituições apresentadas – uma história ilibada. Plínio Doyle, que fora diretor da Biblioteca,

Logo no início da sua gestão, (...) encaminhou ao Ministro da Educação uma exposição de motivos chamada “Plano de Salvação da Biblioteca Nacional”. Nela, contemplava áreas que considerava estratégicas para a instituição atingir seus objetivos, tais como: novo prédio, pessoal, restauração e encadernação. (RANGEL, 2008, p. 33)

Ao relembrar o bibliotecário Olímpio Matos, conta a seguinte história:

Sob a orientação do velho e competente funcionário Mário Luz, meu amigo, estava designado para ajudar na tentativa de organização da imensa “velharia” do quinto andar, para onde eram encaminhados os

livros, revistas e demais publicações considerados, sem qualquer exame prévio dos volumes, desnecessários ou inúteis, incapazes de interessar ao fichamento e à consulta.

Meticuloso e esforçado, o Olímpio iniciou a separação do vasto material, localizando ali, entre outras raridades, a coleção Salvador de Mendonça, vários volumes preciosos, identificados pelo seu ex-libris, e expressivo conjunto de teses de doutoramento (...) (DOYLE, 1999, p. 102)

Doyle assumiu a direção da Biblioteca em abril de 1979⁴², permanecendo até janeiro de 1982, cargo ocupado antes pelo escritor Adonias Filho. Doyle relata, entre outras coisas, que o carro do diretor era guardado no recinto da Biblioteca, ao lado dos livros, na entrada da Rua México, coisa que ele corrigiu; outro problema era que os funcionários esquentavam seu almoço com fogareiros a álcool, ao lado de livros e papéis – o problema foi solucionado na base do berro, por um oficial do Corpo de Bombeiros. Doyle instalou em seguida “dois pequenos fornos elétricos para atender à situação.” (DOYLE, 1999, p. 127) Rubens Borba de Moraes, que também fora diretor da biblioteca, havia descrito quando de sua posse uma situação ainda mais assombrosa, mas o relato só foi divulgado publicamente em 1974, na *Revista de Biblioteconomia*⁴³:

Dois fatos demonstram em que estado se acha o prédio. Percorrendo-o, logo em seguida à minha posse, perguntei ao zelador de que era feito o piso do andar térreo. Afirmou-me que de cimento, que era inútil pretender lavá-lo, pois essa cor cinzenta era a natural. Mande esfregar e lavar um canto. Examinei-o bem. Pareceu-me de mármore. Contra a minha opinião levantaram-se funcionários antigos, afirmando-me que era e sempre fora assim, que seria inútil a limpeza. Tempos depois, quando raspado, polido e limpo, ficou provado que era de lindo mármore branco com veios verdes.

⁴² Procurando textos sobre a Biblioteca Nacional no exato momento em que dela escrevia, em 25 de novembro de 2010, pouco após as 20hs, encontrei o texto que tanto queria do Josué Montello, sobre problemas da Biblioteca, de 1948, na Estante Virtual por 5 reais!

⁴³ Para ler o relatório completo: <http://perlocutorio.com/page12.php>

O segundo fato não é menos espantoso. Em 1939 pintou-se toda a fachada do prédio. Em 1944 os vidros das janelas ainda traziam as manchas de cal deixadas pelos pintores. Prova de que há cinco anos não se lavavam vidros na Biblioteca.

Creio que não é preciso dizer mais para se ter uma idéia do que era a imundície do prédio. O cheiro que as privadas exalavam pelos corredores era uma das "características da nossa biblioteca", disse-me um leitor.

A administração alegava que não limpava porque "não tinha gente". Entretanto, no quadro figuravam 41 contínuos e serventes...

Dessas histórias e relatos, no entanto, poderemos encontrar similares por todo território nacional. Entre os inéditos de Alfredo de Carvalho, está um pequeno artigo “sobre o abandono dos livros em que se encontrou a Bibliotheca Publica da Bahia, em duas visitas que fez em 1891 e 1907”: *Um Cemiterio de Livros*⁴⁴. Encontrava-se esse artigo, como muitos outros, segundo informação de Eduardo Tavares, em Pernambuco, em mãos de amigos do bibliófilo - até o momento não pude localizá-lo. Em uma das cartas à Oliveira Lima, porém, há referência a esse episódio:

Visitei a Bibliotheca Publica e fiquei não sei si mais indignado do que consternado; imagine V. uns 30000 volumes, muitos delles preciosos e mesmo únicos (as antigas collecções de jornaes) á falta de estantes, amontoados sobre uma espécie de estaleiro em uma das salas baixas do palácio do governo, onde a poeira, o caruncho e a traça vão fazendo a sua obra de destruição em face da indiferença de uns vinte empregados ociosos (...) ⁴⁵.

Essa não era apenas a revolta íntima de um bibliófilo; ao longo de sua vida dedicou-se à conservação da cultura nacional, ao enriquecimento de bibliotecas pernambucanas. A situação da biblioteca baiana, a mais antiga biblioteca pública do país, fundada em 1811, iria piorar: em 1912, centenária, ela foi destruída por um incêndio derivado do

⁴⁴ (CARVALHO, 1929, p. 53).

⁴⁵ Cidade de Bomfim (ex-Vila Nova da Rainha), 31 de Agosto de 1907, p. 3.

bombardeio sofrido pela cidade por conta de impasses políticos. Um destino menos trágico foi reservado à de Recife, após a morte do bibliófilo e a saída de seu amigo e bibliotecário Eduardo Tavares à frente da instituição. Este, na introdução à *Bibliotheca Exotico-Brasileira*⁴⁶ de Alfredo de Carvalho, que ele coligiu, trata das desventuras da Biblioteca Publica de Pernambuco, por ele dirigida até sua demissão em 1911. A Biblioteca, por conta do trabalho de Tavares, com auxílio de Alfredo de Carvalho, era uma das melhores no país. No entanto, a dedicação dos dois não foi suficiente para se contrapor à ignorância e soberba dos governantes, coisa que em nossa história não parece ter fim:

O Marechal Dantas Barreto aniquilou o meu trabalho de 13 annos. O seu primeiro acto contra a Bibliotheca, foi retiral-a do 1º andar do edificio onde ella funcionava havia muitos annos, amplo, claro, arejado, limpo, com duas magnificas salas de leitura, para o andar terreo, humido, infecto, escuro, outrora corpo da guarda municipal, compartimento de aferição de pesos e medidas, e deposito de ferramentas e objectos de jardinagem. (CARVALHO, 1929, p. XI)

A Biblioteca, ao que parece, permaneceu abandonada até 1925. Tavares, em sua exposição, utilizou-se de um relatório preparado pelo Dr. Humberto Carneiro, que naquele ano passou a dirigi-la:

Ao assumirmos a direcção da Bibliotheca, em 1º. de Abril de 1925, a nossa impressão foi constrictadora, tal a situação lastimavel, sob todos os aspectos, em que a encontramos. (...) Da direcção do Dr. Eduardo Tavares até 1925, não foi adquirido um só livro! (CARVALHO, 1929, p. XII-XIII)

Passadas poucas décadas seria abandonada, em Fortaleza, a biblioteca do Barão de Studart. O relato de Raimundo Girão sobre Studart e o

⁴⁶ É interessante observar que, em suas cartas a Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho fala da *Bibliotheca Exotico-Brasileira* como um projeto conjunto dos dois historiadores-bibliófilos. Seria preciso pesquisar os arquivos de Oliveira Lima e encontrar as suas cartas a Alfredo de Carvalho, para saber se aquele realmente começou a trabalhar no levantamento bibliográfico comentado.

destino de sua coleção é reflexo do histórico descaso brasileiro com a construção de nossa memória também na esfera privada:

Dia por dia obtinha novos diplomas, novos papéis e os interpretava e divulgava, catalogados cuidadosamente, formando a admirável Coleção Studart, infelizmente sacrificada em parte após a sua morte.

O autor destas linhas, já ingresso no Instituto do Ceará, verificou a não existência dessa Coleção nos arquivos da sociedade e deu passos para obtê-la. Depois de pacíficas tentativas o conseguiu, mas com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafuncho de casa em que morara o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe.

Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecomponíveis.

Especial carinho foi empregado para salvar o mais que pudesse ser daquela congênie constristadora, expondo-se cada papel, semanas seguidas, aos processos de enxugo à sombra, porque ao sol tudo se esmaeceria.

Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador.

O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encadernações e convenientemente preservadas.

Ainda mais confrangeria dizer do destino que teve a biblioteca de Studart, assim como a sua mapoteca misteriosamente desaparecida."
(SOBRINHO, 1956, p. 26)

É difícil explicar como isso possa ter acontecido e como, em pouco menos de 20 anos entre sua morte e a redescoberta do arquivo, tantas coisas se tenham perdido. Terá sido descuido da família, quiçá o caminho que a coleção percorreria - coisa do gênero aconteceu com parte do registro fotográfico da família Prado, em São Paulo. De qualquer forma, os intelectuais cearenses que conheciam a coleção de

Studart deveriam ter-se mobilizado para que ela fosse anexada ao Instituto, seja por doação, comodato ou aquisição. Fato é que não se sabe do destino da "vasta e magnífica biblioteca" (FACÓ in SOBRINHO, 1956, p. 88) de Studart. O ministro Rubem Amaral, que tem laços familiares com o Barão, escreveu um depoimento sobre a situação:

Considero provável a falta de interesse dos herdeiros pela papelada histórica, que devia ocupar bastante espaço, bem como o desconhecimento de seu grande valor documental etc. De fato, nenhum de seus filhos herdou a veia de historiador, que foi reaparecer um pouco num dos netos, mas que não se destacou muito.

Com a morte do Barão, o sobrado em que morava no Centro foi incluído na partilha da herança. Acho que os herdeiros eram dois filhos e uma filha. Ele possuía também outros imóveis, alguns dos quais couberam ao meu tio, que também se chamava Guilherme como ele, e que morara com o pai até a morte deste. Certamente por causa da partilha, teve de mudar-se. E acho que foi aí que se deu o abandono do arquivo. De qualquer modo, não conheço bem essa história. Não sei a quem coube o sobrado, mas acho que não foi a ele.

O que me recordo no tocante à biblioteca, é que meu tio, que passou a morar numa casa certamente menos espaçosa, tinha uma estante onde havia várias obras que pertenceram ao Barão, bem encadernadas. Creio que já lhe dei ideia das de que eu recordo: a *História Universal* do Cantu (uns 15 volumes), a *História do Império* de Tobias Monteiro, também em vários volumes, e, se não me engano, a *História do Consulado e do Império*, do Thiers.

Havia um belo volume do poema herói-cômico do Antônio Diniz da Cruz e Silva, *O Hissope*, com uma bonita dedicatória ao Barão de suas alunas do Instituto de Humanidades. Este volume me foi dado de presente pela minha tia, mas ficou em Fortaleza quando mudei-me para o Rio e desapareceu. Isso devia ser uma fração muito pequena da biblioteca do Barão. Depois da morte do meu tio, sei que minha tia andou procurando vender esses livros, pois estava de muda para o Rio, mas ignoro o resultado. Parece que não lhe ofereceram grande coisa. Havia na mesma estante muitos números da *Revista do Instituto do*

Ceará, alguns dos quais eu tirei para mim, e alguns livros jurídicos, que talvez fossem mesmo do meu tio, pois ele era bacharel em Direito. Também fiquei com alguns desses livros, dois ou três, quando entrei para a Faculdade. Grande parte das revistas eram posteriores à morte do Barão. Certamente eram enviadas ao meu tio pelo Instituto.

Também havia uma edição portuguesa em grande formado do *D. Quixote*, ilustrada por Doré, mas que já estava toda desencadernada. Eu gostava de admirar as estampas.

O resto dos livros eram obras espíritas, principalmente de Alan Kardec, Almanques do Pensamento etc., que pertenciam à minha tia.

Finalmente, havia uma caixa de sapatos com fichas que continham principalmente dados que creio que serviram para a elaboração do *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, pequenos recortes, muitos deles soltos ou colados em fichas de cartolina ou em páginas de antigos catálogos de automóveis, tudo de cambulhada com alguns outros itens, dos quais eu resgatei uma credencial do Instituto do Ceará no I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio em setembro de 1909, no qual o Barão deve ter representado o Instituto, e a cópia de uma carta do Barão a Affonso E. Taunay, de 22.04.12, naquela letra inconfundível e assinada. Outro dia consegui localizar no meu baú esses documentos, que eu havia estado procurando em vão. Também retirei os catálogos de automóveis, dos quais descolei os recortes.

Outra coisa que eu resgatei naquele tempo foi um grande volume em que o Barão havia anotado atas das sessões das câmaras municipais do Ceará em que tinha sido declarada a abolição da escravidão. Infelizmente, teve o mesmo destino do *Hissope*. Mas trata-se de textos que certamente foram impressos na Revista do Instituto.⁴⁷

Em São Paulo podemos também encontrar diversos causos, não apenas de bibliotecas de instituições públicas, como de bibliotecas particulares, a exemplo da coleção do Barão de Studart. O descaso, é importante frisar, muitas vezes ocorre na incorporação dessas bibliotecas particulares às públicas:

⁴⁷ E-mail de 20 de maio de 2011.

Quanto eu entrei na faculdade como estudante, nós funcionávamos ainda num prédio que era da antiga reitoria da USP, e nos corredores, isso era na década de 60, nós víamos vários caixotes permanecer muito tempo, e eu fiquei sabendo [da história] - meu pai gostava de livros e conhecia o Yan de Almeida Prado, que era um colecionador que tinha vendido a sua biblioteca de obras raras para a USP, mas essa biblioteca ficou encaixotada muito tempo em lugares provisórios⁴⁸.

A biblioteca de Yan acabou incorporada ao IEB, outras, no entanto, não tiveram tal sorte. Outra história envolvendo a USP, contada por livreiros paulistanos, é a da venda de um galpão de livros, repleto de obras raras, a um livreiro chamado Lisboa – isso há aproximadamente 25 anos. A venda teria sido ocasionada pelo pedido de desocupação do galpão. Ainda em São Paulo, a biblioteca de José Carlos Macedo Soares, pelo que relataram livreiros de São Paulo, foi vendida para a Biblioteca Municipal, sendo que parte dos livros foi parar na Assembleia Legislativa, mas essa parte acabou molhada e descartada. Ainda é possível encontrar esses livros circulando no mercado livreiro.



É interessante observar quão pouco é preciso para que não apenas algo desapareça, mas também o registro de sua existência: basta algum desinteresse e a passagem do tempo – não muito tempo. Exemplo disso é a biblioteca de Olavo Dias da Silva [*ex libris* ao lado]. Os livros que pertenceram a esse genealogista paulista e, ao que tudo indica, bibliófilo, eram muito bem encadernados em meio-couro vermelho, padronizados, portavam seu *ex libris* e continham, muitas vezes, anotações e

comentários relacionados a seus estudos de genealogia – chegou mesmo a fotografar moradas de indivíduos citados nas genealogias e colocá-las ao lado das sucintas biografias. O livreiro que comercializou essas obras relatou tê-las recolhidas abandonadas ao relento, após aviso de um

⁴⁸ Trecho de entrevista com a profa. Ana Maria Camargo.

carroceiro⁴⁹. Quem quis apagar a memória dessa existência quase o conseguiu. Em São Paulo, a Biblioteca Municipal Mario de Andrade é lembrada por Rubens Borba de Moraes, assim como a Biblioteca Nacional, ao pensar no destino de seus livros:

Não, lá [na Biblioteca Municipal] não iriam parar meus livros para serem brutalizados por funcionários incompetentes e leitores indignos de manejarem livros raros.

O fato é que, no Brasil, não há ainda instituições públicas capazes de conservar dignamente livros preciosos e raros. Em poucos anos destroem tudo por incompetência e *laissez aller*. Haja vista o que aconteceu com as doações que recebeu a Biblioteca Nacional. Não, meus livros não teriam o destino da coleção Teresa Cristina, José Carlos Rodrigues e tantas outras doadas à Biblioteca Nacional! (MORAES, 2010, p. 232)

Na “Ilustrada” da *Folha de São Paulo*, a 21 de fevereiro de 2000, a matéria “Cupim consome biblioteca de Santos” é destaque:

Um acervo de quase 50 mil volumes, com raridades do século 17 ao 20, está ameaçado pelo mofo, pelas traças e pelos cupins em uma das mais importantes e ignoradas bibliotecas paulistas.

Sem apoio, a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, de Santos (SP), fundada em 1879, luta contra a deterioração dos livros, resultado da falta de recursos para a conservação.

(...)

A Humanitária, como é mais conhecida em Santos, conta com recursos de cerca de R\$ 9.000 mensais (...) A escassez de recursos está, aos poucos, transformando em pó coleções (...) (SIQUEIRA, 2000)

Neste caso em específico, os recursos não são tão ruins quanto os faz parecer o repórter. Está claro que a biblioteca foi tratada com descaso por muito tempo e, quando decidiram recuperá-la, aí sim os recursos se mostraram insuficientes. De qualquer forma, a biblioteca estava

⁴⁹ Conheço a história por ter comprado do livreiro paulista um lote de livros que pertencera ao bibliófilo.

conveniada à prefeitura desde 1992. No mesmo prédio, está a Academia Santista de Letras. A principal figura para ambas instituições é Martins Fontes, que deixou sua coleção para a Humanitária, tendo em vida servido como médico para seus sócios.

Em Porto Alegre, nos poucos dias que lá permaneci, me foram relatadas várias histórias que se enquadram nesse contexto do descaso com livros pelo país. Instado a contribuir com alguns dos causos da cidade, Marcos Lindenmayer fez-me o favor de escrever um breve texto⁵⁰ sobre algumas das histórias:

Agora só o que me recordo é do caso da biblioteca Eichenberg, que foi comprada pela UFRGS [em 1969] e passou a integrar o acervo da Biblioteca Central. Inicialmente projetada para receber apenas obras de referência, de uma hora para outra a Biblioteca Central se viu com um acervo de mais de 30 mil livros, de uma das melhores coleções do Brasil. Enviaram um bibliotecário à Biblioteca Nacional, para fazer um curso sobre preservação de acervo e acharam que aquilo seria o suficiente. Bem, até hoje ela não está toda catalogada - e já faz 41 anos desde a compra. Nesse meio tempo, tentaram fazer uma seleção das obras raras, mas como não havia critério, deixaram nas estantes primeiras edições várias (Camus, Kafka, Victor Hugo, Balzac, Machado) e outras, de baixa tiragem, das quais não se tem mais notícia. Estima-se que, nisso, cerca de 10% do acervo tenha sido dilapidado, principalmente depois que se descobriu que a sala de "obras raras" não tinha acesso restrito e era utilizada como dormitório pelos estagiários... Além disso, o próprio reitor, à época, achou que presentear pessoas com volumes do acervo não seria algo de todo ruim.

Ainda: Guilhermino César. Dizem que o seu acervo foi para o Instituto Estadual do Livro, mas o fato é que ele se encontra disseminado por tudo quanto é banca de livro usado – ao que parece só uma pequena parte foi entregue àquela instituição e um de seus filhos passou os últimos dez anos vivendo das boas graças de uns poucos colecionadores - menos mal. Eu mesmo já juntei vários exemplares do velho de Cataguazes.

⁵⁰ Em e-mail de 5 de outubro de 2010, minimamente editado.

Mais: Assis Brasil. A famosa biblioteca do Castelo de Pedras Altas era feita de jacarandá. A combinação jacarandá, paredes de pedra, umidade e falta de ventilação acabou resultando desastrosa. O prédio e tudo o que havia ali dentro era patrimônio histórico. Acontece que é muito mais comum arrastar uma poltrona de um canto da sala para o outro do que tirar um livro da estante. Quando finalmente o fizeram – sabe-se lá quantos anos os sobrinhos que cuidavam do imóvel precisaram para que o interesse fosse despertado – grande parte da biblioteca que, entre outras coisas, tem a primeira edição da *Encyclopédie*, estava danificada a tal ponto que restaurar pareceria um desperdício.

Infelizmente as histórias da mais antiga capital do país não se encerram apenas nas da Biblioteca Pública, mencionada por Alfredo de Carvalho. Em carta aberta, o jornalista Luís Guilherme Pontes Tavares⁵¹ apresenta uma dessas situações de desmazelo:

Conclui há dias o levantamento das obras impressas (entre o final do século XIX até o início da década de 1920) pela Typographia Bahiana de Cincinnato Melchiades que fazem parte da valiosa e malcuidada biblioteca da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia, instituição que comemorou 100 anos em janeiro último. Passei os olhos sobre a folha de rosto de cerca de 10 mil volumes e localizei menos de uma dúzia daquilo que procurava. No entanto constatei, em crescente indignação, que percorrera páginas cobertas de poeira, fungos, comidas de traça e danificadas pela umidade, milhares delas impressas na Bahia, no Rio de Janeiro, no Porto, em Lisboa e em Paris no século XIX. Vou repetir: ali estão em torno de seis a sete mil livros impressos entre 1818 (!) e 1900, portanto, uma preciosa, porém danificada biblioteca do século XIX.⁵²

Luís Guilherme continua tratando do estado das obras, além de elaborar uma lista destacando títulos relevantes, para que se tenha ideia do acervo que se está pondo em risco (**ANEXO ii**). No entanto, ainda mais chocante é o histórico da biblioteca da Faculdade de

⁵¹ Travei contato com Luís Guilherme no Rio de Janeiro, durante o II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial (LIHED).

⁵² Texto de 11 de setembro de 2000, que me foi enviado por e-mail pelo autor.

Medicina da Bahia. Ao procurar pela internet, pode-se encontrar diversos relatos do estado de abandono da biblioteca:

Ainda que de forma menos perceptível ao visitante, o prédio rosa de hoje é também um *lugar de memória* do descaso para com a ciência no Brasil. Esse descaso se manifestou tragicamente quando, na noite do dia 2 de março de 1905, um incêndio que poderia ter sido controlado, segundo a imprensa da época, caso os bombeiros tivessem sido mais eficientes e melhor aparelhados, destruiu completamente a Biblioteca e algumas dependências da Faculdade, inclusive o Gabinete de Medicina Legal dirigido por Nina Rodrigues. Perderam-se então os 22.000 volumes da mais preciosa Biblioteca Médica do país. Foi assim também em outubro de 1951, quando outro incêndio destruiu o pavilhão da frente da Faculdade de Medicina da Bahia. E, se os dois incêndios podem ser tidos como fatalidades, o mesmo não se pode dizer do que a incúria permitiu que sucedesse, em nossos dias, com a biblioteca reconstituída depois do incêndio de 1905 graças às doações feitas por professores, por particulares e por instituições

Abandonada, a Biblioteca viu seu telhado ruir, o mobiliário perder-se pela ação da chuva bem como uma parte significativa dos livros, alguns deles muito antigos. Como tantas vezes acontece, depois do desastre consumado, foram tomadas providências e um investimento significativo foi destinado à restauração do que ainda possa ser recuperado. Uma pequena equipe de bibliotecários, restauradores e estagiários dedica-se a essa tarefa, em salas sem ventilação, e – ao menos até dezembro de 2005 – sem os equipamentos necessários para um trabalho profissional sério. Quando da recente visita de um Ministro de Estado às obras de restauração, em lugar de expor as reais necessidades de equipamentos e de pessoal especializado, o que foi mostrado foram os livros já higienizados e recuperados, mas não o subterrâneo irrespirável onde se amontoam milhares de livros ou o galpão vizinho a uma carpintaria, de portas abertas para um pátio interno por onde circula quem quiser e com as vidraças das janelas quebradas, repleto de livros, teses, periódicos científicos e de sacos e mais sacos de lixo com livros irrecuperáveis, alguns deles preciosos,

fossilizados pela ação da chuva e do calor na antiga biblioteca ou carcomidos pelas traças. (NEVES⁵³, s/d, s/p)

Por último, não se poderia deixar de mencionar Brasília, sede de inúmeras bibliotecas setoriais, ministeriais, institucionais. Apesar da pouca idade – apenas 50 anos, a cidade acumula já seu bom número de causos, como a da importante biblioteca da Imprensa Nacional, que passou anos encaixotada em uma garagem de um edifício público, ou da biblioteca de certo ministério militar que foi posta inteiramente no lixo e, felizmente, recuperada por um sebista.

Talvez a mais exemplar seja a situação da Biblioteca Central da UnB (BCE), uma das mais importantes bibliotecas universitárias do país, que viveu por ao menos duas décadas uma situação de abandono e descaso, sendo responsáveis tanto a comunidade acadêmica (professores, alunos e servidores) quanto especificamente seus funcionários. Com um prédio que não comporta mais o crescimento do acervo desde meados dos anos 1980, recebendo dezenas de milhares de volumes em doação todo ano, o desfecho não poderia ser positivo: milhares de livros nos porões, o espaço para guardá-los exíguo, com a abertura de um grande salão de leitura, foi feito contrato com uma recicladora de papéis, que passou a buscar caminhões de livros na Biblioteca. Esse descarte indiscriminado de obras foi tamanho e de tal forma burlesco que um grupo de alunos acabou por gerar mudanças no rumo da Biblioteca, com a entrega de um relatório da situação ao reitor (**ANEXO iii**) que culminou na volta da direção a um docente do Departamento de Ciência da Informação, fato que não ocorria há décadas. Segundo depoimento em monografia defendida na própria universidade:

Durante a greve de 2007, foram descartados milhares de livros em poucos dias, de forma absolutamente indiscriminada, denominado por alguns funcionários, bibliotecários e estagiários de “a devassa”. Os

⁵³ Para maiores detalhes e fotos:

<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria/faculdadedemedicinadabahia.htm>

livros tinham sua folha de rosto rasgada e eram, então, juntados para serem recolhidos pela empresa de reciclagem, cujo contrato data de pouco antes da expansão das salas de leitura, onde antes encontrava-se um grande estoque de livros do Intercâmbio (BORGES, 2009, nota 1, capítulo1).

O aluno continua seu relato gráfico, em primeira pessoa, sobre as origens de seu envolvimento com esses livros:

Foi quando ao final de uma manhã de trabalho, ao sair do lado direito do depósito, pude ver a cena que não sai da memória: algumas pessoas de máscaras, a maioria apenas de luvas, nenhuma de óculos protetor, jogando [fora] sistematicamente diversos livros que pude perceber que estavam no lado esquerdo do depósito.

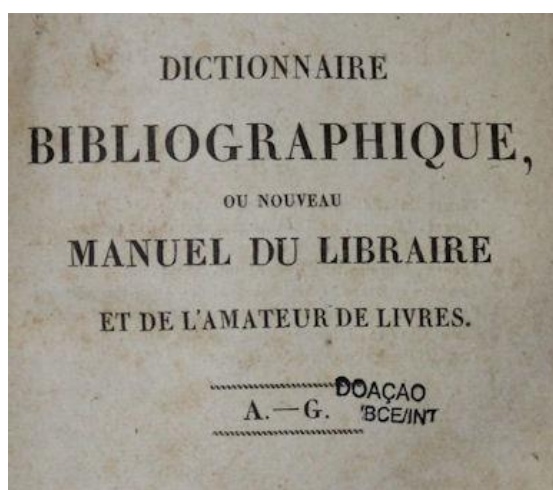
O procedimento não parecia ter critérios. Quando pude perguntar os critérios, no dia em que fui convocado a largar o trabalho [de catalogação] com os livros da Xerox para rasgar folhas de rosto [procedimento adotado antes de enviá-los à reciclagem] destes livros que descobri serem bem antigos, me disseram que era o meu interesse que devia decidir. Ou seja, bolsistas do curso de engenharia, por exemplo, ou coisa que o valha, tinham total liberdade para decidirem se o livro deveria ficar ou ir embora. Uma questão de *gosto*.

Foi quando dei início à minha participação no trabalho retirando do lixo um livro que havia sido jogado ali, na minha frente. Ao retirar o livro do lixo recebi um imperativo: “Por quê você tirou do lixo? Quem é você?” Retirei minha máscara, meu óculos, e retruquei à pessoa que me interpelou que o livro era um Chateaubriand raro, que ela não sabia o que estava jogando fora. Isso me gerou inúmeros problemas e pude ver que ali, pegando os livros do lixo eu não poderia fazer muita coisa.

Tratei logo de saber para onde eles iam, se iam ser doados, se estavam indo pra outro lugar, se seriam jogados fora mesmo. Descobri que estava tudo indo para uma sala que fica em frente à entrada de serviço da Biblioteca Central. Lá, durante todos estes 15 dias, os livros foram crescendo, crescendo, até quando eles chegavam no teto da sala e vinha um caminhão recolhê-los.

Foi quando me aproximei da sala, que ficava aberta para receber os livros do depósito, e comecei a separar os livros de grandes coleções, coleções que fui conhecendo ali mesmo, durante o procedimento de descarte aleatório. Como (...) me viam catando os livros, colocando-os em caixas, comuniquei imediatamente a estes que me disseram que já que estavam sendo jogados fora, eu poderia recolhê-los, solicitar uma doação formal, agilizar um documento, salvando alguns dos livros. Inúmeros bolsistas tocados com a situação chegaram a me ajudar a recolher livros.

No dia em que a própria diretora me viu catando os livros da sala suja em que eles eram despejados, eu *desci* da pilha de livros em que estava para falar-lhe sobre o procedimento, informando que iria ao intercâmbio solicitar uma doação. Sendo autorizado por ela, assim foi feito. Levei as caixas de livros separados imaturamente por mim ao setor de intercâmbio da Biblioteca Central, e lá fui informado de que um funcionário (...) deveria contar os livros, escrever em cada caixa a quantidade de livros que dentro deveriam estar carimbados, um por um. O passo seguinte seria registrar uma remessa de doação, que seria assinada pela chefe do setor de Intercâmbio e pela segurança da Biblioteca. Assim foi feito. No dia em que consegui estes livros me foi dada a prova do crime que aconteceu na UnB em 2007 (BORGES, 2009)⁵⁴.



Entre as milhares de obras descartadas, portanto, algumas foram salvas do fim certo e, examinando essas obras, podemos ter uma ideia do que se perdeu. Testemunha do descarte, o *Dictionnaire bibliographique, ou nouveau manuel du libraire et de l'amateur de livres* [detalhe ao

lado], de Etienne Psaume⁵⁵, editado em Paris (1824), foi uma dessas obras. Classificado inicialmente como obra rara pelos próprios

⁵⁴ Extratos do primeiro capítulo da monografia.

biblioteários (nos. 93 e 94 do catálogo), esse erudito trabalho de referência em dois volumes, edição única, tem valor de mercado entre 200 e 300 dólares. Caso realmente não fosse de interesse para a biblioteca central de uma grande universidade manter importantes obras de bibliografia, essas decerto interessariam a outras instituições e poderiam ter fim mais digno do que as caçambas de caminhões de reciclagem. Notou-se, no exame das obras salvas, que o caminho compra > classificação como obras raras > coleção de referência > depósito > reciclagem, não foi incomum. Isso, claro, com os livros que tiveram o privilégio de circular, muitos sequer saíram do depósito, sequer foram abertos, classificados ou catalogados.

Tão eloquente quanto essa monografia, é o já mencionado relatório, que contou também com diversas fotografias. Uma dessas fotografias mostra a parede esquerda do subsolo com livros abandonados em estantes em meio a poças d'água. O ocorrido, no entanto, não ficou restrito ao conhecimento de pequena parte da comunidade universitária, por conta do Relatório e da Monografia mencionados, de circulação limitada. Em reportagem do Jornal de Brasília intitulada “Um acervo largado às traças”, a jornalista Camila de Magalhães afirma que

Várias pessoas afirmaram à reportagem que já viram funcionários da biblioteca jogarem livros fora e caminhões saírem com exemplares antigos para serem reciclados, em vez de doados. A direção da Biblioteca Central nega as acusações.

(...)

Ao ser informada sobre as condições do subsolo da biblioteca, a reportagem foi conferir as reais condições. Chegando ao saguão do depósito, encontraram-se livros empoeirados e deteriorados, poças de água no chão e paredes com mofo. Na segunda vez que voltou ao depósito, acompanhada de funcionários da instituição, a reportagem se deparou com uma situação diferente. Não havia mais sacos, o local

⁵⁵ Biografia: <http://claudef.sallet.pagesperso-orange.fr/histoire%20e%20psaume.htm>

começava a ficar limpo e organizado. No entanto, várias coleções e teses continuavam nos corredores (MAGALHÃES, 2008)

São por essas e outras histórias que bibliófilos mais informados, donos de importantes acervos, preferem vender seus livros para livreiros, consigná-los em leilões, ou distribuí-los entre amigos do que fazer doações a instituições públicas. No início de seu *O bibliófilo aprendiz*, Rubens Borba de Moraes fala da importância dos colecionadores particulares, em especial em países como o Brasil, onde, dado o descaso, não fosse o colecionador particular, os bichos, a sujeira e o clima destruiriam tudo o que nosso passado nos legou. Ele diz, portanto, que a bibliofilia não é só um passatempo, mas uma obra de benemerência; afirma que, no Brasil, pelo clima nefasto, um livro, se não for bem tratado, dentro de pouco tempo estará destruído. “Uma obra impressa no Brasil no século XIX, isenta de furo de bicho, é coisa rara” (MORAES, 1975, p. 28). Pouco é feito, mesmo que muitos tenham ciência do problema, como fica claro por este depoimento de Mindlin:

Se nós vivêssemos nos Estados Unidos ou na Europa, e eu deixasse a biblioteca para uma das grandes universidades ou bibliotecas de livros raros, teria uma segurança de conservação. Aqui, infelizmente, essa segurança não existe, pois mesmo as boas instituições não têm assegurada a sua continuidade administrativa. Um amigo meu, quando diretor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – uma ótima instituição, diga-se de passagem – me sugeriu um dia que eu deixasse a biblioteca para o IEB. Disse-lhe que iria fazer uma pergunta, e que me guiaria por sua resposta. A pergunta foi simplesmente se ele podia me garantir a conservação da biblioteca como ela devia ser conservada. Ele pensou um pouco e me disse que não, o que com certeza os diretores de outras instituições também diriam. (MINDLIN, 1990, p. 31)

O problema de uma fundação particular, os custos e logística para gerenciar uma grande biblioteca, não são nada simples. Mindlin terminou por ceder sua Brasileira, com 17 mil títulos, à USP, onde está sendo construído um prédio especificamente para abrigá-la – a biblioteca do IEB compartilhará também do espaço. Mais uma vez,

portanto, um grande acervo foi confiado a uma instituição pública brasileira. Espera-se que, dessa vez, tenham consciência do que têm em mãos e consigam gerar uma cultura institucional que valorize essa grande biblioteca. Os pessimistas (ou seriam realistas) repetiriam com Alphonse Karr: *plus ça change, plus c'est la même chose*.

Márcio Moreira Alves, na introdução ao segundo volume do catálogo de obras raras da Câmara dos Deputados, elaborado em torno da seleta coleção de duas centenas de itens que fora dele adquirida, comenta que por uma pequena diferença de votos o parlamento norte-americano aprovou a aquisição da biblioteca de Thomas Jefferson, que iria ser o embrião da Biblioteca do Congresso dos EUA, já que a anterior se havia perdido num incêndio. Por essa votação tão apertada, comenta ele que “(...) nenhum parlamento está isento de ignorantes.” – provavelmente uma referência à dificuldade encontrada na aquisição de sua própria coleção pela Câmara dos Deputados, aliás, uma seleta coleção de livros e documentos referente à história brasileira, que pode ser apreciada no segundo volume do Catálogo de Obras Raras da instituição.

O próprio Márcio Moreira Alves, no entanto, já havia sido vítima dos biliófagos, por conta de sua saída brusca do país, conforme relato do bibliófilo ao livreiro Richar Ramer⁵⁶, *circa* 1979:

Sua segunda esposa era uma princesa francesa da Casa de Orleans e Bragança, e ela tinha alguns livros do século XVIII e XIX em encadernações antigas com brasões de alguns de seus ancestrais. Em 1968 Márcio pouco ou nada sabia de livros antiquários. Ele era, no entanto, um homem culto e sabia que os tomos podiam ser de interesse. Ele, então, os acondicionou cuidadosamente em caixas e os deixou em uma de suas fazendas. Durante sua estada de aproximadamente dez anos em exílio, ele passou a frequentar livrarias-antiquárias, talvez pela falta de oportunidades mais emocionantes. Quando eu o conheci em Lisboa pouco após a revolução de 25 de abril de 1974, ele já colecionava Brasileira. Quando a anistia foi declarada no Brasil, ele voltou quase que imediatamente. Uma das primeiras

⁵⁶ Em e-mail de 11 de maio de 2011.

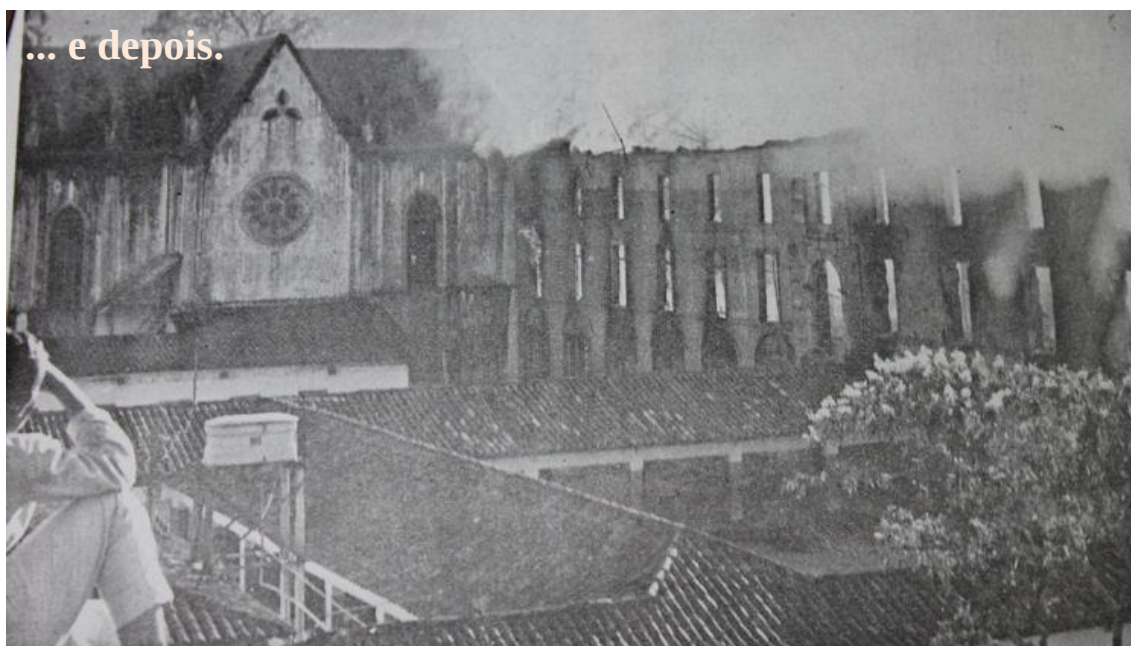
coisas que ele fez foi visitar a fazenda onde tinha deixado os livros de sua esposa, pois agora poderia compreendê-los. Infelizmente, quando ele abriu as caixas, havia apenas serragem.

A biblioteca do Caraça, antes ...



Um dos professores, Pe. Francisco Guerra, recolhe-se à biblioteca para preparar as suas lições

... e depois.



Tragédia! ... Do alto do Calvário, um aluno, de chinelos e pijama, chora contemplando o furor das chamas e o desabamento do telhado, perto da Igreja. Raiava o mais triste dia de toda a história do Caraça... (28-V-1968) [legenda original da foto]

a bibliofilia

análise psico-etimológica

a obra rara

A bibliofilia

São várias as questões que devem ser respondidas para um melhor entendimento do que é bibliofilia, questões essas cujas respostas variam de forma significativa a depender se o questionado é ou não bibliófilo, ou mesmo de como o bibliófilo percebe a própria bibliofilia - é comum encontrarmos os mais ardentes colecionadores a negar seu *status*, como negativo fosse. Poder-se-ia começar questionando quais os critérios necessários para poder se considerar ou ser considerado um bibliófilo. É também essencial a compreensão dos critérios de raridade adotados, do conjunto mínimo a ser formado, do papel cultural das bibliotecas construídas por esses colecionadores, das condições necessárias para que essa prática se desenvolva, dos subsídios necessários para que a bibliofilia exista.

Com toda subjetividade, com todas as nuances e incertezas, as dificuldades de se estudar a bibliofilia não são, porém, superiores aos seus encantos, como já havia notado Walter Benjamin há mais de meio século:

‘Por que você coleciona livros?’ – Alguém já fez essa pergunta a um bibliófilo, para induzi-lo à auto-reflexão? Como seriam interessantes as respostas, pelo menos as sinceras! Pois apenas os não-iniciados poderiam crer que não existe aqui o que esconder ou racionalizar⁵⁷.

Na Europa, a bibliofilia, não só como fato, mas como objeto de estudo, existe há séculos. Basta dizer que já em 1761 o ensaísta Bollioud-Mermet escreve um ataque aos bibliófilos de sua época. Segundo o prefaciador da edição americana de 1894 [imagem na página seguinte], Alphonse Duprat, o ensaísta tornara-se filisteu e atacara a bibliofilia por ter sido bibliófilo e não conseguir mais comprar as preciosas obras que estavam sendo então editadas. Esse gênero de escrita, no entanto, só vai se tornar comum no século XIX. Na Inglaterra, a primeira figura a se

⁵⁷ (BENJAMIN, 1996: 235).

fazer conhecida é Thomas Frognal Dibdin, bibliógrafo popular entre colecionadores por sua série de ensaios dedicados à bibliofilia, o primeiro deles, de 1809, intitulado *Bibliomania* – como o de Mermet (a diferença é que o inglês fizera uma apologia). Na França temos figuras de igual ou maior importância, como Jacques-Charles Brunet, Edouard Rouveyre e Octave Uzanne.



RAZY BOOK-COLLECT- ING OR BIBLIOMANIA,

Showing the great folly of collecting rare and curious books, first editions, unique and large paper copies, in costly bindings, etc., by **BOLLIOD-MERMET**, Secretary to the Academy of Lyons, first published anonymously in 1761, and now done into English and republished for the perusal and delectation of the members of the Grolier Club of New York et amicorum.



NEW YORK: DUPRAT & CO.

1894

O século XIX viu florescer revistas, anuários e publicações dos mais diversos sobre bibliofilia. Apenas para citarmos alguns, temos, na França, o *Bulletin du Bibliophile*, fundado em 1834, que circulou com periodicidades distintas até 1962, fora nos períodos de guerra: julho de 1870 a julho de 1871, julho de 1914 a janeiro de 1917, maio de 1940 a 1945⁵⁸. A revista londrina *The Bibliographer, a Journal of Book-Lore*, com seis volumes publicados entre 1881 e 1884, continuou como apenas *Book-Lore* até 1887, com mais seis volumes. Nos EUA, a bibliofilia se fortalece com o mesmo afinho com que se constrói a pujança pós Guerra Civil, a ponto de, já em 1881, existirem títulos como *A monograph on privately-illustrated books - A plea for bibliomania*, no qual se trata única e exclusivamente de colecionadores estadunidenses cujo hobby era o de enriquecer livros de tiragens regulares com gravuras, fotos, aquarelas e demais itens de modo a tornar as obras únicas. O Grolier Club, de Nova Iorque, um dos principais grupos existentes de bibliófilos e estudiosos do livro, foi fundado em 1884 e continua em atividade⁵⁹.

Dos países europeus, foram citados França e Inglaterra simplesmente pela maior disponibilidade de trabalhos, assim como o maior contato que historicamente com eles temos⁶⁰. Existem, porém, inúmeras associações em outros países, como a *Société des Bibliophiles belges séant à Mons*, fundada em 4 de abril de 1835 e até hoje ativa. A Itália, com uma rica tradição editorial, além do berço de Bodoni, considerado um dos grandes tipógrafos da história do livro, teve também um dos baluartes da estética moderna, o futurista Marinetti. O leste europeu, por sua vez, possui uma tradição de gravação e experimentação tipográfica sem igual – são os grandes responsáveis pela arte dos *ex libris*. Hoje, no entanto, não há em nenhum outro país uma rede tão rica e estruturada como a das *private presses* dos EUA, com reuniões

⁵⁸ Esta informação consta no catálogo da Biblioteca Nacional francesa.

⁵⁹ Mindlin foi o único brasileiro a participar do clube.

⁶⁰ Além, é claro, da questão da língua. Há bastante coisa em alemão, que infelizmente não domino.

regionais e nacionais, cursos de especialização e até pós-graduação em artes do livro. O apoio das bibliotecas universitárias norte-americanas, que mantêm coleções contemporâneas de livros de arte, é fulcral para a manutenção dessa rede.

Engana-se quem pensa que ensaios sobre a bibliofilia são frutos da era de Gutenberg. Em plena idade medieval, Ricardo de Bury escreveu seu famoso *Philobiblion*, terminado em janeiro de 1345, meses antes de sua morte, em abril. Nele, são tratadas questões comuns ao bibliófilo de hoje, como posse e valor de obras, além de questões hoje dificilmente compreensíveis, como guerras sangrentas por cópias de exemplares⁶¹. Retrocedendo mais de mil anos, já na Antiguidade clássica, há textos que tratam da bibliofilia. Luciano de Samosata, durante o reino de Marco Aurélio, escreveu *O colecionador de livros ignorante*, ironizando um colecionador sírio por tentar compensar sua ignorância pela posse de obras diversas, cujo conteúdo, ou importância, ele não poderia sequer avaliar. Antes de Luciano, Sêneca havia tratado um tema correlato: a relação entre a multiplicidade de livros disponíveis e a importância de se escolher obras com qualidade a serem estudadas. Está claro que a bibliofilia antiga e medieval porta grandes diferenças com a contemporânea, pela dificuldade de produção e escassez de materiais, pela baixa literariedade, pelo analfabetismo. Os livros, então, eram mais caros e mais escassos, a posse muitas vezes se coadunava ao acesso à informação, por outras vias inatingível.

As críticas a bibliófilos perpassam toda a história do livro, não se atendo a Luciano ou Mermet. Manoel dos Santos Martins, o ‘Martins Livreiro’ de Porto Alegre, em seu opúsculo de memórias, observa:

Claro, nem sempre os bibliófilos de plantão são merecedores de créditos. Há alguns notadamente dedicando às obras escolhidas um sentimento avaro, egoísta, mesquinho – que a humanidade dispensa.

⁶¹ Com a notável exceção de livros religiosos. Recentemente a divulgação na internet de imagens de queima do Corão por um desconhecido pastor da Flórida, Terry Jones, provocou protestos em diversos países árabes, culminando na morte e ferimento de dezenas de pessoas. (MILLIGAN, 2011)

São pessoas que juntam alguns livros raros apenas para se vangloriarem, batendo no peito e bradando para ouvidos inocentes: - Tenho três ou quatro exemplares, sim, mas não vendo nem troco! (MARTINS, p. 25).

Não são apenas livreiros, ou estudiosos que não conseguiram acesso a determinada obra (como pode ter sido o caso de Luciano) que têm suas reservas em relação a bibliófilos. Rubens Borba de Moraes, entre outros, trata com desprezo tanto da bibliofilia de novo-rico, quanto da posse ostentatória de obras raras por ignorantes.

A bibliofilia não está, no entanto, circunscrita a senhores avaros e excêntricos. São, na maior parte das vezes, senhores pelo simples fato que a notoriedade, nessas artes, vem com o tempo, com a exposição necessária ao buquinar⁶². A internet, hoje, permite um maior anonimato do que antigamente, mas é difícil que não queiram conversar com outros entendidos, partilhar descobertas. Havendo a possibilidade de interação, ela é normalmente aproveitada, mesmo que brevemente. De resto, é difícil negar uma qualquer excentricidade a cada um deles...

Análise psico-etimológica⁶³

O bibliófilo é, pela etimologia, um amigo dos livros. Um entendimento preciso, profundo, dos termos mais relevantes é uma forma já clássica de abordar determinado assunto. Não é necessário, no entanto, nos atermos a detalhes técnicos na tentativa exata de se definir um livro, mas compreender e qualificar a amizade a livros tem sua importância. De início, poderíamos arguir que amizade exige reciprocidade, compreensão. É, portanto, curioso que ela possa ser atribuída ao contato com objetos inanimados.

⁶² Termo de origem francesa, refere-se à garimpagem de obras em sebos.

⁶³ Este trecho é em grande parte baseado no artigo “Bibliofilia e colecionismo: uma breve reflexão”, que escrevi para o segundo número da revista *Scriptorium*, editado em Fortaleza pela Associação Brasileira de Bibliófilos.

O pospositivo *-filia*, quando utilizado com objetos, está invariavelmente ligado ao colecionismo. Dos vocábulos que o incorporam, o primeiro foi a bibliofilia, utilizado na tradição moderna pela primeira vez, ao que parece, por Ricardo de Bury, no século XIV em seu *Philobiblion*. Foi necessária a passagem de cinco séculos até a criação de uma nova leva de termos ligados ao colecionismo, decerto pela disponibilidade de bens propiciada pela Revolução Industrial e pela ulterior expansão da sociedade de consumo. Fora os livros⁶⁴, a maior parte dos outros termos são relativos a objetos criados em torno dos avanços nos sistemas de comunicação. No século XIX, dois desses termos foram cunhados: a iconofilia e a filatelia. A iconofilia, ou colecionismo de imagens, era certamente uma prática tão antiga quanto a bibliofilia, mesmo que o termo não seja de uso rotineiro – fala-se em colecionadores de quadros, ou de gravuras. A filatelia, por outro lado, é um termo universalmente reconhecido. Ele é atribuído ao francês Georges Herpin, que o propôs em 1864 em oposição ao termo *timbromanie*, que lhe parecia depreciativo. Os cartões postais, cuja impressão e circulação tomou vulto no final do século XIX, são responsáveis por outro grande grupo de colecionadores, com a cartofilia. Mais recentemente, o colecionismo de cartões de telefone, i.e., a telecartofilia, despertou o interesse de milhares de pessoas no mundo todo.

Todas essas *filias* têm em comum o colecionismo. Não é difícil, aliás, que o bibliófilo tenha sua primeira experiência de colecionador em alguma outra dessas áreas, ou mesmo em outras coleções. O simples fato de existirem termos que as denominem e que esses termos sejam conhecidos de um público mais amplo já é altamente significativo. Poucos não terão lido em algum jornal, ouvido em alguma entrevista, as palavras bibliofilia, filatelia e correlatas. Avaliar o simbolismo que esses termos carregam é compreender, também, as reações dos próprios

⁶⁴ A numismática, cujo início é traçado ao Renascentismo, estabeleceu-se no estudo de moedas como ciência auxiliar da história. A maior diferença entre ela e outras formas de colecionismo que serão mencionadas está na ausência de *filia*, ou *mania*, na palavra que a denomina.

colecionadores em relação ao seu fazer. A excentricidade do colecionar em si faz com que muitos dos acometidos pelo colecionismo, seja por prudência ou por negação, não queiram ser por esses termos denominados. Não por nada o colecionador Herpin quis - e teve sucesso - substituir o termo que carregava o pesado *mania* pelo amável *filia*.

Tanto *filia*, quanto *mania*, estão ligadas ao ato de colecionar. A *mania*, conforme assinalado, é um termo pejorativo, atrelado a loucura, demência. Há, pelo menos, dois pares contrapostos de palavras formadas por esses pospositivos em língua portuguesa: bibliofilia/bibliomania e iconofilia/iconomania. O embate entre *mania* e *filia* é dos mais interessantes ao pensarmos em coleções. Se embate, dualidade, ou tensão, aliás, a razão entre esses dois termos não se deixa perceber facilmente. A verdade é que, a depender do viés adotado, as semelhanças podem ser muitas, ou nenhuma. Alguns poderiam afirmar que não se tratam de opostos, mas de gradações⁶⁵ da mesma escala – haveria uma linha tênue, de difícil demarcação, entre bibliofilia e bibliomania. Para outros elas serão essencialmente distintas, já que a bibliofilia pressupõe a amizade, que tem por fundo um sentimento positivo, construtivo, e a bibliomania baseia-se em algo negativo, descontrolado, que leva ao isolamento. Essa dificuldade de identificação das duas vertentes e distinção entre elas faz com que, muitas vezes, os dois termos sejam utilizados indistintamente – fato que ocorre, por exemplo, no dicionário Houaiss: da mesma maneira que afirma a bibliofilia estar relacionada a obras raras, preciosas, de valor cultural, oferece bibliomania como sinônimo.

O ímpeto de acumular está, por vezes, atrelado a outras coisas além de objetos: plantas e animais são, também, colecionados fervorosamente. O distúrbio que leva a acumulação compulsiva e desenfreada passou a ser estudado nos EUA há pelo menos dez anos, onde leva o nome de *hoarding* – ele não está, no entanto, necessariamente atrelado ao colecionismo. É importante notar que a ideia de *hoard* está

⁶⁵ Como se diz em inglês, *pun intended*.

historicamente ligada ao acúmulo de um tesouro, em local secreto, para usufruto posterior. Essa psicopatologia, para a qual existem diversos estudos e categorizações, pode ser, por exemplo, atrelada ao impulso de comprar coisas sem delas necessitar, a oneomania, ou a ideia fixa, a monomania. Este uso da palavra “coleccionar”, associando-a a um distúrbio que leva indivíduos a um acumular compulsivo é em parte responsável pela percepção geral de colecionadores como seres excêntricos. Existe, no entanto, uma importante distinção entre traços psicológicos e distúrbios, pois estes trazem sérios problemas à vida social do indivíduo. A depender da teoria, poder-se-ia identificar o transtorno obsessivo-compulsivo, ou mesmo o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva, entre os responsáveis por tais comportamentos. A verdade é que a manifestação de certas atitudes pode não depender da herança genética, pois está sujeita também à inserção social do indivíduo. Pode-se, portanto, ter determinada predisposição genética que não se manifeste, assim como manifestar determinadas características sem ter a predisposição genética.

Há, certamente, no componente compulsivo, um elemento genético/fisiológico. As pesquisas nesta área são ainda incipientes, mas já existem estudos mostrando que há, de fato, áreas no córtex pré-frontal e no córtex cingulado que poderiam ser responsáveis pelo impulso de coletar. Este impulso pode, também, ser encontrado em outros animais, além do ser humano. Nos EUA, esses acumuladores compulsivos são frequentemente intitulados *packrat*, referência a roedores norte-americanos assim designados por sua atitude de coletar objetos diversos para formar seus ninhos. Entre termos essa informação e podermos fazer generalizações, tendo ainda que levar em conta as experiências formadoras individuais, o caminho é longo. A importância da estrutura social não pode ser desprezada: há casos históricos curiosos, como a *tulpenmanie*, uma bolha especulativa de viés colecionista em torno de tulipas na Holanda dos anos 1630, com bulbos

alcançando valores fantásticos, assim como o status de quem os possuísse⁶⁶.

Em publicação de 2002, foi feita uma compilação dos estudos sobre *hoarding*⁶⁷ em sua relação com o transtorno de ansiedade obsessivo-compulsivo e transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva⁶⁸. Ele nos é de particular interesse por seu foco não ser a bibliomania. Essa compilação mostra como são diversas as opiniões sobre as características definidoras do acumulador compulsivo, pois há “estudos clínicos recentes indicando a ineficiência de tratamentos atuais [que] refletem limitações óbvias no nosso entendimento de *hoarding*⁶⁹”.

A partir desses estudos, no entanto, podemos marcar com mais segurança a diferença entre *fília* e *mania*. De fato, na *mania*, o acumulador junta de tal forma que

(...) a bagunça resultante do acúmulo tipicamente atinge um nível no qual os cômodos não podem ser mais utilizados para seus propósitos originais, ou onde segurança e higiene são comprometidos⁷⁰.

Uma das razões para esse acúmulo desenfreado é que

os acumuladores compulsivos avaliam o potencial e valor inerente de um item de forma exacerbada em relação a outros. Eles também tipicamente apreendem objetos associados a alguma oportunidade que

⁶⁶ O ministro Rubem Amaral me fez a seguinte sugestão de leitura para uma melhor compreensão do fenômeno: SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na Época de Ouro. Uma interpretação*. Companhia das Letras, 1992. 349-362pp.

⁶⁷ Especificamente no capítulo 15 - *Cognitions in Compulsive Hoarding* (KYRIOS, p. 269-289). Escolhi não citar as referências internas do texto pois, por ser um trabalho de revisão bibliográfica, há um excesso de referências.

⁶⁸ Para uma discussão aprofundada da diferença conceitual entre os dois termos ver ABREU e PRADA (2004).

⁶⁹ "(...) recent clinical research supporting the ineffectiveness of current treatments reflects obvious limitations in our understanding of hoarding." (KYRIOS, p. 270-1)

⁷⁰ "(...) clutter resulting from hoarding typically reaches a point where rooms cannot be used for their designated purpose, or where safety and hygiene are compromised." (KYRIOS, p. 269)

não pode ser perdida. Assim, posses são acumuladas pelo seu valor potencial⁷¹.

Essa questão de perceber oportunidades como únicas na obtenção de objetos, sem dúvida poder-se-ia reconhecer como inerente ao colecionismo. Mais uma questão identificada por psicólogos como própria de acumuladores compulsivos e que, muitas vezes, pode ser relacionada a colecionadores é a da dificuldade de "(...) descartar objetos com pouca ou nenhuma utilidade [que] é perpassada por desconforto, ansiedade, tristeza ou culpa⁷²." Outra observação que se coaduna ao que é comumente observado no colecionar é a de que "(...) é mais fácil acumuladores vender, reciclar ou doar objetos do que descartá-los como lixo⁷³." Está claro que a questão de utilidade é extremamente subjetiva e de difícil avaliação, no entanto, a biblioteca de um bibliófilo dificilmente seria qualificada como algo descartável.

Algumas características citadas, como a indecisão e a ênfase na importância de informação aparentemente supérflua em grandes quantidades, parecem estar restritas ao domínio da mania. Outra questão identificada que parece estar restrita à mania, já que vai de encontro à montagem de uma biblioteca, é que

Cada objeto acumulado é considerado de tal forma único que o acumulador considera que ele pertence a uma classe apenas sua. Portanto, mesmo objetos similares não são agrupados ou postos no mesmo lugar, levando a desorganização, amontoamento e caos⁷⁴.

Em extremos, acumuladores compulsivos podem enquadrar-se na

⁷¹ "Compulsive hoarders evaluate the potential and inherent worth of an item as greater than the worth others ascribe to it. They also typically perceive objects to be associated with some opportunity that must not be missed. Thus, possessions are accumulated for their potential value." (KYRIOS, p. 276)

⁷² "For hoarders, the decision to discard objects with limited or no utility is fraught with discomfort, anxiety, sadness or guilt." (KYRIOS, p. 269)

⁷³ "(...) it is often easier for hoarders to sell, recycle or give away possessions than to discard them as trash." (KYRIOS, p. 279)

⁷⁴ Each hoarded possession is considered to be so unique that a hoarder typically considers it to belong to a class by itself. Hence, even similar objects are not grouped or placed together, leading to disorganization, clutter and chaos." (KYRIOS, p. 277)

(...) síndrome de Diógenes (SD) [que pouco tem a ver com a história do filósofo grego e que] caracteriza-se por descuido extremo com a higiene pessoal, negligência com o asseio da própria moradia, isolamento social, suspeição e comportamento paranoico, sendo frequente a ocorrência de colecionismo. A incidência anual é de 5/10.000 entre aqueles acima de 60 anos, e pelo menos a metade é portadora de demência ou algum outro transtorno psiquiátrico. (...) condição grave, com elevada mortalidade por problemas clínicos(...)⁷⁵

O que nos interessa aqui, no entanto, é compreender a bibliofilia. Pensando em seus diversos aspectos, chegou-se à conclusão de que são três as qualidades que caracterizam um colecionador: a atração (compulsão) pela coisa, a busca por conhecimento (pesquisa) e o interesse especulativo (investimento). Todo colecionador se importa, em maior ou menor medida, com esses três aspectos. Quem se preocupa apenas com o aspecto monetário, é comerciante ou investidor. Quem se preocupa apenas com a pesquisa, com o conhecimento, é estudioso. Quem é tomado apenas pela compulsão, pelo impulso, pela busca desenfreada, é maníaco.

Os matizes de bibliófilos que podemos encontrar poderá ser explicado pela composição dos três elementos apresentados. Nos que a compulsão é fator prevalente, poderemos encontrar, entre outros sinais, a presença de duplicatas e de uma quantidade de obras cuja importância nem mesmo o colecionador saberá justificar. A mera presença de duplicatas, no entanto, certamente não basta para afirmar que nele prevalece a compulsão: poderemos encontrar duplicatas na biblioteca de um investidor, comprando livros para os quais acredita haverá um bom mercado, além de volumes raros que terá comprado a bom preço, mesmo que não sejam de seu foco específico de estudo. Bibliófilos que se concentram mais no estudo terão um maior foco em suas áreas de interesse, não comprando obras importantes de áreas alheias, mesmo que se apresentem como um “bom negócio”, algo que o bibliófilo investidor faria sem hesitar. Por fim, o bibliófilo que apresente os três

⁷⁵ Trecho do resumo do artigo de STUMPF e ROCHA.

fatores com a mesma intensidade poderá desenvolver um núcleo principal de estudo e, tendo também a compulsão presente de forma acentuada, formar uma biblioteca variada.

Colecionadores de livros não costumam se autodenominar bibliófilos, ou assim se apresentar. A razão para tal já foi em parte delineada: a bibliofilia não está apenas ligada aos dois termos que compõem a palavra, amizade e livros, mas também a excentricidade e destempero. Os motivos que fazem de alguém um bibliófilo são os mais diversos, podendo ser estudados tanto pela Psicologia quanto pela Sociologia. Antes de tais análises, no entanto, é importante notar que dificilmente nos tornamos bibliófilos, colecionadores, de forma voluntária, calculada: um dia nos descobrimos colecionadores. A fuga desta qualificação tem seu exemplo maior em José Mindlin, que afirma, em *Uma vida entre livros*, não ser colecionador e sim um leitor inveterado. Ora, um grande leitor não precisa ter tamanho apego aos livros. Há quem, após a leitura, doe, empreste, ou mesmo descarte seus tomos sem maiores problemas.

Outro aspecto do quadro obsessivo-compulsivo na bibliofilia é o fetichismo. O fetiche pode ser compreendido como a atribuição de características mágicas ao objeto, ou mesmo o desvio de energias sexuais para ele. Esta atração exercida pelo objeto, a carga simbólica a ele atribuída, é uma característica que vai se desenvolver e se aprofundar com a contínua exposição do bibliófilo ao livro. Esse fetiche se manifesta no extremado cuidado com o objeto, no prazer gerado pela posse, pelo manuseio. A atenção a características físicas, aspectos a princípio secundários, desimportantes, passa ser o ponto fulcral na adoração daquele exemplar: a textura do papel, a costura dos cadernos, o cheiro da cola, a impressão do tipo, as técnicas da gravura.

Podemos, sem dúvida, enumerar outros motivos e explicações para a bibliofilia: a busca pelo sentimento de pertencimento (com a proximidade de objetos historicamente significativos), pela permanência (com a perpetuação do nome no caso de se conservar a coleção para

posteridade) e outras questões que lidam com a carência humana, com o medo da morte. Essa procura é, de certa forma, alcançada, na medida em que a coleção se desenvolve, com a contínua exposição a novos conhecimentos, com a aproximação da Arte, aspectos que dotam simbolicamente o bibliófilo de poder e espiritualidade. Esta busca por pertencimento e permanência é, talvez, a principal razão para o mecenato, mesmo que o mecenas não tenha com os objetos maior familiaridade.

A obra rara

Qual a quintessência de uma obra rara: os elementos procurados, desejados, reconhecidos? Como podemos, afinal, saber se um livro é raro ou não é, qual o ponto de vista a ser avaliado: do bibliotecário, do restaurador, do livreiro, do bibliófilo – de qual bibliófilo? Quais os fatores determinantes na avaliação da raridade: o que interessa a quem busca apenas e tão somente acesso ao texto é distinto de quem tem fetiche pelo objeto. Não é tarefa simples decidir se uma obra em específico é ou não rara, menos ainda o é definir o que é “obra rara” de forma abstrata e generalista – o perigo de um trabalho superficial pode ser avaliado pelo exemplo da instrução normativa do IPHAN, já mencionada e criticada.

Um livro pode ser relativamente fácil de se encontrar, mas difícil de se achar bem conservado, em um estado próximo do original. Quando se trata de raridade, portanto, não está em questão apenas a edição da obra, pois uma série de outros fatores devem também ser levados em consideração: se o exemplar conserva elementos originais, como capa e lombada, o estado do papel. Um desses elementos a ser considerado é a presença ou falta da capa original da brochura, pois era prática frequente a sua eliminação ao se encadernar um livro. A capa muitas

vezes pode nos ensinar sobre as artes gráficas da época, ou conter informações sobre a obra que não se encontram em nenhuma outra parte do livro, como a data. Além disso, parte dos grandes artistas brasileiros foram capistas, como Santa Rosa, que ilustrou dezenas de livros, notadamente os da José Olympio. A sobrecapa, assim como a capa, é difícil de se encontrar, por sua fragilidade e pelo fato de muitos a jogarem fora. É prática comum, por exemplo, as sobrecapas serem descartadas por bibliotecários no processo de seleção/catalogação, com o argumento de que os usuários a destruiriam de qualquer forma, além do trabalho extra de etiquetar tanto ela quanto a lombada. A presença de caixas bem conservadas e erratas, frequentemente impressas em papéis avulsos, também valorizam o volume.

Alguns livros, de fato, são procurados mais pelos ilustradores do que pela obra em si. Entre os artistas que, no Brasil, atingiram tal reconhecimento estão Oswaldo Goeldi, Aldemir Martins, Cândido Portinari, Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro. Além dos livros que trazem ilustrações desses artistas, reproduzidas de forma regular (clichês, offset), há também os que trazem ilustrações reproduzidas por meios hoje considerados artísticos, como a gravura em metal (*O Alienista*, de Machado de Assis, ilustrado com quatro águas-fortes de Portinari, além das ilustrações no texto) e a xilogravura (as edições especiais com xilogravuras coloridas de Goeldi de *Cobra Norato*, de 1937, e de *Martim Cererê*, em 1945).

Ainda sobre a conservação dos exemplares, um colecionador muitas vezes comprará um volume num estado que não lhe agrada para mantê-lo temporariamente na coleção; melhor dizendo, indefinitivamente, até que apareça um outro exemplar que de fato lhe satisfaça. Uma mesma obra, de uma mesma edição, não é apenas procurada nessa “política do melhor exemplar”. Pequenas tiragens em papéis especiais, como fizera José Olympio, são também mais valorizadas que as regulares.

Além dos elementos materiais, o texto e o autor são, claramente, chave no processo de legitimação de uma obra como rara. A importância da primeira edição, ou da última edição revista pelo autor, está na fidedignidade do texto. Por não serem incomuns os erros que passam despercebidos em sucessivas tiragens, é preciso se reportar a tais edições-chave. Essas, entre outras questões, mostram que para se formar uma boa biblioteca, é necessário conhecer a literatura da área, saber quais os autores relevantes, quais as obras significativas (há excelentes autores que pouco escreveram, ou que nunca foram reeditados). A maior parte dos colecionadores tem um foco em sua coleção, cujo tema pode partir do texto ou do objeto: a história de um local e a obra de um autor ou determinado tipo de encadernação ou técnica de ilustração.

A questão da data é um indicativo importante, ainda mais para nortear bibliotecários na seleção de obras que muitas vezes não têm elementos para avaliar. No caso brasileiro, em específico, não costuma ser explícita a fundamentação para a escolha de uma ou outra data. Com as informações já apresentadas, poderíamos fazer uso de duas datas, com a seguinte classificação:

- raríssimos: livros impressos até 1861 no país, por conta da venda de quase 3 mil arrobas de impressos em leilão pela Typographia Nacional, ou seja, mais de 43 toneladas de livros. Podemos supor, com pequena margem de erro, que esses impressos foram todos destruídos;
- raros: livros impressos no país de 1861 até o final do século XIX. Como afirmou Rubens Borba de Moraes, há mais de quarenta anos, não é fácil encontrar livro brasileiro do século XIX sem furo de bicho.

Outro fascínio da obra rara está na história do objeto: por que mãos passou, que vestígios deixaram. Quanto às dedicatórias, frequentemente procuradas, pode-se traçar uma hierarquia: dedicatória do autor para uma figura de destaque político ou cultural; do autor

para uma pessoa próxima, como as dedicatórias de modernistas para D. Olivia Guedes Penteado, mecenas paulistana; dedicatória do autor para algum desconhecido; dedicatória de algum autor sem relevo para pessoa de destaque e, por fim, dedicatórias que interessem por alguma circunstância especial, sem envolver pessoas públicas. De resto, os bibliófilos, em geral, consideram outras dedicatórias prejudiciais ao volume, preferindo livros sem marcas.

um breve histórico

alguns bibliófilos

Barão de Studart

Eduardo Prado

Oliveira Lima

Alfredo de Carvalho

Mario de Andrade

Castro Maya

Rubens Borba de Moraes

Plinio Doyle

Carlos Lacerda

José Mindlin

Um breve histórico

Está claro que a bibliofilia, ou seja, o amor pelos livros (significando sua coleção, com a formação de uma biblioteca), só pode surgir em determinado contexto, onde a impressão de livros já tenha alcançado certo vulto, sendo necessária para isso uma significativa pujança cultural e material. É preciso, também, um mercado editorial desenvolvido para se falar em possibilidade de bibliofilia, pois o colecionador tem que ter o que colecionar⁷⁶. No Brasil, a imprensa só se desenvolveu em meados do século XIX, a partir de 1808 - nas primeiras décadas com a circulação ainda bastante restrita⁷⁷. Durante o período colonial a circulação de livros era mínima, assim como o número de letrados e de indivíduos com produção cultural significativa. Tanto é assim que, a partir de recenseamentos feitos em antigos arquivos, tendo por base testamentos e outros documentos, vemos que mesmo as maiores bibliotecas coloniais (sempre de uso, o contexto dificilmente permitiria algum tipo de coleção) apenas excepcionalmente chegavam a mil volumes⁷⁸. Apesar de expressiva, esta quantidade não mais impressiona – podemos supor que vários professores universitários com

⁷⁶ O mercado editorial brasileiro teve um crescimento exponencial e hoje, apesar de todas as dificuldades, encontra-se entre os mais ricos do mundo. Segundo uma pesquisa recente, em 2008, 340,2 milhões de exemplares foram produzidos, quantidade ligeiramente inferior ao ano anterior. Em primeira edição, foram mais de 19 mil títulos, re-editados foram mais de 31 mil. Estes números, no entanto, são ainda inferiores aos de 1997. De fato, o impressionante crescimento do mercado editorial entre 1995-1998 se arrefeceu na década seguinte, com diminuição significativa no número de títulos editados e exemplares impressos, só agora retornando aos patamares então alcançados.

⁷⁷ A Impressão Régia, a primeira no Brasil e a única no Rio de Janeiro até 1821, foi a principal fonte de impressos nativos nas primeiras décadas do século XIX, além de outras poucas tipografias nas províncias, que produziam mormente jornais.

⁷⁸ Ao comentar sobre o volume das bibliotecas mineiras no século XVIII, região das mais ricas no Brasil à época, Luiz Carlos Villalta afirma que “Em Mariana, oscilava-se entre 42 e 1.056 volumes – caso extremo da livraria do bispo dom frei Domingos da Encarnação Pontevel, muito distinto do ‘mais de 300’ válido para as cidades do Oeste francês – o ‘mais de 300’ denota o quanto era difícil o acúmulo de grandes coleções, até mesmo na França” (*Revista Acervo*, 1995: 22).

alguns anos de carreira, hoje em dia, terão acumulado este então raro milhar de livros.

A tarefa de levantar um histórico ou uma listagem mais ou menos completa de bibliófilos num dado período é relativamente complexa, pois, muitas vezes, os colecionadores nada produzem, deixando como vestígio quicá um *ex libris* ou uma nota em memórias de outrem. Com base em conversas com livreiros, bibliófilos e bibliotecários, além da leitura de catálogos, memórias e relatos, foram elencados os principais bibliófilos brasileiros.

Os mais antigos bibliófilos identificados⁷⁹ são D. Pedro II (1825-1891), Francisco Ramos Paz⁸⁰ (1838-1919), Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) e José Carlos Rodrigues (1844-1923). A primeira dessas coleções a ter por destino uma instituição pública foi a de Salvador de Mendonça [imagem na próxima página]: professor, jornalista, diplomata e escritor. Em sua carreira diplomática, foi designado Cônsul Privativo em Baltimore (1875), Cônsul Geral em Nova Iorque (1876), em 1889 seguiu para Washington e, em 1898, para Lisboa. O catálogo dos livros por ele doados à Biblioteca Nacional⁸¹, com 925 entradas, foi publicado em 1906. Escreve Manuel Cícero, então diretor da Biblioteca, na introdução do Catálogo:

Foi certamente das mais valiosas a contribuição que prestou á Bibliotheca Nacional o illustre homem de letras e distincto diplomata Sr. Dr. Salvador de Mendonça, offertando-lhe de 1884 a 1890 a rica e numerosa collecção a que foi dado o seu nome como uma devida homenagem. (MENDONÇA, 1906, p. III)

⁷⁹ A Biblioteca Nacional recebeu entre 1889 e 1890 uma preciosa coleção de livros de Antônio Marques. Não pude verificar se ele era brasileiro, pois os livros foram remetidos de Lisboa. Ademais, no histórico da biblioteca a coleção é de José, doada por João, sem maiores detalhes. O Barão Homem de Mello (1837-1918) é outro candidato a bibliófilo pioneiro, mas não pude verificar se de fato foi.

⁸⁰ A professora Tania Bessone escreveu um dos poucos trabalhos sobre bibliófilos no Brasil. De acordo com suas pesquisas, a biblioteca de Paz já era significativa desde a década de 1860.

⁸¹ Esses livros ficaram abandonados, dentro da própria Biblioteca Nacional, durante décadas, conforme relato de Rubens Borba de Moraes.



A mais rica biblioteca brasileira legada às instituições públicas nacionais foi sem dúvida a de D. Pedro II, que, por conta de seus recursos quase ilimitados, pôde reunir uma coleção fabulosa, distribuída entre a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional e o IHGB. A coleção foi doada em 1891 conquanto conservasse o nome da imperatriz: Thereza Christina Maria. Na Biblioteca Nacional, é composta de 48.236 volumes encadernados, inúmeras brochuras, folhetos avulsos, fascículos de várias revistas, partituras, mapas, manuscritos e fotografias. O amor de D. Pedro II pelos livros pode ser exemplificado por um relato por ele escrito, em seu diário, quando de sua ida ao Caraça:

Estive na biblioteca, onde achei bons livros e edições antigas... chamando a minha atenção a Crônica de Eusébio de 1483 – Veneza – impressor Arnoldt Augustensis (...) (ZICO, 1988, p. 81)

Francisco Ramos Paz, nascido em Portugal e vindo ainda rapaz ao Brasil, em 1850, compilou uma importante coleção, de mais de trinta mil itens, sempre colaborando com pesquisadores na busca de documentos importantes. Capistrano de Abreu, seu amigo em vida, foi um dos principais responsáveis para que a biblioteca de Paz não se dispersasse: uma primeira parte foi doada por Paz em vida, entre 1897 e 1899; uma segunda foi adquirida por Arnaldo Guinle e doada à Biblioteca Nacional em 1920 e uma última parte, uma coleção de autógrafos, foi adquirida em 1948. Borba de Moraes, sempre crítico, trata Paz como “juntador de livros”⁸². O único registro impresso de época encontrado sobre essa biblioteca foi o catálogo feito pelo próprio Capistrano.

José Carlos Rodrigues⁸³, ao contrário de Ramos Paz, com certeza passaria pelo crivo de Borba de Moraes, pois formou a mais seleta biblioteca de sua época. Rodrigues foi diretor e colaborador de vários jornais, entre eles do *Novo Mundo*, editado em Nova Iorque entre 1870 e 1879 e do *Jornal do Commercio*, que adquiriu em 1890 com outros 23 associados. Seu interesse pelos livros manifesta-se desde o início da publicação do *Novo Mundo*, com notícias sobre bibliotecas⁸⁴ e outras pontuais sobre Souza-Andrade, sobre a venda de um manuscrito de Victor Hugo e sobre o então novo processo de heliotipia. Não é improvável que ele tenha se encarregado da impressão das *Obras Poéticas* de Souza-Andrade em Nova Iorque, pois em 23 de março de 1872 José Carlos Rodrigues começou a veicular um anúncio oferecendo seus próprios serviços editoriais [página seguinte]. Entre os principais tópicos por ele tratados estavam ensino, escravidão, imigração, novas

⁸² Borba de Moraes, *O bibliófilo aprendiz*, 1975, p. 116.

⁸³ Em 1907, Rodrigues publicou um catálogo comentado parcial de sua coleção, denominado Bibliotheca Brasiliense. Segundo Borba de Moraes, este foi o primeiro livro composto em linotipo no Brasil (*O bibliófilo aprendiz*, 1975, p. 113)

⁸⁴ Notadamente no número de 24 de Outubro de 1871.

tecnologias e catolicismo. Sua biblioteca foi adquirida por Julio Benedito Ottoni, que a doou à Biblioteca Nacional em 1911, recebendo o nome de Coleção Benedito Ottoni.

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

O PROPRIETARIO DO "NOVO MUNDO"

INCUMBE-SE DE EXECUTAR QUALQUER GENERO DE

OBRA TYPOGRAPHICA,

COM

NITIDEZ, PRESTEZA e ELEGANCIA,

desde o mais simple Rotulo até a Obra Illustrada de mais luxo, em tintas de todas as cores.

Elle chama a attenção dos Auctores e Edictores do Brazil para a conveniencia e economia de imprimirem suas obras de

Chapas Estereotypadas, ou de Chapas Electrotypadas.

Por este systema podem evitar as tiragens excessivas, e as despesas da recomposição, quando se esgotar uma edição, que precisem reimprimir. Podem-se corrigir facilmente nas chapas erros que tenham escapado nellas.

O Proprietario do Novo Mundo encarega-se de preparar essas *chapas* e de remettel-as para o Brazil; e dará a este respeito todos os esclarecimentos e os orçamentos que lhe forem pedidos.

Elle se responsabilisa pelos seus Erros Typographicos.

N. B.—O NOVO MUNDO é impresso de pranchas electrotypadas. Para mais informações dirijam-se a

"O Novo Mundo,"

P. O. Box 6,001. 22 & 23, TIMES BUILDING, NEW YORK.

À parte esses bibliófilos pioneiros, um primeiro grupo de bibliófilos pode ser identificado na virada do século XIX para o XX, entre eles: Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) – diplomata e historiador; Joaquim Nabuco (1849-1910) – político e diplomata; Alfredo de Carvalho (1870-1916) – engenheiro, historiador, bibliógrafo e tradutor; Antônio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1937) - poeta, Barão de Studart (1856-1938) – médico e historiador; Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) – político, diplomata e pecuarista; Alfredo Toledo*⁸⁵ (1869-1917) –

⁸⁵ A informação de que os individuos que marquei com asterisco são bibliófilos foram tiradas da Biblioteca Digital de Literatura, da UFSC, tendo como fonte a enciclopédia de Galante de Sousa e Afrânio Coutinho.

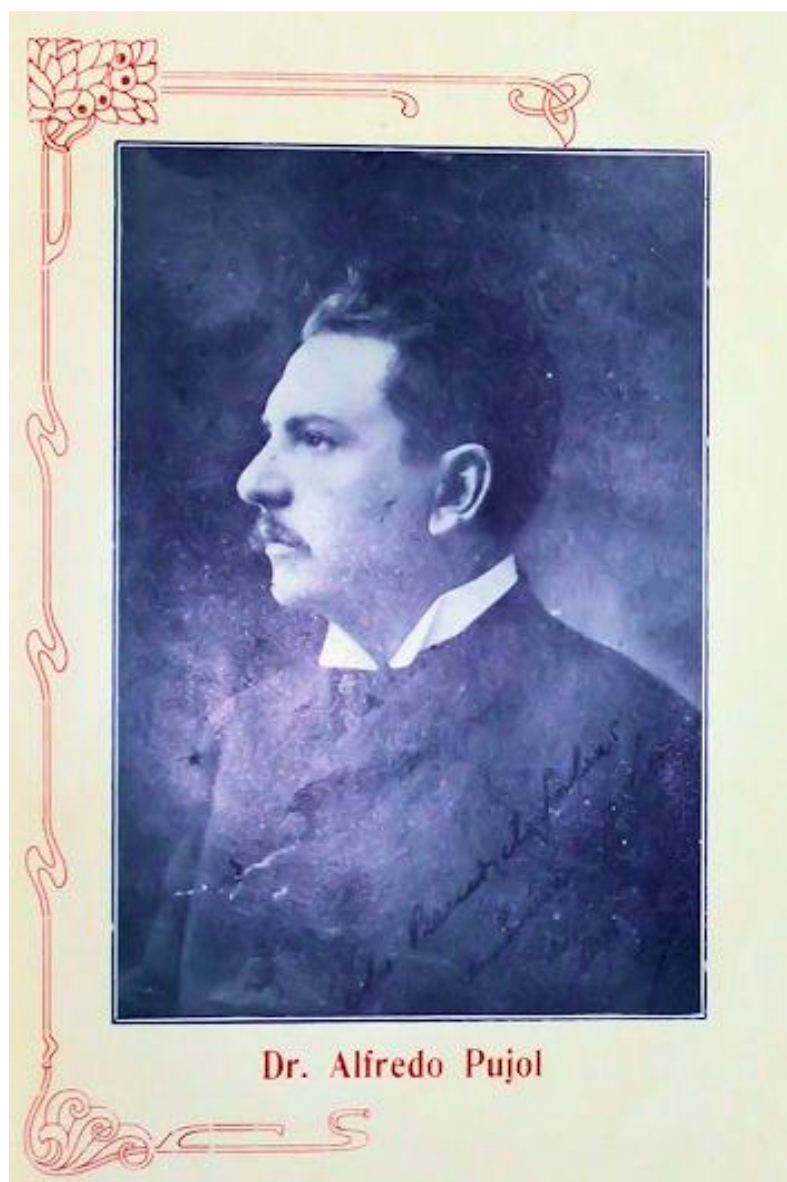
advogado e escritor; Eduardo Paulo da Silva Prado (1860-1901) – advogado e publicista; Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) – jurista; Raymundo de Castro Maya (1856-1935) – engenheiro; José Felix Alves Pacheco (1879-1935) – jornalista e político; Affonso Augusto Moreira Penna Junior (1879-1968) – advogado e político; Eurico Facó (1879-1941) – advogado e jornalista; Solidonio Attico Leite (1867-1930) – advogado; Luiz Edmundo de Melo Pereira da Costa (1878-1961) – escritor e pesquisador; Antônio Baptista Pereira (1880-1960) – genro de Rui Barbosa, importante intelectual paulista; Sebastião Paraná* (1864-1938) – professor e jornalista; Alfredo Gustavo Pujol (1865-1930) – advogado e político; Alberto Frederico de Moraes Lamago (1870-1951) – historiador e professor; José Carlos de Macedo Soares (1883 – 1968) – político e historiador; Homero Pires (1887-1962) – pesquisador e político; Estevam Araújo de Almeida (1863-1926) – advogado e professor.

Deste primeiro grupo, estão parcialmente ou totalmente preservadas as bibliotecas de Oliveira Lima (Universidade Católica em Washington-DC), Alberto de Oliveira (ABL), Rui Barbosa (Casa de Rui Barbosa), Affonso Penna Junior (Ministério da Justiça), Barão de Studart (Instituto do Ceará), Alberto Lamago (IEB – USP), Castro Maya (Museu Chácara do Céu), Felix Pacheco (Biblioteca Municipal – SP), Baptista Pereira (Biblioteca Municipal – SP) e Homero Pires (BCE – UnB).

A biblioteca de Alfredo de Carvalho foi vendida em Recife: existe um pequeno catálogo impresso pelo livreiro Nogueira. A biblioteca de Pujol, assim como a biblioteca de Estevam de Almeida – pai do poeta Guilherme de Almeida, foi comprada e vendida por José Olympio⁸⁶, o que lhe deu uma certa autonomia financeira, permitindo-lhe montar sua editora. Quem facilitou a compra da biblioteca de Alfredo Pujol por José Olympio, por meio de um empréstimo, foi José Carlos de Macedo Soares que, de acordo com Mindlin, assim o fez em troca da Ruiana que

⁸⁶ A biblioteca de José Olympio, importante não só para a história do editor e de sua editora, mas da produção intelectual no país, encontra-se na Biblioteca Nacional desde o início de 2008.

ela continha. A biblioteca de Lamego foi adquirida pelo governo de São Paulo para a USP em 1935.



A seguir, vão compiladas algumas histórias desses bibliófilos. Sobre o Barão de Studart, Eduardo Prado, Oliveira Lima e Alfredo de Carvalho serão apresentados breves retratos mais à frente, pela maior riqueza de detalhes encontrada. Entre as outras figuras, uma das mais curiosas é Homero Pires, que publicou uma interessante obra de bibliofilia, *Rui Barbosa e os livros*, re-editada diversas vezes. Fora esse trabalho, o principal testemunho sobre sua paixão pelos livros foi deixado por Agrippino Grieco, crítico mordaz:

Homero Pires começou jornalista político na sua Bahia natal e depois, mesmo dizendo não ter nenhuma simpatia por Junqueira Freire, consagrou-lhe um calhamaço de quase trezentas e cinquenta páginas, com a mesma frieza de quem, antes preso à quantidade que à qualidade, consagrasse uma espessa monografia ao plantio do arroz ou à criação do zebu. (GRIECO, p. 270)

Para que não haja dúvida de seu desprezo pelo baiano, continua:

Deputado, capitalista e comerciante, burguês sem paixões, Homero Pires era criatura livresca. Tratando de poesia, esse bacharel se me afigurava um guarda-livros na Arcádia. (GRIECO, p. 270)

Grieco revela que soubera que Homero Pires falara mal dele ao ler o *Diário Secreto* de Humberto de Campos, e não lhe dá crédito sem tirar o mérito:

Lembrarei agora que Homero Pires deixou uma boa coleção de clássicos lusos, e muitos arrecadados nas calçadas de Salvador, quando Sotero de Meneses, para satisfazer ambições do Seabra, bombardeou edifícios da capital da Bahia, atingindo a valiosa biblioteca de uma academia de lá.

Medíocre, mas encarniçado nas tarefas, o trabalho que mais lhe rendeu foram os comentários de pé de página a vários volumes do Rui. Instalou-se ele no porão do mestre como outros no porão de Varnhagen. (GRIECO, p. 272)

Mais à frente lembra-se de outra anedota envolvendo o baiano e não a deixa de registrar:

O biógrafo de Junqueira Freire andou pensando num "ex-libris", e eu recomendei-lhe isto: o Homero da "Ilíada", cego, pedindo esmola numa esquina de pires em punho. Aliás, nesse pires ninguém poria talento, moeda grega de valor muito alto..." (GRIECO, p. 329)

Mas não em toda memória Homero se afigurou vilão. Hermes Lima escreveu sobre ele:

Homero Pires, sertanejo como eu (...) foi acolhedor, bondoso, teve por mim uma simpatia espontânea (...). Ele tinha excelente cultura humanística e jurídica. Sua biblioteca, hoje na Universidade de Brasília, possuía os clássicos portugueses nas edições mais primorosas e a literatura brasileira, inclusive a literatura política, figurava como uma de suas riquezas. A ruiana era das mais completas. (...) Mais homem de estudo, que de ação, nada derramado como bom sertanejo, jornalista de fibra compativa, mesmo sendo figura de destaque na política de sua terra, sempre teve poucas relações de amizade, pois só tinha as que desejava. (LIMA, 1974, p. 20-21)

A Ruiana de Homero Pires foi descrita por Fernanda Leite Ribeiro, enquanto aluna da disciplina "Brasiliana", ministrada por Borba de Moraes na UnB, trabalho terminado em 1964. Por fim, é interessante notar que os livros de Homero e Grieco encontram-se lado a lado, a despeito de suas malquerências, na Biblioteca Central da UnB. Homero Pires foi também mestre de Aliomar Baleeiro e deve tê-lo influenciado em sua bibliofilia.

Outra biblioteca que se encontra em Brasília, dormente, é a de Affonso Penna Junior. Recebida em doação nos anos 1970, sua coleção não chegou nunca a ser catalogada, classificada e, portanto, nunca foi disponibilizada ao público. Com mais de quinze mil volumes, abrangendo aspectos históricos, políticos e bibliográficos de nossa história, incluindo tomos que foram de seu pai, o presidente Affonso Penna, é uma biblioteca preciosa. Mesmo não tendo cumprido ainda sua finalidade, que é estar à disposição e poder fundamentar a consolidação e geração de conhecimento, ao menos ela se encontra preservada.

Felix Pacheco⁸⁷, entre esses bibliófilos, foi o que mais escreveu sobre o tema - sua biblioteca, uma das mais importantes de sua época, encontra-se na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, em São Paulo. Por ter a gráfica do jornal sob seu controle, ele acabou por publicar dezenas de obras entre discursos, poesias e ensaios – todas em pequenas tiragens. Entre outros, Felix Pacheco escreveu um curioso trabalho, *O valor imenso da bibliotheca brasiliense do Dr. J. Carlos Rodrigues*, no qual trata quase que exclusivamente dos valores das obras adquiridas e vendidas por Rodrigues. Este trabalho, como muitas outras obras suas, teve tiragem diminuta (150 exemplares) e, portanto, circulação restrita. Pacheco, aliás, desposara D. Dora Rodrigues⁸⁸, filha de José Carlos Rodrigues. Seu trabalho mais vultoso foi *Duas charadas bibliográficas*, um alentado volume acompanhado de um apêndice com *fac-similes dos primeiros trabalhos impressos no Brasil*, que trata justamente desta temática.

Oliveira Lima era, como Salvador de Mendonça, diplomata, tendo com ele servido em Washington, a partir de 1896, quando ainda era Primeiro Secretário. Outro bibliófilo que estava em Washington era Assis Brasil, que por lá ficou entre 1898 e 1902 – com certeza travaram contato. Assis Brasil, em seu castelo de Pedras Altas, no interior do Rio Grande do Sul, construiria uma biblioteca de mais de oito mil exemplares⁸⁹, com certeza uma das grandes bibliotecas de seu tempo. O Castelo foi tombado em novembro de 2009 e carece de reformas urgentes. Por conta da correspondência passiva de Alfredo de Carvalho nos arquivos de Oliveira Lima, sabe-se que eram grandes companheiros na bibliofilia

⁸⁷ É curioso notar que nada se escreveu sobre a relação de Felix Pacheco com os livros no volume publicado em sua homenagem. José Carlos Rodrigues fora seu predecessor, empregador e incentivador no *Jornal do Commercio*. Felix Pacheco foi também o introdutor da datiloscopia no Brasil:

www.policiacivil.rj.gov.br/iifp/historico.html

⁸⁸ Suposição, pois ainda não encontrei referência explícita de que se trata da filha de Rodrigues. A única referência a ela encontrada está na compilação de depoimentos sobre Pacheco de 1952.

⁸⁹ A estimativa varia de 8 a 20 mil volumes, de acordo com a fonte. No sítio abaixo pode-se aprender um pouco da história do Castelo de Pedras Altas e ver algumas fotos da biblioteca: <http://assisbrasil.org/castelo.html>

e em projetos acadêmicos, e que, ademais, tinham contato com outros bibliófilos de sua geração, tanto brasileiros (Barão de Studart e José Carlos Rodrigues), quanto estrangeiros (John Casper Branner e George Earl Church).

Outro colecionador que teve a biblioteca preservada, Castro Maya, foi engenheiro da Estrada de Ferro D. Pedro II, atual Central do Brasil, e preceptor dos filhos e netos do imperador. Participou da *Société des Cents Bibliophiles* na França e fundou a *Société des Amis de l'Eau Forte*. Seu gosto pelas artes e pelos livros transmitiu-o ao filho, que não só preservou a coleção do pai como ampliou-a.

Ainda neste primeiro grupo, outro importante nome é José Carlos de Macedo Soares que, fora suas conquistas políticas e diplomáticas, montou também uma grande biblioteca. Pode-se encontrar, de 1931, na quarta capa do primeiro livro editado por José Olympio, *Conhece-te pela psicanálise*, a 1934, na orelha da primeira capa de *Banguê*, de José Lins do Rego, anúncios da biblioteca de Pujol e da biblioteca de Estevam de



Almeida [*ex libris* ao lado]. Na orelha de *Banguê*, lê-se: “Nossa livraria vende os livros das bibliotecas que pertenceram aos bibliófilos e jurisconsultos Alfredo Pujol e Estevam de Almeida⁹⁰”. Sobre a biblioteca de Pujol, escreveu Pinheiro Júnior:

Com esse profundo amor dos livros, um dia desses eu me vi na biblioteca do Dr. Pujol. Ninguém, que a não viu ainda, pode imaginar o meu deslumbramento. Já o arcabouço é admirável. Amplo, bem iluminado, bem arejado, o salão cobre-se de um *plafond* levemente arqueado em abóbada. De um lado e de outro correm galerias que vão

⁹⁰ Possivelmente o pai de Guilherme de Almeida. A grafia do nome varia a depender da fonte entre Estevam e Estevão.

juntar-se numa escada cômoda e graciosa. Aqui da parte da escada, e lá, do lado oposto, duas grandes vidraças, às vezes semiabertas, outras vezes cerradas(...)

Em cima há livros em quantidade, duas, quatro, cinco fileiras de livros em toda a extensão das galerias. Mas as maravilhas estão embaixo, no corpo da biblioteca, espalhadas pelas grandes estantes, pelas estantes giratórias, pelas vitrines, pela ampla mesa central. A um canto, a Brasileira da biblioteca, com cerca de 600 volumes preciosos (...)

Impossível citar, mesmo de corrida, todas as preciosidades dessa biblioteca de 8000 volumes. (PEREIRA, 2008, p. 357-358)

Ainda sobre a biblioteca de Pujol, Plínio Doyle dá o seguinte depoimento:

Quando já era seu advogado, contou-me ele [José Olympio], certa ocasião, que entre os livros pertencentes a Pujol havia uma coleção, em vários volumes, das obras completas de Anatole France, todos autografados, na folha de rosto, pelo grande escritor. Pujol, que viajava frequentemente para a Europa, comprara a coleção e a deixara no seu encadernador em Paris, (...) para posterior remessa a São Paulo. Na loja desse encadernador [provavelmente Rene Kieffer], passou certo dia o próprio Anatole France, e vendo todos os seus livros à espera de encadernação, indagou a quem pertenciam, obtendo a seguinte resposta: “São de um advogado brasileiro residente em São Paulo, Dr. Alfredo Pujol”. O escritor, naturalmente satisfeito de ver o interesse demonstrado por sua obra por um habitante de um país longínquo, autografou um por um os volumes. (DOYLE, 1999, p. 101)



Utilizada para ilustrar *Bibliothecosophia*, obra de 1916, terá sido esta a biblioteca de Pujol?

Em um segundo momento, temos Edgardo de Castro Rebello (1884-1970), professor de direito; Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) – empresário e mecenas; Mario de Andrade (1893-1945) – escritor e pesquisador; Gert Eduardo Secco Eichenberg (1911-1980) – médico; Plinio Doyle⁹¹ (1906-2000) – advogado e pesquisador; Yan (João Fernando) de Almeida Prado (1898-1987) – escritor; João Marinho⁹² – professor; Pedro Nava (1903-1984) – médico e memorialista; Arnaldo de Jesus Ferreira* (1904-1958) – empreendedor e pesquisador; Olyntho Sanmartin* (1896-1973) – escritor; Adir Guimarães (1900-1966) – coronel da Aeronáutica; Paulo Duarte (1899-1984) – jornalista e professor; Clado Ribeiro de Lessa (1906-1960) – historiador; Antonio

⁹¹ Foi advogado da editora José Olympio durante décadas, o que tornou mais fácil o contato com os escritores da época.

⁹² Segundo Gondin da Fonseca, em matéria de 26 de fevereiro de 1954, na Folha da Manhã, João Marinho contava então com mais de oitenta anos. Sua coleção, de 10 mil volumes, possuía Rugendas, Debret, Camões e uma bela camiliana.

Simões dos Reis (1899-1980) – bibliógrafo e editor⁹³; Antônio Bernardes de Oliveira (1901-1981) – professor da Escola Paulista de Medicina; Fernando Rodrigues da Silveira (1893-1970) – professor; Abraão de Carvalho (1891-1970) – funcionário da Companhia Industrial de Papel e Cartonagem; Olavo Dias da Silva (1892-1964) – genealogista; Hernani Pires de Campos Seabra⁹⁴; Carlos Lacerda (1914-1977) – político e editor, proprietário da Nova Fronteira; Rubens Borba de Moraes (1899-1986) – bibliotecário e bibliógrafo; Áureo de Almeida Camardo (1905-1976) – advogado e pesquisador; Oswaldino Ribeiro Marques (1916-2003) – professor e poeta; Renato Berbert de Castro (1924-1999) – advogado e pesquisador; Márcio Moreira Alves (1936-2009) – jornalista e político; Hélio Gravatá (1910-1994) – bibliógrafo e historiador; Luiz Viana Filho (1908-1990) – jornalista, político e historiador; Walter Geyerhahn (xxxx -1990) – livreiro; Mario de Almeida Lima (cujo filho é editor da LP&M); Olyntho de Moura (1914⁹⁵-1984), livreiro; Victorino Felix Sanson (1924-2005) – professor; Júlio Petersen (1918-2003) – jogador de futebol, árbitro e pesquisador; Paulo Berger (1922-2003) – médico e bibliógrafo; Celso Cunha (1917-1989) – filólogo; Fernando Rodrigues da Silveira (1893-1970) – professor; Paulo Fontainha Geyer (1921-2004), empresário; Monsenhor Joaquim Nabuco (1894-1968) – religioso; Nicolau Lunardelli – fazendeiro; Alvaro de Sales Oliveira⁹⁶ (1893-1945) – engenheiro e numismata; Haroldo de Campos (1929-2003) – poeta e tradutor; Agrippino Grieco (1888-1973) – crítico

⁹³ Dono da editora Organização Simões.

⁹⁴ Com Mário da Silva Brito e José Mindlin, publicou *Elegias de Duíno* ilustrado por Nonê, o primeiro empreendimento editorial de Mindlin. A paixão de Seabra eram os livros ilustrados franceses, tão em voga à época: “(...) guarda entesourados em suas estantes centenas e centenas de exemplares dos mais belos que a arte gráfica francesa tem até hoje realizado.” Maria de Lourdes Teixeira. Coluna Movimento literário. Matéria A arte do livro. *Folha da Manhã*. 21 de julho de 1954.

⁹⁵ Segundo matéria de 12 de agosto de 1969 da *Folha de São Paulo*, o livreiro tinha 55 anos. Foi também encontrada a nota de falecimento, em 1984, aos 70 anos. Ubiratan Machado equivocou-se, portanto, ao informar os dados (1917-1982) em seu Guia. Em 1969, além dos 15 mil livros em sua loja e 15 mil em casa, suponho que para venda, tinha uma biblioteca particular de 2500 tomos.

⁹⁶ A única referência encontrada é da nota de falecimento na *Folha da Manhã* a 21 de maio de 1945.

literário; Aliomar Baleeiro (1905-1978) – político e jurista; Erico João Siriuba Stickel (1920-2004); Antônio Fernando de Bulhões Carvalho (1925-2009) – advogado e contista; Antão de Sousa Moraes (1887-xxxx) – desembargador; Albert Lee; Roberto Pedroso (xxxx-2007) – médico ginecologista.

Deste segundo grupo, estão preservadas, total ou parcialmente, as bibliotecas de Castro Maya (Museu Chácara do Céu), Haroldo de Campos (Casa das Rosas)⁹⁷, Mario de Andrade (IEB – USP), Adir Guimarães (Museu Imperial), Plínio Doyle⁹⁸ (Casa de Rui Barbosa), Yan de Almeida Prado (IEB- USP), Júlio Petersen (PUCRS), Victorino Felix Sanson (Universidade de Caxias do Sul), Pedro Nava (BCE – UnB), Carlos Lacerda (BCE – UnB), Fernando Rodrigues da Silveira (Ministério da Justiça), Abraão de Carvalho (Biblioteca Nacional), Agrippino Grieco (BCE – UnB), Aliomar Baleeiro (BCE – UnB), Eduardo Eichenberg (Biblioteca Central – UFRGS), Luís Viana Filho⁹⁹ (Senado Federal), Márcio Moreira Alves (Câmara dos Deputados), Áureo de Almeida Camargo (Ana Maria Camargo), Albert Lee na de Paulo Geyer¹⁰⁰ (Museu Imperial) e Rubens Borba de Moraes na de Mindlin (USP). As coleções de Mario de Almeida Lima e de Oswaldino Marques foram dispersas em sebos de Porto Alegre e Brasília, respectivamente. Os livros de Olavo Dias da Silva foram abandonados e, posteriormente, encontrados em sebos, boa parte deles deteriorados. As coleções de Bulhões Carvalho e Roberto Pedroso¹⁰¹ foram leiloadas no Rio de Janeiro. A biblioteca de Monsenhor Joaquim Nabuco, filho do estadista homônimo, foi vendida pela Kosmos. A de Antão de Moraes foi desmembrada e vendida, em

⁹⁷ Por conta da biblioteca de Haroldo de Campos, transferida em 2004 para o espaço cultural, que havia sido inaugurado em 1991, a Casa das Rosas se tornou o Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura: <http://www.poesis.org.br/casadasrosas/>

⁹⁸ Doou também pelo menos 1 mil livros para a Unesp de Ribeirão Preto.

⁹⁹ Sua biblioteca, de quase 12 mil volumes, foi adquirida pelo Senado Federal em 1997. Homenagem da Biblioteca do Senado no centenário de seu nascimento: <http://www.senado.gov.br/senado/biblioteca/acervo/LVF100/default.shtm>

¹⁰⁰ Coleção doada em vida, em 1999.

¹⁰¹ A chamada do leilão era “o mais extravagante médico colecionador do Rio de Janeiro”. Segundo depoimentos da viúva, teria juntado mais de 500 mil itens ao longo da vida.

parte também pela Livraria Kosmos, em 1979. Sobre esta última, em depoimento de Modesto Carone:

Era uma coisa fantástica, os filhos não se interessaram à mínima pelos livros dele, mas ele, além de grande leitor, era um bibliófilo, então ele tinha edições maravilhosas, das *Flores do Mal*, por exemplo. Eu me lembro que o Mindlin um dia chegou lá e viu uma obra completa do Conan Doyle e comprou tudo. (...) Os filhos quiseram vender, foi vendida assim a prestações, em lotes. Eu comprei um Baudelaire lá, eu me lembro que era o que eu poderia comprar, mas era notável. Mas eu estou me referindo outra vez à biblioteca que eu conheci quando adolescente. (CARONE, 2007)

Das informações mais curiosas encontradas sobre essas bibliotecas foi um decreto de Costa e Silva desapropriando a biblioteca de Eichenberg (**ANEXO iv**), afirmando em seu segundo artigo que “Fica autorizada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul a promover, amigavelmente ou judicialmente, a desapropriação aludida, na forma da lei.” Não se conseguiu, no entanto, descobrir a razão de tal decreto, fora o fato de que era uma das grandes bibliotecas de sua época. Fato é que a coleção, de 60 mil volumes, foi processada apenas a partir de 1977¹⁰².

Da biblioteca de Simões dos Reis não há vestígio, mas dele escreveu Drummond, com quem trabalhou sob Gustavo Capanema:

Na vida de Antonio Simões dos Reis, o próprio Antonio Simões dos Reis nada significa. A única coisa que conta é o livro.

Que livro? Qualquer livro. Todos os livros. Para Simões dos Reis, o mundo foi impresso, antes de ser criado. (...) A existência das tipografias e das bibliotecas tornou possível a de Antonio Simões dos Reis e deu a esse homem a felicidade, que de outra forma lhe faltaria.

(...) Antonio Simões dos Reis possui os dois vícios maravilhosos: é bibliófilo e bibliógrafo. Se quem possui um vício intelectual é feliz, o que possui dois está acima da felicidade, do tempo e da vida terrestre. Simões dos Reis cultivava ainda um requinte: inscreveu-se naquela classe dos bibliófilos pobres, que são os mais finos bibliófilos. (...) cultivava ainda

¹⁰² Anais do 1º. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 1978, p. 43.

um segundo requinte. É também bibliófilo... generoso. Já viram tal adjetivo ligado a semelhante substantivo? Eu, nunca. Pois esta estranha fusão se operou em Antonio Simões dos Reis. (ANDRADE, 1942, p. II)

De bibliografias especificamente voltadas à bibliofilia, Plinio Doyle, Rubens Borba de Moraes e Renato Berbert de Castro fizeram importantes contribuições com publicações de bibliografias e catálogos. Foram publicados um livro intitulado *Castro Maya bibliófilo* e um belo catálogo com uma parte da coleção de Márcio Moreira Alves – que acabou por se tornar sócio do antiquário Sebo Fino - que foi vendida para a Biblioteca da Câmara, pelo valor líquido de 169.546,26 reais¹⁰³.

A maior parte das bibliotecas particulares sobre as quais temos notícias são do Rio de Janeiro ou São Paulo. Muitas vezes, as bibliotecas de intelectuais de outras regiões do país eram constituídas na capital, onde também era publicada boa parte de sua produção. Um desses casos é o de Edgardo de Castro Rebello, de tradicional família intelectual baiana, que teve a coleção vendida. Um dos capítulos de suas memórias, inéditas, foi publicado na *Revista do Livro*, no. 46, em 2002: “Caça aos livros”. Nele, de uma ida à Itália, escreve Rebello:

Muito mais do que a reunião do congresso, interessava-me, no entanto, descobrir ali alguns livros, em cuja caça andava, sem exagero, havia mais de um decênio (...) Dias depois, almoçando no Capriccio, o aprazível restaurante da via Lombardia, com alguns amigos e colegas, participantes do congresso, dei relevo à aquisição que fizera, salientando o valor do livro e enaltecendo-lhe a raridade. (VENANCIO, 2002, p. 322-324)

Sobre a biblioteca de Rebello, escreve Francisco de Assis Barbosa:

¹⁰³ Um amigo que trabalha na Câmara, Cristiano Lopes, me enviou as informações sobre a aquisição por e-mail, a 23 de novembro de 2009: “O processo de compra da coleção do Marcio Moreira Alves é o de número 115645, de 1999. Ele teve início em 17 de maio de 1999, no serviço de administração do CEDI. Após tramitar por diversos órgãos da casa, foi concluído em 17 de junho de 2004, quando foi enviado para a seção de aquisição.”

Dessa biblioteca ficaram, no entanto, os catálogos mandados publicar pelo saudoso livreiro Erich Eichner, que era, além de comerciante, um bibliófilo, e, sobretudo, o folheto *A Franciana*¹⁰⁴ da coleção *Castro Rebello*, primorosamente impresso em Paris, 300 exemplares em papel Laguma, 1970, por iniciativa de um ex-discípulo e amigo (dos melhores amigos), o embaixador Roberto Assumpção de Araújo. O levantamento da valiosa coleção – uma das mais completas francianas talvez existentes no mundo, pelo número de exemplares, primeiras edições e raridades, encadernados com bom gosto – foi feito pelo bibliotecário do Ministério das Relações Exteriores, Armando Ortega Fontes. (REBELLO, 1975, p. XXVII)

Ainda no Rio, Paulo Geyer comprou a brasileira de Alberto Lee em 1969, assim como seu casarão no Cosme Velho, incrementando a coleção ao longo dos anos. Ambos foram doados ao Museu Imperial, em raro gesto. Sua biblioteca tem pouco mais de dois mil títulos, a pinacoteca pouco mais de mil obras. Geyer organizou um arquivo da construção de sua coleção.

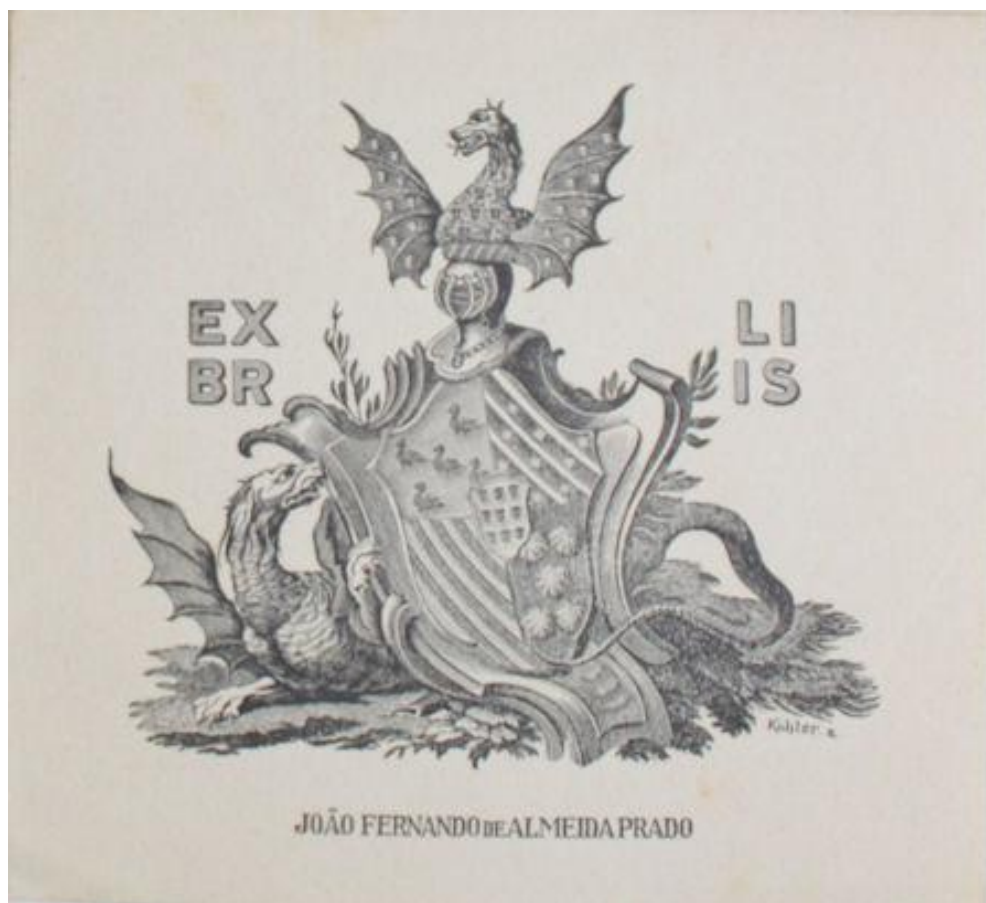
Em São Paulo, uma das primeiras referências encontradas sobre bibliofilia encontra-se na seção “Balcão”, da *Revista de Antropofagia*. Em “Livros Procurados”, podemos encontrar mais de uma vez Yan, com pedidos de “livros raros em geral sobre o Brasil”, entre outros, por obras em 1ª edição de Alvarenga Peixoto. Yan de Almeida Prado tentou por anos legar sua biblioteca à prefeitura de São Paulo: eram 20 mil livros no valor de 30 milhões de cruzeiros, em 1948. No entanto, a burocracia não havia sido, até então, vencida. A coleção acabou sendo vendida à USP em 1962, pela quantia simbólica de 60 mil cruzeiros novos. No sítio do Instituto de Estudos Brasileiros consta que a coleção de livros de Yan abrange 10 mil volumes e o arquivo pouco mais de 2 mil.

Sobre a colaboração de Yan na *Bibliographie Franco-bresilienne*

O autor exprime aqui seu amigável reconhecimento ao historiador paulista, M. João Fernando de Almeida Prado, que, não somente lhe abriu generosamente sua biblioteca, sem dúvida uma das mais

¹⁰⁴ Coleção relativa ao escritor francês Anatole France.

completas do mundo em matéria brasileira, mas esbanjou, não menos generosamente, os conselhos preciosos de sua imensa erudição.¹⁰⁵



Yan [*ex libris* acima] era uma figura interessante, promovendo almoços em sua “Pensão Humaitá”, desde 1931. Alguns desses encontros foram comentados na coluna social de Tavares de Miranda na *Folha de S. Paulo*, muitas décadas após o início dessas recepções. Sobre um desses almoços, escreve Gilberto Freyre, fazendo-nos lembrar os antigos salões literários:

Em que a arte da hospitalidade brasileira atinge aos melhores encantos. Vinhos dos mais finos. Quitutes dos mais saborosos. Convivas sempre interessantes. Mistura de gerações, de saberes, de profissões. (FREYRE, 1979, *Folha de S. Paulo*, Primeiro Caderno, p. 3)

¹⁰⁵ L'auteur exprime ici son amicale reconnaissance à l'historien pauliste, M. João Fernando de Almeida Prado, qui, non seulement lui a ouvert généreusement sa bibliothèque, sans doute une des plus complètes du monde pur tout ce qui touche le Brésil, mais lui a prodigué, non moins généreusement, les conseils précieux de son immense érudition. (RAEDERS, 1960, p. 8)

Em rasgo profético, o colunista, a 24 de junho de 1983, escreve:

Tenho a certeza de que, daqui a vinte, trinta anos, o pesquisador desta coluna, para alguma tese de concurso, vai ficar intrigado com essa Pensão Humaitá, de que falo regularmente todas semanas. (...) Octalles Marcodes quis publicar uma história dessa pensão, escrita a várias mãos. Chegaram a entregar os originais, recolhidos em vários anos de encomendas aos autores Monteiro Lobato, René Thiollier, Prestes Maia, João de Scantimburgo (...) Onde estariam esses originais? (...) Mistério. (MIRANDA, 1983, Ilustrada, p. 32)

O caso de Stickel, colecionador de arte e bibliófilo, está bem documentado em sua *Uma pequena biblioteca particular*. Seu pai, Arthur Stickel, recebera a biblioteca do tio-avô Johann Metz, quando de sua aposentadoria em 1926. Esta seria legada a Erico João quando este completaria seus 18 anos de idade. Mais tarde, doou seções que não lhe interessavam à USP e ao Instituto Hans Staden. As seções que cresceram, por seus interesses particulares, foram as de arte e de explorações geográficas. De fato, tinha um vínculo muito grande com a iconografia. Sobre o destino de seus livros, comenta Stickel:

Este problema [idade avançada], aliás, também levou a reflexões sobre o futuro desta biblioteca especializada, um futuro geralmente pouco favorável à conservação de bibliotecas particulares no Brasil. Incentivado pelos conselhos da esposa e de todos os filhos, a pequena biblioteca foi oferecida em doação ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo em 2001, doação aceita pelo Conselho Deliberativo em 2002 como “Biblioteca Martha e Erico Stickel”. (STICKEL, 2004, p. 17)

Rubens Borba de Moraes, Mario de Andrade e Yan de Almeida Prado eram colegas paulistas do modernismo e mantinham contato com Pedro Nava. Outro laço próximo era o de Paulo Berger com Paulo Geyer, pois aquele trabalhava como conselheiro de Geyer em suas aquisições, aproveitando as viagens e descobertas para enriquecer sua própria coleção. Julio Petersen, bibliófilo, e Mario de Almeida Lima, livreiro e bibliófilo, tiveram longa convivência em Porto Alegre. De fato, a relação

de bibliófilos com livreiros e, especialmente, livreiros-bibliófilos, é a mais constante e certa. Não sabemos, no entanto, qual a relação ou contato – se algum – os outros bibliófilos desta geração tinham entre si. É certo que Mario de Andrade correspondia-se com boa parte da intelectualidade de sua época e que os salões literários acabavam por reunir. Os livreiros que lidavam especificamente com obras raras e algumas livrarias acabavam por tornar-se ponto de encontro...

A bibliofilia foi, aos poucos, ganhando mais e mais adeptos. A maior parte desses bibliófilos só pode ser identificada por referências feitas em relatos, memórias e biografias, em catálogos de venda de bibliotecas e arquivos de cartas conservados em instituições de pesquisa (os bibliófilos mais antigos frequentemente se correspondiam). Mesmo que não se tenha elementos para identificar todos os principais bibliófilos ao longo dos séculos XIX e XX, muitos deles puderam ser identificados nesta pesquisa.

Alguns bibliófilos

A seguir serão apresentados breves perfis de quatro bibliófilos representantes da primeira geração e seis bibliófilos representantes da segunda geração.

Barão de Studart (1856-1938)

Caso se pergunte a um intelectual cearense se Guilherme Studart foi bibliófilo, é muito provável que a resposta seja negativa – digo isso com conhecimento de causa. Médico, historiador, bastião católico, cedo ficou responsável pelo cuidado dos irmãos, com a morte do pai. A trajetória dessa importante figura é celebrada até hoje, como se pode constatar pela recente publicação do tomo Arquivos do Barão de Studart.

A história é escrita por quem a conta, sua reconstrução servindo sempre a novos interesses: defende-se aqui, brevemente, que o Barão era sim bibliófilo – o mesmo parece ter sido feito com a última publicação em homenagem a Studart, que foi organizada pelo bibliófilo José Augusto Bezerra, atual presidente do Instituto Histórico do Ceará. Pode-se encontrar muitos elementos para defesa dessa tese no tomo especial da Revista do Instituto do Ceará publicado por ocasião do centenário do nascimento de Studart, em 1956:

Conseguiu o Barão de Studart além disto acumular um enorme acêrvo, tão grande quanto precioso, de documentos esclarecedores dos fastos nacionais, tão vultoso e tão notável que lhe fôra curta a vida para uma exploração exaustiva de filão por demais rico e portentoso. O muito que produziu, escavando o veeiro ao seu dispor, apenas bastou para arranhar o que de mais saliente e externamente aflorava. (SOBRINHO, 1956, p. 8)

Os depoimentos lançados em 1956 são tanto de intelectuais que admiravam Studart, mas não chegaram a conhecê-lo, como de outros que privaram de sua companhia. De qualquer forma, há muitos depoimentos e histórias relatadas que nos interessam, como a de Santana Néri, que estava pesquisando na Biblioteca Nacional de Lisboa em 1893

quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz modesto, que sobraçava enorme maço de papeis já cobertos de apontamentos. Durante vários dias ali encontrei o mesmo vizinho. Soube do amável e erudito bibliotecário que aquele estudioso, sempre o primeiro a chegar e sempre o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patricio nosso, um nortista, natural de Fortaleza, o Dr. Guilherme Studart, que estava coligindo materiais sobre a sua terra natal. (GIRÃO in SOBRINHO, 1956, p. 22/23)

A dedicação de Studart parece ter sido mesmo prodigiosa, pois, quando novo,

"(...)em certas ocasiões foi preciso que o Barão de Macaúbas procurasse contê-lo, mandando apagar as luzes para forçá-lo ao indispensável repouso, e que ainda assim, em sua paixão, que tocava aos limites da mania, recorria, por vezes à luz dos combustores." (BANDEIRA in SOBRINHO, 1956, p. 38)

Com o passar do tempo, o Barão foi construindo seu acervo. Conforme relato de Pedro Sampaio, que conhecera a residência de Studart,

(...) era a parte inferior do sobrado enriquecida com documentos, obtenções pessoais de fontes européias sobretudo. Estantes repletas. Biblioteca especializada. Visitei-a, conversei-a, sede ainda do vice-consulado da Grã-Bretanha. (SAMPAIO in SOBRINHO, 1956, p. 62)

Studart herdara de seu pai o posto de vice-cônsul. Ele era, ao que tudo indica, a pessoa mais preparada para o posto, em Fortaleza. Esse e outros cargos de prestígio ocupados pelo Barão decerto contribuíram para que ele pudesse compilar todos os documentos que compilou, as redes sociais são sempre relevantes. Mesmo com todo o destaque social do qual era investido, nem tudo são flores e Studart tinha o típico

ciúme de colecionadores em relação à sua biblioteca. Capistrano, contemporâneo e contemporâneo de Studart, com quem manteve longa colaboração, registra em carta a João Lúcio de Azevedo (9 de julho de 1920):

Conhecemo-nos desde [18]63, quando, cursávamos juntos as primeiras letras no Atheneu Cearense. Sempre nos demos bem, mas noto-lhe qualquer coisa que não vae com minha natureza. (CÂMARA in SOBRINHO, 1956 ,p. 190, nota 5).

O problema, de acordo com José Aurélio Câmara, era justamente que

Studart, possuidor de uma preciosa coleção de documentos do maior valor histórico e estimativo, guardava seus papeis com o zelo de enamorado, que era, da sua famosa coleção. Não os cedia, não os vendia, não os trocava, só dificilmente os emprestava. Capistrano ralava-se com aquela espécie de egoísmo que lhe repugnava. Em repetidas cartas pedia documentos que sabia existirem no arquivo de Studart. Era um esperar inútil: os papeis não vinham do Ceará, o ciumento Barão não os remetia." (CÂMARA in SOBRINHO, 1956, p. 188-189)

Studart conseguiu esses documentos em suas viagens à Europa, e também com colegas pesquisadores. Em fala de J. Paiva:

(...) e conseguira licença para mandar tirar cópias de inúmeros documentos históricos preciosíssimos, nos Arquivos Nacionais de Portugal, Holanda, etc., e a quem recorriam para obter o ouro dessas minas do nosso passado, o Barão do Rio Branco, Ramiz Galvão, Capistrano de Abreu e Oliveira Lima. (STUDART in SOBRINHO, 1956, p. 77)

Essa acumulação, esse zelo pelos materiais, mesmo que tivesse esse caráter negativo por vezes, seguia uma vontade certa de Studart: "praticando assim obedecia a um plano que me tracei de há muito - o de ir acumulando materiais para o futuro historiador do Ceará." (FACÓ

in SOBRINHO, 1956, p. 88). Infelizmente, nem todo zelo do afamado Barão foi suficiente para garantir a preservação do seu acervo¹⁰⁶.

O Barão de Studart não se contentou em editar os próprios livros, coisa comum à época, mas montou também sua própria tipografia. Ainda no século XIX, ele havia impresso sua “(...) Relação dos Manuscritos, Originais e Cópias sobre a História do Ceará, constitutivos, até ali, da sua referida Coleção, ao todo 1.333 papéis, sem se compreenderem os transcritos em Notas.” (GIRÃO in SOBRINHO, 1956, p. 28). Sobre o funcionamento de sua empresa, há alguma informação:

Para imprimir as monografias e as pequenas brochuras que a sua capacidade de observação e a paciência de que era dotado lhe permitiam elaborar, e as revistas da Academia e do Instituto, instalou o Barão de Studart a "tipografia Studart", à Rua Formosa, no. 46. A oficina recebia encomendas do público, servindo a contento à Camara Municipal e a outras repartições, mas não se afastava das suas obrigações primordiais. (AMORA in SOBRINHO, 1956, p. 219)



O Barão de Studart em sua biblioteca

¹⁰⁶ Ver “O descaso com os livros”.

Eduardo Prado (1860-1901)

"(...) tenho uma biblioteca, que é a minha última vaidade." (em carta para Joaquim Nabuco in: MOTTA FILHO, 1967, p.64)

Paulista da tradicional família Prado, Eduardo teve todas as benesses que esse nome comportava: excelente educação, riqueza, independência. Era, mesmo conservador, um *bon-vivant* e, por seus constantes excessos, pedia socorro à sempre presente mãe - ao contrário dos irmãos, não criou fortuna, apenas desfrutou da que lhe foi ofertada. Segundo Eça de Queiroz,

“A qualidade dominante d’Eduardo Prado, a sua *qualité maîtresse*, segundo o termo escolar da velha Psychologia Francesa, a qualidade motora da sua vida pensante, e mesmo da sua expressão social, é certamente a curiosidade.” (QUEIROZ, 1898, p. 693)

Entre as atividades que exercera, tornou-se conhecido por ser um publicista feroz, chegando mesmo a comprar para si um jornal, em 1895: o *Comércio de São Paulo*. Publicou livros de viagens, pois percorrera as Américas, Ásia e Oceania, e um opúsculo por conta da recente aproximação brasileira dos EUA, criticando este último: *A ilusão americana*. O livro foi recolhido e a maior parte da tiragem destruída, tornando-se, assim, em primeira edição, uma raridade bibliográfica. Por conta de sua obra, teve que fugir pelo interior do país e acabou se refugiando, por algum tempo, em sua morada parisiense. Antes disso havia compilado, sob pseudônimo de Frederico de S., a obra *Fastos da dictadura militar no Brasil*, com seis artigos editados pela *Revista de Portugal*.

Segundo Eça de Queiroz, de quem tornara-se grande amigo, Eduardo tinha como “(...)seu mais captivante dom – o seu espírito de sociabilidade. Eduardo Prado é uma alma superiormente sociável.”

(QUEIROZ, 1898, p. 699)¹⁰⁷. De fato, de acordo com seu biógrafo Candido Motta Filho,

Foi sempre cercado de amigos, mas também cercado de livros. Reunia, só no Brejão, 14 mil volumes catalogados, capazes de satisfazer a todos os gostos e às mais variadas tendências. Possuía livros em São Paulo e em Paris, para seu uso e uso de seus amigos. Assim, livros e homens faziam parte da mesma família. (MOTTA FILHO, 1967, p.99)

Conviveu e correspondeu-se com diversos bibliófilos, entre eles podemos citar Alberto de Oliveira, Alfredo de Carvalho, Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, com quem travava contato em Londres. Gostava da companhia de Nabuco, pois escreveu a Teodoro Sampaio, de sua fazenda no Brejão que "Queria tê-lo[Nabuco] aqui entre os livros e a paisagem." (MOTTA FILHO, 1967, p.69)

Foi amigo também de Rio Branco, Pedro Lessa e Capistrano. Com o Barão trabalhou junto na obra coordenada por Levasseur sobre o Brasil, editada em 1889, *Le Brésil*. Para se ter uma ideia de quão cativante era Eduardo, podemos considerar o trecho de carta escrita por Capistrano a Guilherme Studart, em 28 de dezembro de 1894:

(...)há dois exemplares da 1ª Edição de Antonil. A segunda, feita aqui em 1837, não é comum, mas encontra-se uma vez por outras; ainda há dois anos, comprei um exemplar para dar de presente a Eduardo Prado.

Capistrano tinha gênio e formação muito diferentes dos de Eduardo, o que não impediu aproximação entre os dois. Com Rui Barbosa, por este ter composto o primeiro grupo da República, o caminho foi diferente: Rui foi alvo de Eduardo em seu publicismo de combate. Após a Revolta da Armada, em 1893, com o subsequente exílio de Rui, eles se aproximaram, tendo Eduardo lhe oferecido guarida e apoio. Era um desses indivíduos que precisam de constante companhia: "Aguardo ansioso sua presença escrevia-lhe [a Teodoro Sampaio] Eduardo. Sem

¹⁰⁷ Infelizmente o texto de Eça é de tal forma encomiástico que não há muito nele que se aproveite. O "retrato" de Eduardo por Eça foi precedido de retrato de Eça por Eduardo, na mesma revista.

você, como ficarei para pôr em ordem meus estudos?" (MOTTA FILHO, 1967, p.75)

Eduardo "Gostava de percorrer, em Londres, em Paris ou em Lisboa, os alfarrabistas [como a Livraria Chadenat], os antiquários, os museus, os arquivos e as bibliotecas." (MOTTA FILHO, 1967, p.98). Montou, com isso, importante biblioteca. Ocorre que

Êsses livros foram dispersados depois de sua morte. Muitos exemplares foram parar em mãos de particulares. Alguns estão na Biblioteca Municipal de São Paulo. Numerosos exemplares foram para a biblioteca do Jôquei Clube de Buenos Aires, que se incendiou, e outros para o Itamarati. (MOTTA FILHO, 1967, p.99)

Eduardo faleceu de febre amarela. "Seu *ex libris*, um livro aberto, tendo de um lado suas iniciais e no outro a inscrição "In angulo cum libello¹⁰⁸", por fim não levava essa inscrição." (MOTTA FILHO, 1967, p.277). Abaixo a reprodução de seu *ex libris*:



¹⁰⁸ Literalmente "num canto, com um livrinho". [no original estava angelo]



Eduardo Prado na sua Biblioteca do Brejão



Eduardo Prado na sua Biblioteca em Paris

Oliveira Lima (1867-1928)

Oliveira Lima foi um dos mais obstinados bibliófilos brasileiros. Sua coleção, formada em finais do século XIX até sua morte, é hoje rivalizada apenas pela constituída por José Mindlin. A grande diferença entre as duas figuras é que Lima era também um grande pesquisador, historiador e periodista, com uma extensa rede de contatos, não só entre livreiros e colecionadores, mas também entre historiadores e pesquisadores de diversas áreas. Lima terá sido, ao lado de Mario de Andrade, um dos maiores missivistas entre os bibliófilos aqui estudados, pois seus arquivos contam com centenas de correspondentes.

A sua é uma biblioteca primordialmente histórica, servindo de base para suas pesquisas e publicações e de referência para os estudos de seus conhecidos. Lima montou também um importante acervo iconográfico, com pinturas, esculturas, medalhas e gravuras de e sobre o Brasil e a América Latina. Ele chamava sua biblioteca, de fato, de Ibero-Americana. Seu conhecimento sobre as coisas históricas era tamanho que até mesmo pintores pediam seu auxílio para que pudessem retratar eventos históricos fidedignamente.

Oliveira Lima teve sua formação em Portugal e, desde moço, já se interessava pelos livros:

As minhas maiores distrações em Lisboa, quando rapaz, eram os leilões de livros e o teatro. As pesquisas bibliófilas concentravam-se normalmente no alfarrabista Rodrigues, ao Pote das Almas, onde costumava reunir-se, por esse curioso sestro português e brasileiro de transformar as lojas em clubs, uma roda interessante (...) (LIMA, 1937, p. 34)

Suas tendências bibliófilas parecem ter sido identificadas e incentivadas desde cedo:

Meu tio e padrinho Quintino de Miranda, magistrado ímpoluto e homem de boas humanidades, que presidiu muitos annos o Instituto

Archeologico [de Pernambuco], mandou-me um dia um rico presente: uma colleção da Revista do Instituto Historico do Rio e varias obras de historia patria, entre elas as *Memorias pernambucanas* de Fernandes da Gama, a *Revolução de 1817* de Muniz Tavares, que eu havia de, muito depois, commentar largamente n'uma terceira edição commemorativa do centenario - e os *Martires pernambucanos*. O excellente homem, um desses espiritos repassados de suavidade e de longanimidade, juntou aos livros que conservo ha mais de 40 annos e ha pouco reli, cartas nas quaes, animava o que elle chamava o meu pendor philo-bibliographico e apontava para diplomatas de primeira ordem de nações secundarias afim de disfarçar a sua fraca apologia pela *carreira*. (LIMA, 1937, p. 13)

Independente do posicionamento do tio, Oliveira Lima entrou para o corpo diplomático brasileiro. Seu testemunho sobre os que o influenciaram é tão interessante quanto incomum entre os poucos relatos deixados por bibliófilos:

Não há ente mais credor de sympathia do que um velho culto, tolerante e sabendo ser velho, isto é, não se dando a desfructes nem se prestando a ridiculos, fallando naturalmente do passado com saudade e louvor porque... era o tempo em que elle era moço, com forças e com illusões, mas não tendo para com o tempo novo, quer amargor, quer mesmo desconfiança. O trato dos livros favorece singularmente este estado de espirito equanime e amavel, porque lhe empresta uma feição equanime e amavel, repousada e attrahente na sua concentração espiritual. No quadro de Meissonnier - Le Bibliophile, gravado por Eugene Gervais, de que tenho defronte de minha secretaria uma *epreuve avant la lettre*, o estudioso acha-se encostado n'uma das pequenas vidraças do seu solar, deitando para um parque que se adivinha sombreado e seductor. Elle não tem porem olhos para a paizagem: sua contemplação esta toda embebida no alfarrabio que segura e lê com um prazer quasi sensual.

Quando eu era rapaz, comprazia-me o intercurso com gente assim e considerava-o um deleite intellectual. Tambem era, por exemplo, das raras pessoas que recebia o meu velho patricio João Antonio Marques, o qual legou a sua valiosa bibliotheca a do Rio de Janeiro e vivia sosinho em Lisboa, n'um palacete da rua da Emenda, cheia de livros que era o

seu consolo contra as perseguições maçônicas de que soffria sua imaginação. Succedia as vezes nos encontrarmos na rua e eu o acompanhava, elle de repente estacava dizendo-me baixinho "Espere, espere, deixe passar. E um d'elles" - mações queria elle dizer. (LIMA, 1937,p.75-6)

Em Lisboa, travou contato ainda com Fidelino de Figueiredo e João Lucio d'Azevedo, seus "dous companheiros diarios na cidade, em 1923", intelectuais que muito admirava. Suas influências, portanto, não se restringiram à família e ao meio – Lisboa. Tanto Oliveira Lima apreciou a companhia de “velhos cultos” que tentou retribuir o favor auxiliando quem dele necessitasse. Talvez o que se tornaria mais conhecido, dentre os favorecidos por Lima, foi seu conterrâneo Gilberto Freyre.

Se no trabalho Oliveira Lima teve sucessivas desilusões, em casa foi feliz. De fato, desposou uma pernambucana de família tradicional, que tanto servia para reafirmar seus laços com o Brasil e, mais especificamente, com seu torrão natal, quanto para auxiliá-lo na constituição de sua coleção. A esposa de Lima, dona Flora, teve aliás papel fundamental em sua vida de pesquisador e colecionador, colaborando na escrita de cartas e na organização da biblioteca, além dos afazeres usuais. Não só Lima reconhecia e apreciava sua companheira, como era ela motivo de admiração entre seus convivas: “Ele teve a sorte a seu lado de diversas formas ao juntar sua coleção, pois a Senhora Oliveira Lima compartilhava de seu entusiasmo e o auxiliava continuamente”¹⁰⁹. Neste quesito, Lima teve a mesma sorte de Mindlin, coisa que não parece ser muito comum entre bibliófilos.

Logo no início de sua carreira diplomática, Lima serviu em Washington, sob Salvador de Mendonça, que

(...) recorda a porfiada caça aos livros raros sobre o Brasil, feita por elle e Oliveira Lima, em Washington, atraves dos catalogos vindos de New York, Londres e Lisboa e a disputa de lances nos leilões de grandes

¹⁰⁹ *He was fortunate in more ways than one in the amassing of his collection, for Senhora Oliveira Lima shared his enthusiasm in this and aided him continually therein.* (LIMA, 1937, p. 299)

coleccionadores, como o do marquez de Vallada, de alfarrabios e cimelios de interesse para o nosso paiz. (LIMA, 1937, p. 273)

Oliveira Lima fez algumas inimizades no Itamaraty por seu forte senso crítico, seu pensamento político divergindo do Barão do Rio Branco - guerra de egos da qual Lima saiu derrotado, ao menos no Itamaraty. Para se ter ideia de seu forte caráter, recusara, aos 23 anos, a editoria do *Jornal do Commercio*, com belo salário atrelado¹¹⁰. Suas relações com outro diplomata influente da época, Joaquim Nabuco, foram também conturbadas. Lima, tudo indica, foi responsável pelo distanciamento entre eles, episódio que entristeceu muito os dois amigos. A bibliofilia de Nabuco, ao que parece, é devida a Lima e foi enfraquecendo com o distanciamento entre os dois. Sobre Nabuco, Lima relata que

Redigiu bellas e extensas memorias n'um formoso estylo e com uma superabundancia de documentação historica, transportadas das suas recentes copiosas leituras. Eu tenho n'isso uma parte de culpa, posto que indirecta, pois foi na minha convivencia que Nabuco tomou o gosto, que depois lhe passou, quando o azar da carreira diplomatica nos separou, pelos livros velhos. Um tempo houve em Londres em que todas as tardes, apos encerrado o expediente da legação, nossa distracção era correr os antiquarios - Guaritch¹¹¹, Maggs, Edwards - e ate os pequenos *sebos*, Nabuco enthusiasmando-se com os seus achados (LIMA, 1937, p. 186)

São duas as obras essenciais para se compreender a bibliofilia de Oliveira Lima: as memórias, publicadas uma década após a sua morte, e o catálogo de sua biblioteca, publicado em 1927, mas que tinha a srta. Holmes, auxiliar de Lima na Universidade Católica, como autora. Uma rápida leitura dos comentários e notas faz ver que a atribuição do catálogo a ela foi apenas uma gentileza do velho bibliófilo, já que apenas ele poderia tê-lo escrito. Em comemoração do falecido bibliófilo, foi dito que

¹¹⁰ *At twenty-three he was offered the editorship of the Journal of Commerce of Rio de Janeiro, to which an astounding salary was attached.* (LIMA, 1937, p. 289)

¹¹¹ Erro tipográfico; adiante o conhecido livreiro vem referenciado corretamente: Quatrich.

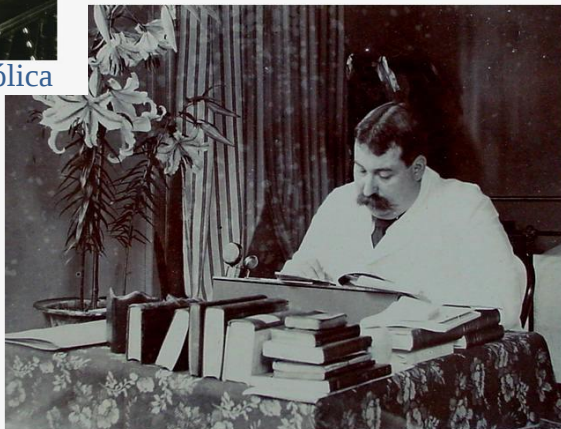
Durante toda a sua vida, o Dr. Oliveira Lima foi um ardente colecionador de objetos de arte, livros e manuscritos. Seu lar na Thirteenth Street era um verdadeiro museu pleno de tesouros inestimáveis. Sua coleção de pinturas por artistas brasileiros era insuperada e a partir dela poder-se-ia ir longe na escrita da história da arte brasileira.¹¹²

Oliveira Lima descansa hoje

(...) sepultado entre as arvores tranquilladas de Mount Olivet, com estas palavras simples, "aqui jaz um amigo dos livros", gravada sobre o tumulo - uma pedra que Arsenio Tavares mandou de Pernambuco - para se tornar tão vivo como o mais vivo dos escriptores actuaes do Brasil. (LIMA, 1937, p. IX)



Oliveira Lima e colegas da Universidade Católica de Washington em sua biblioteca (1904)



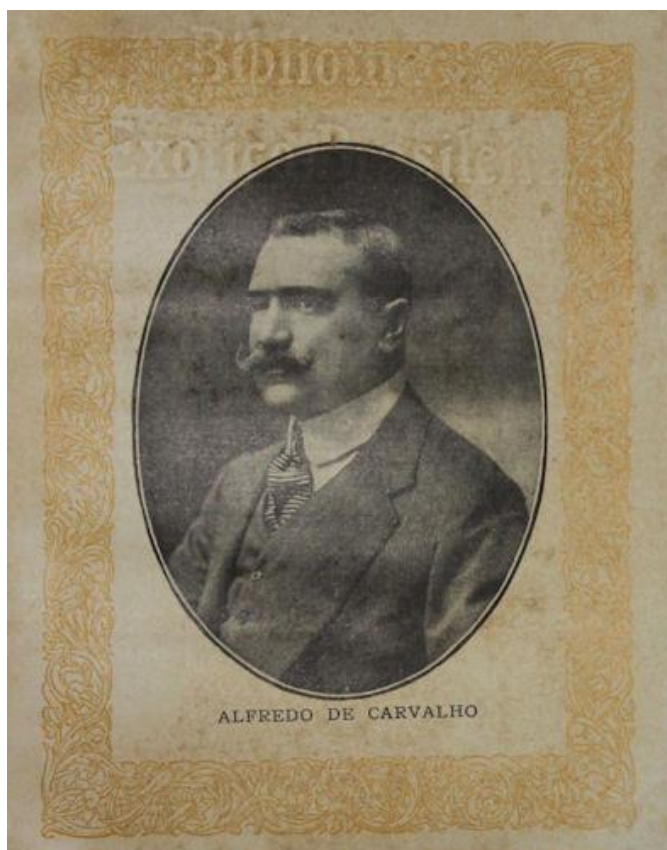
Oliveira Lima no Japão (1901)

¹¹² Evening session "in memoriam" at the International Association of Arts and Letters - During the whole span of his life, Dr. Oliveira Lima was an ardent collector of objects of art and of books and manuscripts. His home on Thirteenth Street was a veritable museum gilled with priceless treasures. His collection of paintings by Brazilian artists was unexcelled and from it once [sic] could go a long ways to the writing of a history of Brazilian art. (LIMA, 1937, p. 298)

Alfredo de Carvalho¹¹³ (1870-1916)

Alfredo de Carvalho, importante publicista e estudioso pernambucano, só não é mais conhecido hoje por sua morte prematura, em 1916, aos quarenta e cinco anos de idade. Ao longo de sua vida traduziu e escreveu dezenas de livros e artigos, a maioria deles nunca reeditada. São, em boa parte, verdadeiras raridades bibliográficas. Seus estudos históricos sobre a Imprensa, em especial a pernambucana, são exemplos de erudição e pesquisa. Correspondia-se com a elite intelectual de sua época, entre eles Barão de Studart, Joaquim Nabuco, Rodolpho Garcia, Euclides da Cunha, Sylvio Romero, Emilio Goeldi, Church¹¹⁴ e John Branner¹¹⁵, que conheceu em 1899, e com quem participou de expedições pelo sertão nordestino.

A educação de Alfredo de Carvalho foi não apenas privilegiada, mas insólita para a época. Tendo estudado na Alemanha e nos EUA, onde, respectivamente, iniciara e finalizara seu curso de engenharia, não ficou preso à



¹¹³ Este texto é um resumo do artigo por mim escrito sobre Alfredo de Carvalho, citado na bibliografia.

¹¹⁴ George Earl Church (1835-1910), engenheiro, explorador e estudioso estadunidense, constituiu uma preciosa coleção latino-americana que se encontra na Brown University.

¹¹⁵ John Casper Branner (1850-1922), importante geólogo estadunidense, chegou à presidência de Stanford em 1913, que compraria sua biblioteca pessoal em 1915.

francofilia que regia a cultura letrada de então. Além de inglês e alemão, dominava, também, o holandês pois, sendo pernambucano, a história do domínio holandês lhe intrigava, sendo um de seus focos de pesquisa.

Uma amostra de seu espírito erudito, investigativo, foi preservada por outro estudioso-bibliófilo: o diplomata Oliveira Lima, cuja biblioteca encontra-se na Catholic University of America, em Washington-DC. Oliveira Lima guardou sua correspondência com Alfredo de Carvalho, que pode ser hoje estudada nos arquivos de sua coleção – uma das mais preciosas já formadas sobre o Brasil. A correspondência entre os dois revela uma grande afinidade intelectual, pelos livros e pelos estudos. Ao longo dos anos, eles se presentearam com inúmeros livros, fizeram encomendas um ao outro, aconselharam-se em suas pesquisas e planejaram publicações conjuntas.

Seus estudos levaram-no também a redescobrir obras perdidas:

Faz-se preciso consignar ainda que se deve a esse inesquecível companheiro o conhecimento da Antologia de poetas Pernambucanos do século 18, impressa em Lisboa em 1753, cujo exemplar único foi encontrado a instancias delle na bibliotheca do Conde de Sabugosa pello malogrado Dr. Ferrer. (Barão de Studart, Mortos do Instituto, p. 349)

Aliada ao interesse acadêmico e à emoção da procura por manuscritos e livros raros, a experiência estética é fulcral para Alfredo de Carvalho: “O Frederik Muller mandou-me um bom exemplar do Tamaio de Vargas, está perfeito, apenas um pouco curto de margem *en tetê*.¹¹⁶” Nada escapa do olhar atento do colecionador: ilustrações, encadernação, papel, composição. Suas preocupações com alguns desses detalhes ficam ainda mais evidentes quando relata a Oliveira Lima as desventuras trilhadas na impressão de suas obras. Num de seus primeiros trabalhos de pesquisa, *Journaes pernambucanos de 1821-1898*, as gravuras foram seu maior empecilho:

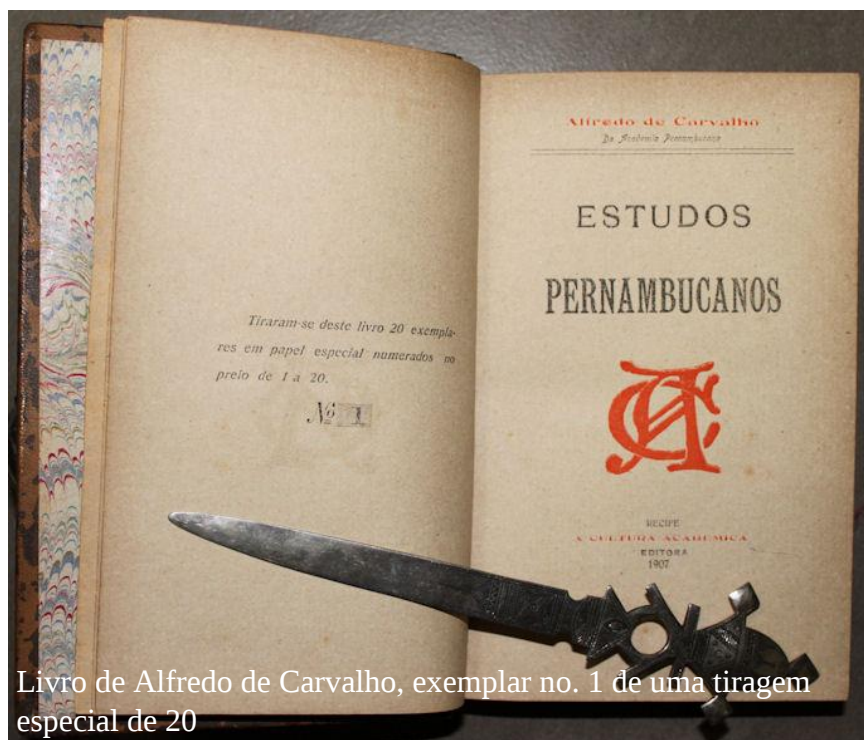
¹¹⁶ Recife, 4 de fevereiro de 1907, p. 3

A impressão deste meu malfadado livro prosegue com extraordinária morosidade, devido principalmente à infeliz idea que tive de armal-o de gravuras; agora mesmo acabo de experimentar uma grande decepção: os retratos em zincogravuras que, nas provas vindas de Paris, apresentavam soffrivel nitidez, ao serem aqui intercalados na composição deram o peor resultado possível, parecem verdadeiros borrões. Não desesperarei, porem, e já encommendei para Berlin, novos clichês em madeira, que espero receber até fins de Maio.¹¹⁷

Tratando de outro tomo, alguns anos depois, resolve a questão de forma doméstica:

(...) encarregarei da execução das gravuras a casa J. Schmidt, ahi do Rio de Janeiro, cujos trabalhos graphicos rivalisam com os melhores do estrangeiro, conforme se verifica da nitidez com que estão imprimindo a esplendida revista *Kósmos*, que decerto já viu.¹¹⁸

Como outros escritores-colecionadores, Alfredo de Carvalho gostava de publicar tiragens reduzidas e diferenciadas de suas obras, além da edição comercial. Essas tiragens, quase sempre, serviam de mimo a colecionadores amigos e conhecidos.



Livro de Alfredo de Carvalho, exemplar no. 1 de uma tiragem especial de 20

¹¹⁷ Recife, 14 de Abril de 1899, p.2-3

¹¹⁸ Recife, 4 de Março de 1904, p. 2

Sobre *Phrases e Palavras*, editado em 1906, temos todo o percurso da empreitada:

Não foi menos feliz o *Phrases e Palavras* que se tem vendido muito; de toda a parte me incitam para que prossiga com aquelles estudos. O livrinho não me saio muito barato. A edição de 500 exemplares, e mais 12 exemplares em papel do Japão, custou-me £34.00 na Ballantyne Press, Tavistock Street, 14, Londres. Aqui e no Rio tem sido considerado uma jóia typographica. Devo ao Cardoso de Oliveira ter saído quase expurgado de erros. O Church avalia de me propor para sócio do Royal Geographic Society.¹¹⁹

Não sabemos ao certo quando o interesse de Alfredo de Carvalho foi despertado para os livros. No entanto, do início de sua correspondência com Oliveira Lima, quando contava apenas com 28 anos, mostrava-se já a par da bibliografia relativa aos seus estudos da imprensa pernambucana, assim como das publicações de revistas dos institutos históricos – sabia de sua raridade, de sua importância. Ao longo dos anos, além do contato estreito com o livreiro Nogueira¹²⁰, e, possivelmente, com livreiros da capital, estabeleceu contato com diversos livreiros europeus, dos quais comprou boa parte dos itens relacionados ao período holandês em Pernambuco.

A estada na Europa após o falecimento de seu pai reforçou-lhe significativamente a biblioteca e o ânimo para seus estudos: “Não preciso dizer-lhe que levo um verdadeiro carregamento de livros, todos escolhidos¹²¹.” Comenta de quem comprou, o que comprou e quanto pagou.

A sina de Alfredo de Carvalho, falecido a 23 de junho de 1916, e de sua biblioteca estão tragicamente ligadas. Conforme notícia do *Diário de Pernambuco*, colhida por Eduardo Tavares,

¹¹⁹ Recife, 13 de Maio de 1906, p. 3

¹²⁰ Manoel Nogueira de Souza, livreiro e editor, responsável pela venda da biblioteca de Alfredo de Carvalho.

¹²¹ 19-XII-905 (R.M.S. “DANUBE.”), p. 4

O Dr. Alfredo de Carvalho aparentava gosar boa saúde. Era robusto e corado. A sua morte, além de pesar, causou surpresa a quantos d'ella tiveram conhecimento. Victimou-o uma infecção acompanhada de ataque cerebral.¹²²

Ao final de sua vida, Alfredo de Carvalho havia reunido uma das melhores bibliotecas de sua época:

O dr. Mario Melo lembra que Alfredo de Carvalho possuía a melhor bibliotheca histórica de Pernambuco, como se pode avaliar pelo catalogo publicado. Os seus livros estão sendo dispersos e correm risco de ser vendidos para fora do paiz¹²³.

As opiniões sobre sua biblioteca repetem-se; era escolhida, preciosa:

O Dr. Alfredo de Carvalho era apaixonado bibliophilo e a sua bibliotheca histórica era uma das melhores existentes no Brasil. Constituiria-a quando teve meios de fortuna. Ultimamente resolvera desfazer-se della, por difficuldades da vida, e publicou o seu catalogo completo¹²⁴.

Estas *difficuldades da vida* resumiam-se a uma coisa, que ele sempre buscara: a falta de apoio ao pesquisador e historiador, a falta de um emprego que lhe prouvesse dignamente e que se coadunasse com seus interesses, que fizeram com que sua coleção fosse entregue ao livreiro Nogueira para ser vendida - que desgosto não terá sofrido o amante dos livros! Alfredo de Carvalho, com seus sete filhos¹²⁵ e sua esposa, D. Maria Luiza Serqueira, fora constrangido pelas circunstâncias, escolhera a família.

Ele mesmo organizara-a para venda, mas não chegou a presenciar o seu esfacelamento: poucos dias antes do catálogo ser lançado, sucumbia – a coleção, dispersa. Decorridos mais de dez anos, escreve Eduardo

¹²² *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, vol 1, p. XXVIII

¹²³ Isto, de fato, aconteceu. Há não apenas todos os volumes comprados por Oliveira Lima, mas, isoladamente, o primeiro volume de Koster, por mim arrematado no sítio do ebay francês.

¹²⁴ *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, p. XXVII citando artigo do *Diario de Pernambuco* no dia seguinte de seu falecimento.

¹²⁵ *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, p. 20, nota 1. Eram oito, a segunda filha morrera em 1908.

Tavares, outrora dedicado curador da Biblioteca Pública de Pernambuco:

A promessa que Alfredo de Carvalho, em dado momento, me havia feito de legar á Bibliotheca Publica de Pernambuco a sua preciosissima collecção de livros preciosos sob todos os aspectos, quer pelos autores das obras que possuía e seu conteúdo, quer pela raridade de centenas de exemplares, quer pelas luxuosas encadernações dos volumes, executadas nas melhores officinas de Londres, Paris e Berlim, - elle não cumpriu; ou porque presenciasse o estado lastimavel em que ella continuava depois de minha sahida, ou pela sua situação financeira no ultimo anno de sua vida, o que o levou, em 1916, como que antevendo o seu próximo fim, a collocar-os na Livraria Economica, do seu amigo Manoel Nogueira de Souza, para serem vendidos¹²⁶.

Eduardo Tavares segue argumentando que o prefácio, apesar de assinado pelo livreiro, só poderia ser de Alfredo de Carvalho:

Assim, é claro que foi o próprio Alfredo de Carvalho que tratou de vender a sua magnífica bibliotheca, pouco antes de fallecer. E por que preços! Há livros, nesse Catalogo, que valiam contos de réis, pela sua raridade bibliographica, marcados com um preço ridículo¹²⁷.

O catálogo, pequeno, impresso em papel de péssima qualidade, com o valor de 3\$000 na lombada, é hoje de difícil acesso e, fora a pequena introdução, tem somente uma lista simplificada dos livros com os respectivos preços e eventuais informações sobre a encadernação e uma ou outra observação sucinta. Foram listados 2518 títulos, vários deles em múltiplos volumes. Sua única valia hoje, portanto, é podermos vislumbrar a biblioteca formada pelo bibliófilo.

¹²⁶ *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, p. XVIII

¹²⁷ *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, p. XXI

Mario de Andrade (1893-1945)

Assim como Oliveira Lima, Mario de Andrade foi um grande missivista. Sua rede social era extensa e sua influência deu-se de forma marcante. Ao contrário de Oliveira Lima, no entanto, Mario de Andrade viveu sempre no Brasil, em São Paulo e, por algum tempo, no Rio de Janeiro, tendo significativo contato pessoal com seus correspondentes na capital. Os interesses intelectuais de Mario eram diversos: a literatura, a música e a arte: Mario foi um comentador influente. Utilizou-se desses três elementos em suas pesquisas etnográficas pelo país. Se os assuntos de interesse entre esses dois grandes bibliófilos não coincidem, a utilização das redes de contatos para enriquecimento de suas bibliotecas é explícita em ambos.

Por ser Mario de Andrade um dos pais do Modernismo, por ser paulista e por se terem preservado suas coleções e arquivos no Brasil, na USP, os estudos e as publicações sobre seus mais diversos aspectos são extensos. A publicação de mais de vinte livros de cartas¹²⁸ de e para Mario facilitam compreender, entre outras coisas, sua bibliofilia.

Mario de Andrade tinha uma certa dificuldade – ou demasiada facilidade – em lidar com dinheiro. Rubens Borba de Moraes que, aliás, era aparentado de Mario, relata:

Aqui cabe um esclarecimento sobre as finanças de Mario. Era um mão aberta. Ganhava bem, mas gastava tudo em livros, em quadros, em objetos de arte e folclore. (MORAES/ANDRADE, 1979, p. 15)

O próprio Mario admitia essa sua relação peculiar com as finanças, por conta das coleções:

Ja ganhava pra viver folgado, mas na furia de saber as coisas que me tomara, o ganho fugia em livros e eu me estrepava em cambalaxos financeiros terríveis. Em familia, o clima era torvo. Si Mãe e irmãos não

¹²⁸ Os poucos livros resenhados já oferecem um interessante panorama de seu furor bibliofílico.

se amolavam com as minhas "loucuras", o resto da família me retalhava sem piedade." (ANDRADE, 1942, p.19)

Andava as vezes a-pe por não ter duzentos reis pra bonde, no mesmo dia em que gastara seicentos mil reis em livro... E seicentos mil reis era dinheiro então. (ANDRADE, 1942, p.20)

O preciosismo na bibliofilia de Mario lhe custava dobrado, pois, para a conservação de um volume que prezava intacto, necessitava de outro¹²⁹:

Ainda não li o seu *Machado de Assis* a não ser nas paginas todas que ja estão abertas pelo proprio processo de dobrar o papel. Não foi por falta de tempo não, descobriria tempo. Mas é que sou bibliófilo e não corto os exemplares com dedicatória, compro outros para poder cortar e riscar a vontade. Ora o seu livro ainda não chegou aqui nas livrarias, de maneira que tive de me contentar ate agora com essa leitura aos pedaços. (ANDRADE, 1968, p. 105)

Para cuidar de sua biblioteca, que abria a amigos e estudiosos, Mario contava com ajuda:

Mario de Andrade não emprestava livros. Franqueava a sua biblioteca a quem quisesse consulta-la, mas o interessado tinha de le-los em sua casa.

Se se tirava uma obra da estante, não permitia a sua reposição. Devia ficar em cima de determinado movel:

- Amanha, o Ze Bento põe no lugar certo.
- Mas, Mario, vamos considerar o caso: o livro estava aqui, neste espaço agora vago - e aqui o estou colocando outra vez. Para que deixa-lo ai esparramado em cima da mesa?
- E que, um vez alguém tirou um livro, pensou que o repusera acertadamente, e eu levei mais de um ano para localiza-lo, o raio da obra me fazia uma falta danada na hora, eu precisava dela para um

¹²⁹ Rubens Borba de Moraes dá destaque a essa mesma faceta, ao comentar que Mario era um bibliófilo requintado: ao receber um livro de autor conhecido, comprava outro exemplar para poder fazer suas anotações, o exemplar dedicado permanecendo intacto nas prateleiras (*O bibliófilo aprendiz*, p. 86).

trabalho que estava fazendo. Tive que ir consulta-la na Biblioteca da cidade (...)"

Por isso, faça o favor de deixar livro aí na mesa, senão o Ze Bento fica zangado. (BRITO, 1970, p. 164)

A questão estética era também essencial para Mario de Andrade.

Ele tinha muito gosto por edições bonitas, era um bibliófilo entendido, mas as lições de piano não davam para o luxo de imprimir os próprios livros em papel caro. (MORAES/ANDRADE, 1979, p. 16)

Mesmo assim, preocupava-se com toda obra que fosse ter algum tratamento especial:

Cheguei ontem da fazenda e encontrei suas duas cartas.

Era natural que eu, colecionador sensual de livros de luxo, protestasse. Você me mandou talões de assinatura (perdi, mande outros) e não mandou a tal carta que só agora você me conta que acompanha eles e descreve a edição. Não se esqueça de fixar o número *completo* dos exemplares da edição, de preferência numeração árabe pra série dos subscritores, numeração romana pros volumes dos autores e editores, e possível numeração alfabética pra exemplares de publicidade. Carece também indicar lealmente se tirarão outra edição “popular”, pois isto desvaloriza o livro. O clichê é indicar que as pranchas das gravuras são destruídas após a edição. Destruídas ou riscadas. (ANDRADE, 1981, p. 165)

Mario utilizou-se extensivamente de sua rede social para enriquecer sua coleção. Fez pedidos a diversos amigos e admiradores. A cobrança pela ajuda, pela orientação, era muitas vezes feita em livros. Fez, por exemplo, pedidos a Drummond:

Tenho os livros do Diogo de Vasconcelos. O que é possível aparecer por aí por acaso são as primeira edições de *Dirceu* e do *Uruguai*. Se aparecerem pergunte o preço e peça uma esperinha pro homem que as tiver e me mande contar expresso que é quase certo que comprarei. Tenho desejo danado de possuir esses livros na edição original. (ANDRADE, 1982, p. 55)

Muitas vezes, também, recompensava seus amigos com obras importantes, fazendo toda questão de explicitar a importância do que estava sendo presenteado. Mario, em referência a uma série completa da revista Klaxon que envia a Drummond, diz:

Ai vai presente. Custou mas saiu, hem! Guarde isso como preciosidade. Estão alguns numeros esgotados já e por isso quando chegar o tempo de bibliófilos neste país, e se o nosso movimento pegar como alias ja pegou, isso fica com valor de joia. (ANDRADE, 1982, p. 64)

Ele tinha toda razão, hoje uma coleção completa da revista Klaxon tem de fato valor de joia. Drummond apreciava também belas tiragens, tinha esse gosto bibliofílico, e era muito cuidadoso e organizado com seu arquivo. Aliás, Drummond deixou sua correspondência para a Casa de Rui Barbosa por conta de um bibliófilo, o Plínio Doyle. Outro rapaz que se correspondeu com Mario, com vantagens diversas para ambos, foi o jovem editor Murilo Miranda:

Aliás você diz numa das cartas que vinha também o livro do Nunes Pereira, mas não veio. Ah, seu Murilóide, será que você me perdeu o bibliofílico exemplar!... Bom, mande logo contar si está aí pra meu sossego. Como estou grato pelas *Acadêmicas* que me faziam muita falta na biblioteca, deixe eu arranjar bem as coisas (está tudo de pernas pro ar com casa se pintando e o que trouxe do Rio empilhado em lugares inóspitos) e depois verei o que tenho de duplicatas preciosas e lhe farei qualquer presente gostoso. (ANDRADE, 1981, p. 65-66)

Quando aqui chegarem esses números lhe mandarei de presente uma coleção completinha da *Terra Roxa e outras Terras* e outra da *Revista de Antropofagia*. São raridades bibliográficas que hoje valem dinheiro. Si acaso você já tiver essas coleções, me avise, pois é mesmo com sacrificio (aliás justíssimo, em paga das *Acadêmicas*) que me desfaço dessas duplicatas. Me esforçarei pra lhe mandar outro presente valioso.” [carta de 1941] (ANDRADE, 1981, p. 70)

A relação entre os dois se desenvolveu de tal forma que Mario de Andrade permitia revelar-se num desespero quase cômico em busca de certos exemplares:

Primeiro tenha paciência com o sr. meu secretário, este mui ilustre Zebetinho cabeça de água. Estive hoje arrumando as *Acadêmicas* e vi que o tal fez uma confusão danada, pediu números que eu já tinha e se esqueceu de dois números. *Só me faltam agora os números 4 (quatro) e 5 (cinco)*. Mas... você não sabe o que é esta doença doentia da gente ser bibliófilo, Murilinho: *me mande se possível o no. 24 também, por favor!* Sei bem que o 25 é reedição, aumentada do 24, mas... falta o no. 24, Murilo! Não posso passar sem o no. 24, morro de desejos do 24!!! E enfim *mande mais um no. 53, o do Schmidt*, que como vou aproveitar o meu artigo pro livro de crítica, tirei ele da revista pra não copiar de novo e ela ficar estragada. Pronto, esse é o pedido apaixonado. Depois irá outro...

A família nuclear de Mario permaneceu sempre a seu lado, sempre na mesma rua, tudo quase sem mudanças:

Casa de residencia de Mario de Andrade, em companhia da mãe viuva, da tia Dona Nhanha, e da irma Lurdes, ainda solteira, na Rua Lopes Chaves, 108, depois 546, esquina da Rua Margarida, no bairro da Barra Funda. Adquirida em 1921, juntamente com as duas outras a ela geminadas, o conjunto constituia toda a fortuna da família; a segunda seria ocupada pelo irmão mais velho de Mario de Andrade, Carlos e sua mulher, e a terceira destinava-se a renda. (Franciso de Assis Barbosa, *Retratos de Família*, 150).

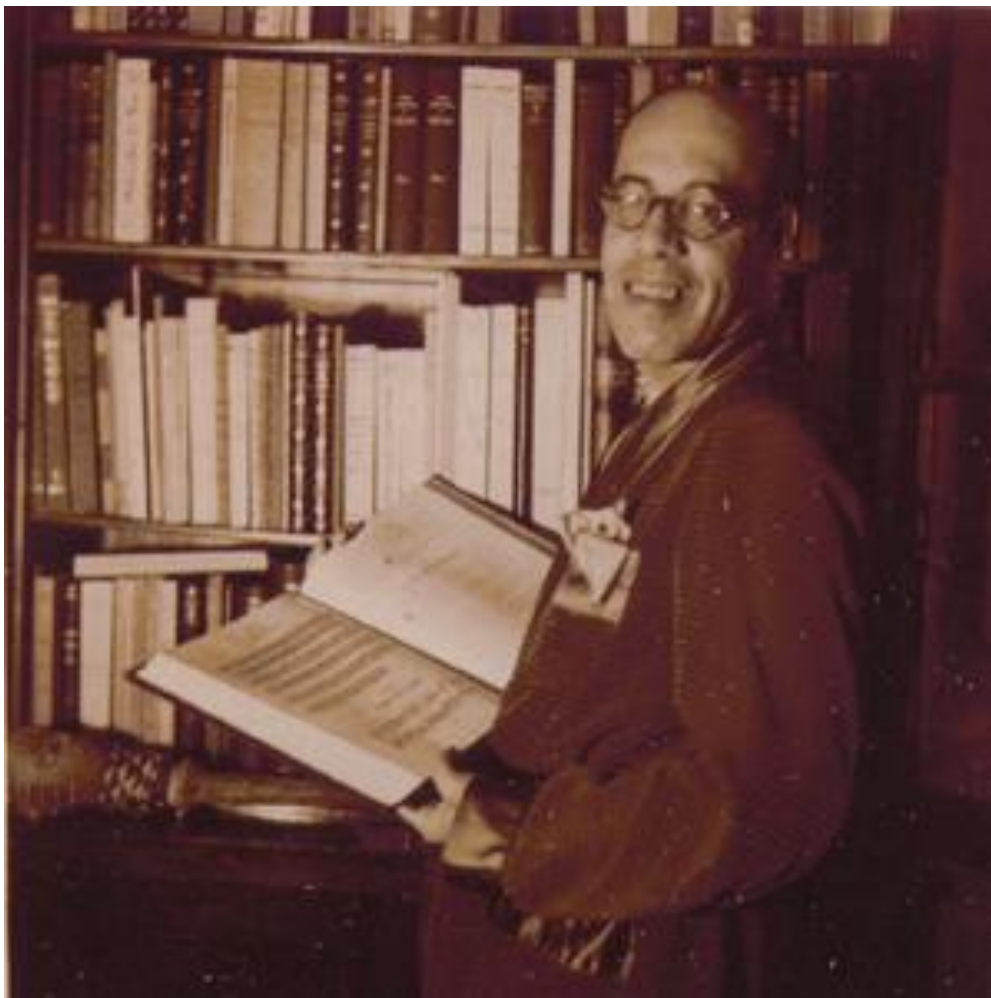
Nessa casa, uma habitação constituída de seis quartos, duas salas, escritório, banheiro e dependências, estavam todos seus bens. Ela foi assim descrita em *O Globo* (Rio, 2.VII.1965):

Grande como é, a casa esta toda ela cheia da presença física de Mario. Desde o vestibulo às altas estantes de madeira, protegidas por vidro, que emolduram o interior. Na sala de visitas, sobre o piano de cauda, os santos antigos, as peças de folclore e, agora, a grande fotografia do poeta. (...)

Mais adiante, fora da sala de musica, na estante baixa com uma pequena escultura de Brecheret em cima, alinham-se as duas copias de todas as primeiras edições da época - a autografada pelo autor e a

duplicata, adquirida por Mario para leitura e anotação. (ANDRADE, 1982, p. 221-222, nota 7)

De lá suas coisas iriam à USP em 1968, compradas pelo vil metal, por um vil valor.



Mario de Andrade em sua biblioteca

Castro Maya (1894-1968)

Um dos mais famosos bibliófilos brasileiros é Raymundo de Castro Maya. Conhecido não só como bibliófilo, mas principalmente pela sua pinacoteca e seu trabalho editorial, suas coleções hoje constituem o Museu Chácara do Céu, no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Em livros, tinha preferência por arte, literatura francesa e obras ilustradas por grandes artistas contemporâneos. Seu pai já fora colecionador, bibliófilo e numismata, tendo vendido parte de sua coleção num leilão em Paris. Castro Maya, como tantos outros colecionadores,

(...) recusava o epíteto "coleccionador", na tentativa de diferenciar-se de proprietários interesseiros ou daqueles acumuladores de objetos desprovidos de uma marca pessoalizante. Evocando a "emoção estética" proporcionada pela "obra em si", pretende ser preferencialmente identificado como um "amante das artes". (SIQUEIRA, 1997, p. 63)

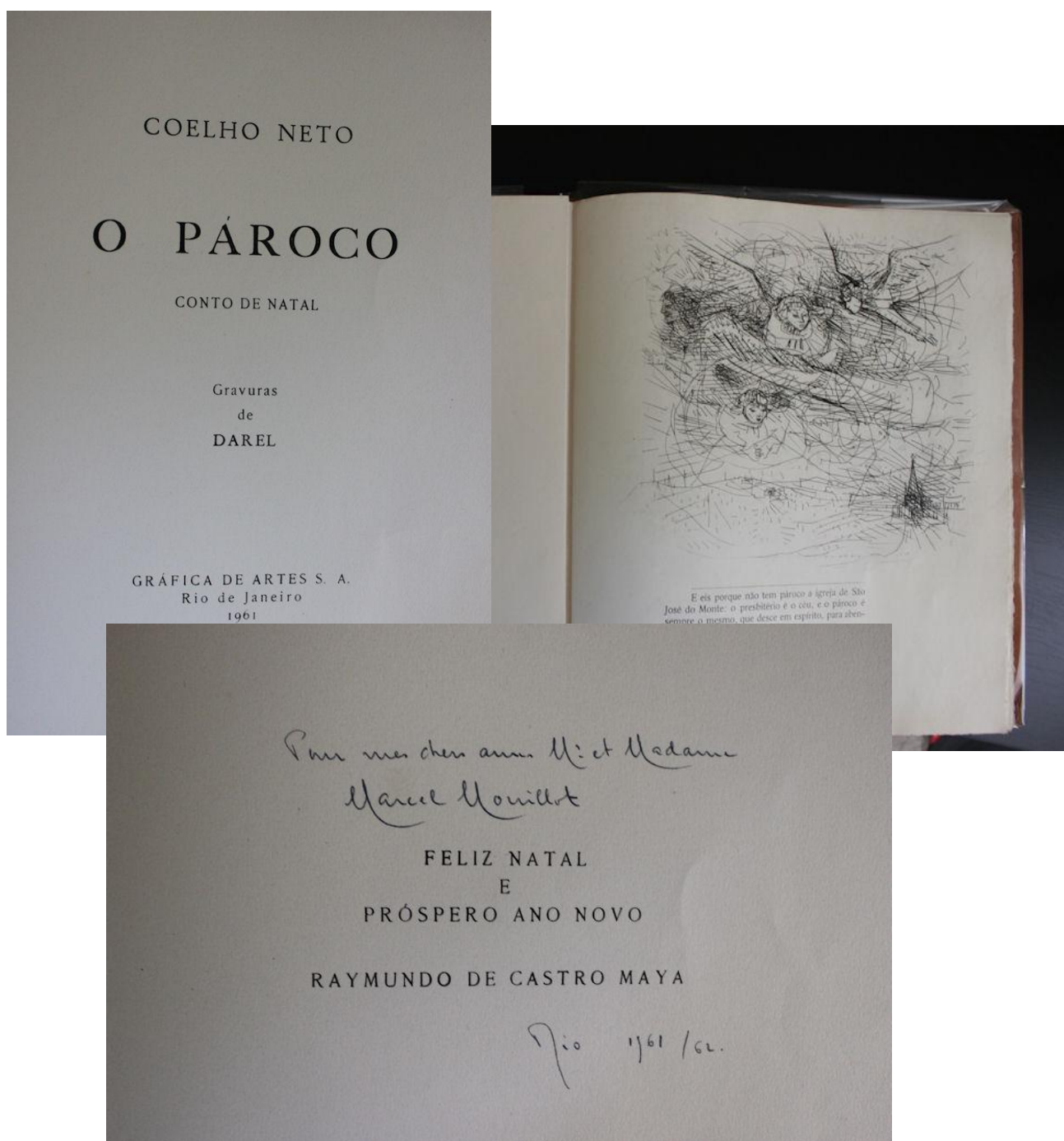
É bem verdade que sua posição social, sua riqueza e interesse pelas Artes o tornaram importante peça na constituição de museus para além de sua coleção:

Tal articulação entre elite e missão civilizatória podemos perceber na proposta de fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1946, Castro Maya recebe em sua residência da Estrada do Açude o banqueiro norte-americano Nelson Rockefeller [sic] para uma reunião com Rubens Borba de Moraes, Oscar Niemeyer, Alcides da Rocha Miranda, Rodrigo de Mello Franco, Anibal Machado, entre outras personalidades da área cultural brasileira (...) (SIQUEIRA, 1997, p. 34)

Castro Maya teve importante papel no mundo da bibliofilia e artes plásticas não apenas pelo seu mecenato, pela construção de sua coleção tornada museu, mas também nos legou belíssimas edições. Rubens Borba de Moraes, assim como José Mindlin e vários outros colecionadores, participou da Cem Bibliófilos, o mais conhecido de seus empreendimentos.

Segundo Gina Mello e Cunha, que pôde gozar da companhia de Castro Maya, ele

Tinha mania de fazer coisas. Atras da biblioteca ele tinha seu atelier, ali ele consertava seus moveis antigos, suas mesas, um monte de coisas para se distrair. Restaurava, tratava e mantia ele mesmo aquelas preciosidades que ele tinha. Uma vez desapareceu um livro dele precioso e ele disse que ia bancar o detetive, o livro sumiu, mas apareceu. (SIQUEIRA, 1997, p. 61)



Livro ilustrado com gravuras em metal de Darel financiado por Castro Maya como presente de Natal ao amigos, com dedicatória de Castro Maya em francês.

Rubens Borba de Moraes (1899-1986)

Bibliotecário, bibliófilo e estudioso de assuntos bibliológicos, Rubens Borba de Moraes é o exemplo maior de dedicação ao livro no Brasil. Participou da Semana de Arte Moderna, editou alguns livros quando jovem (criou o selo Candeia Azul), foi essencial na criação da Biblioteca Pública de São Paulo, dirigiu a Biblioteca Nacional e tomou parte nos primórdios do curso de Biblioteconomia da UnB.

Borba de Moraes identifica sua bibliofilia a partir dos 8 anos de idade: com a leitura, pedia aos pais livros dos autores de que gostava. Sua primeira “loucura bibliófila” traça aos quatorze/quinze anos de idade e um maior investimento aos dezoito/dezenove, quando contava com uma boa mesada, colecionando autores contemporâneos franceses em tiragens especiais. A essa altura, diz ele:

Meu gosto já estava bem melhor e mais seguro. Já entendia de papéis, de ilustrações e sabia bastante bem julgar a beleza de um exemplar. Recebia catálogos de livreiros, lia nas revistas os anúncios dos livros de luxo em subscrição e, na medida das minhas posses, comprava o que podia. (MORAES, 2010, p. 226)

De volta à São Paulo, mostrou esses livros a Mario de Andrade, cuja bibliofilia afirma ter fomentado:

No Mario inculquei o micróbio da bibliofilia. Mostrava-lhe os prospectos para subscrição de tiragens de luxo. Discutíamos o assunto, muitas vezes encomendávamos juntos nossos exemplares. (MORAES, 2010, p. 226)

Não me interessando mais pela literatura senão como espectador, não sendo mais do mesmo "metier", não costumava mais, depois de "perdido", discutir com Mario seus planos literários ou os livros que publicava. Discutíamos sim, e sempre, minhas ideias e planos ligados a bibliotecas, edições e bibliografias. Muitos desses planos nós os realizamos juntos no Departamento de Cultura. (MORAES/ANDRADE, 1979, p. 4-5)

Nossas famílias estavam ligadas por uma velha amizade que datava do tempo de nossos avós. (MORAES/ANDRADE, 1979, p. 5)

Ao mesmo tempo que incentivava Mario em sua bibliofilia, era também influenciado por Yan, pois acabara de começar, em 1921, seus estudos de história do Brasil:

Nesse tempo Yan de Almeida Prado começava a colecionar brasileira. Emprestava-me os catálogos dos livreiros antiquários europeus que recebia. Passei a encomendá-los também. Lia-os como se fossem romances de aventuras. Estava descobrindo um mundo novo. Tratei logo de comprar a *Bibliotheca brasiliense*, de J.C. Rodrigues, a bíblia dos colecionadores de brasileira. (MORAES, 2010, p. 227)

Comprava os livros no exterior, coisa que afirma ser fácil à época com o uso de vales postais, frequenta também sebos de São Paulo e Rio de Janeiro. Com o novo foco em história do Brasil, resolveu se capitalizar vendendo os livros franceses:

Não era fácil realizar o negócio, poucos eram os bibliófilos em São Paulo e pouquíssimos os que poderiam se interessar por autores moderníssimos. (...) Conversando com José [Olympio], livreiro da Livraria Garraux, ofereceu-se ele para se encarregar do negócio. (...) O José vendeu todos os meus livros a diversos fregueses da Garraux principalmente ao Ciccillo Matarazzo. (MORAES, 2010, p. 227-228)

Com o dinheiro comprou, entre outras coisas, um importante livro de frei Gaspar da Madre de Deus sobre a história da Capitania de São Vicente, mas diz ter pagado caro a Yan, pelo estado do exemplar – coisa que descobriu apenas posteriormente, com mais experiência. Comenta também a compra do Barléus, referência ao *Rerum per Octennium in Brasilia - narrativa dos feitos holandeses pelo humanista Gaspar Barléus*, por 500 mil réis, quando a família ameaçou interditá-lo e mesmo Mario de Andrade achou que ele estava exagerando. Diz que comprou muitos livros nos anos 20 e 30, por um preço que hoje pareceria ridículo, mas era o que eles valiam então. Borba de Moraes relata a venda de exemplares para compra de outros melhores ou por mudança de interesse.

O fato é que, por volta de 1965, eu estava de posse de uma excelente brasileira. O que caracterizava minha biblioteca era a beleza dos exemplares, grande parte em encadernação da época. Os que tinham sido reencadernados o foram em Paris pelo Gauché. Paguei a esse excelente artista de 1949 a 1954 mais de um milhão de francos pelos seus trabalhos. (MORAES, 2010, p. 230-231)

Minha biblioteca podia ser dividida em quatro partes: os livros antigos estrangeiros sobre o Brasil, os livros de autoria de brasileiros do período colonial, as primeiras impressões feitas no Brasil e obras de história e literatura de autores brasileiros do século XIX. (...) A primeira parte (...) era, modéstia à parte, uma das melhores em mãos de particular. (MORAES, 2010, p. 231)

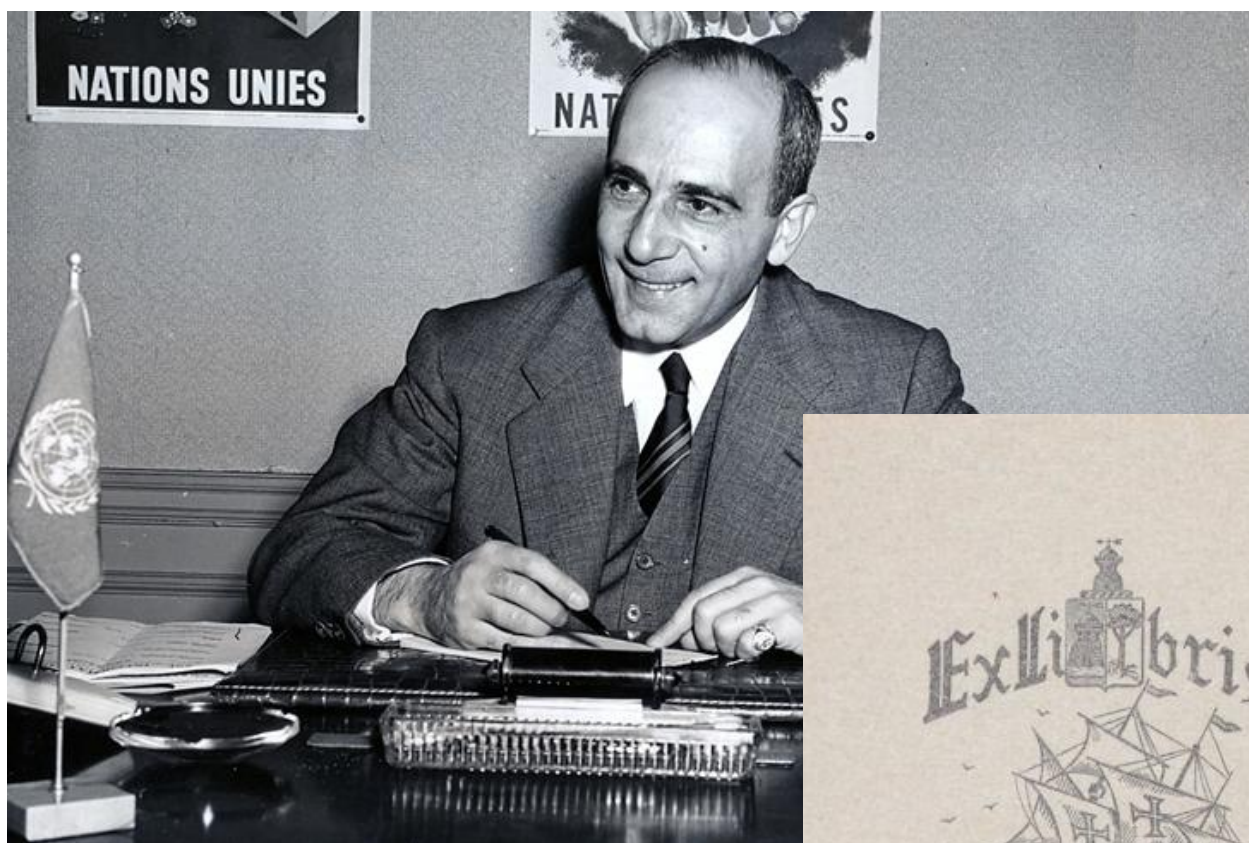
Faltando apenas os livros raríssimos e caríssimos (tinha 80% de sua *Bibliographia Brasiliana*), já aposentado, resolveu vender os livros. Procurou então Stefan Geyerhahn, da Livraria Kosmos. Fecharam a avaliação em 80 mil dólares e, quando Mindlin soube da venda, acabou por adquiri-los, *en bloc*, solução que agradou a ambos os bibliófilos.

Mas não estava encerrada minha carreira de bibliófilo, apenas mudara de orientação. De agora em diante só comprava livros de autores brasileiros e primeiras impressões feitas no Brasil.” (MORAES, 2010, p. 235)

Por frequentar a livraria de Olyntho de Moura nos anos de 1960 acabou influenciado e se interessando na literatura brasileira do século XIX. De uma ida à casa de Moura, Borba de Moraes notou que várias das preciosidades de Yan ficaram com o livreiro, antes que o bibliófilo vendesse sua coleção à USP. Depois de uma compra de Moura, por conta das duplicatas que a ele não voltaram, eles se desentenderam e nunca mais se falaram – sua única desavença nos tratos com livreiros. Outro bibliófilo, Áureo de Almeida Camargo, também teve seus problemas com o livreiro. O problema, para Borba de Moraes, era que Moura, além de livreiro, era também colecionador, funções que não se coadunariam.

Continuou trabalhando esse seu novo enfoque de obras impressas no Brasil e, quando saiu de Brasília para Bragança Paulista, resolveu vender um novo lote de 1200 livros que foram, também, para José Mindlin. A última parte de sua coleção, Borba de Moraes deixou para Mindlin, para que desse destino a ela. Sua vida era, para nos utilizarmos da frase de Mindlin, uma vida entre livros:

Desde menino coleciono livros. Passei toda a minha vida no meio deles e grande parte dos meus melhores anos dirigindo bibliotecas na minha terra e no estrangeiro. Hoje, fora da vida ativa enfim, tentando gozar o otium cum dignitate apesar da inflação, cuido dos meus livros e nada mais. (MORAES, 1975, p.7)



Rubens Borba de Moraes em seu gabinete da ONU



Plínio Doyle (1906-2000)

Como Mindlin e Borba de Moraes, Plínio Doyle foi um dos poucos a deixar registro de seu fazer. Considerado um dos grandes bibliófilos brasileiros – sem o ser de Brasileira – construiu um grande arquivo literário. Entre outras funções de destaque, Doyle foi membro do Conselho Federal de Cultura entre 1981 e 1987 e sócio-titular do IHGB¹³⁰. Ele era, segundo o viperino Grieco, “(...) trapeiro do machadismo, colecionador incansável das contas do padeiro, dos róis de roupa suja e dos bilhetinhos do autor de “Dom Casmurro””. (GRIECO, 1972, p. 242-3). De fato, sua machadiana é uma das mais completas já reunida. Quando da exposição organizada pela Biblioteca Nacional dos 60 anos de falecimento de Machado, em 1968, todas as 663 peças eram de sua coleção.

Suas coleções de revistas e fascículos são também preciosas. Não apenas adquiria os antigos, mas também juntava os que saíam. Coletou centenas de números do *Estado de S. Paulo*, *Correio do Povo* e do *Minas Gerais*. Foram, ao total, 1788 títulos de periódicos.

Doyle priorizou os livros de autores brasileiros, no nosso idioma, colecionando também, em grande número, as traduções desses mesmos escritores para outros idiomas. Há também um número razoável de traduções, feitas por nossos autores, de obras de estrangeiros. (RANGEL, 2008, p. 27-28)

Nascido no início do século, escolheu um dos poucos (e bons) caminhos de então: tornou-se advogado. Entre seus clientes estavam José Olympio, editor e livreiro conhecedor de obras raras – Doyle o representou entre 1935 e 1960:

(...) foi muitas vezes à livraria para conhecer os escritores e para obter os inúmeros autógrafos dos livros da sua biblioteca. Além de livros, ele também começou a colecionar os originais dos livros que o editor

¹³⁰ A saudação à ele no IHGB, do qual se tornou sócio-titular, foi “Um bibliófilo no Instituto”.

descartava após a sua publicação. É provável que seja, dessa época, o gosto de Plínio pelas conversas e encontros vespertinos para a intelectualidade discutir os mais variados assuntos dentro da maior cordialidade. (RANGEL, 2008, p. 25)

Foi também nos anos 1930 que a coleção de Doyle tomou vulto, mais precisamente a partir de 1938, quando se muda para Ipanema. Doyle torna-se amigo de Drummond por conta da bibliofilia, por um caderno de crônicas do poeta publicadas no Correio da Manhã e por ele coletadas. O poeta viu essa compilação em 1957, na mesa de José Olympio, o que decerto o envaideceu. O ponto de inflexão na amizade dos dois deve ter sido, no entanto,

Na véspera do Natal de 1964, Drummond bateu à porta de Plínio Doyle com o desejo de folhear algumas revistas da *belle époque* carioca, que este colecionava desde moço. Drummond poderia ter-se dirigido à Biblioteca Nacional mas a casa do amigo ficava a poucos quarteirões da sua residência à Rua Conselheiro Lafaiete. Conversando com Doyle, ele percebeu que seria gratificante para o anfitrião ter os índices dos artigos das revistas que colecionava. Com a tarefa acertada, Drummond passou a freqüentar com regularidade a biblioteca do amigo nas tardes de sábado para a elaboração dos índices. (RANGEL, p. 36)

Às visitas constantes de Drummond somaram-se as de outros amigos e criou-se o que seria batizado, em abril de 1974, por Raul Bopp, de Sabadoyle: sábados na casa de Plínio Doyle, encontros que duraram décadas, gerando até mesmo uma produção bibliográfica, com divulgação de atas escritas pelos convivas. Esses encontros, a partir de 1972, passam a acontecer em um apartamento de três quartos comprado apenas para acomodar sua biblioteca, próximo ao apartamento onde morava. No total, contabilizaram-se 1768 sabadoyles entre 1964 e 1998.

Além do largo grupo de escritores e intelectuais com quem conviveu, não apenas por ter sido advogado de José Olympio, mas principalmente pelos contatos continuados estabelecidos com o Sabadoyle, Plínio Doyle teve também o auxílio de livreiros na constituição de sua biblioteca –

cita Antônio Sant'Ana, da livraria São José, Carlos Ribeiro, Walter Cunha e a Kosmos, no Rio de Janeiro e, em São Paulo, a Calil, Olyntho de Moura e Livraria Partenon, que tinha entre os sócios fundadores José Mindlin. Distinguiu-se como advogado, chegando a Procurador da Fazenda Nacional, e como bibliófilo, ao ser nomeado diretor da Biblioteca Nacional. Doyle foi demitido por Aloísio Magalhães, que morreria poucos dias depois, em Veneza – em seu livro de memórias, prefere não comentar a história, apesar de ter ficado claramente contrariado.

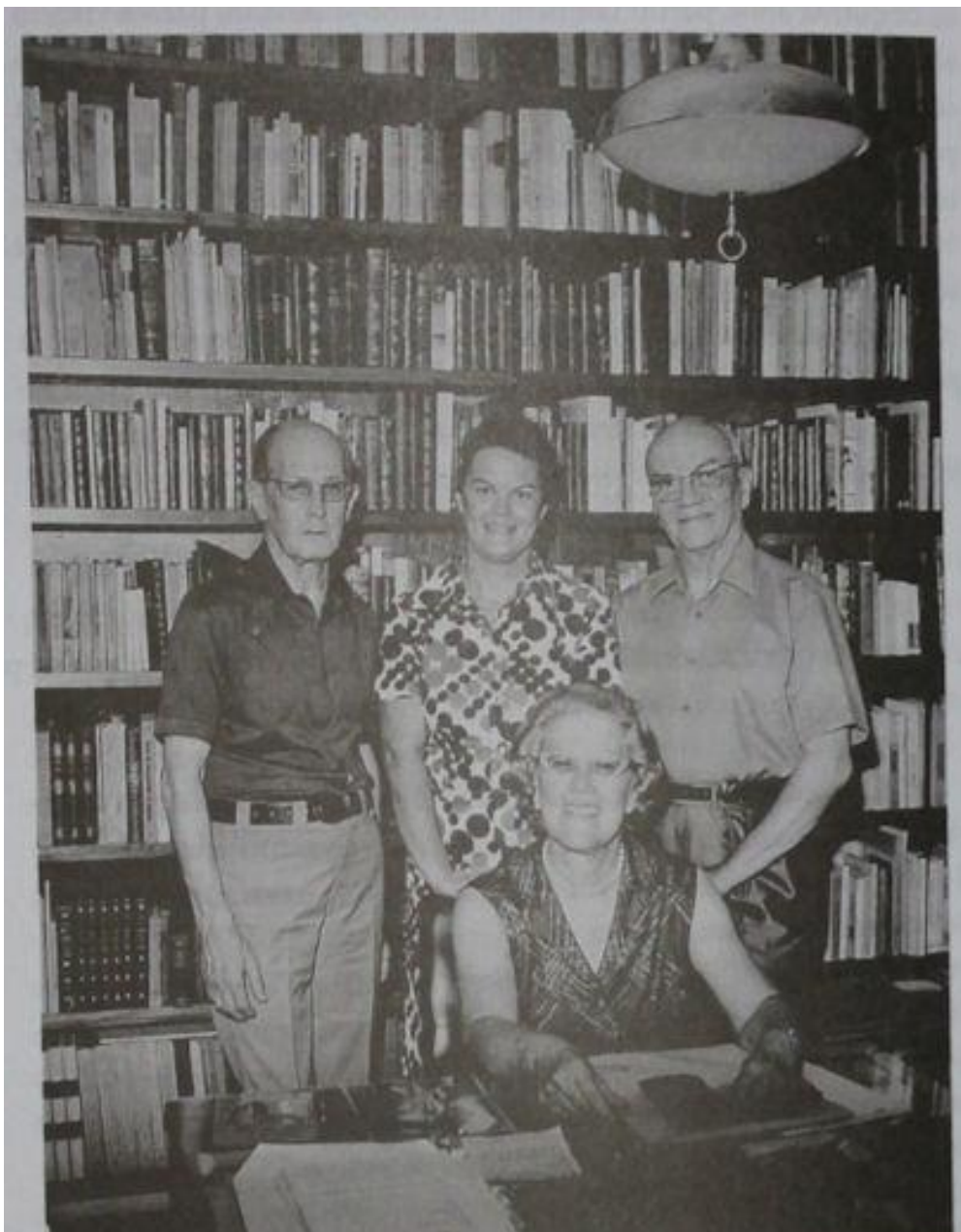
Em seu livro de memórias, como todo bom livro de memórias, relata alguns casos curiosos. Entre os mais interessantes, está o de um plágio que teria sido perpetrado por Pontes de Miranda, que, decerto, mereceria ser estudado por algum jurista. Das curiosidades bibliofílicas, Doyle fala de apenas um livro “perdido” (surrupiado): uma primeira edição de *A Bagaceira*, com dedicatória a Medeiros e Albuquerque. Ele é, no entanto, o único bibliófilo a tratar do assunto pontualmente. A indicação dos detalhes da obra desaparecida mostram que conhecia seus livros. Ao comentar uma sua palestra dada em 1994 na Biblioteca Nacional, define o que é conhecer um livro, para um bibliófilo:

“Conhecer” um livro não é tê-lo lido integralmente; é examinar sua folha de rosto, ler o prefácio ou a introdução, consultar o índice, a errata, se houver, o colofão e as orelhas. De outro modo eu nunca poderia conhecer os meus livros, mas dessa forma eu os “conhecia” todos. (DOYLE, 1999, p. 62)

O “conhecimento” do livro e a sua paixão, a sorte e a paciência, além do auxílio dos livreiros e das ofertas dos amigos, deram como resultado, depois de sessenta anos, a reunião de cerca de 25 mil volumes, que era a minha coleção/paixão e está hoje na Fundação Casa de Rui Barbosa, felizmente bem tratada e bem organizada. (DOYLE, 1999, p. 63)

No mesmo ano de 1994, foi impressa uma plaquete pela Casa de Rui Barbosa com uma pequena amostragem das dedicatórias em sua coleção – não apenas para ele, mas também entre figuras ilustres. A publicação e compilação de tais trabalhos foi proporcionada pela

resolução de vender os livros àquela instituição, tomada em 1988 – para isso teve a ajuda de Olimpo José Garcia de Matos, que conhecera na Biblioteca Nacional, quando fazia seu estágio de Biblioteconomia. Ao final de sua vida, formara uma biblioteca de 25 mil volumes, entre livros e periódicos, e um arquivo pessoal de 10 mil documentos. A Casa de Rui Barbosa seria, assim, o destino final de sua coleção, iniciada na adolescência.



A família Plínio Doyle e o poeta Carlos Drummond de Andrade

Carlos Lacerda (1914-1977)

Sabe-se que Carlos Lacerda era bibliófilo por se ter acesso à sua coleção, que hoje se encontra na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. A quantidade de obras raras, de tiragens especiais, não deixa dúvida – ele era, por exemplo, um dos membros da Cem Bibliófilos. Além disso, Lacerda editou livros não apenas comerciais, pois fundou a Nova Fronteira, mas também de luxo, alguns deles impressos na Itália pelo afamado Franco Maria Ricci. Desde sua juventude, essa vontade pode ser detectada em algumas publicações suas, como *O Rio*, peça de 1943, com tiragem de 200 exemplares, que conta com linóleos de Livio Abramo e de Walter Lewy. Na memória de sua infância, ao lembrar-se do avô, o tema “coleção” era onipresente:

Naquela casa havia um começo de varias coleções. Mas das que intentara, inclusive uma de selos, parece que só uma ele completou: fui eu. Colecionou-me. Surpreendi-o varias vezes a olhar para mim com uma enorme curiosidade. Não era menor a minha por ele. Eu chamo assim essa indagação, essa pergunta sem resposta possivel: que será, o que vai ser, onde irá, que rumo teve (pensava eu), que rumo terá (pensava ele). Em suma, conforme o caso, solicitude, preocupação. Numa palavra: identificação.

Coleção de praças, de casas, de badalhocas, de gente. Todas incompletas. Já não resta tempo de reuni-las e classificá-las. Passei a vida mais carregando livros de um lado para outro, do que lendo. Mais deixando para depois do que tendo agora mesmo. A necessidade de agir, que me absorveu, nem sequer me privou da radiosa tortura de pensar." (LACERDA, 1977, p. 82)

Seus milhares de livros, assim como seu grande arquivo pessoal, mostram o quanto escreveu e quantos livros deve ter, de fato, carregado. A sua era uma coleção extensa não só por ter sido colecionador, mas também político, editor e escritor – uma das maiores

adquiridas pela UnB, onde se encontra também seu arquivo pessoal. Mais recentemente, têm sido postos à venda nos leilões da livraria Fólio, em São Paulo, alguns dos livros mais preciosos que pertenceram ao bibliófilo e que ficaram com a família, especificamente com o filho Sebastião, antigo dono da Nova Aguilar, comprada pela Ediouro.

José Mindlin (1914-2010)

(...) num mundo em que o livro deixasse de existir, eu não gostaria de viver. (MINDLIN, 1990, p. 31)

O mais conhecido bibliófilo brasileiro hoje é, sem dúvida nenhuma, José Mindlin. As circunstâncias de sua celebridade, seu enriquecimento, sua longevidade, aliados à uma sólida formação e à exposição na mídia, especialmente após o lançamento de seu livro de memórias *Uma vida entre livros*, são únicos em nossa história. Mindlin, aliás, dá destaque à entrevista publicada na revista brasiliense *Bric-a-Brac*, *A loucura mansa de um procurador de ruínas*, em 1990. Se tomarmos a entrevista como marco, é preciso, primeiramente, notar que ele começou a palestrar sobre a bibliofilia apenas após os 70 anos de idade. Mindlin teve, no entanto, vinte anos para se dedicar à divulgação de seu amor aos livros, pois faleceu apenas este ano.

De pais russos imigrantes, que viviam rodeados de artistas e colecionavam arte, com o irmão mais velho, Henrique, conhecido arquiteto, Mindlin teve uma educação estética privilegiada. A famosa biblioteca de Pujol, cliente e amigo de seu pai, lhe foi oferecida, mas seu destino foi outro, como já relatado. Assim como Borba de Moraes, Mindlin relata com qual facilidade conseguia coisas interessantíssimas em sebos. Privilegiada era a época, também, para se buscarem as obras raras – e o gosto da época era por coisas hoje difícilimas de encontrar. Quando adolescente, aproveitou-se da diferença de preços praticados entre livreiros para conseguir montar uma rede de crédito, comprando onde o livro era barato, consignando-o em seguida onde era valorizado.

É interessante notar, em todos os seus textos, o destaque que dá à leitura, *versus* o colecionismo. Chega mesmo a afirmar categoricamente: "Não sou colecionador, mas primordialmente leitor." (MINDLIN, 2009, p. 43).

Durante toda minha vida a leitura sempre foi o fulcro da biblioteca sua razão de ser, os demais fatores complementares muito mais do que um colecionador , considero-me um leitor incansável. (MINDLIN, 1997,p. 16)

No prefácio de seu primeiro livro, Antônio Candido, crítico literário, comenta: “José Mindlin deixa claro que não é colecionador, pois antes de mais nada é alguém que devora textos, para ler, para se deleitar” (MINDLIN, 1997, p. 9). Candido dá, portanto, uma conotação negativa ao colecionismo, querendo separar “saber” de “ter”. Acaba, porém, se contradizendo, coisa que ocorre diversas vezes com o próprio Mindlin. Como anedota, comenta que seu irmão Henrique o perturbava dizendo que ele tinha uma cultura de catálogo, mas defende-se:

(...) o que em parte é verdade, porque nos bons catálogos se aprende muita coisa, e os daquele tempo eram ótimos (...) (MINDLIN, 1997, p. 54)

Tanto Antônio Candido, quanto Mindlin, ou qualquer outro que fosse falar de sua biblioteca ou bibliofilia, acaba por descambar nos aspectos estéticos e materiais da coisa. Em “as obsessões de um bibliófilo”, comenta que o hábito de leitura e o amor ao livro vem de longe e é um dos interesses centrais em sua vida. Admite, claro, sua biblioteca ter proporções excessivas. Afinal, para o contradizer, muito mais do que um grande leitor, Mindlin foi um grande colecionador. O primeiro livro antigo que comprou, o *Discurso sobre a História Universal* de Bossuet, nunca chegou a ler.

Me dou conta de que pessoas críticas podem me perguntar por que comprei tantos livros que não li, nem vou conseguir ler. A resposta é muito simples: pelo prazer que a compra de livros me proporcionou no curso de minha vida. E porque a aquisição de tantos livros não foi um processo de entrar numa livraria e comprar as obras que me tivessem chamado a atenção. Comprar livros, especialmente livros raros, exige conhecimento, sonho, garimpagem, perseverança e paciência. E tudo isso me deu prazer e alegrias na vida. Prazer de fixar objetivos de compra, e alegria de satisfazê-los, às vezes até depois de cinquenta anos

de procura. Estou convencido de que o prazer da garimpagem é maior do que o de possuir o livro. Porque encontrar um livro que faça parte de uma "desiderata" por anos e anos, ou que não se conhecia mas um sexto sentido assegura que é uma obra importante, faz o coração bater mais forte. Quando o livro vai para a prateleira, tem-se o prazer de pegá-lo, mas o coração já não se impressiona... (MINDLIN, 2004, p. 97-98)

Ainda sobre leitura, Mindlin faz referência também a uma frase de Thomas Mann, em discordância, de que a leitura dos bons livros deveria ser proibida, porque existem os ótimos. Fala de sua admiração por Montaigne e cita um trecho dos ensaios: "o que não entendo a primeira vista, entendo menos obstinando, não faço nada sem alegria" (MINDLIN, 1998, p. 18). Essa última frase, aliás, é o mote do *ex libris* de Mindlin, que dizia ler em torno de 8 livros por mês, por volta de 1500 páginas, portanto. Além da leitura dos mais variados campos das artes e humanas, por vezes se arriscava na leitura de autores desconhecidos, um outro tipo de garimpagem, além da busca de raridades.

O mundo dos bibliófilos é de grande interesse. O amor aos livros aproxima as pessoas e forma sólidas amizades, o que não impede, no entanto, rivalidades também sólidas mas amistosas quando dois bibliófilos se deparam com obras de interesse comum. O mundo da bibliofilia, no entanto, é uma fauna em que geralmente existe respeito mútuo, e os conflitos se resolvem de forma civilizada e cortês. (MINDLIN, 2009, p. 59)

Um exemplo desse cavalheirismo rival é dado por Mindlin ao comentar um caso engraçado ocorrido com um grande colecionador português, o Visconde da Trindade: Mindlin telefonou-lhe dizendo que iria buscar (no Maggs, famoso livreiro-antiquário londrino) a única obra de Damião de Góes, importante cronista português, que Trindade não possuía e este respondeu:

Favor não me diga onde, nem com quem está o livro, porque com essas coisas não há amizade nem honestidade, se eu souber vou procurar chegar lá antes de vossa excelência. (MINDLIN, 1998, p. X)

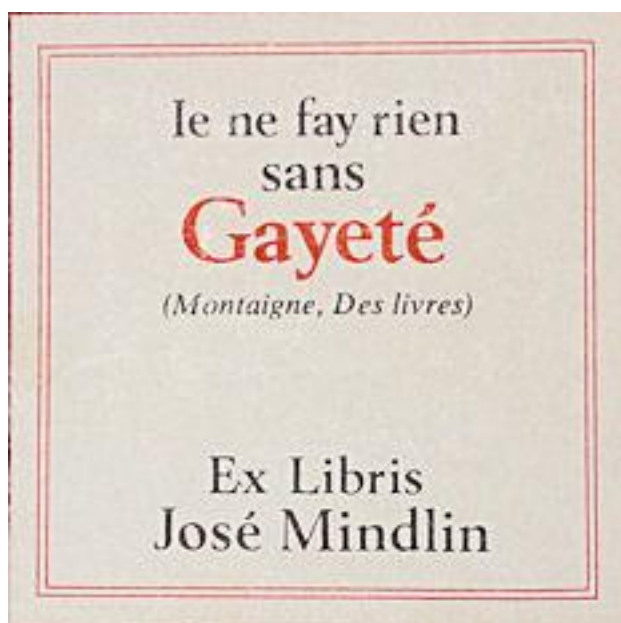
Mindlin manteve relação cordial com parte significativa dos bibliófilos brasileiros nas últimas décadas, tendo papel importante entre os que o conheceram, no incentivo da bibliofilia. Muitos dos bibliófilos entrevistados o citaram como modelo ou inspiração, mesmo não havendo unanimidade - coisa que, segundo o ditado de Nelson Rodrigues, é boa. Entre os bibliófilos contemporâneos, o conheceram Waldemar Torres, Lúcio Alcântara, Ésio Macedo Ribeiro, Maurício Barata, José Augusto Bezerra e outros. Entre os bibliófilos já falecidos com quem conviveu estavam Claude Blum, Pedro Nava (que Mindlin não comenta em seu livro que era colecionador), Plínio Doyle, Eric Guemeinder e Israel de Souza Lima. Mindlin destaca Luiz Camilo de Oliveira Neto como um de seus melhores amigos e Borba de Moraes como exemplo maior. De fato, a figura preponderante nos ensaios de Mindlin é Rubens Borba de Moraes, não apenas por ser um dos grandes bibliófilos de seu tempo, com suas publicações fulcrais para o estudo da Brasileira, mas também porque uma parte significativa da coleção de Mindlin foi formada por Borba de Moraes - como se pode apreender na pequena seção dedicada a ele nesta tese. É natural, no entanto, que, fora a última das coleções formadas por Borba, doada a Mindlin para que este desse destino apropriado a ela em alguma instituição pública (dizem que deveria estar na UnB), que Mindlin não tenha mencionado a compra dessas coleções já prontas, que, aliás, não foram as únicas por ele compradas desta forma. É do orgulho do bibliófilo não revelar esses bastidores, mas não é verossímil a afirmação de que teria constituído sua biblioteca livro a livro; os lotes, exceções, foram sim importantíssimos.

Como sempre acontece com os bibliófilos, o objeto “livro”, ou melhor, o livro-objeto, é motivo de adoração:

De fato, além do conteúdo, o livro, conforme a edição, a encadernação, a diagramação, a ilustração, ou o papel, tem para mim uma atração física. Ver um livro numa vitrine, sem poder pegá-lo, positivamente não

me satisfaz. Minha tese é que a gente deve poder tocar naquilo que gosta (ou, se for o caso, a pessoa)... (MINDLIN, 1990, p. 27)¹³¹

Essa atração estética, aliada a seu poder econômico e uma extensa rede de livreiros e artistas, possibilitou a iniciação de Mindlin em projetos editoriais, nos quais sua filha Diana “(...)que herdou meu gosto e tem bossa para arte gráfica(...)”, teve papel importante. Ao longo dos anos, Mindlin editou e colaborou na edição de dezenas de obras, de livros de experimentações gráficas, como os elaborados com Gastão de Holanda, a reedições de obras raras relativas a grandes autores nacionais, como a *Homenagem a Manuel Bandeira*, editada originalmente em 1936 com tiragem de apenas 201 exemplares. Houve mesmo a tentativa de se criar uma confraria de bibliófilos que não passou da primeira obra, uma bela colaboração de Manoel de Barros e Siron Franco, muito provavelmente pelo seu alto custo. As edições de Mindlin renderam um belo livro-catálogo, *José Mindlin, editor*, que é acompanhado por um DVD¹³². Mindlin, por todos os motivos expostos, tornou-se ícone incontestado na bibliofilia brasileira contemporânea – não será tarefa fácil substituí-lo no imaginário nacional.



¹³¹ Foram várias as brincadeiras de conotação explícita ou implicitamente sexual feitas por Mindlin nesta entrevista, coisa que foi censurada nos textos subsequentes.

¹³² Infelizmente produzido de forma um tanto amadora.

Discurso de Posse

José Mindlin

&

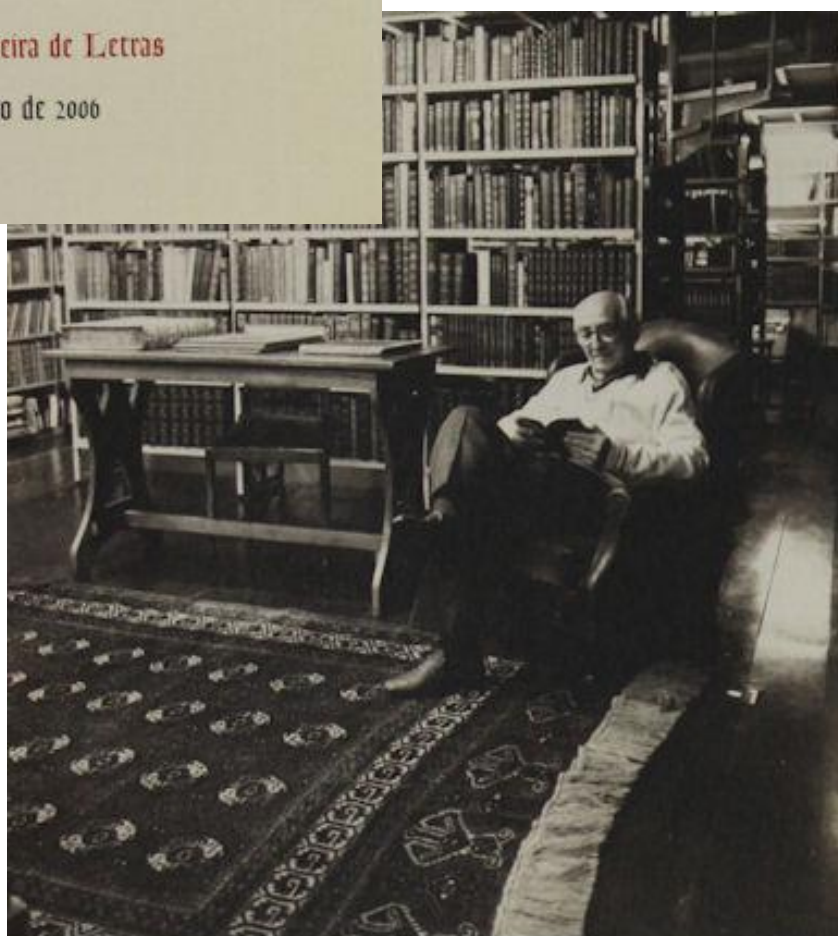
Discurso de Saudação

Alberto da Costa e Silva



Academia Brasileira de Letras

10 de outubro de 2006



José Mindlin em sua biblioteca

a encadernação

ex libris

edições de arte

o livro objeto

o amor aos livros e a literatura nacional

a importância das bibliotecas particulares

A encadernação

A princípio, a encadernação que interessaria para um estudo de bibliofilia é a encadernação artística, ou, ao menos, a identificação de escolas de encadernação no país. A verdade, no entanto, é que nunca tivemos – com raras exceções – grandes encadernadores. Parte significativa dos bons encadernadores que serviram aos bibliófilos brasileiros é, aliás, de estrangeiros emigrados ao Brasil, com toda sua formação na Europa. Os brasileiros que atingiram algum grau de sofisticação na arte de encadernar, ou foram treinados por esses encadernadores estrangeiros aqui assentados, ou cursaram escolas especializadas no exterior.

A arte de encadernar é uma arte milenar e, a partir da Renascença, acompanhou, *grosso modo*, os diversos movimentos artísticos, do neo-clássico, passando pelo *art nouveau*, chegando ao contemporâneo. Com a função de proteger, dar estrutura, identificar e, muitas vezes, distinguir, vários são os estudos da história da encadernação. Por aqui, no entanto, não só não há uma história da encadernação, mas a procura de textos e depoimentos sobre essa arte não gera muitos resultados. Pode-se encontrar um ou outro manual, com alguma dificuldade, pois manuais são sempre consumidos no trabalho, mas não há muito mais do que isso. Talvez o primeiro deles seja o de Leopoldo Berger, encadernador austríaco radicado no Brasil, editado em 1938. O único bibliólogo a se dedicar um pouco ao tema foi Rubens Borba de Moraes, que chega a lamentar a falta de estudos sobre encadernações brasileiras, apesar de crer num estilo brasileiro na época do Segundo Reinado, chamado por ele de “encadernações imperiais”. Em seu manual de bibliofilia, publicado pela primeira vez em 1965, Borba diz que essas encadernações estavam cada vez mais difíceis de encontrar e que trinta anos antes eram mais comuns.

Borba de Moraes comenta ainda que muitas pessoas pensam que as encadernações do Império, pelo fato de portarem as armas e as

insígnias do Imperador, pertenceram a sua biblioteca particular, mas elas eram, pelo menos em sua maioria, de repartições públicas. Encadernações, portanto, oficiais. A combinação usual é o couro verde com as gravações em ouro, formando as cores nacionais – o verde e o amarelo. Entre os diversos encadernadores no Império, elogia as encadernações de Leutzinger, para ele o maior encadernador das ditas encadernações imperiais - tanto o material, quanto os encadernadores, eram franceses. Afirma, no entanto, que a arte de encadernar no Brasil surgiu anteriormente, citando padres jesuítas, do séc. XVIII.

O registro da maior parte desses encadernadores imperiais, no entanto, está hoje restrito às etiquetas coladas nos livros e em anúncios de jornais e revistas. Muito provavelmente a maior parte executava encadernações mais simples, rústicas, sem a mesma qualidade dos encadernadores europeus – os problemas são muitos, da falta de bom material à falta de treinamento. Não por nada vários dos grandes bibliófilos brasileiros mandavam seus livros para a França, para que lá fossem encadernados por artistas de renome. Ao comentar os livros da biblioteca de Alfredo de Carvalho, Eduardo Tavares¹³³ reconhece “(...) luxuosas encadernações dos volumes, executadas nas melhores oficinas de Londres, Paris e Berlim (...)”¹³⁴. Dois trechos de 1907 mostram seu encanto pelas boas encadernações: “Dos centenares de volumes que espero da Europa só recebi até agora as obras completas de Maupassant, que vieram lindíssimas, encadernadas em carneira verde.”¹³⁵ Eram, realmente, centenas de volumes: “Espero que hoje saia da alfândega uma caixa de livros (300 volumes) que mandei encadernar em Paris (...)”¹³⁶

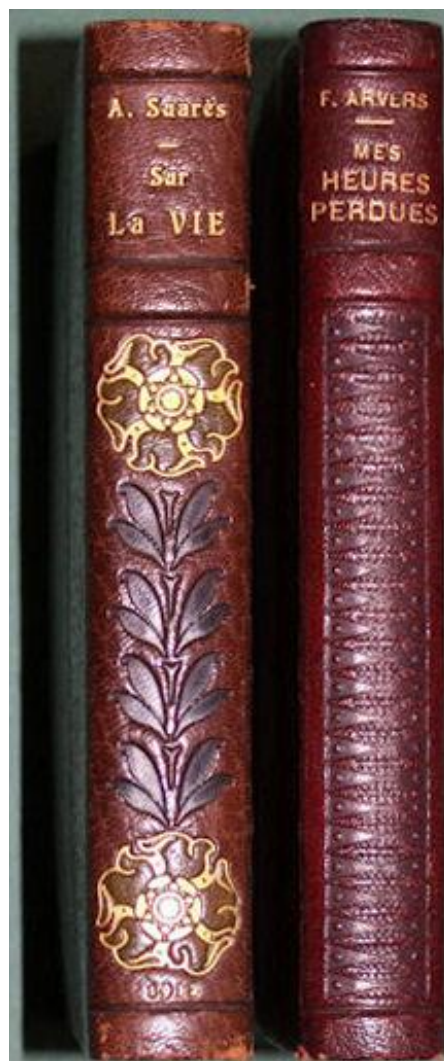
¹³³ O melhor trabalho sobre Alfredo de Carvalho é o prefácio e a primeira parte, documental, do primeiro volume da *Bibliotheca Exotico-Brasileira*. O livro de José Honório Rodrigues é, em grande medida, uma recompilação do que já havia feito Eduardo Tavares.

¹³⁴ *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, p. XVIII.

¹³⁵ Recife, 22 de Fevereiro de 1907, p. 4

¹³⁶ Recife, 9 de Maio de 1907, p. 3

Não só Alfredo de Carvalho, mas muitos outros colecionadores, até meados do século XX, enviavam seus livros para serem encadernados em Paris. Alfredo Pujol, por exemplo, utilizava os serviços de René Kieffer, importante encadernador parisiense [exemplos ao lado]. Entre os bons encadernadores que migraram para o Brasil na primeira metade do século XX estavam Leopoldo Berger, que treinou seu filho Ernesto (já aposentado) como encadernador, e Gabriel Marti, que também treinou seu filho. Segundo Zelina Castelo Branco, conhecida encadernadora:



Não é valorizado o trabalho da encadernação brasileira. Há pouco faleceu Gabriel Marti, espanhol radicado no Brasil, que era um encadernador conhecido e respeitado na Europa e, no entanto, não vimos nos jornais a menor referência à sua morte. O mesmo aconteceu com Catarina Mark, que, embora de gênero completamente diferente, não deixou, através de suas aulas, de contribuir para o gosto pela encadernação. (BRANCO, s/d, p. 62)

Na confecção de ferros para gravação, arte difícil, verdadeiro trabalho beneditino, tivemos em Alfredo Bosi um artista extraordinário. (BRANCO, s/d, p. 62)

Eu seu depoimento, Ana Maria Camargo dá mais alguns elementos sobre a história de Marti:

(...)meu pai foi responsável pela vinda à São Paulo, que marcou época, do Marti, daquele famoso encadernador. (...) esses dois espanhóis que tinham vindo para São Paulo (...) o Antonio e o Marti, um era dourador e o outro encadernador. Tinham vindo pra cá com muita dificuldade -

ele apresentou esse pessoal para os colecionadores de São Paulo. O Antonio, que era um artista, ele voltou para a Espanha logo, mas o Marti, ele ficou. O filho do Marti já se aposentou, velho, também era considerado o maior encadernador, minha mãe aprendeu até com eles a fazer [encadernações].

Entre os brasileiros, fora os filhos de Marti e Berger, talvez os mais conhecidos tenham sido Alfredo Nardi, que teve sua formação inicial nas Escolas Salesianas, e Maria Goldring, com formação em Paris. Sobre Maria e seus alunos, além de um pouco da história da encadernação, há um texto sucinto de Mário Barata, preparado para uma exposição retrospectiva da obra da encadernadora na Casa de Rui Barbosa em 1980. Um pequeno texto sobre encadernação elaborado para o *Seminário profissional para preservação de bens culturais*¹³⁷, de 1985, fornece algumas outras informações, mas nada aprofundado. Hoje já não há mestres reconhecidos e celebrados, talvez por uma mudança de hábitos. Até não muitos anos atrás, era costume, entre colecionadores brasileiros, encadernar todos os livros. Alguns dos mais antigos bibliófilos contemporâneos, como Waldemar Torres, continuam com a prática, tendo o cuidado de preservar as capas. A tendência atual, entre novos colecionadores, é tentar preservar ao máximo o livro em seu estado original: é preferível manter a brochura íntegra, encadernar apenas em último caso. Alguns colecionadores, ainda hoje, especialmente os que se encontram à margem da *oeconomia*, cometem um erro antigo, já apontado por Borba de Moraes:

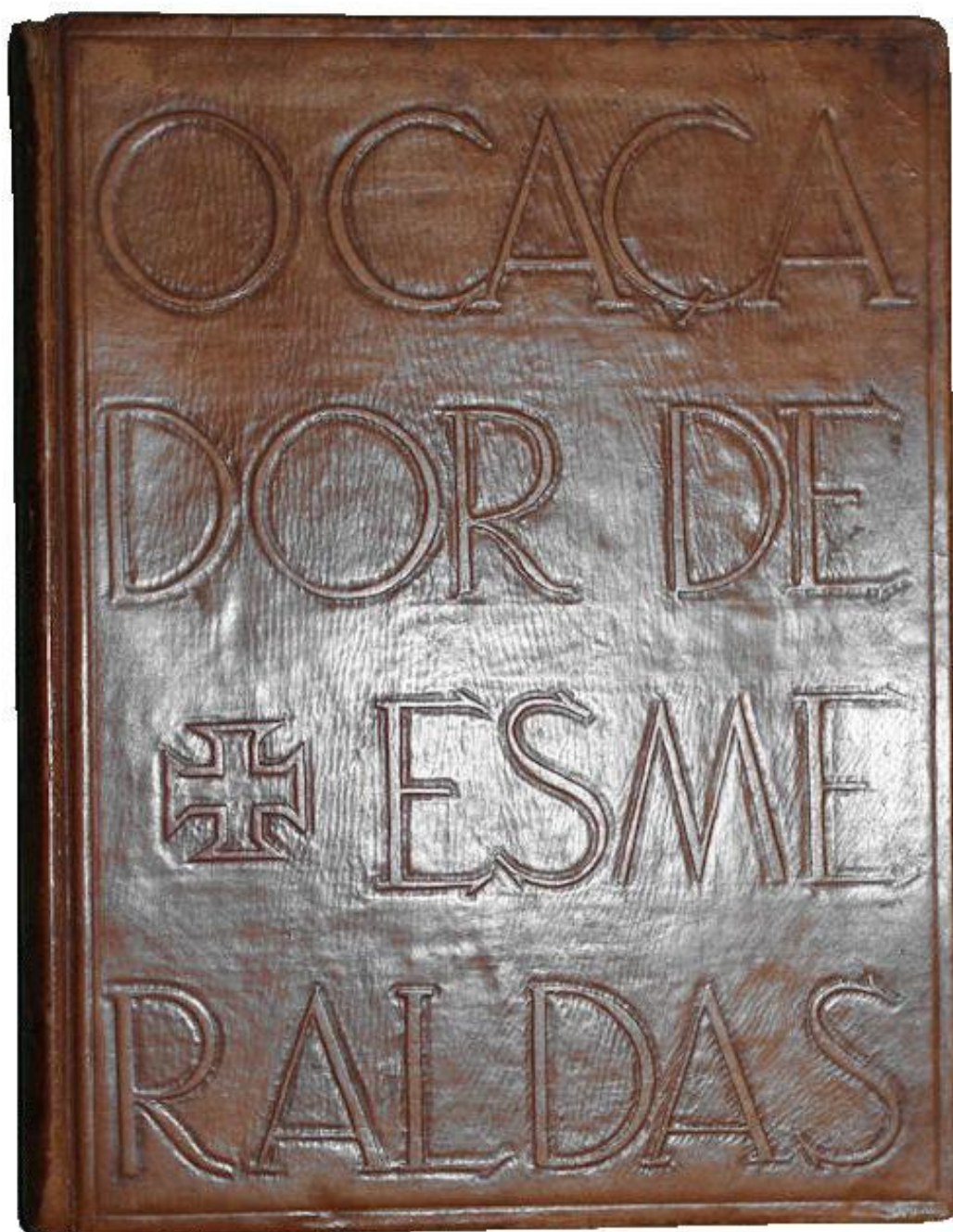
Muito colecionador com mania de reencadernar é culpado de ter destruído muita preciosidade simplesmente por ignorância, por pensar que uma encadernação nova veste melhor um livro. (MORAES, 1975, p. 68)

De fato, os problemas de encadernação são muitos: como encadernar, com quem, qual o estilo (cada época pede um estilo), quais os materiais (no Brasil, muitas vezes, não se utiliza couro adequado) – Borba de

137

http://www.abracor.com.br/novosite/congresso/formacao_e_treinamento_1985.pdf

Moraes identificou a decadência generalizada da arte de encadernar há décadas, segundo ele, só comparável à da tipografia. Talvez essa decadência tenha se estagnado e, em parte, se revertido com a criação da ABER (Associação Brasileira de Encadernação e Restauro), que teve Guita Mindlin, esposa do bibliófilo, entre seus fundadores. Se não criou uma escola de encadernadores artísticos, essa associação os está treinando e informando em patamar mais elevado do que o existente, criando um novo padrão para os profissionais da área.

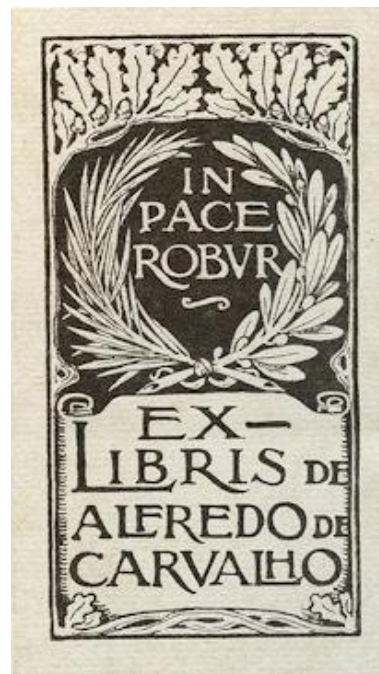


Encadernação feita especialmente para um dos exemplares publicados pela confraria dos Cem Bibliófilos, reproduzindo fielmente, no couro, a capa do livro.

Ex libris

Um dos primeiros *ex libris* brasileiros data da virada do século XVIII e pertenceu a Manoel de Abreu Guimarães, de Sabará, impresso por José Joaquim Viegas de Menezes, de Mariana. As referências brasileiras mais antigas a *ex libris*, no entanto, foram encontradas nas cartas de Alfredo de Carvalho a Oliveira Lima. Ambos interessavam-se por gravuras, quadros, medalhas - por iconografia. Com o esforço despendido na formação de suas bibliotecas, não é estranho que tenham querido deixar sua marca de posse nos livros – prática antiga entre bibliófilos europeus:

O Abeili mandou-me um bonito desenho para o meu projectado *Ex-libris*, é simples e original. Desejaria muito que V. o tivesse visto antes de devolvê-lo ao Abeili para ser gravado; mas, ele pedia urgência. Não é curioso que nós dous sejamos os únicos, em Pernambuco, a sabermos o que é um *Ex-libris*? O Bianor de Medeiros, a quem eu havia mostrado o do Nabuco, procurou-me há dias, para dizer-me que também desejava mandar fazer um *eclipse* para os seus livros!!!!¹³⁸



Trocaram não apenas informações, mas também exemplares de *ex libris*: “Agradeço-lhe muito o *ex-libris* do Velloso; além de nós têm *ex-libris* o Eduardo Prado e o Rio Branco; junto encontrará V. o que pedio¹³⁹.”; “Esqueci-me de lhe dizer que o Cardoso de Oliveira também tem *ex-libris*.¹⁴⁰”; “Junto envio-lhe dois exemplares do *ex-libris* do meu amigo Augusto Rodrigues, um bibliophilo incipiente¹⁴¹.”

¹³⁸ Recife, 21 de Abril de 1907, p.1-3.

¹³⁹ Olinda, 14 de Dezembro de 1908, p. 7.

¹⁴⁰ Recife, 18 de Julho de 1909, p. 5.

¹⁴¹ Recife, 8 de Agosto de 1909, p. 4.

Além de seu nome, o *ex libris* de Alfredo de Carvalho contém o dizer *in pace robur*, ou seja, *em paz robustez* (*robur* significa carvalho, designando também suas qualidades), entre um ramo de oliveira – que significa paz – trançado com um ramo de carvalho. É simples, estilizado, bem executado.

O texto impresso mais antigo encontrado sobre a temática foi um capítulo publicado no livro *O Folk-lore*, de 1919¹⁴², escrito pelo sergipano João Ribeiro. Sabe-se, aliás, do destino da biblioteca particular do pesquisador, que trabalhou de 1885 a 1890 na Biblioteca Nacional, antes de tomar posse no Colégio Pedro II como professor. Após duas viagens à Europa, seguiu para lá definitivamente, em 1914, leiloando seus bens no Rio de Janeiro, inclusive a biblioteca¹⁴³. Por conta da guerra, no entanto, teve que voltar. Seu texto não tem a ver com o *ex libris* etiqueta, como começou a se popularizar no país na virada do século, mas é centrado na identificação lúdica de livros de estudantes:

Usa-se ainda hoje, entre rapazes, de uma formula de *Ex-libris* de grande difusão nos países de civilização europeia e provavelmente muito antiga, segundo se pôde depreender da extensa vulgarização por varias terras. A formula quasi sempre se depara em versos e tem grande numero de variantes. Eis algumas dellas:

a) Usadas no Rio de Janeiro e communicadas por alumnos do Collegio Pedro II (italico):

Se este livro fôr perdido,
Por acaso fôr achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assignado.

O meu nome é ... (F.),
Que me foi na pia dado;

¹⁴² Sobre João Ribeiro:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02102008-151911/pt-br.php>

¹⁴³ <http://educacao.uol.com.br/biografias/joao-ribeiro.jhtm>

Meu sobrenome é ... (X.),
Que de meu pai foi tirado.

Quem este livro pégar
Não causa admiração,
Mas quem com elle ficar
Péga, péga, que é ladrão!

b) Em Sergipe conheci a seguinte variante, muito usada nas escolas:

Livro meu muito amado,
Thesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia em que te perder.

Se não me souber o nome
Quem te tiver encontrado
Lendo (Esqueceu-me o verso)
Verá abaixo assignado.
(RIBEIRO, 1919, p. 155-156)

O primeiro trabalho a aparecer impresso sobre o *ex libris* etiqueta, no entanto, é de Igor Dolgorukij, publicado no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal* de São Paulo, em 1944:

Em Agosto de 1940 foi fundada no Rio de Janeiro, por alguns amadores e artistas, a primeira sociedade brasileira para promover estudos sobre o assunto: - a "Sociedade dos Amadores Brasileiros de Ex-libris". Graças à atividade da diretoria dessa nova entidade, já em 1942 foi possível realizar-se a primeira exposição brasileira de Ex-libris, no Museu Nacional de Belas Artes, patrocinada pelo Ministerio da Educação e Saude, sob presidencia do prof. Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes.

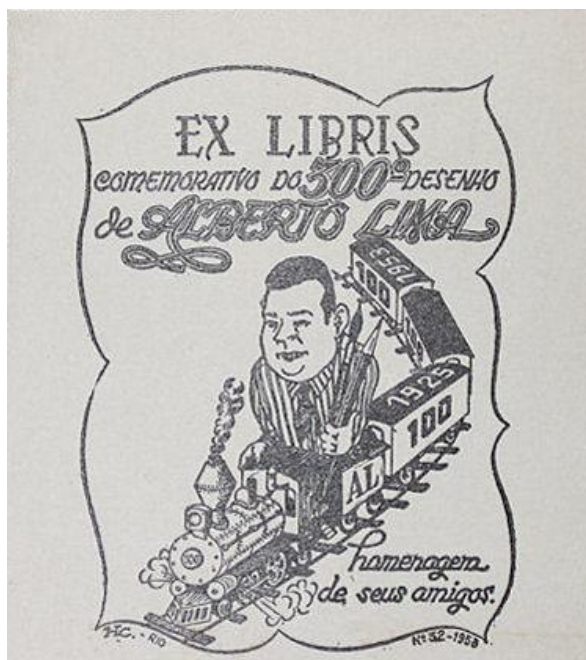
Em São Paulo, fundou-se em janeiro de 1944 a Sociedade Paulista de Ex-libristas, constituída por entusiastas dessa arte.

A primeira coleção paulista foi organizada pelo Cel. Salvador de Moya, presidente perpetuo do Instituto Genealogico Brasileiro, coleção essa que hoje faz parte do patrimônio do instituto. Foi o Cel. Salvador de Moya que incitou a maior parte dos colecionadores paulistas a usar e colecionar Ex-libris, doando a cada colecionador algumas dezenas de Ex-libris, para principio das coleções respectivas.

A prefeitura de Porto Alegre possui uma coleção pública de Ex-libris, organizada e dirigida pelo sr. Walter Spalding.

Por muito tempo, o único trabalho de maior vulto sobre o *ex libris* no Brasil foi o livro de Manuel Esteves, editado em 1954, com reedição em 1956. A Biblioteca Pública do Paraná publicou pela Imprensa Oficial do estado, em 2002, um belo catálogo, infelizmente com algumas falhas de identificação. Em 2006, José Augusto Bezerra publicou na *Revista do Instituto do Ceará* um artigo sobre o tema¹⁴⁴. Por fim, o prof. Plínio Martins Filho, em 2008, publicou uma obra a partir da seleção de exemplares da coleção do livreiro José Luís Garaldi.

Durante o século XX, foram muitos os artistas e ilustradores que se propuseram a desenhar *ex libris*. No Rio de Janeiro, o português Fernando Correia Dias, que viera para o Brasil em 1914 e casara-se com Cecília Meireles em 1922, foi responsável pela sua divulgação, assim como o desenhista e historiador paulista José Wasth Rodrigues e o caricaturista Álvaro Cotrim, o Alvarus. Foi, no entanto, Alberto Lima o mais produtivo dos desenhistas, com mais de 500 *ex libris* impressos. Jorge de Oliveira,



Ex libris comemorativo de 300 ex libris de Alberto Lima, elaborados entre 1925 e 1953

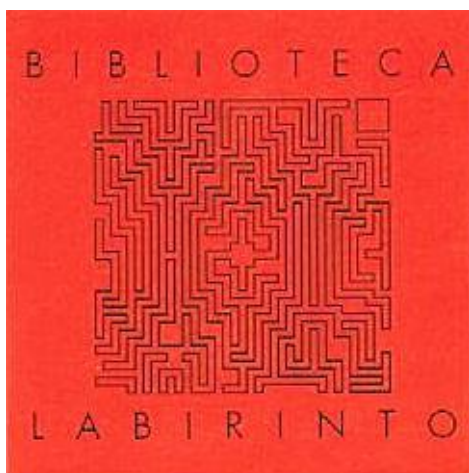
¹⁴⁴ <http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/2006ExLibrismarcadepropriedadedolivro.PDF>

ainda em atividade, alcançou também um número considerável, com quase 400 *ex libris* impressos. Pela produção significativa no país, era de se esperar que houvesse colecionadores de *ex libris*. Algumas dessas grandes coleções estão em bibliotecas públicas, mas a maior parte delas resta em mãos de particulares. O estudioso Paulo Berger elaborou um catálogo com milhares de *ex libris* brasileiros, que não chegou a ser editado. Felizmente, o prof. Paulo Bodmer, amigo de Berger, pôde disponibilizá-lo:

Quando o Paulo Berger faleceu, foi-me entregue dois Cds com o conteúdo do catalogo de ex libris, que ainda não estava completo, pelo menos para ele, que a cada dia descobria novos exemplares. Coloquei então na internet para que outros estudiosos possam se beneficiar desta obra monumental, que ocupou, diariamente, os três últimos anos da vida dele¹⁴⁵.

A marca não é tão comum, hoje, entre bibliófilos. Uma das questões é, certamente, a preocupação em não interferir nos livros, em preservá-los assim como foram encontrados, intervindo apenas com reparos inadiáveis.

Um dos poucos bibliófilos entrevistados e que não só possui como relatou a história de sua marca foi Lúcio Alcântara, que idealizou seu próprio *ex libris* [abaixo], executado pela irmã, arquiteta:



(...) pedi para ela fazer uma coisa do labirinto, aquela ideia do labirinto, a biblioteca como labirinto, ideia do Borges. Tem inclusive um livro enorme, acho que tá por aqui, só sobre o labirinto, que é uma coisa também que me interessa. Eu queria fazer uma analogia com o labirinto, um tipo de bordado que tem aqui nas praias do Ceará e que se chama labirinto. É uma coisa

que eu ainda vou desenvolver quando tiver um pouco mais de tempo. E

¹⁴⁵ Em e-mail enviado ao autor pelo prof. Paulo Bodmer, a 30 de novembro de 2009. O catálogo está disponível em: http://www.brasilcult.pro.br/ex_libris/catalogo_lista.htm

lá na Fundação eu criei uma espécie de editora que chamo de Editora Labirinto, mas aí não é com esse [ex libris], é um outro...

Esse *ex libris* do labirinto foi feito há aproximadamente 6 anos e é sua segunda marca. O primeiro, mais antigo, feito há mais de vinte anos, porta a frase latina *Ne quid nimis*, i.e., “nada em excesso”. Lúcio Alcântara faz questão de apontar a ironia: “(...) e, no entanto, eu estou aqui com excesso de livros.” De marca de posse, identificando de maneira inequívoca uma coleção, o *ex libris* passou a ser adotado e colecionado de forma independente, sendo mesmo criado para ocasiões especiais, como feiras e datas comemorativas. Os mais interessantes e procurados, no entanto, continuam sendo os que são atrelados a importantes bibliotecas particulares.

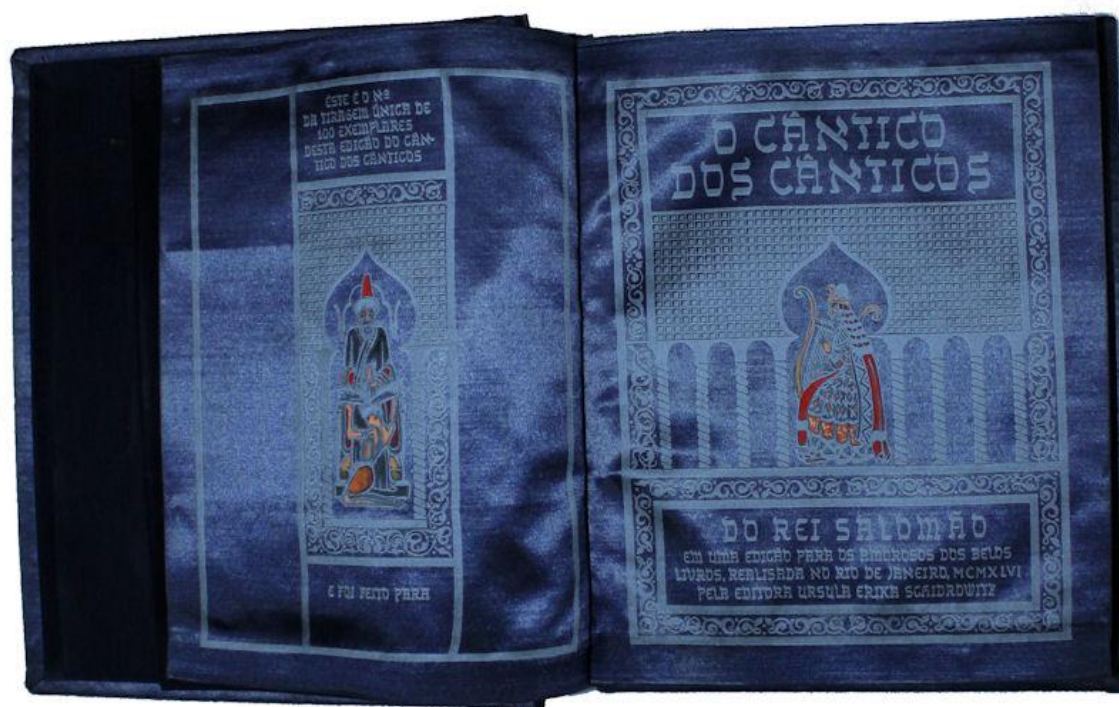
Edições de arte

Outro aspecto importante são as confrarias, editoras e séries dedicadas à bibliofilia, aos livros de arte, a maior parte já extinta. Boa parte dessas confrarias e de seus livros foram identificados por Catarina Knychala em seu *O livro de arte brasileiro* - primeiro volume. Antes de tratar das confrarias de fato, ela enumera alguns editores que teriam uma produção artisticamente mais apurada, como Elvino Pocai, de São Paulo [*ex libris* abaixo]. Existe, aliás, um excelente trabalho sobre os editores paulistas que demonstraram maior requinte gráfico no início do século XX: *A ilustração na produção literária (São Paulo – década de vinte)*, de Yone Soares de Lima. Este livro mereceria ser reeditado, desta vez com reproduções coloridas, em alta qualidade.



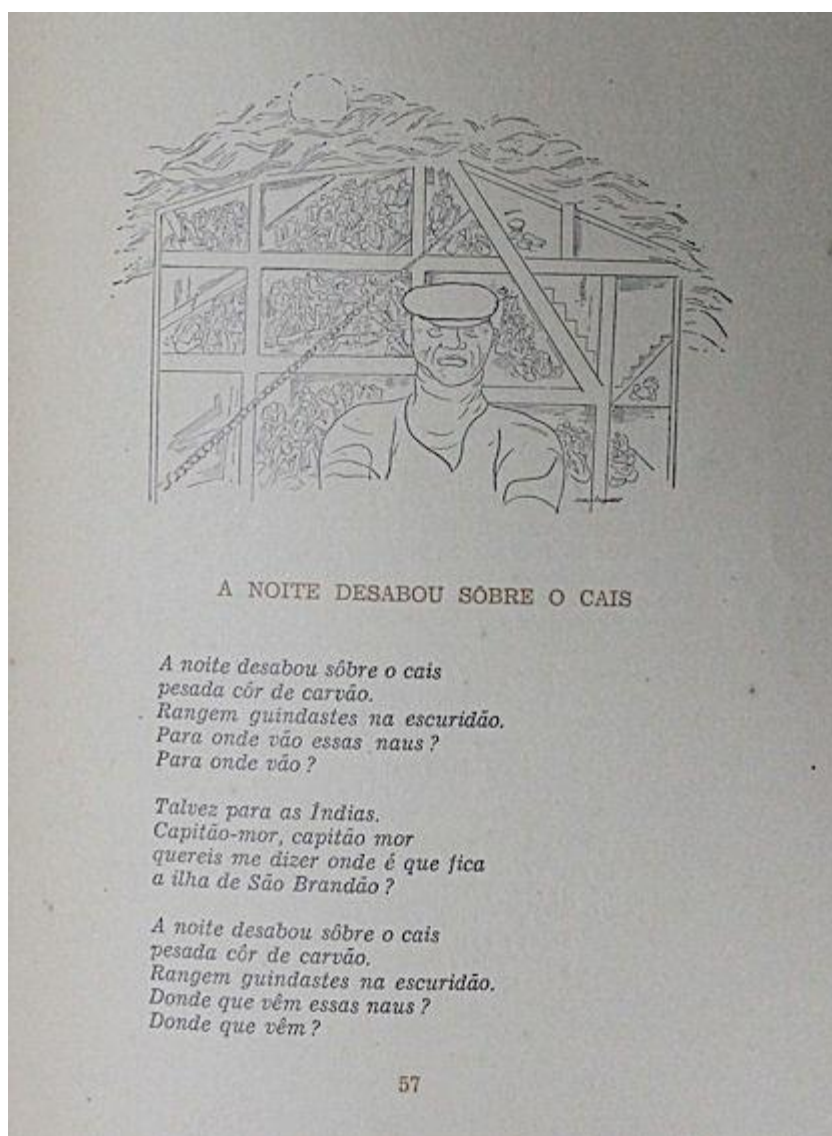
Belo exemplo de *ex libris*, elaborado por Adolf Kohler (1882-1950), gravador alemão que emigrou para o Brasil em 1927, tornando-se professor de xilografia no Horto Florestal de São Paulo a partir de 1940.

As primeiras confrarias que aqui tivemos foram a Cattleya Alba, Confraria dos Bibliófilos Brasileiros, e a Cem Bibliófilos do Brasil (1945-1969), a mais conhecida de todas, coordenada por Raymundo de Castro Maya, que contava, na verdade, com 119 membros. Sobre Castro Maya e sua confraria, já existe mais de um trabalho¹⁴⁶. Nada, no entanto, foi escrito sobre a Cattleya Alba. Entre suas edições, está um curioso volume, impresso em seda: *A dama de espadas*, de Puschkin, em tiragem de 200 exemplares, ilustrada por Martha Pawlowna Schidrowitz. Outro volume lançado provavelmente pela mesma confraria, ou pelo mesmo grupo, foi *O cântico dos cânticos* [abaixo], atribuídos ao Rei Salomão, em tiragem de 100 exemplares, também impresso em seda, ambos com as ilustrações coloridas à mão. Borba de Moraes estava provavelmente se referindo a esses volumes quando comentou sobre a produção brega dessa época.



¹⁴⁶ Para conhecer as publicações da Cem Bibliófilos:
http://issuu.com/giselaMonteiro/docs/07_dia07_livreto

A prof. Knychala destaca também a Edições Condé, a Revista Acadêmica (indicada pela autora apenas como R.A.) e as Edições Gaveta, além de outras publicações de Castro Maya. Talvez a mais marcante dessas publicações avulsas deste último tenha sido *O Alienista*, conto de Machado de Assis, ilustrado com quatro gravuras em metal de Portinari. A Gaveta lançou alguns belos livros de poesia ilustrados, como *Poesias Reunidas O. Andrade*, com ilustrações de Tarsila e Lasar Segall e *Poemas, Sonetos e Baladas*, de Vinícius de Moraes, ilustrados por Carlos Leão, parceria que se repetiria. Pela R.A., cuja principal publicação era a revista, saíram volumes preciosos, como os *Poemas Negros* de Jorge de Lima ilustrados por Lasar Segall [abaixo].



Por fim, o famigerado João Condé¹⁴⁷, responsável por conhecermos detalhes dos mais curiosos de alguns de nossos principais escritores, coordenou a publicação de alguns interessantes volumes, como *10 poemas em manuscrito*, com tiragem de 150 exemplares, em que podemos apreciar a grafia de cada um dos autores.

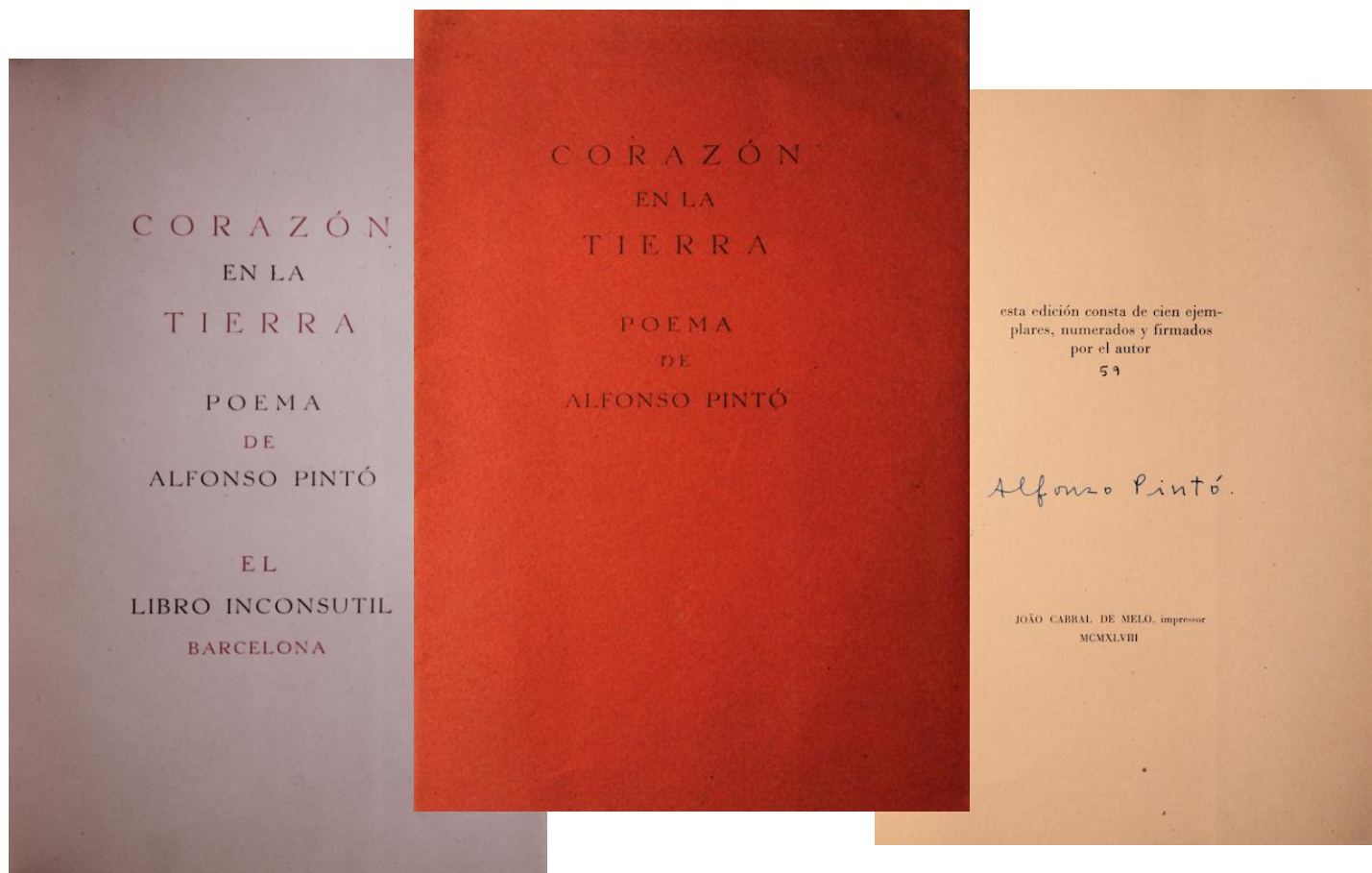
No exterior, as duas experiências mais importantes foram as de João Cabral de Melo Neto, com sua prensa manual “O livro Inconsútil”, e as de Vicente do Rego Monteiro, talvez a mais sentida ausência no livro da profa. Knychala, e sua “Presse à Bras de Monteiro”, estabelecida em Paris - 117, rua Didot (XIVe). João Cabral, aliás, frequentara um grupo de intelectuais no Café Lafayette em Recife, em 1938, no qual Rego Monteiro figurava com proeminência. Outrossim, as primeiras aparições das poesias de Cabral foram na revista de Rego Monteiro. Por esta, entre outras razões, Cabral lhe dedica sua segunda obra, *O engenheiro*. As experiências tipográficas de ambos precederam boa parte das experiências nacionais de poetas-tipógrafos: Rego Monteiro tem sua primeira incursão na elaboração de livros nos anos vinte, com a ilustração de algumas obras em Paris [exemplo ao lado].



¹⁴⁷ Sobre João Condé e seus “Arquivos Implacáveis:

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=270&pagina=1>

No início dos anos 1940, editou a revista *Renovação* e algumas outras plaquetes, mas compõe e imprime livros principalmente nos anos cinquenta, até 1957. João Cabral, removido para Barcelona, compra sua prensa em 1947. É preciso notar que o aprendiz não superou o mestre: os livros de Cabral [exemplo abaixo], apesar da sobriedade, não têm a mesma qualidade tipográfica dos de Monteiro. Este, afinal, era artista plástico.



Outro poeta que se transformou profundamente pela experiência estrangeira, mas que não era tipógrafo, foi Murilo Mendes. Ele teve parte de sua obra publicada na Itália, traduzida por Ungaretti – conhecido poeta italiano, cujo caminho fora inverso, como professor na USP, Murilo em Roma. A colaboração mais procurada do poeta, no entanto, foi publicada em Paris, no ano de 1949. O livro, *Janela do Caos*, ilustrado com seis litografias de Francis Picabia, é procurado mais pelo renome do artista e pela sua raridade do que por apreço estético.

No Brasil, as principais experiências foram, em Recife, de 1954-1961, o



Gráfico Amador (Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, José Laurenio de Melo e Orlando da Costa Ferreira); em Salvador, foram duas: Dinamene, de Pedro Moacir Maia (falecido recentemente) e, algum tempo depois, Macunaíma [exemplo ao lado], de Calasans Neto e Fernando da Rocha Peres. A Dinamene, a bem da verdade, não foi exclusivamente baiana: Pedro Moacir editou também em Buenos Aires, Dakar e Santiago. No Rio de Janeiro, fora as duas confrarias já mencionadas (Cattleya Alba e Cem Bibliófilos), temos

as edições Philobiblion de Manuel Segalá, espanhol radicado no Rio de Janeiro, com sua prensa “A Verônica”, contando mais de 40 obras publicadas entre 1954 e 1958, quando falece no Rio de Janeiro, e a Hipocampo, dos poetas Thiago de Mello e Geir Campos, que entre 1951 e 1953 publicaram 20 opúsculos.

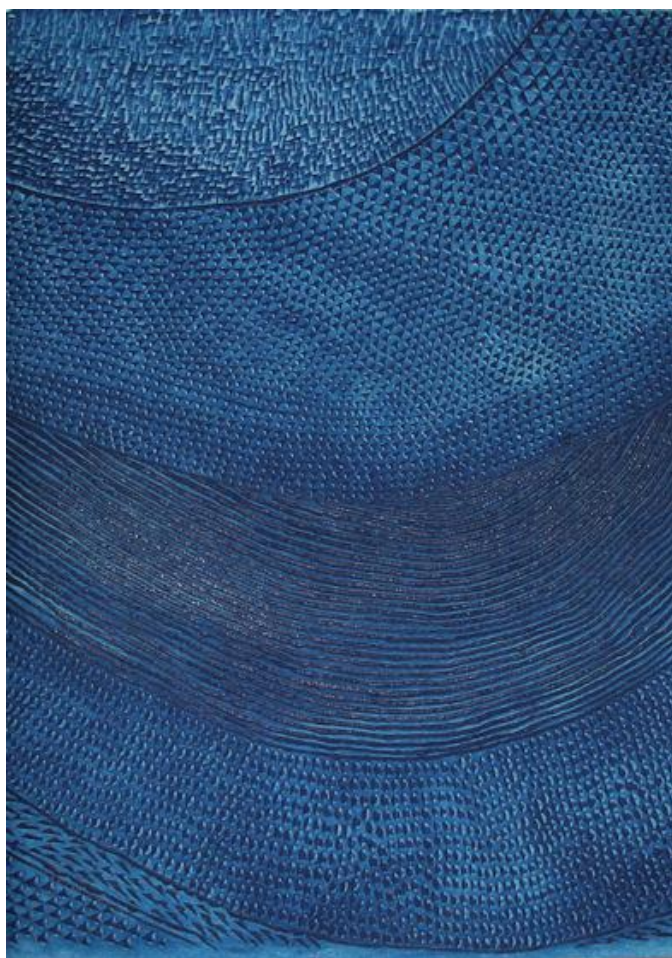
Aloísio Magalhães, depois de sua experiência brasileira inicial, editou livros no EUA e na Europa. Talvez os trabalhos mais artísticos tenham sido os elaborados em colaboração com o artista americano Eugene Feldman¹⁴⁸, que fundou a Falcon Press na Filadélfia. Entre as colaborações por eles executadas, destacamos *Doorway to Portuguese* [imagem da capa, impressa a partir de uma folha de palmeira, ao lado].



¹⁴⁸ Sobre Feldman: <http://www.eugenefeldman.com/>

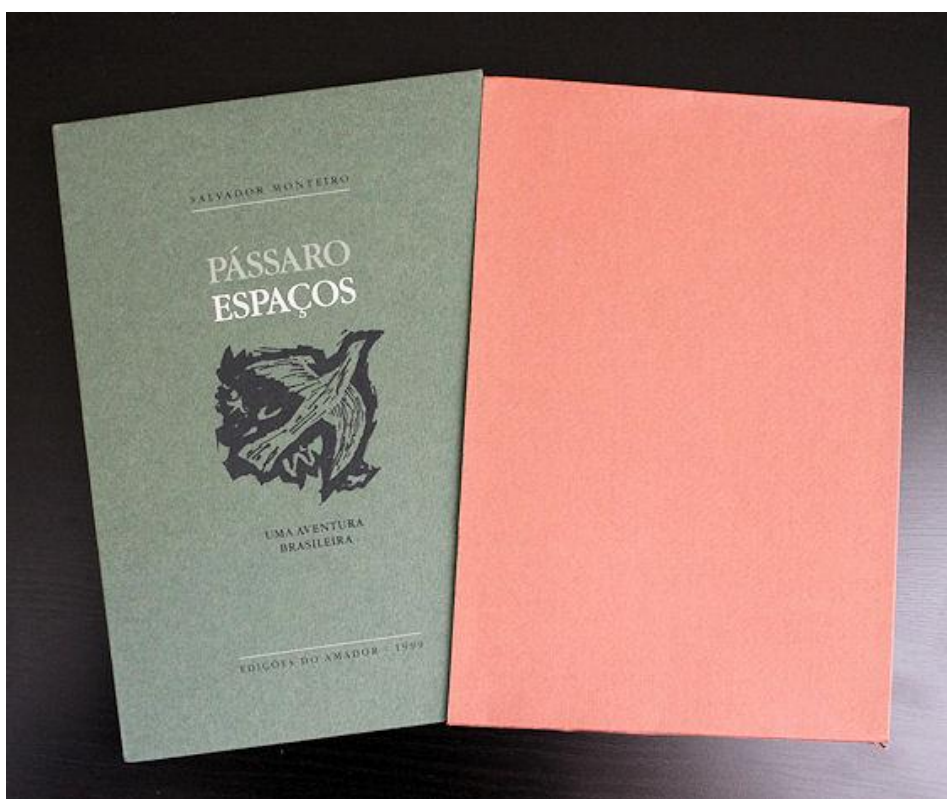
Os trabalhos coordenados por Gastão de Holanda, no Rio de Janeiro, assim como os álbuns de gravuras editados pelo argentino Julio Pacello em São Paulo, tiveram grande importância no desenvolvimento dos livros de arte no Brasil – no experimentalismo em artes gráficas, no cuidado e qualidade da impressão. Em Salvador, com o nome de Onile, foram publicados álbuns de gravuras no estilo dos de Pacello¹⁴⁹. Estes dois, no entanto, estão mais próximos das artes plásticas, pois pouco texto contém.

Editoras universitárias, como a Gráfica Piloto do Instituto Central de Artes da UnB, que contou com a colaboração de Glênio Bianchetti, Marília Rodrigues e Vicente do Rego Monteiro, entre outros, produziram também belos trabalhos, ainda menos conhecidos do que esses outros empreendimentos. Outro tipo de publicação de interesse são obras ilustradas com gravuras de artistas brasileiros radicados no exterior. Pode-se destacar, nesse nicho, *A ilha dos amores* de Luís de Camões, ilustrado com litografias coloridas à mão por Cícero Dias, e *Extraits* de Bernard Palissy [imagem da capa ao lado], ilustrado com gravuras em metal de Arthur Luiz Piza, ainda em atividade, publicado por Les Cent Une, uma confraria apenas de mulheres.



¹⁴⁹ Boa parte dessas obras pode ser apreciada no catálogo da *Brasíliana Itaú*, recém editado, entre as páginas 462 e 473.

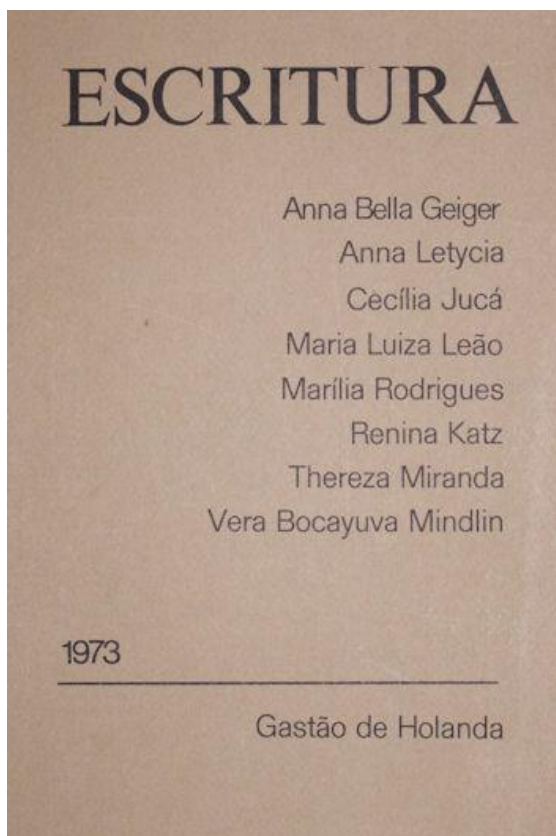
A Edições Alumbramento, coordenada por Salvador Monteiro¹⁵⁰ e Leonel Kaz, publicou entre 1968 e o início dos 2000. Podem-se delimitar duas fases: uma primeira, de obras para colecionadores, e uma segunda, a partir dos anos 80, com trabalhos mais comerciais, elaborados para Institutos Culturais e instâncias governamentais. Com esta guinada dos anos 80, Salvador Monteiro passa a editar também as Edições do Amador, com tiragens limitadas, por eles escritas e ilustradas [exemplo abaixo]. Com textos de autores consagrados aliados a ilustrações de grandes artistas, os sócios fizeram sucesso, conseguindo esgotar edições de quase quinhentos exemplares no dia do lançamento, sempre na Livraria Leonardo da Vinci, no centro do Rio de Janeiro.



MONTEIRO, Salvador. *Pássaros espaços*. Rio de Janeiro: Edições do Amador, 1999.

Tiragem de 100 exemplares. Capa impressa em serigrafia, miolo impresso à laser, acondicionado em estojo

¹⁵⁰ Escrevi um artigo sobre a produção editorial de Salvador Monteiro, aprovado para publicação no segundo número da revista *Livro*, do NELE (Núcleo de Estudos do Livro e da Edição).



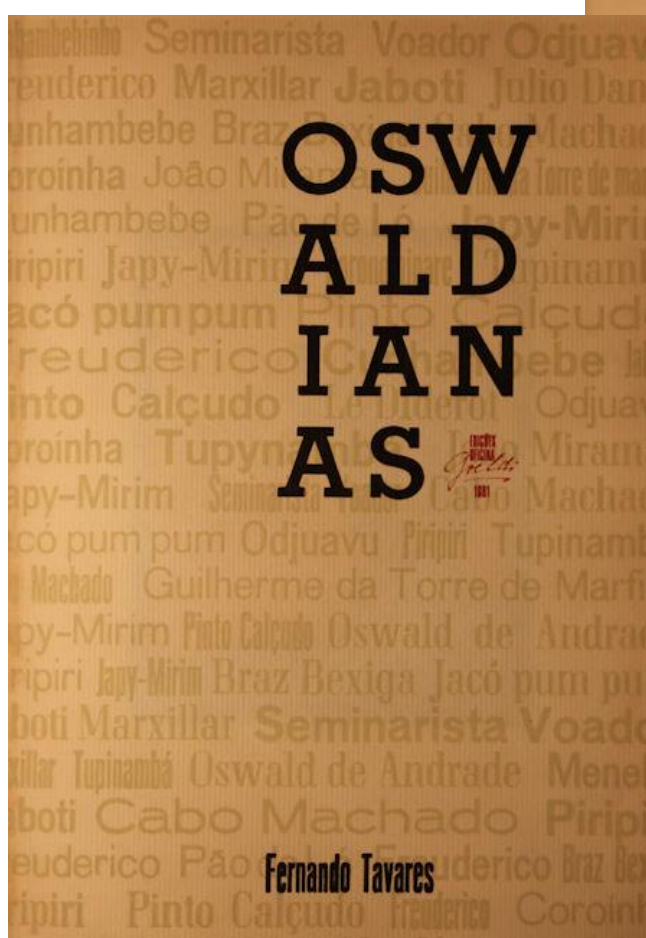
Essas edições de arte não devem sua existência apenas aos artistas gráficos que as compunham, ou aos apreciadores que as adquiriam, mas também a mecenas-bibliófilos. Tal como Castro Maya, mas em flancos diferentes, desde 1970 o bibliófilo José Mindlin – inicialmente com Gastão de Holanda e Cecília Jucá – financiou diversas edições, muitas delas de livros de arte. Estas obras foram descritas no já mencionado *José Mindlin, editor*, organizado por Tereza Kikuchi. Gastão de Holanda e Cecília Jucá iniciaram, em

seguida, a editora Fontana, continuando a editar livros de arte, alguns deles ainda patrocinados por Mindlin. Na segunda metade dos anos 1970, o jornalista, político e editor Carlos Lacerda fundou a Confraria dos Amigos do Livro, co-editando obras com Franco Maria Ricci.



Serigrafia de Maria Luiza Leão ilustrando poesia de Gastão de Holanda no livro *Escritura* (capa acima).

Em Minas Gerais, uma das principais aventuras editoriais foi a Oficina Goeldi, fundada em Belo Horizonte ao final de 1980. Seu nome, como sói acontecer em tais empreendimentos, é fantasia, tendo sido criada a partir da Associação Cooperativa de Arte, cujos diretores eram Mario Drumond, Fernando Tavares, Paulo Giordano e Osvaldo Medeiros. Na inauguração, apresentaram também o *Clube da Gravura de Belo Horizonte*, que teria a participação de artistas conhecidos na região e nacionalmente. Em 1985, por questões financeiras e desentendimentos entre seus fundadores, a Oficina mudou-se para São Paulo, coordenada agora por Mario Drumond e Fernando Tavares. Em terras paulistas, editaram pelos selos Gráfica Brasileira e Gráfica do Brasil. A Oficina volta para Belo Horizonte em 1988, retomando o Clube da Gravura. O empreendimento, no entanto, fecharia em dezembro de 1990, ao completar dez anos, por conta dos confiscos do Plano Collor.



Piratininga
ano 375 da deglutição
do bispo Sardinha.

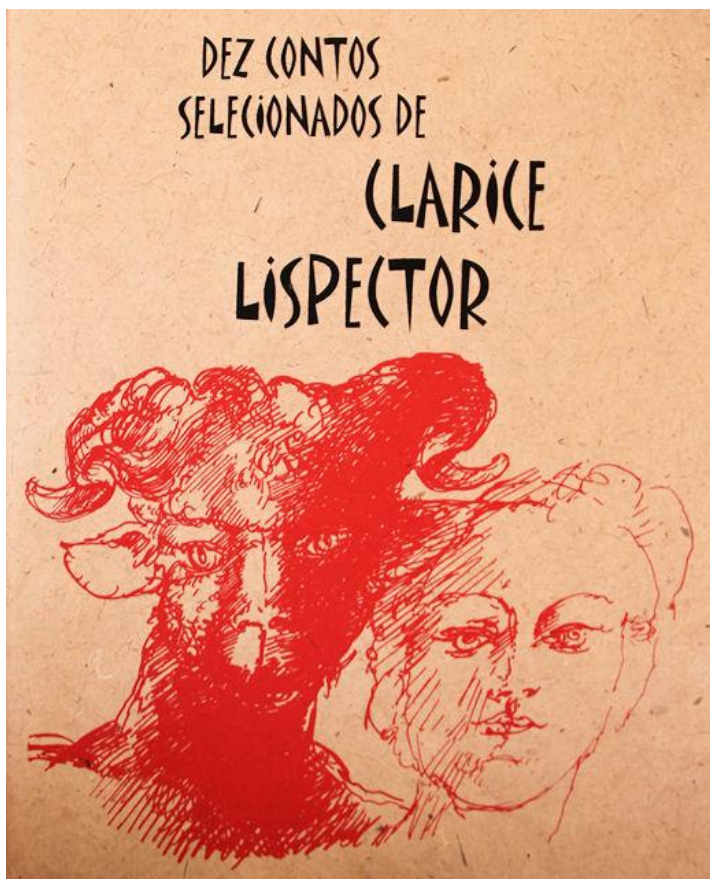
**Não fazemos
politica literaria.
Intriga, sim!**

Freuderico

Oswaldianas: uma das obras impressas pela Oficina em terras mineiras

É claro que existiram muitas outras tiragens especiais e experimentações editoriais, como os eventuais trabalhos saídos de prelos universitários, de editoras comerciais consolidadas que, de raro em raro, produzem algo que possa ser enquadrado como livro artístico, mas não se trata aqui de citar obras esparsas, mas empreendimentos mais ou menos bem-sucedidos.

Quanto a tiragens especiais e clubes de edições de arte, provavelmente o maior e mais conhecido hoje no país é a Confraria dos Bibliófilos do Brasil [exemplo ao lado, ilustrado por Grassmann], fundada em 1995, que conta oficialmente com 350 membros, além de uma quota extra de quase cem confrades¹⁵¹.



¹⁵¹ E-mail enviado por Salles, organizador da Confraria, em 5 de maio de 2009:
“Caríssimo Oto,

Hoje estamos com os 350 numerados e uma "reserva técnica" sem numeração que pretendemos limitar em 100 participantes (tivemos de ir por aí para viabilizar o custo dos livros e mesmo assim estamos trabalhando com muito aperto). A própria Sociedade dos 100 Bibliófilos do Brasil tinha uma razoável "reserva técnica" que mais que dobrava a tirage [sic] dos cerca de 120 exemplares oficiais. Eu mesmo vi uma coleção em Curitiba, quase completa, de volumes sem numeração. Nem o carimbo que colocamos "EXEMPLAR ESPECIAL SEM NUMERAÇÃO" ou algo parecido, eles colocavam. Apenas deixavam em branco o local de colocação do número.

No começo, no lançamento de O QUINZE, estávamos com cerca de 100 confrades (ao fim da feitura e distribuição do livro, que ocupou os anos de 95 e 96).

É isso aí, meu caro. Um abraço e até mais ver.

Salles”

Em pelo menos três estados há alguns empreendimentos antigos ainda em atividade. O Edições Noa Noa, de Cleber Teixeira, foi criado em 1970 no Rio de Janeiro e transferido em 1977 para Florianópolis. No Rio de Janeiro, a Lithos, empresa de litografia e serigrafia, que tem Guilherme Rodrigues a sua frente, edita esporadicamente belos livros de artista. Em Minas a Tipografia do Fundo de Ouro Preto, de Guilherme Mansur, publicou Paulo Leminski e Régis Bonvicino, entre outros. Mais recentemente, foi criada a Célula Tipográfica – Núcleo de Estudos em Tipografia, na Universidade Federal do Espírito Santo, sob responsabilidade de Sandra Medeiros. Em São Paulo, o tipógrafo e tradutor Vanderley Mendonça coordena o selo Demônio Negro, em parceria com a Annablume Editora, com o intuito de comercializar e co-editar obras que requerem um cuidado artesanal.



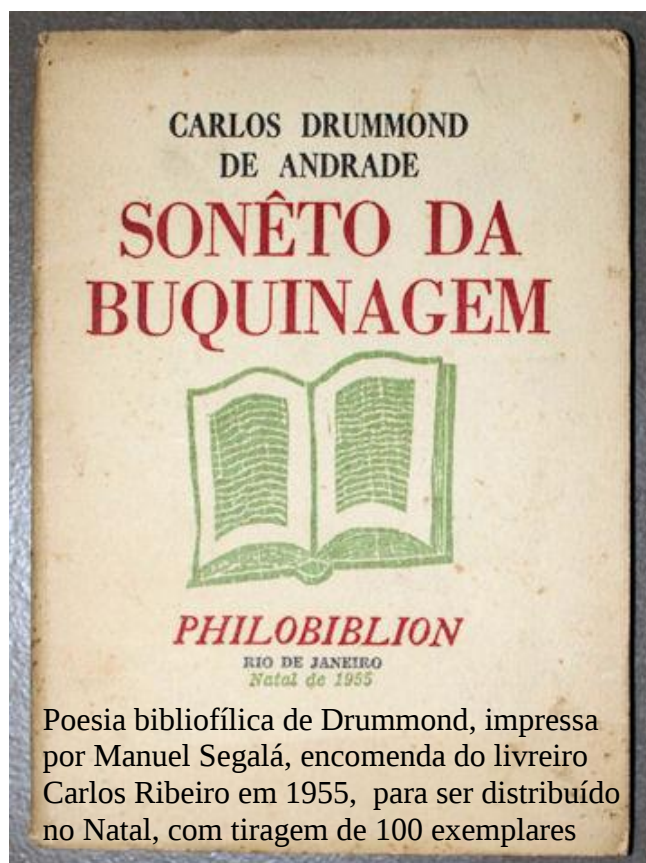
livreto sanfonado de apresentação da Célula Tipográfica

O livro objeto

O livro objeto, ou livro de artista, é ainda outro campo. Ele não será tratado aqui senão de forma passageira, pois está antes ligado a colecionadores de arte e artistas do que a editores e bibliófilos. Não por nada, boa parte destes livros de artistas são objetos únicos, ou em tiragens ínfimas. Talvez os trabalhos dos poetas concretistas – justamente por sua ênfase na relação entre letra, forma e espaço – sejam a principal ponte entre a bibliofilia e o livro-objeto. Desde os anos 60, suas revistas, livros e cartões foram editados não só no Brasil, mas também no exterior. Em São Paulo, Décio Pignatari e os irmãos Campos cunharam os livros por eles editados de “Edições Invenção” – não que houvesse uma editora, é claro. Suas experimentações com as palavras não se restringiam ao papel. Criaram, entre outros, poemas holográficos e em vídeo: palavras-poemas-objetos. Existe um único trabalho extensivo sobre o livro de artista no Brasil, publicado pela UFRGS em 2001, reeditado em 2008: *A página violada*, de Paulo Silveira.

O amor aos livros e a literatura nacional

Os livros, como fonte primordial de registro e divulgação de conhecimento nos últimos séculos, acabou por permear a escrita como objeto de questionamentos e elucubrações. Machado de Assis, além de tratar de seu editor Garnier em uma de suas crônicas, faz frequentes menções ao mundo dos livros: tipografias servem de referência espacial e a figura do bibliômano ocupa um capítulo nas *Memórias póstumas*¹⁵². Nos textos de Machado, estas referências se aproximam mais do memorialista e do ensaísta do que da ficção, assim como as de Carlos



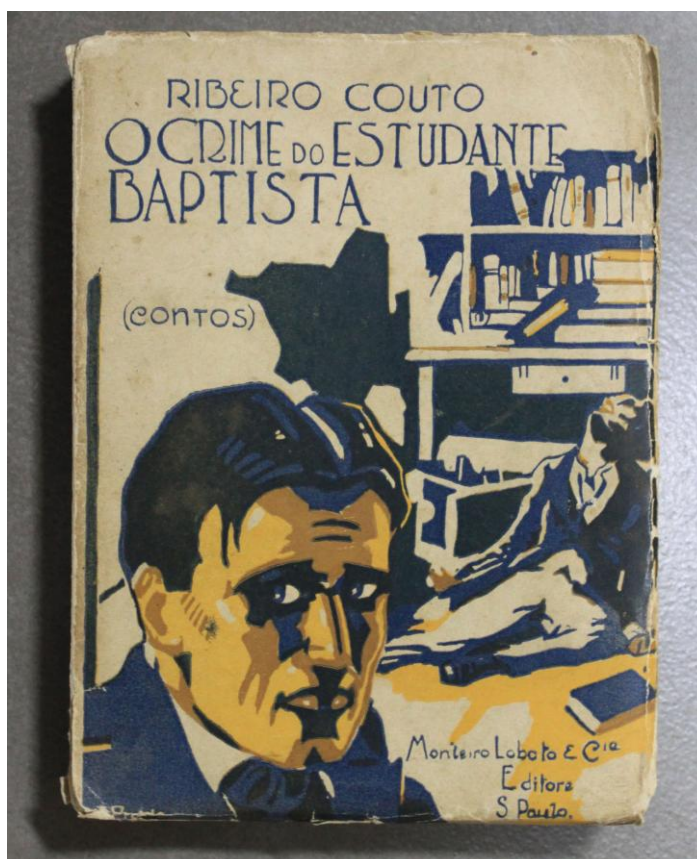
Drummond de Andrade, outro autor que faz constantes referências a este mundo. Em *Fala, amendoeira*, há os textos *Nobre rua São José*, conhecida rua de sebos do Rio de Janeiro de então e *A casa*, sobre a livraria e editora José Olympio, que publicou boa parte dos livros de Drummond. O poeta escreveu outros textos sobre o assunto, como um conto bibliofílico (**ANEXO vi**). A escritora Eneida, em *Alguns personagens*, trata do livreiro

Carlos Ribeiro. Pedro Nava e Agrippino Grieco, escritores e bibliófilos, não deixam de mencionar algum aspecto livresco em sua obra. José Lourenço, gravador popular nordestino, fez, em 1992, uma bela série de

¹⁵² Ambos em Braz Cubas: “p. 143 “No dia seguinte, estando na rua do Ouvidor, á porta da typographia do Plancher, vi assomar, a distancia, uma mulher esplendida.” Cap. LXXII - O bibliomano (p. 196-7).

xilogravuras, mostrando o processo de impressão de cordel, intitulada *Lira nordestina*.

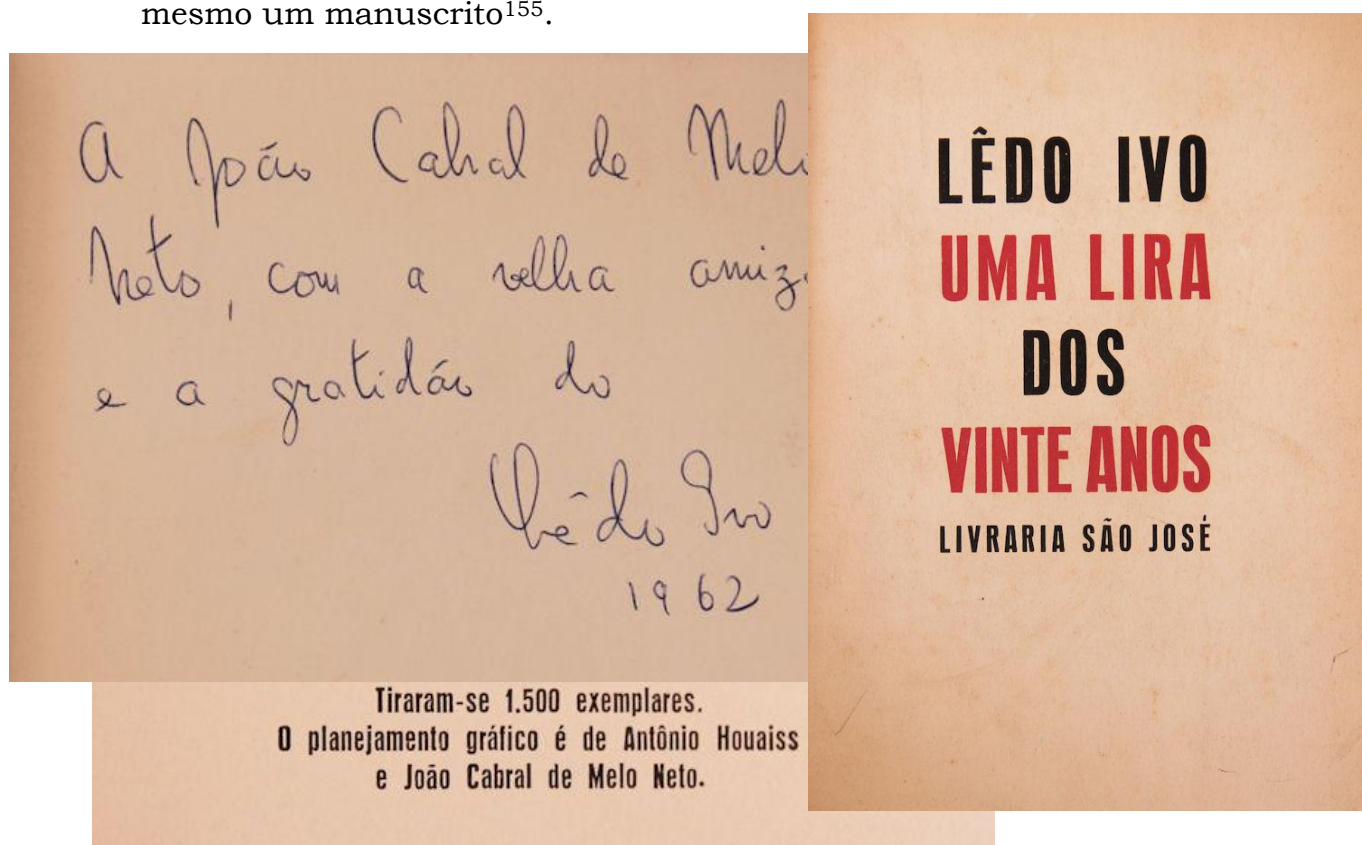
Na literatura memorialista, há trabalhos elaborados em homenagem a alfarrabistas (*Memórias e escritos do livreiro Braziellas*¹⁵³, pelo próprio), livreiros (*Um livreiro de todas as letras*, de Arnaldo Campos), editores (*Um certo Henrique Bertaso*, de Érico Veríssimo), bibliófilos (*Uma vida*, de Plínio Doyle) e bibliotecários (*Memórias de uma guardadora de livros*, de Cristina Antunes). Está claro, no entanto, que as referências podem ser colhidas nas mais diversas fontes. É na bibliografia de Carlos Drummond de Andrade, elaborada por Fernando Py, que encontramos a menção mais completa em livro aos “Amigos do Livro”, nome dado a um número de obras editadas sob coordenação de Eduardo Frieiro em Belo Horizonte. Por último, de caráter mais ficcional, há, por exemplo, *O crime do estudante Baptista*, de Ribeiro Couto [capa ao lado]. O primeiro conto, que dá nome ao título, trata de um crime livresco – que não será aqui desvelado.



¹⁵³ Talvez o mais curioso relato encontrado ao longo da pesquisa. Braziellas, com pouca educação formal e, ao que tudo indica, sem ter seus originais conferidos ou revisados, publica um interessante livro de memórias, com trechos de pseudo-psicologia, repleto dos mais variados erros de ortografia e estilística. É um verdadeiro livro *naïf*, comparável à nossa arte popular.

A importância das bibliotecas particulares

Quando determinado acervo é comprado por uma instituição¹⁵⁴, como uma universidade federal, ocasionalmente servindo de base para aquela biblioteca, poderíamos mesmo afirmar que ele molda o pensamento que lá será desenvolvido. Quando, por outro lado, ele é desfeito, a exemplo do ocorrido recentemente com a biblioteca de João Cabral de Melo Neto, cujos livros foram em parte leiloados, em parte vendidos a um sebo, ele acaba por alimentar o comércio de livros usados e, em decorrência, as bibliotecas de colecionadores. Além disso, as boas bibliotecas que seguem para sebos, ou são leiloadas, é que possibilitam o próprio despertar do colecionismo, pois o interesse por obras raras ou curiosas pode ser despertado, porque não, pelo achado de algo como uma obra com dedicatória a João Cabral, ou um dos livros por ele impressos, ou mesmo um manuscrito¹⁵⁵.



¹⁵⁴ Por vezes, como no caso da Casa de Rui Barbosa, a coleção se torna a própria instituição.

¹⁵⁵ Outra coleção que terminou dispersa em sebos foi a de Mario Lago - não que fosse um bibliófilo, mas era certamente um ícone cultural. Apesar do estardalhaço na mídia quando de sua morte, em maio de 2002, nenhuma menção foi feita aos livros.

O caso da biblioteca de João Cabral, recentemente dispersa, reflete o descaso com a preservação de nossa cultura, pois se tratava da história material de um dos mais importantes poetas brasileiros, cuja dedicação às letras originou também um importante trabalho histórico: *O Arquivo das Índias e o Brasil*. Um exemplo mais recente, mas que passou despercebido pela mídia, foi a venda dos livros pertencentes a Mario da Silva Brito, ocorrida em 2008. Importante escritor e crítico literário, sua biblioteca, assim como a de João Cabral, refletia várias décadas de relações com a elite intelectual brasileira.

É essencial lembrar, por fim, que a importância de bibliotecas particulares não está em um ou outro item raro, por mais especial que seja, mas no seu conjunto. Rubens Borba de Moraes, em seu manual de bibliofilia, nos diz ser “francamente partidário das pequenas coleções (...) hoje em dia não é possível um particular formar uma grande biblioteca sobre um assunto geral¹⁵⁶”. Há, ainda, exceções. A biblioteca eclética de José Mindlin, por seu vulto, é referência em mais de uma área: é uma constelação de bibliotecas. Esta possibilidade, no entanto, está reservada a uma rara conjunção de fatores: fortuna (material e dos astros), tempo (vida longa), conhecimento. Essas grandes bibliotecas, mais comuns outrora, têm um caráter distinto das pequenas e cuidadas coleções advogadas por Borba de Moraes: seus donos não têm o domínio, ou profundidade, sobre elas que os eruditos especializados têm das suas. Elas não refletem um conhecimento mais apurado de determinada área, mas uma inclinação quase estética por encadernações, gravuras e raridades universais. Suas contribuições são distintas: as grandes bibliotecas, caso legadas a instituições (ou caso sejam feitas delas instituições) são importantes centros de confluência de estudiosos à busca de materiais preciosos. As coleções especializadas irradiam um conhecimento acumulado no qual frequentemente importantes estudos se baseiam.

¹⁵⁶ *O bibliófilo aprendiz*, p. 26

Para se constatar os destinos de coleções significativas, foram consultados alguns acervos de bibliotecas públicas, incluindo universitárias. A UnB, por exemplo, obteve as bibliotecas de Agrippino Grieco, Homero Pires, Pedro Nava (preciosa e seleta coleção de livros de medicina) e Carlos Lacerda, dentre outras aquisições e doações. Na Biblioteca do Ministério da Justiça, encontra-se a coleção de Affonso Pena Jr., além de uma famosa goethiana: a de Fernando Rodrigues da Silveira. Na biblioteca do Senado Federal, encontra-se a coleção de Luiz Viana Filho, de 11.740 volumes, comprada em 1997. O Instituto do Ceará recebeu a coleção de Eurico Facó em doação, logo após sua morte. Rubens Borba de Moraes consignou sua coleção a José Mindlin, para que este tratasse de sua incorporação a uma universidade pública – o que foi feito em conjunto com a Brasileira de Mindlin. A coleção do professor e bibliófilo Edson Nery da Fonseca foi incorporada à biblioteca do Instituto Ricardo Brennand, que abriga também as coleções de seu fundador e do pesquisador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello Neto. Ela foi projetada para abrigar 100.000 volumes, estando apenas um quinto de sua capacidade – segundo informação disponibilizada no sítio do Instituto - ocupada.



A Fundação Biblioteca Nacional, além das famosas coleções de Barbosa Machado, do Conde da Barca [*ex libris* ao lado] e de Pedro de Angelis, assim como a do Arquivo da Casa dos Contos de Ouro Preto¹⁵⁷, recebeu algumas das principais coleções já formadas no país. Entre as coleções que pertenceram a bibliófilos brasileiros e encontram-se na Biblioteca Nacional estão a Coleção Salvador de

¹⁵⁷ Esta coleção está em destaque na página da FBN, apesar de 80% do arquivo original encontrar-se no Arquivo Nacional, também no Rio de Janeiro, segundo o Centro de Estudos do Arquivo da Casa dos Contos. Parte da coleção encontra-se também no Arquivo Público de Minas Gerais.

Mendonça, que conta com preciosos itens referentes ao período holandês no Brasil e cujo catálogo foi publicado em 1906; a Coleção José Antônio Marques, recebida pela Biblioteca Nacional entre 1889 e 1890, composta por 3.920 obras, entre elas manuscritos relativos ao Brasil Colônia; a Biblioteca Abraão de Carvalho, composta de 17.000 peças, adquirida pelo governo federal e recebida em 1953 pela Divisão de Música e Arquivo Sonoro; e a já mencionada Coleção Benedito Ottoni, que pertenceu ao bibliófilo José Carlos Rodrigues.

A Biblioteca Pública Municipal Mario de Andrade, criada em 1926, deve parte de sua importância às compras e doações de grandes bibliófilos e colecionadores brasileiros. Em 1936, a biblioteca adquiriu a coleção Félix Pacheco, à época considerada a maior e mais importante Brasileira do país. No ano seguinte, recebeu em doação um grande número de manuscritos e obras raras pertencentes a Baptista Pereira. Não foram apenas aquisições e doações de particulares que deram magnitude à biblioteca: em 1939, a Biblioteca Pública do Estado de São Paulo uniu-se, com seus 70 mil volumes à Municipal. Desta coleção incorporada, destaca-se não só a secção de documentos e obras raras, mas também a biblioteca particular do ex-presidente da província Barão Homem de Mello. A biblioteca de Paulo Prado, figura importante nas letras paulistas, foi também recebida em doação. O acervo da Biblioteca cresceu vertiginosamente, passando de 110 mil volumes na década de 1940 a mais de 3 milhões de itens documentais em 2002.

São também instituições de destaque a Academia Brasileira de Letras, com suas duas bibliotecas, e a Fundação Casa de Rui Barbosa, em Botafogo – Rio de Janeiro, que conta com diversos arquivos de personalidades políticas e literárias, tais como os de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux. Outras fundações, como a Joaquim Nabuco, em Recife, e, principalmente, as bibliotecas de Institutos Históricos e de Universidades Federais, são receptáculos de boa parte das coleções de estudiosos, por terem com essas instituições laços afetivos.

Como já assinalado por um ou outro exemplo, o destino de um acervo particular não foge, necessariamente, aos desígnios do bibliófilo. Plínio Doyle, bibliófilo carioca, manteve em sua casa durante 1965-1998 o Sabadoyle, reunião de escritores e intelectuais, que contava, entre os *habitués*, com Drummond, Pedro Nava, Raul Bopp e Álvaro Cotrim. Waldemar Torres, bibliófilo paulistano transplantado para Porto Alegre fundou o Espaço Engenho e Arte, onde promove eventos culturais. Lá mantém sua coleção de literatura brasileira, uma das mais completas do país, além de um importante arquivo de vídeos e leituras.

histórico

Colônia/Império

República

leilões

impacto da internet

cenário atual: observações

Brasília

Fortaleza

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Salvador

São Paulo

Se é difícil traçar a história do livro e de seu comércio durante o período Colonial e, até mesmo, no início do Império, tanto mais o é traçar a história de livros usados e, quem dirá, raros. São poucos os registros históricos, são escassos os trabalhos que tratam do tema. Os bastidores da indústria e do comércio apenas recentemente tornaram-se objeto de estudo de pesquisadores, estando antes relegados a breves trechos em memórias autobiográficas, a notícias em periódicos que se perdem em meio a milhares de edições em papel frágil.

Márcia Abreu, que analisou as solicitações de envios de livro ao Brasil feitas à censura portuguesa, constatou um volume maior do que esperado, no período entre 1769 e 1826, com ênfase em Rio, Bahia e Pernambuco e, em menor medida, Maranhão e Pará. O número de livros para cá trazidos, ou enviados, seja por seus donos ou comerciantes, foi decerto maior e, com certeza, a censura teve épocas de maior ou menor atuação. À época, a leitura era certamente um dos principais passatempos dos letrados. Dada a escassez de livros, haveria provavelmente um comércio de volumes de segunda-mão. Se isso foi feito de maneira sistemática por alguém, durante o período colonial, nunca saberemos ao certo. É sabido, no entanto, que os livros eram comercializados por casas não-especializadas, que vendiam toda sorte de materiais. Além disso, eles devem ter sido comprados por mercadores de viajantes ou marinheiros em passagem na busca de um trocado a mais.

Os problemas para desembaraço, as burocracias mil relatadas por Márcia Abreu não são diferentes dos que hoje temos com a Receita Federal. Da mesma forma, só ficam registrados os processos feitos por pessoas ingênuas ou normativas, pois muito esperto há de ter conseguido circular seus livros de forma mais ágil, complementando a

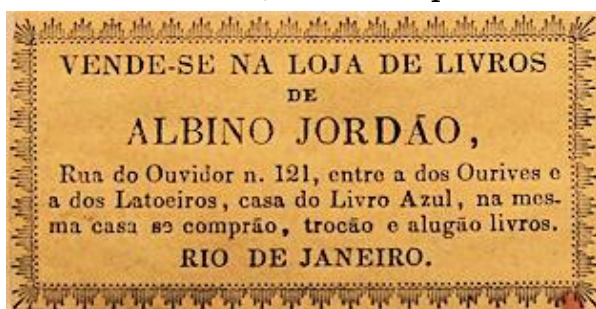
¹⁵⁸ Ubiratan Machado escreveu uma interessante e sucinta história do comércio de livros no Brasil do século XIX como introdução a seu *A etiqueta de livros no Brasil*.

renda de censores e funcionários das alfândegas, poupando tempo e dores-de-cabeça. Não é necessário apenas pressupor a corrupção em nossa história longínqua, há documentos que a comprovam ao menos desde meados do século XVIII.

Durante o período Colonial, existiam livros quase que exclusivamente nas bibliotecas das Ordens que no Brasil se instalaram, sendo especialmente conhecidas as dos Jesuítas, por conta do vasto estudo de Serafim Leite. Talvez a grande exceção fosse Minas Gerais, pois, ao mesmo tempo em que eram proibidos os conventos em solo mineiro, havia uma grande movimentação em torno da riqueza gerada pelo ouro e diamante, com abundância suficiente para que as Artes fossem incentivadas: na Arquitetura e na Escultura, com a adoração de Igrejas e grande ênfase na statuária; na Música, com compositores como Manoel Dias de Oliveira. A urbanidade mineira, tão rara na colônia portuguesa, longe de centros, longe da influência ostensiva europeia, apesar da migração contínua, gerava aqui algo diverso do que se via na Europa. Não admira, portanto, serem de Minas a maior parte das pistas históricas no estudo dos livros no século XVIII, assim como parte importante das principais bibliotecas particulares.

Um dos melhores registros do comércio de livros no Brasil Colônia foi feito por Sílvio Gabriel Diniz: *Um livreiro em Vila Rica no meado do século XVIII*. Nesse trabalho trata de Manuel Ribeiro dos Santos, que revendia, além de outros produtos, livros, estes com certa predominância. Em sua pesquisa, Diniz examina um manuscrito encontrado no Arquivo Público Mineiro e reproduz trechos de cartas e documentos. Mesmo que não seja o foco principal de sua pesquisa, Diniz nos informa, também, sobre livros usados: o mercador estudado reclama de seu contato em Portugal, por lhe ter enviado livros velhos, surrados e rotos, um deles por um preço ainda superior ao novo. Encomenda então mais livros, pois aqueles só serviriam para papel de embrulho, pois, segundo ele, “não há loucos que me comprem L.oz [livros] velhoz” (DINIZ, 1959, p. 184). Em outro trecho, afirma que

poderia até serem enviados a ele livros usados, contanto que em ótimo estado, mas a preferência mesmo era por obras “das composições mais modernas q.’ouver.” (DINIZ, 1959, p. 185) Queria ainda que fossem bem encadernados, com belas dourações. Após enumerar os livros que desejava adquirir, muitos em duplicata, por vezes em triplicata, ele vislumbrava a possibilidade de compra de algum volume usado, conquanto estivesse em bom estado, no caso de impossibilidade de compra de um novo (seja pelo valor, ou pela escassez). Não há, portanto, menção a qualquer aspecto bibliofílico e a compra, eventual, de livros usados, dava-se apenas em último caso.



O primeiro sebo brasileiro, propriamente dito, segundo Ubiratan Machado, foi a Casa do Livro Azul [etiqueta ao lado], estabelecido no Rio de Janeiro

em 1828. Algumas livrarias, nas primeiras décadas do século XIX, funcionavam como Gabinete de Leitura, uma espécie de biblioteca paga, o que mostra a escassez de livros, de novidades, provavelmente indicativo dos altos preços. Por décadas muitas livrarias não se furtariam de não somente vender livros usados, como a Livraria Econômica, de Recife, mas também de alugá-los.

Já para o final do século, aproximando-se do fim do Império, ao tratar da livraria de João Martins Ribeiro, Ubiratan diz que a “loja era freqüentada por escritores e políticos, ávidos de raridades” (MACHADO, 2009, p. 69). Ribeiro, que fundara a livraria em 1871, ficando nela até sua morte, em 1926, era um amante dos livros, fato que Ubiratan ilustra com a doação dos manuscritos da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, pelo livreiro à Biblioteca Nacional.

República

Se da Colônia e do Império temos apenas breves relatos passageiros sobre a circulação de livro, do início da República talvez o único seja o de Rubens Borba de Moraes. Não há também, é verdade, muitos relatos de períodos posteriores, mas esta falha foi possível suprir com as entrevistas efetuadas.

Naquela época os donos de Sebo eram ignorantes e não entendiam de livros antigos. Um e outro que tinha uma noção de clássicos portugueses e sabia de cor a data da primeira edição do Casamento Perfeito [livro de Diogo de Paiva de Andrade - 1630¹⁵⁹] fazia figura de erudito. Havia exceções, é claro. Que o diga quem conheceu Tancredo de Paiva [autor de um famoso dicionário de pseudônimos, editado em 1929] e quem leu os catálogos tão bem anotados de J. Leite. (MORAES, 1960, s/p)

Outra exceção já mencionada é a do livreiro José Olympio, que da venda de importantes bibliotecas auferiu o necessário para montar sua editora. No entanto, parece incontestável que, *grosso modo*,

A era da República Velha foi a época áurea das pechinchas, ambição máxima dos homens que vivem pobres e morrem ricos. O bibliófilo entendido fazia descoberta, comprava a troco de reza preciosidades de fazer inveja. (MORAES, 1960, s/p)

Estes pacatos donos de Sebo não abasteciam seu estoque no estrangeiro. Não recebiam catálogos do exterior. (MORAES, 1960, s/p)

A meca dos sebos no Rio, durante muitas décadas, foi a livraria Quaresma. Secundo Ubiratan, era mesmo o mais famoso sebo do Brasil, pelo menos até 1940. Fundada em 1883 com o nome Livraria do Povo, passou a ser dirigida, com a morte do fundador em 1921, pelo gerente José de Matos: “em certas horas a livraria parecia uma academia, repleta de senadores, deputados, ministros de Estado, os escritores mais famosos do país.” (MACHADO, 2009, p. 87)

¹⁵⁹ Ficha catalográfica e reprodução da folha de rosto: <http://purl.pt/14226/1/>

Outro sebo, ou “livraria economica”, conforme consta em seu selo, que teve início no século XIX e é ainda lembrado pelos mais antigos bibliófilos é o Gazeau. Fundado em 1893 pelo francês Auguste François Gazeau, responsável também pela construção do primeiro prédio de concreto armado paulistano, foi, segundo Ubiratan, o primeiro sebo de São Paulo:

Em 1942, houve um hiato na história da livraria com seu fechamento, em consequência de dificuldades financeiras e da reforma ortográfica (o livreiro achava que ninguém ia mais comprar os livros na velha ortografia). Gazeau promoveu uma liquidação total, vendendo livros a dez cruzeiros o quilo. O que sobrou foi distribuído aos empregados, como uma forma de indenização. Pouco depois, o livreiro retornou à ativa e logo a livraria transbordava de livros. Dizem que havia cem mil volumes. Devia de ter pelo menos dobro. (MACHADO, 2009, p. 100)

O livreiro faleceu em 1955, atropelado por um caminhão ao atravessar a rua Sena Madureira. O casarão de Gazeau, felizmente, foi conservado e, desde 1969, está nele sediado o Cebrap¹⁶⁰. Péricles Coli Machado, antiquário e colecionador, recorda-se ainda dos bons tempos de caça aos livros no velho sebo paulista:

Ê, o Gazeu era um bom lugar, o velho Gazeau. Eu me lembro uma coisa que [aconteceu] com Gazeau (risos), eu acho que já contei. Eu descii na Praça da Sé e vi um monte de livros pelo chão na outra calçada. Fui lá ver e ele ia mudar-se, então ele fez aquilo, pos todos aqueles livros na [calçada] e ele fazia uns lotes, um monte de “100” [réis], algum livro bom e em cima uma bugiganga. Eu tava lá e tinha um outro livreiro perto. O danado pegava, tinha dois lotes: ele tirava a bugiganga e punha a parte boa (risos) ... ah, meu Deus, meteu uma caranfurada, o Gazeau!

Essa desorganização tinha seu charme:

Não há dúvida que a uns trinta anos o comércio de livros antigos estava mais atrasado do que de livros novos. (...) Muito dono de Sebo mal sabia

¹⁶⁰ Para uma história do casarão acessar:

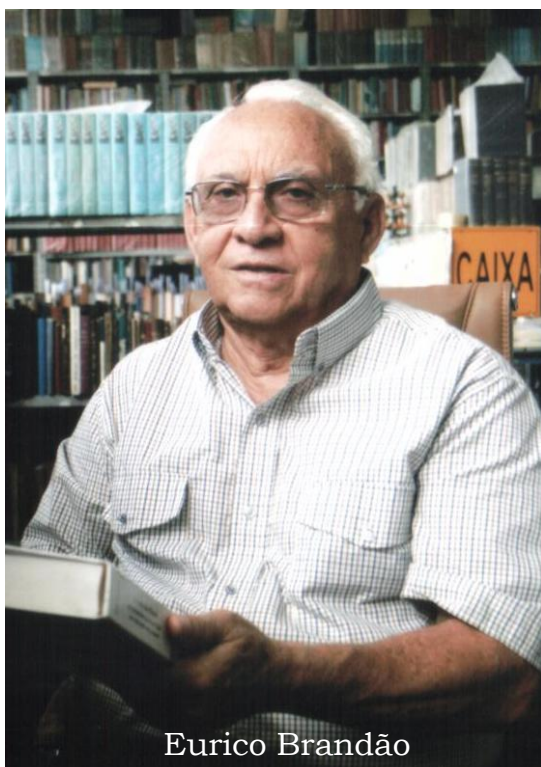
<http://www.cebrap.org.br/v1/template.php?lang=pt&area=1&pagina=14>

o que tinha. O freguês finha que remexer, que “fuçar”, para encontrar o que lhe convinha. Era uma tradição dos Sebos deixar os livros em desordem para dar ao freguês o gosto de remexer e a ilusão de descobrir. Não resta dúvida que um dos grandes prazeres do bibliófilo é remexer livros, de *bouquiner*. Mas quanta poeira se engolia, quanta dor nos joelhos (...) (MORAES, 1960, s/p)

Mesmo que poucos, ainda hoje há sebos de “fuçar”. Aliás, este “fuçar”, hoje, existe sem a dor nos joelhos e poeira de que se queixava Borba de Moraes, sem parte da alegria imediata do encontro do objeto: pela internet. Mas sobre ela falaremos mais à frente. Borba de Moraes traça a revolução no mercado de obras usadas e raras a dois imigrantes:

Vindos da velha e tradicional Áustria encontraram-se no Rio Norbert Geyerhahn, grande comerciante de café e colecionador de livros antigos e Erich Eichner, livreiro de profissão. Fundaram a Livraria Kosmos em 1935. As instalações elegantes, a decoração feita com gravuras, as vitrinas arrumadas com gosto eram uma novidade no comércio de livros d’aquela época. Era sangue novo que vinha nos enriquecer. (...) Graças a bons agentes no mundo inteiro, a um serviço de informações bibliográficas (outra novidade) e empregados de primeira ordem, a nova livraria conseguiu uma vasta freguesia em pouco tempo. (...) A publicação regular de catálogos sobre os mais variados assuntos, a criação de filiais em São Paulo e Pôrto Alegre trabalhando com a mesma técnica moderna, tornaram a Livraria Kosmos a grande empresa que é. (MORAES, 1960, s/p)

Os três austríacos, os irmãos Walter e Stefen Geyerhahn, e Erich Eichner, fundaram a Kosmos e naturalizaram-se brasileiros (Walter o fizera em 1944). Em 1945, fundaram também a Associação Brasileira de Livreiros Antiquários. Essa revolução no mercado, no entanto, seria seguida por poucos nos moldes da Kosmos, pois não só era restrito o mercado da bibliofilia, mas poucos teriam a capacidade de desenvolvê-lo de forma tão refinada: a Kosmos se estabelecera como paradigma de livraria antiquária no país. Basta dizer que hoje apenas oito livreiros do Rio de Janeiro e de São Paulo fazem parte da Associação.



Outro marco no mercado livreiro foi o Sebo Brandão que, gradual e paulatinamente, construiu um império de livros usados. Não é uma Kosmos, não é um livreiro antiquário especializado, tampouco é um desses sebos bagunçados e desorganizados. Não é, também, o único livreiro com loja massiva, mas é provável que seja o primeiro a ter uma grande rede de sebos atuando em três estados distintos. É o próprio Brandão que relata seu primeiro contato com o comércio livreiro:

(...) eu me candidatei, estavam contratando vendedor de livros. Surgiu uma representação para abrir meu escritório, ganhava pouco, fui ser representante del'Atheneo, abri o escritório. Desenvolvi. Aí, como produzi muito, abriu a filial, me botou de gerente de produção - aí pronto – fiquei sem ganhar, fiquei sem ganho.

(...) lá, justamente, eu fui tendo contato com o mundo do livro usado... não necessariamente nos primeiros sebos do Recife, verdadeiros caga-sebos. Nenhum demérito para eles, mas eram casas sem uma arrumação, tudo nojento, era um verdadeiro lixo: trabalhavam sem nenhuma técnica, jogado no chão, tudo empoeirado, tudo nojento. (...) eu era gerente de produção, então todo lançamento eu mandava vender, “ah, o senhor é um pediatra”, então mandava, “Ah, mas eu não quero, porque o carro bateu, a mulher deu à luz, isso, aquilo” e lá eu estava vendo um tratado (...) de radiologia. Então ali alguém me pedira aquele livro, logicamente vendera a 100 cruzeiros, ele me dava um livro “x” que eu vendia por 200, né, produzia para ele e produzia para mim, aí fui vendo esse filão. Justamente quando eu estava ganhando pouco na editora, eu disse “sabe de uma coisa, vou abrir um sebo”, sai da casa, da empresa, brigamos, justiça e tudo, graças a Deus não deu em nada: nem eles ganharam, nem eu perdi. Nem eles ganharam, nem eu ganhei,

né. Eles não perderam, porque eu fiz muita coisa boa pra ele, se não existe mais no mercado é por causa da concorrência, da lei de importação, o mercado editorial brasileiro cresceu muito.

Brandão começou trabalhando apenas com livros consignados, para logo em seguida abrir seu primeiro sebo, em 1956, e hoje tem orgulho de assim denominá-lo:



Comecei em 56 em Recife quando eu abri a livraria com o nome Agência Cultural Guararapes. Aí logo depois o povo chamou de sebo e como eu tinha filhos e sebo era de conotação pejorativa, né? [Pensei] “não, tá errado”:

Livraria Brandão Sebo. O senhor não me prova que ninguém usou antes de mim, o senhor não me prova, desafio, eu! ... 1956. É tanto que ligavam lá em casa “cadê teu pai?” “Papai tá no sebo”. Hoje sou orgulhoso. Chamar de sebista, de caga-sebista, não tem problema. Fugir da minha identidade?

Nos anos 1940, o termo “sebo” em referência a livrarias que comercializavam obras usadas já era comum. O fato de um livreiro se autodenominar sebista, ou chamar a livraria de sebo, não. A definição de sebo, aliás, e a origem do comércio de livros usados preocupou Brandão

(...) o sebo, compreendeu, é um brasileirismo, já lhe expliquei. (...) quem assim o disse foi o Rodolfo Garcia, está aí no dicionário. Tanto que nos bons léxicos, nos bons dicionários, como o Aurelião, o Houaiss, caga-sebo, sebo, brasileirismo, porque a semântica é brasileira. Em Portugal não tem significado, lá o sebo é a gordura das vísceras de alguns quadrúpedes, entendido né, alguns.

Essa semântica só no Brasil, porque em Portugal é alfarrábio, não é isso? Dir-se-á que eles têm. Eu, até, eu os critico – “você têm o sebo e

não sabem, vocês têm e não sabem”. Contemporâneos de Eça de Queiroz, lá eles falam nas sebatas. Que são as sebatas? As sebatas da universidade de Coimbra? As apostilas! O sebo, essa semântica, os estudantes criaram. Os livros escolares passavam de alunos, irmãos e, no meu caso, eu me lembro que pegava o livro na mão: aqui tem sal, suor e gordura. Revesti o livro com papel kraft, mesmo assim, com tempo, geralmente os livros escolares eram manchados, de tanto serem portados na palma da mão, ficava com aquela mancha gordurosa. (...) estavam ensebados e eram negociados entre alunos, alguém viu esse filão para vender livros escolares, não sei onde, não sei quando (...) Não existe livraria-antiquária, não existe livraria-sebo, como eu mesmo me autocritico, porque quando eu abri minha casa no Recife 56, não tendo a formação que tenho hoje, eu a chamei de livraria-sebo. Hoje não, tanto que quando chega intelectual na praça, “onde é que eu encontro sebo”, não vai procurar livraria, vai procurar sebos.

Ainda sobre o uso do termo “sebo”, Brandão conta uma história curiosa envolvendo

(...) o Olyntho [de] Moura (...) esse era na rua São Bento 370, 9º. andar, sala 21. Mas esse era um sebo, compreendeu, sebo da elite, somente para elite. Ah, se o chamasse de sebista! Um dia ele me apresentou o Dr. João Scantimburgo, ele queria uns livros. Eu disse: “É, professor, eu creio que lá no meu sebo eu consigo”- pra que eu disse isso... quando Dr. João saiu ele me chamou e disse, “Olha Brandão, se você disser essa palavra aqui dentro você não entra mais na minha casa.” Ah, moço! Ele não aceitava o que ele era, coitado, né. É como o Luiz [da ORNABI] disse que a casa dele não era sebo, “pra mim não é sebo”, mas para o povo...

Brandão inaugurou novas lojas em Salvador (1969) e São Paulo (1978/1979), todas administradas por familiares. Na capital paulista, apesar da pouca concorrência de então, já havia alguns grandes sebos, como o ORNABI (Organizador Nacional de Bibliotecas), de Luiz de Oliveira Dias¹⁶¹, fechado em 2007, com a liquidação dos 15 mil livros restantes. Sr. Luiz, português emigrado ao Brasil em 1939, foi

¹⁶¹ Falecido a 11/01/2011.

empregado no mesmo dia em que chegou a São Paulo, na Livraria Lusitana. Comprou, em 1945, a Livraria Ypiranga, adotando o nome definitivo em 1962. Sua livraria, durante muito tempo uma das maiores do país, chegou a abrigar mais de 300 mil livros, ocupando 12 lojas no centro de São Paulo.



Voltando ao mercado de livros usados pernambucano, Brandão não é a única figura marcante. Talvez a mais folclórica seja Melquisedec Pastor do Nascimento, recifense, nascido em 1921. Desde 1937 trabalha com livros usados, termo

que, de acordo com o médico e memorialista Rostand Paraíso, prefere ao de sebo. Seu aprendizado deu-se com Manuel Berlamino da Silva, sendo que na Livraria Chaves também haveria o comércio de obras usadas. Esta “(...)ficava na Rua do Rangel, local onde, aliás, proliferavam os sebistas.” (PARAÍSO, p. 211) Sua história foi brevemente traçada por Paraíso, que nos dá também pistas sobre o comércio livreiro na cidade:

Após passar por vários endereços, ocupou “(...)um box na Rua da Roda, no centro da cidade, local que ficou conhecido como Praça do Sebo (...) organizada por Gustavo Krause, nos fins da década de 70, enquanto prefeito da Cidade do Recife. Sempre reclamando das condições de higiene daquele local, Melquisedec foi um freqüentador assíduo da página de cartas do Jornal do Commercio e do Diário de Pernambuco, dizendo ter escrito mais de 80 cartas dirigidas às autoridades municipais, a maioria, porém, sem resposta e sem que qualquer providência fosse tomada (...). Numa dessas cartas, lembra-se de ter usado, para definir aquele local de trabalho, a palavra *merdódromo*, nome que lhe teria sido sugerido pelo jornalista José do Patrocínio.” (PARAÍSO, 2006, p. 209-213)

Figuras como Melquisedec existem em boa parte das capitais, e, com o tempo, tornam-se referências culturais para uma ou mais gerações de

amantes dos livros. Esses livreiros desempenham um papel importante no incentivo da bibliofilia, como José Augusto Bezerra declara em seu relato apaixonado:

Encontrei um livreiro chamado Melquisedec. E Melquisedec era um estudioso, era um bibliófilo, era um livreiro também, mas ele conhecia, estudava os livros, conhecia profundamente. E aí ele um dia me deu um livro, me deu não, me disse “Rapaz, compra esse livro que eu estou querendo vender, mas você é um rapaz jovem e eu estou querendo dar para uma pessoa que gostasse disso, eu estou vendo que você se interessa, eu acho que você pode vir, amanhã ou depois, a ser uma pessoa que goste de livros bons”. Então, aquele livro lá em cima o terceiro – primeiro, segundo, terceiro - foi o livro número um, que são as fábulas de Dom Quixote, que são ilustradas por G. Doré e, realmente, é um livro bonito, um livro extraordinário, vamos dizer, me deixou empolgado com aquela obra e a partir dali guardei aquele livro com muito carinho e comecei a procurar outros parecidos. Daí nasceu esse desejo, que foi crescendo ao longo do tempo, aprimorando.

Um ponto de inflexão no mercado de livros usados foi a Lei Nº 5.471, de 9 de julho de 1968, regulamentada pelo decreto Nº 65.347, de 13 de outubro de 1969, que proibia a saída de grandes conjuntos de obras publicadas no país, ou sobre ele, no século XIX ou antes, além de uma série de outras restrições. Brandão comenta sobre o impacto:

(...) passou a vigor uma lei que proibia exportar acervos do Brasil (...) só livros modernos. Mas, em 68, em obediência a essa lei eu precisava me expandir, só tem um jeito, comprava no Brasil e vendia (...) Eu estava concentrado no Recife, comprava no Brasil e vendia a partir de Recife. Aí vim aqui na Bahia em 69.

Antes da lei, muitas vendas importantes destinavam-se a instituições no exterior, onde não deixam de cumprir a importante função de informar a intelectualidade de outros países nossa cultura.

A biblioteca em Londres, a British Library, eu vendi acho que mais de 20 mil livros para eles, então, nos Estados Unidos, tantas faculdades, tantas faculdades, comprava tanto, Canadá também, Toronto também.

Mas acontece que eu, sabendo dessa proibição, aí eu então só tinha uma... tive uma ideia, foi justamente, a expansão dentro do Brasil.

Essa lei impediu a saída dessas coleções do país, mas não contribuiu em nada para a preservação dessas bibliotecas, restritas agora ao solo nacional, e mais:

(...) a solução do problema correlato, do débito da nação para com aqueles que passaram a vida reunindo preciosidades bibliográficas dispersas aqui e ali, até no estrangeiro às vezes, dando a elas muito de si mesmos em trabalhos e atenções diuturnos, e que acabam vendo tudo se dispersar outra vez, a troco de pagamentos dificilmente não despresíveis, sem poderem sequer contar com a alternativa de justa transação com uma biblioteca pública ou particular, assim garantindo a permanência do conjunto (...) (ANDRADE, 1978, p. 91)

Por essa época, o livro raro por aqui procurado era ainda da Brasileira, ou os livros de antiquariato europeus. Na matéria “Livros raros, um negócio que no Brasil já se torna muito comum”, de 22 de abril de 1971 (*Folha de S. Paulo*), apenas a Kosmos é citada e apenas tais livros. Claro, havia alguns poucos interessados em literatura brasileira, mas o filão explorado pelos livreiros e, portanto, mais organizado/valorizado era ainda o da Brasileira.

Para se conseguir livros raros e documentos antigos, os sebos não eram a única fonte. Péricles Coli Machado, auxiliado por sua sobrinha Maria Lucia, conta como obteve parte significativa de sua coleção:

Antigamente, havia aqui, por exemplo, o Largo de São Francisco, que recebia muita doação. No meu tempo, livro eles jogavam num canto e não ia ninguém! Sempre comprando, comprando, mas livro barato. Gente de posses doava, porque era uma caridade famosa (...) muito boas compras lá, inclusive fotografias, coisas que eu comprei no Lar Escola.



Maria Lucia e Péricles Machado em sua casa

Maria Lucia conta que

(..) o tio também pegou uma época aqui de São Paulo, principalmente aqui na região [Vila Mariana], que foi a do Metrô. Quando foi feito o Metrô, houve muitas demolições. Então o pessoal foi obrigado a deixar as casas e doou e saiu muita coisa, então nessa época ele também comprou muita coisa.

Lá havia muita casa antiga, e, assim, muita coisa que interessaria ao antiquário. Segundo as informações no sítio do Metrô, as obras começaram em 1968, sendo a linha inaugurada em 1974 –

Linha 1 / Azul. Por vezes conseguiam as coisas, como conta o sr. Péricles:

Tinha umas pessoas aí, gente simples, batia na porta para ver se comprava: “o senhor tem isso?” O pessoal comprava garrafa velha, ferro-velho, alumínio, qualquer coisa, tá certo. E eles começaram a bater aqui e quando eles souberam tem isso, tem uma fotografia velha, livro velho, eles traziam aqui para mim. Isso também acabou, porque eles começaram a funcionar em favela e eu nunca entrei numa favela, claro...

São vários os fatores que fizeram de Vila Mariana um bairro interessante para a procura de obras e documentos antigos, especialmente no período de transição relatado. No entanto, a crescente urbanização e modernização trouxe também mudanças que iriam extinguir o antigo comércio trapeiro:

O serviço de reciclagem assumiu um outro [vulto] ... isso aí é uma pequena reciclagem que eles faziam, né? Eles viviam disso, comprar e vender coisas por quilo. Agora tem, toda reciclagem, estudo, a própria prefeitura passa toda semana pegando material. Não há essa figura mais do carroceiro.

Essas são mudanças que decerto modificaram a *oeconomia* do comércio de livros usados em todo o país. Além disso, o advento de uma indústria da reciclagem deve ter fadado à destruição muita obra que seria resgatada por esses intermediários de outrora.

Apesar de Borba de Moraes e outros comentarem sobre o período áureo da República Velha, é preciso ter em mente que isso foi dito em determinada época, por bibliófilos com determinado interesse. Era, portanto, apenas uma pequena parcela de livros que eles consideravam poder ser colecionada: a Brasileira, pelas preferências da época. É claro que após uma ou mais gerações colecionarem exaustivamente um tema específico, os livros se tornam cada vez mais escassos e valorizados. O mesmo aconteceu com as obras do Modernismo e, mais recentemente, com a Poesia Concreta. Além disso, parte dessas coleções é incorporada, por meio de compra ou doação, a acervos públicos, diminuindo a possibilidade de que tais obras se encontrem em sebos. Vários dos bibliófilos da atual geração relataram suas experiências primeiras com a busca de livros e a situação não era diferente, apenas os interesses eram outros. Ésio Macedo Ribeiro conta que

Quando eu comecei, nos anos 80, em São Paulo, os sebos eram bastante desorganizados. Eu falo principalmente em São Paulo, porque é onde eu passei mais tempo, e eram muito desorganizados, não havia.... as estantes, não tinha organização por autor, ou por título, ou qualquer organização. Era tudo muito caótico e você tinha que passar o dia todo procurando e garimpando mesmo, era um trabalho de garimpo para conseguir um livro. Hoje não, a maioria dos sebos já tem tudo catalogado, muitos deles estão pondo seus livros na internet, muitos até fecharam as portas e só tem livros na internet.

No Rio de Janeiro, a situação não era diferente. Segundo Alexei Bueno:

Na antiga Conde do Bonfim, 100, que aliás era do Walter Cunha, havia montanhas de livros, era uma coisa impressionante, onde achei coisas fabulosas, foi uma grande época! Eu tinha dezesseis ou dezessete anos, no final dos anos setenta. Tinha coisas fabulosas, fabulosas. Era um estoque em estado selvagem, subia numa escada, com risco de vida, numa pilha de três metros de altura, por vinte metros de comprimento, três ou quatro de largura, uma loja muito funda, saí absolutamente imundo de pó ali dentro, mas encontrei coisas fabulosas.

Outro livreiro sobre quem não se pode deixar de escrever é justamente Walter Alves da Cunha. Nascido em Pará de Minas, em 1913, foi para o Rio em 1930, onde os sebos já eram comuns no centro da cidade, trabalhar com seu tio José Augusto Santana, numa dessas livrarias. Em 1947 associa-se a Carlos Ribeiro para comprar a Livraria São José, que tinha um português e um italiano por sócios-proprietários. Tornaram-na um dos mais famosos sebos do Rio. Enriqueceu, conforme relatos diversos, com imóveis, quando termina a sociedade com Carlos Ribeiro, o “Mercador de Livros”. Este, aliás, vendeu a conhecida São José (que já não estava no mesmo local, nem era a mesma), aos funcionários, quando de sua aposentadoria.

Progredindo sempre, em 1967 a livraria já era proprietária de três lojas na Rua São José, e foi nesse período que começaram as primeiras sondagens do grupo Real Imobiliário para compra de imóveis e posterior construção do edifício que hoje lá se encontra. Por volta de 1970, Carlos Ribeiro e Walter Alves da Cunha, dois amigos inseparáveis, grandes conhecedores de livros raros sobre o Brasil (...) separam-se sem nunca brigarem. Walter Alves da Cunha, num exemplo raro de amizade e renúncia, abdicou do nome e da tradição da Livraria São José, um patrimônio de valor incomensurável, deixando-o com o seu antigo sócio e velho amigo o “Mercador de Livros”, Carlos Ribeiro e assim a livraria se mudou para a Rua do Carmo, nº 61.

Os amigos que o visitavam na Rua do Carmo constatavam a sua profunda depressão e tristeza pelo seu deslocamento da Rua São José. Às vezes surpreendiam-no chorando e dizia que agora estava sobre a

proteção de Nossa Senhora do Carmo. Não conseguiu mais trabalhar. Aconselhado pelos médicos, afastou-se da profissão que enobrecera por mais de meio século para ficar eternamente na história dos livros no Brasil¹⁶².

Sobre o papel que a São José desempenhara, escreve Ubiratan Machado:

Espécie de reino mágico do livro, onde todas as raridades apareciam um dia, local de consagração e conagração de escritores, lançadora de novidades logo adotadas em todo Brasil, dizem até que local de cabala de votos para a Academia Brasileira de Letras, queimando e elegendo candidatos, não há nada semelhante à São José na história das livrarias brasileiras. (MACHADO, 2009, p. 141)

Aos 94 anos, em 2007, Walter Cunha já contava com 77 anos de trabalho em sebos. Sua filha, Lucy da Cunha Galindo, e dois netos também trabalham em sebos. Um dos destaques de sua carreira como livreiro se deu

Quando Juscelino Kubitschek se deu conta de que não poderia transferir a Biblioteca Nacional para a nova capital, seu Walter foi convidado para montar a Biblioteca do Palácio da Alvorada. Ele foi apresentado ao presidente por um cunhado, que trabalhava para o governo. Poetas como Cláudio Manoel da Costa, romancistas e escritores de outras vertentes, em um total de seis mil volumes selecionados cuidadosamente, desembarcaram em Brasília para o início do novo Distrito Federal. (NOGUEIRA, 2007, p. 47)

O livreiro continuou com seu grande acervo por décadas:

Hoje, o comerciante tem duas livrarias no Centro, sendo a principal na Praça Tiradentes, e dois depósitos, um em Vicente de Carvalho (Zona Norte) e outro na Rua do Teatro, perto do Largo de São Francisco. Em cada um dos depósitos, ele calcula ter no mínimo 100 mil livros. Não é exagero: na Rua do Teatro, o imenso depósito possui montanhas de coleções, romances, livros didáticos e científicos. O espaço tem quatro andares e 40 metros de fundo, sendo cada pavimento reforçado para suportar mil quilos por metro quadrado. (NOGUEIRA, 2007, p. 48)

¹⁶² Essa informação consta no sítio da São José:
<http://www.saojoselivraria.com.br/historia.htm>

Como pudemos ver, a maior parte dos sebos continuaram por muitas décadas ainda no estado caótico da República Velha. Tanto no Rio, caso relatado por Alexei, quanto em SP, caso relatado por Êsio. Talvez seja ainda na década de 1980, em meio à crise, que possamos traçar o fim desses sebos em estado primitivo. Foi nessa época que Brandão abriu sua filial em São Paulo. No mesmo período, em novembro de 1981, o professor José Licurgo Alencar Barbosa, de 38 anos, com uma biblioteca de 12 mil volumes, decidiu tornar-se livreiro. Fazendo troça de si mesmo, Licurgo se diz “metido a bibliófilo (...) pobre, bibliófilo, não parece pedante?” (R.K., 1981, p. 27) Brincadeira à parte, Licurgo era desses livreiros que realmente entendem de livros, de colecionismo.

Perguntada se livreiros mais informados – como ela própria – frequentam outras livrarias à caça de pechinchas, D. Margarete comenta:

Olha, eu fiz isso muito na época em que eu tinha mais tempo, inclusive eu já comprei muita coisa para mim da velha São José, quando o Carlos [Ribeiro] ainda era vivo. Mas o que acontece é que naquela época apareciam muitos livros. Hoje é difícil, hoje quase não aparece mais, entendeu, então eu não sei, os outros sinceramente não sei. Quem vem aqui, por exemplo, na livraria são alguns de São Paulo, o Aristóteles. O Brandão mesmo vem de vez em quando, aliás, daqui do Rio seu Ginter também vem, mas eles procuram, acredito eu, mais especificamente o que os clientes deles estão procurando. Não é aquela coisa aleatória, não (...)

A caça a livros é propiciada, aliás, pela proximidade entre os sebos. Sobre esse fenômeno, comenta o livreiro Leonel:

(...) no Centro acontecia o seguinte, em primeiro lugar: lá tem a Faculdade de Direito, tem o Fórum e esses lugares, eles sempre atraíram muita gente: os advogados, juristas, esse pessoal sempre comprou muito livro. Então, as livrarias jurídicas ficavam lá, pela proximidade com os clientes. Acabou que essa proximidade foi gerando as outras livrarias - o Messias, ele começou com livro jurídico – então, essas livrarias, elas sempre atenderam aos advogados. E, a partir daí,

começou esse *point*, vamos dizer assim, juntando a clientela espontânea que já está lá, mais essa eventual, entendeu, dos passantes, então eu explico essa concentração por causa disso. (...) é o lugar que mais passa gente na rua em São Paulo, entendeu?

Esse deve ter sido o caso também nas outras capitais. Uma questão importante na *oeconomia* do livro usado foi a desvalorização progressiva do salário dos professores a partir dos anos 1980, com a crise pela qual passava o país. Especialmente significativa foi essa perda no comércio de obras raras ou mais valorizadas, pois a expansão dos sebos esteve relacionada justamente à busca preferencial por obras usadas pelo fato de que as novas estariam fora do alcance. Segundo D. Margarete,

(...) uma quantidade bastante grande de clientes nossos era composta por professores universitários, bastante grande mesmo. Hoje o professor universitário mal e porcamente mantém a família. Ele dificilmente tem condições de comprar um livro, quer dizer: ele compra o livro sim, mas o livro mais comum. Um livro raro custa 2 mil, 3 mil, 4 mil reais, é o que ele ganha provavelmente por mês, não sei bem ao certo .

O livreiro Leonel de Barros concorda. Perguntado se houve um barateamento do Modernismo, em específico, já que até os preços das obras de Mario de Andrade teriam se desvalorizado, Leonel comenta a situação:

Houve um barateamento em geral, em primeiro lugar. Porque esse nível de interesse envolve, em primeiro lugar, um nível de renda que caiu na classe média, em termos absolutos, sem dúvida. Envolve um padrão de vida, de moradia, de um monte de outras coisas, que caiu na classe média: ou seja, o sujeito, que era um professor universitário e que podia morar num apartamento de três quartos e dedicar um quarto para uma biblioteca, isso acabou. Professor universitário acabou no Brasil, virou classe baixa, entendeu. Então, proporcionalmente, que no fundo é a classe que consome mais livro, essa classe média intelectualizada, proporcionalmente a venda para essa clientela diminuiu, os preços diminuíram!

Maria Lúcia, que mantém um estande na feira do MASP (Museu de Arte Moderna de São Paulo), aos domingos, comenta o mesmo fenômeno:

Eu acho que caiu muito o movimento, titio acha que o que tinha de melhor [vendeu e por isso não há tanto movimento]. Não é, claro, mas quando nós começamos a trabalhar tinha um acervo e vendia muito bem. Mas a própria frequência do MASP caiu muito. No início, mais colecionador, frequência constante. Eu acho que, principalmente, [a questão da] segurança [fez com que as pessoas deixassem de frequentar a feira], porque são pessoas de alto poder aquisitivo e acho que as pessoas estão assustadas. Com o leilão, a internet, a pessoa não fica exposta.

As mudanças nas últimas décadas foram muitas: a desvalorização do salário dos professores, a insegurança, a internet. Dona Margarete, falando de sua clientela, conta que uma importante parcela era composta de profissionais liberais:

(...) por exemplo: advogados, médicos. Isso tudo mudou um pouco. O advogado, antigamente, ele tinha uma biblioteca enorme, eclética, em que boa parte eram livros da profissão dele, de direito, agora a metade, mais ou menos, eram de livros de filosofia, literatura, história. Hoje, com o computador, se ele quiser saber de uma lei ou conhecer alguma coisa ele entra no computador, quer dizer, não tem necessidade de ter uma biblioteca grande.

Com o poder de compra diminuído, o livro raro, um luxo, tornou-se inalcançável para o colecionador dilete. Aliado à especulação imobiliária, que faz com que esse mesmo público more hoje em apartamentos diminutos, o espaço do livro foi restringido. Se essas questões estrangulavam o comércio livreiro de segunda-mão e de obras raras, outras o incentivam. A internet, para o livro usado em geral, começou com um forte enfoque em obras escassas e raras, já que o *premium* nessa área é maior e os livreiros ligados a esse comércio muitas vezes mais preparados. O outro fenômeno que deu um novo ânimo ao comércio de obras raras, especificamente, foram os leilões, dos quais trataremos agora.

Leilões

Bibliotecas de todos os tipos são leiloadas desde que há livros, assim como outros bens de consumo. Essa era, inclusive, uma das poucas formas de se adquirir livros no Brasil Colônia e no início do Império: nas cidades portuárias, quando decidiam voltar à Europa, muitos optavam por leiloar seus bens e levar consigo o valor arrecadado: era um baú a menos que teriam de carregar.

O leilão é uma modalidade de venda na qual o preço é determinado pelos compradores, que lançam valores de forma progressiva na disputa de itens que lhes interessam. O objeto leiloado pode ter um preço-base, determinado pelo organizador do leilão, de praxe abaixo do valor de mercado, ou pode ser posto em lance-livre. Há três tipos de leilões que oferecem livros: os leilões residenciais, que frequentemente contam com alguma biblioteca; os leilões de colecionismo, que, além de livros, oferecem desde moedas a cartões-postais; e os leilões de livros *per se*. Por vezes pode-se encontrar livros em leilões de arte, especialmente livros sobre artistas e livros que contêm gravuras originais. No Brasil, ao contrário do que ocorre no exterior, os melhores leilões de livros não são os que trabalham com mercadoria consignada, mas os que constituem acervo próprio para cada leilão, trabalhando com peças consignadas apenas em casos especiais.

As formas de participação em leilões são variadas: pode-se participar presencialmente, ao vivo ou por telefone (em alguns casos, ainda não no Brasil, pela internet); conseguir com que algum colega ou livreiro o represente (alguns colecionadores conversam entre si antes para não disputar os mesmo itens, alavancando os preços), outros optam por lances prévios, muitas vezes informados aos leiloeiros, que tem menor interesse que os itens alcem vôo, já que ganham 5.25% do valor, ao passo que os organizadores dos leilões ganham em torno de 25% quando são itens consignados, ou a totalidade do valor, quando os itens

são seus. Os leiloeiros, aliás, são agentes públicos, cuja profissão é regulamentada pelo Decreto no. 21.981 de 19 de outubro de 1932.

Participam desses leilões curiosos, bibliófilos, colecionadores temáticos e livreiros, tanto como vendedores, quanto como compradores. Muitos desconfiam de todo o processo, pois há várias maneiras de fraudá-lo. Entre elas destacamos a prática de *shill bidding*, pela qual o vendedor aumenta artificialmente o valor do item leilado, muitas vezes por ter conhecimento prévio de outros lances. Sobre a possibilidade dessa prática, quando do arremate de uma primeira edição de *Yayá Garcia*, que alcançou quase 20 mil reais há poucos anos, Alexei Bueno comenta:

Ah, não tenho a menor ideia, às vezes é um sacana que percebe que está mexendo com um perturbado e resolve jogar o troço pra cima, um maluco, e resolve....

Assim como muitos são atraídos pela disputa gerada, pela competitividade, pela crença de que justamente o item que lhe interessa passará despercebido, outros têm uma visão diversa, como Antônio Carlos Secchin:

Eu não vou ao leilão, não participo de leilão, porque eu acho que vou ter um desgaste muito grande, possivelmente vou perder, porque eu não incorporo ao livro mais de 10% ou 20% de taxa de insanidade: vale isso e o meu delírio permite isso. Eu não consigo pagar quinze mil por um livro que vale dois mil e voltar feliz pra casa. Porque eu vou ficar convivendo, por um lado, com o prazer de ter o livro e, por outro, o desprazer de saber que eu fui um idiota. Mesmo que não apareça mais? Mesmo que não apareça mais. Uma coisa é você pagar caro por um livro que não aparece, outra é você ter a sensação nítida que você foi roubado.

Claro, o leilão não é previsível. Conhecendo-se o mercado local, os livreiros e colecionadores que deles participam, é possível fazer bons achados, focar em itens que não sejam tão disputados: é, como sempre, uma questão de oferta e demanda. No calor do momento, não são poucos os livros que saem por valores que dificilmente poderiam ser

pedidos por livreiros, mesmo pelos mais renomados. Por outro lado, obras preciosas podem passar despercebidas, a exemplo de uma série da revista *Akademios* (1909), importante mensário de crítica e arte, que foi vendido por um valor mínimo em leilão carioca, apesar de extremamente raro. Isso ocorre por questões de especificidade de interesses, que usualmente estão ligados ao nacional, frequentemente ao regional.

O fenômeno dos leilões de livros no Brasil, organizados por casas especializadas e feitos de forma metódica e periódica, é recente. Teve início em 1998, com o primeiro leilão organizado pela Livraria Universal, no Rio de Janeiro. No total foram por ela organizados 13 leilões, o último deles em 2002. Em seguida, ainda no Rio de Janeiro, foram instituídos os leilões da Babel Livros (de 2003 a 2010 efetuou 48 leilões), da Rio Antigo (de 2004 a 2010 efetuou 22 leilões), da La Mansarde e da Leilão de Colecionismo. Raul Barbosa, além de ser o leiloeiro responsável pela maior parte dos dois primeiros eventos, já leiloou também bibliotecas em seus leilões residenciais. Roberto Moraes, um dos responsáveis pelos leilões da Universal, foi, por algum tempo, sócio de Margarete, na Livraria Rio Antigo (ex-Kosmos), onde coordenou a montagem de leilões, sendo o primeiro em fevereiro de 2004. O Leilão de Colecionismo e o La Mansarde, apesar de organizarem leilões de e com livros, têm caráter mais amplo, menos especializado.

Em São Paulo, o primeiro leilão sistemático de livros a surgir foi o Fólio, em 2003, que se tornou também paradigma de qualidade e organização. A partir de 2005, a Livraria Fólio passou a organizar dois leilões por ano, chegando a um total de 14 leilões em 2010. Por volta de 2005, José Luís Garaldi, da Livraria Sereia, começou a organizar leilões no Espaço Artes de Leilões. A Livraria Gaudi organiza também, periodicamente, leilões de livros. O crescimento do número de leilões, de sua frequência, modificou o comércio de obras raras no eixo Rio-São Paulo. De acordo

com Alexei Bueno, que, além de colecionador, participou também do início dos leilões no Rio, pois trabalhou na Livraria Universal:

Hoje em dia você não consegue mais [um achado/um livro raro a bom preço]. Sobretudo por um fenômeno, que você deve ter observado, que é essa questão de leilões, hoje em dia não consigo comprar mais nada, é muito difícil encontrar um livro importante diretamente na loja, quando o cara percebe que tem um livro importante põe em leilão(...)

Não há nenhum leilão de livros especializado pela internet, no país, que seja feito de forma virtual, ou mesmo que permita lances simultâneos pelo computador. Há uma grande oferta de livros pelo sítio de leilões Mercado Livre, mas poucos são de coleção, havendo sempre o problema da descrição do estado do exemplar, coisa que só é feita apropriadamente por pessoal qualificado. Aliás, qualidade é um fator importantíssimo na descrição de obras raras, fator que distingue leilões de Rio e São Paulo, segundo mais de um entrevistado. Segundo o livreiro Leonel, “Aqui tem um leilão que supõe-se ser um pouco mais, entre aspas, sofisticado, né. Então essa é a diferença, talvez, de São Paulo para o Rio de Janeiro.” O bibliófilo Êsio é da mesma opinião. Leonel discorre mais a fundo sobre a diferença entre essas duas praças e as especificidades do leilão:

Há no Rio uma oferta maior de livros, e por causa disso, essa maneira das pessoas se desfazerem dos livros através de leilão que, para quem vende grandes conjuntos, é uma maneira ótima de fazer negócio, entendeu? Ele com certeza vai apurar mais do que apuraria com um livreiro. E, como isso, também caiu no gosto dos compradores, muita gente acaba gostando de comprar livros em leilão. É uma coisa assim dos últimos... sei lá, sete anos, teve bastante projeção, os leilões aumentaram etc. Mas, só veio somar, também, entendeu, não é uma coisa que prejudique nem me ajude o comércio dos outros livreiros, não muda absolutamente nada.

Poder-se-ia argumentar que os leilões desviam sim uma parcela significativa de renda dos sebos, já que giram grandes quantias, mas os leilões estão em mãos de livreiros que, com o tempo, vão se

especializando na modalidade. Para se ter uma ideia dos valores que circulam nos leilões de livros, em recente leilão no Rio de Janeiro, a biblioteca de um conhecido literato, em dois dias de leilão, gerou uma receita de mais de 100 mil reais. O valor, no entanto, fica quase todo com os organizadores do leilão, pois estes compraram a biblioteca da família, por um valor muito menor.

Colecionadores participam de leilões há tempos, em geral de leilões internacionais também, onde, a depender da área visada encontra-se mais material, e de maior qualidade, do que no país. Esse é o caso da Brasileira, ou de temas cuja produção seja estrangeira. Fora as obras dos viajantes, que podem ser encontradas em coleções e, portanto, leilões do mundo todo, o mercado com maior apelo para os bibliófilos brasileiros é o português, onde se pode encontrar os primórdios de nossa literatura e de nossos escritos, já que aqui não se podiam publicar livros até a vinda da família real. Bibliófilos com um leque maior, que não tenham foco em coisas brasileiras, encontram uma variedade de materiais não apenas nos leilões especializados em livros, com parte significativa dos catálogos podendo ser acessada pela internet, mas também no sítio E-bay, o maior sítio de leilões variados do mundo. Um dos bibliófilos que comentou negociar especificamente nesse sítio foi o Rodrigo Coutinho:

Comprei num leilão do e-bay. Eu gosto bastante de escutar leilões, especialmente no exterior, mas também aqui no Brasil, o Mercado Livre. A estante virtual não tem a modalidade de leilão. Eu aprendi a leiloar ganhando e perdendo. Uma das minhas dicas é que a pessoa que estiver disputando o leilão, [que] ela deixe para dar o seu lance no último minuto, por que, se os lances forem dados antes, um outro comprador em potencial vai ter tempo de cobrir o seu lance e vencer, ou pelo menos que a tornar bem mais caro o que você pretende comprar.

Essa dica de Rodrigo aplica-se especificamente aos leilões virtuais, nos quais os produtos ficam expostos por dias, por vezes semanas, e os lances podem ser dados desde o primeiro dia de divulgação. As táticas e

mesmo a compreensão do funcionamento do leilão variam da experiência pessoal de cada um. Rodrigo afirma que:

Na verdade eu, apesar de ser comprador, eu raciocino como vendedor. Eu sempre dou razão ao vendedor, eu acho que o que ele está pedindo, vale. Então eu vejo isso, por exemplo, em obras do Fernando Pessoa que são difíceis de encontrar, e eu achamos que elas valem o que pedem por elas. Livros de Darwin, Marx, eu posso até não comprar, mas sempre acho que elas valem. Agora num leilão é o que eu posso oferecer. Na verdade o preço máximo é a minha capacidade de pagar por um item.

Mesmo que os leilões de livros não se utilizem plenamente dos recursos disponíveis na internet, pois a bibliofilia pressupõe um apego ao objeto, uma apreciação que só se concretiza no contato direto com o livro, eles só têm o alcance e a dimensão de hoje por conta da divulgação pela internet, que possibilita a reprodução de imagens em alta qualidade, a comunicação rápida e certa, além de econômica.

O impacto da internet

Assim que a internet começou a se popularizar, no final da década de 90, alguns poucos sebos no país criaram sítios para colocar seu acervo *online*, aumentando sua exposição e vendas, sem que isso mudasse substancialmente o mercado livreiro. Houve sebos pioneiros em diversos estados: Livraria Osório (PR), Monquelat (RS), Graúna (BA), Alfarrábio (MG), Traça (RS), Livraria Memorial (SP), Rio Antigo (RJ), A Sereia (SP). Muitos outros sebos fizeram páginas sem, no entanto, disponibilizar listagens de obras. Foi só com o passar dos anos que o sistema de listagens, aliás, foi substituído por bancos de dados que podem ser atualizados em tempo real. Os meta-buscadores e portais de livros usados demoraram a vingar no país, mesmo com a tecnologia disponível e vários exemplos bem-sucedidos no exterior.

Desses portais, a Estante Virtual não foi o primeiro, nem começou sem sua parcela de erros, mas, com o tempo, os ajustes foram sendo feitos e o portal foi melhorando. Criado pelo carioca André Garcia em 2005, por conta do monopólio virtual alcançado, a Estante teve um desempenho fenomenal. Em 2006 movimentou 1 milhão de reais em venda de livros pelo portal. Em 2007, o faturamento anual dos livreiros foi de 9 milhões de reais. Em 2008 foram 800 mil pedidos, dobrando a movimentação do ano anterior. Hoje em dia, a estante conta com mais de 1600 sebos com acervos cadastrados em seu sistema e quase 6 milhões de livros, gerando um faturamento de 3 milhões por mês para os livreiros – o faturamento da Estante, que cobra 5% em cima das vendas e é gerida por poucos funcionários, não é difícil de ser estimado.

A revolução causada pela Estante pode ser sentida no mercado livreiro: os mais antigos e dedicados, que gostavam de atender o público no balcão e conheciam o livro, se ressentem dessa abertura, pois o movimento em suas lojas diminuiu consideravelmente. Outros, no entanto, como Leonel, são mais pragmáticos:

Não adianta você querer ir contra a realidade (...) porque a internet, a comunicação rápida, isso tudo é uma onda, não adianta você [dizer] “ah não, não quero fazer parte disso”, tudo bem, você vai ficar de lado, oras! A Estante Virtual, em primeiro lugar não existe só no Brasil, existem outras no mundo todo. É um sistema de comunicação maravilhoso que o sujeito consegue, de qualquer lugar do mundo, comprar livros em qualquer lugar do mundo. Então isso ajudou a gente, não atrapalhou.

Leonel, aliás, vende seus livros em portais estrangeiros, cujos clientes compõem parte significativa de sua clientela, como a de diversos livreiros nacionais. O leitor, por sua vez, ganha acesso a um mundo de livros – especialmente se pensarmos nos que não se encontram em grandes centros, próximos a livrarias. Este acesso, no entanto, é relativo, pois, quanto maior a quantidade de itens disponíveis, mais difícil navegar por eles – não é tão fácil se deparar com algo que não se conhece, mas que se torna desejável, como acontece no exame direto em estantes de sebos. Perdem, novamente, apenas aqueles leitores

“ratos de livraria”, como o são muitos dos bibliófilos – algumas tantas livrarias chegaram a fechar as portas e trabalhar apenas para o público da internet. Em Porto Alegre, por exemplo, alguns livreiros atribuem a recente proliferação de sebos à Estante. Margarete aceita a internet de bom grado, pois ela auxiliou em muito a divulgação de seu estoque.

O caso de Rodrigo Coutinho é exemplar:

Meu grande meio de informação é a internet. Eu frequento poucos sebos não virtuais. Por outro lado eu pesquiso páginas de internet, *sites* especializados e sempre descubro alguma coisa interessante. Semana após semana, e passo a frequentar aquele site, ler artigos de outras pessoas, aprender também com os livreiros profissionais que dão informações sobre os livros em português ou inglês, espanhol e francês, que é o que eu consigo ler. Aí também me familiarizando com os nomes dos grandes bibliógrafos. Pra citar os famosos, Rubens Borba de Moraes, Mindlin, Oliveira Lima (...) Essas histórias são fascinantes, tenho dedicado o tempo que eu posso a isso.

Outro fato interessante é que Rodrigo não conhece outros bibliófilos, nem mesmo costuma frequentar sebos. Essa realidade propiciada pela internet foi comentada também por Leonel:

Olham na internet, fazem o pedido, ou quando não olham, simplesmente você avisa que tem, o sujeito compra, você manda entregar e ponto final, entendeu. Mesmo porque São Paulo tem o problema de trânsito, se o sujeito puder não sair do escritório e receber na mão dele aquilo que ele quer, claro, ele vai preferir.

Segundo ele

(..) do ponto de vista econômico para as livrarias, hoje, é muito mais [interessante] – depende do lugar que elas estão, claro, com exceção daquelas que estão lá no centro da cidade, que fica ali na Praça da Sé, o movimento de porta deles é muito grande. Fora daquele circuito, aonde você tem um movimento de passantes menor, é muito mais rentável você ficar com a porta fechada.

De fato, o comércio eletrônico tornou-se tão viável que mesmo no centro de São Paulo alguns sebos fecharam as portas para os passantes. A

internet teve outro impacto positivo, conforme Margarete, que relata ainda outras mudanças nos últimos tempos:

(...) hoje em dia para você publicar um catálogo, é muito caro. Antigamente não, [era] relativamente barato, hoje está muito caro. Não é nem só a feitura do catálogo, é o envio, nosso correio é muito caro. Então para você ver nós tínhamos mais ou menos, quer dizer temos ainda, obviamente muita coisa está desatualizada, uns 2000 endereços. Imagina, mandar 2 mil catálogos, não há condição. A tiragem sempre era um pouquinho mais de 2300, até 2500. Mandávamos para os clientes e ficavam os catálogos aqui porque muita gente, quando vinha na loja: “ah, eu posso levar o catálogo”, “pode levar” - então realmente tínhamos... Olha, não era fácil não, era muita coisa, muita gente no exterior também. Aos poucos foi morrendo (...) nós tínhamos colegas nossos no exterior, na Inglaterra principalmente, na Holanda também, na Alemanha, que encomendavam muita coisa, não só livro raro, mas até também o livro recente a gente fornecia para eles com desconto (...)

O cenário atual

Informados sobre o histórico do comércio de livros usados e raros, assim como o impacto dos leilões e da internet, são agora apresentadas algumas breves observações sobre este comércio em alguns dos principais centros livreiros no país, para melhor entender a especificidade desse mercado de livros usados.

Na última década, foram lançados diversos guias de sebos que tiveram sempre grande sucesso comercial e sucessivas tiragens. O pioneiro foi Jorge Brito, com seu Guia de sebos do Brasil, lançado em 1988, com quatro edições até 2003. Nos anos 1990 foram publicados três guias de sebos do Rio de Janeiro, um deles de Antonio Carlos Secchin, que publicou também um guia para São Paulo, em seguida os consolidando e incluindo outras capitais, chegando à quinta edição em

2007. A volatilidade do mercado, no entanto, com o fechamento e a abertura de dezenas de sebos todos os anos, faz esses catálogos entrarem em desuso rapidamente. A internet, com seus sistemas de busca sendo disponibilizados até mesmo em aparelhos celulares, diminuiu ainda mais a importância e a viabilidade de se fazerem outros catálogos como esses.

Ao menos duas cidades não pesquisadas mereceriam ser estudadas: Belo Horizonte e Curitiba. A Livraria Alfarrábio, de Belo Horizonte, e a Livraria Osório, de Curitiba, estão entre as primeiras a disponibilizar seu acervo online. Goiânia tem um número razoável de sebos, mas sem a menor vocação para obras raras. João Pessoa possui um sebo com grande estoque, de cerca de 150 mil livros, o Sebo Cultural, que conta com quase 80 mil livros cadastrados na internet.

BRASÍLIA

Na capital do país não há muito em matéria de livros. Nela, está-se restrito, de fato, ao Plano Piloto. O único sebo digno de nota que existia fora do Plano, o Armazém do Livro Usado, que funcionou em Taguatinga entre janeiro de 1999 e 2004, mudou-se para a Asa Norte (no Plano) no mesmo final de semana em que fecharam a loja anterior. A cidade é nova, sua fundação completou cinquenta anos em 2010. Há, somente, dois sebos na cidade cujos donos entendem de obras raras: o Pindorama e o já citado Armazém – neles encontra-se com razoável frequência material de interesse para colecionadores. Os dois livreiros começaram trabalhando juntos na finada Livraria Antiquário e foram, outrora, sócios da Pindorama. Sobre essa sociedade, comenta Décio Drumond, um dos sócios:

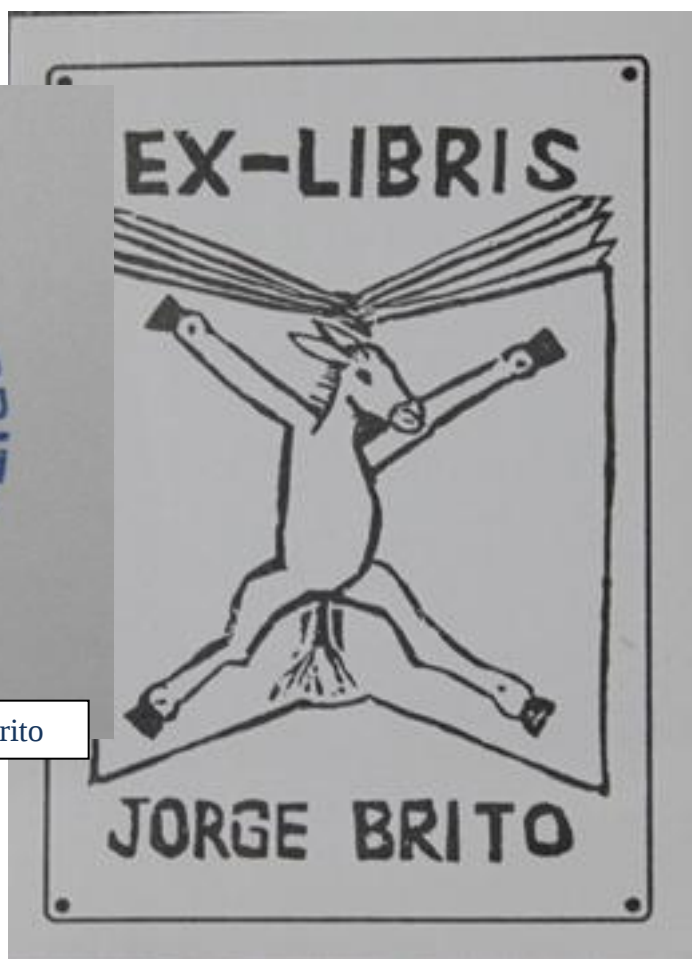
Jorge [Brito] e eu nos limitávamos a frequentar a Antiquário da 108 Sul, onde nos conhecemos. A Pindorama nasceu em 1989 e a sociedade

durou até 1996, quando a livraria mudou para o endereço atual. (Funcionava antes na mesma 505 Sul, mas na W2.) A gente já se interessava por livros raros, e banais também (rs), na época. Esse gosto comum e o hábito de frequentar sebos deram o empurrão, acho, para a abertura da loja.¹⁶³

Após o fim da sociedade, a Pindorama ficou unicamente com Décio. Além de livreiros, os dois são bibliófilos, mas sua presença física nos sebos, hoje em dia, é pouca. Aos sábados, até mesmo pela maior possibilidade de se encontrar os livreiros, a possibilidade de se encontrarem bibliófilos garimpando as estantes é maior. O mundo dos livros na capital, apesar de diminuto, começa a se ampliar, propulsionado pela burocracia ilustrada, com significativa melhoria salarial nos últimos anos. A maior parte dos sebos encontra-se na Asa Norte, por conta da presença da Universidade de Brasília e de outras tantas faculdades e colégios numa mesma região. Não custa lembrar que a cidade é sede da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, editora de livros para colecionadores, com tiragem reservada aos sócios.



Primeiro carimbo de biblioteca de Jorge Brito



¹⁶³ Em e-mail de 24 de julho de 2009.

FORTALEZA



A capital cearense é uma cidade atípica quando se fala em bibliofilia: são poucos os sebos. A oferta de livros é majoritariamente de obras mais recentes (de 1950 em diante), com a exceção da Taberna Libraria, fundada em 1998, mas a bibliofilia floresce. Apesar da parca oferta de obras antigas e raras, a cidade é pródiga em associações culturais: o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887); a Academia Cearense de Letras (1894), a mais antiga do Brasil; e a Associação Brasileira de Bibliófilos (1985). Esta é a única do gênero no país e, apesar de não ser constituída apenas de bibliófilos, ou justamente por não ser constituída apenas por bibliófilos, ela foi renovada nos

últimos anos, atraindo colecionadores de outros estados e organizando uma publicação, a *Scriptorium*, já em seu segundo ano [imagem acima].

PORTO ALEGRE

Com um milhão e meio de habitantes, Porto Alegre é a menor cidade incluída neste estudo. Sua rede de sebos, entretanto, é

consideravelmente mais numerosa e rica do que as de Brasília e Fortaleza. O diferencial é com certeza o maior letramento da população, e, conseqüentemente, uma maior riqueza das bibliotecas que circulam e terminam nos sebos. Além disso, várias cidades do interior gaúcho proveem boas bibliotecas aos sebos da capital e pelo menos uma delas, Pelotas, tem um sebo de grande porte: a Livraria Monquelat, com cerca de 100.000 volumes, segundo informação em seu sítio.

RIO DE JANEIRO

Já faz algum tempo que a rede livreira do Rio perdeu a primazia para a de São Paulo, entre outros motivos, pela mudança da capital para Brasília. Parte importante da intelectualidade e das grandes bibliotecas, no entanto, permaneceu. O Rio, durante as últimas décadas, foi considerado o principal celeiro de livros por importantes livreiros de outros estados, mas já não se encontram tantas bibliotecas a serem compradas. Há, ainda, um bom número de sebos, parte deles com alguma experiência em lidar com obras raras. O único sebo, porém, que realmente domina o comércio de obras raras é a Livraria Rio Antigo, sob a supervisão de Margarete Cardoso. A Rio Antigo, novo nome do braço alfarrabista da Kosmos, passou a organizar leilões quando Roberto Moraes, que trabalhava na Livraria Universal (famosa por seus leilões), associou-se a Dona Margarete. Há outros três leilões organizados no Rio de Janeiro: o Leilão de Colecionismo, o La Mansarde e a Babel, que terá seu 50º leilão em abril de 2011.

SALVADOR¹⁶⁴

Em Salvador, o Sebo Brandão tem um virtual monopólio do comércio de livros usados. Sua loja, no centro da cidade, é, sem dúvida, uma das maiores do país. Outra livraria que merece menção é a Graúna Bons Livros Usados, um dos primeiros sebos a disponibilizar seu acervo de forma sistemática na internet. Há alguns anos, o sebo Berinjela abriu uma filial no centro. Mais recentemente, foi o paulistano Praia dos livros que se aventurou pela capital baiana.

SÃO PAULO

O estado de São Paulo, sozinho, concentra tantos sebos quanto todos os outros estados somados. A capital tem, além de boa parte dos maiores sebos do país, boa parte dos livreiros mais preparados e acostumados a lidarem com obras raras. Os sebos não apenas se multiplicam às dezenas pelos bairros, mas são vários os sebos com acervos de grande porte, por volta de 100.000 exemplares (alguns poucos com o acervo ainda maior). Fora o Rio de Janeiro, é a única outra cidade com leilões de livros. De fato, além da Folio Rare Books, o leilão mais consistente que temos (como já observado), há, também, os leilões organizados pelo livreiro Garaldi e os leilões organizados pela livraria Gaudi. Havia um sítio com um bom mapeamento dos sebos, que, infelizmente, decidi retirá-lo da internet, não sem dar uma longa explicação¹⁶⁵. Em São Paulo existem alguns núcleos de sebos, além dos concentrados no Centro. Sobre a segunda maior concentração de sebos na cidade, comenta Leonel:

¹⁶⁴ Tive oportunidade apenas de percorrer os sebos de Salvador; os bibliófilos não foram identificados *in loco* e entrevistados.

¹⁶⁵ Ler: <http://www.zadoque.com/cadernos/fim-das-listas-de-sebos.html>

Ali já é uma coisa bem recente, de dez anos pra cá, e acontece por causa da presença lá da FNAC, que é uma p. de uma livraria. Então na hora que a FNAC abriu eu percebi que aquele era um bom lugar para montar um sebinho, o que tem de cliente lá, entendeu? Não deu outra, em cinco, seis anos, montaram-se várias livrarias, tal, então aí é uma [tentativa de] capitalizar essa visitação espontânea que já existe. Mas, objetivamente,   um lugar que passa pouca gente na rua. Não dá pra comparar com uma Praça da S , por exemplo.

introito

entrevistas realizadas

conversas

outros bibliófilos identificados

das redes

Introito

Para se estudar a bibliofilia contemporânea, principiou-se contactando alguns livreiros e bibliófilos já conhecidos, que foram fulcrais na obtenção de novos contatos. É interessante notar, desde logo, que alguns dos principais agentes, percebidos inicialmente como centrais na *oeconomia*, furtaram-se a colaborar, ao passo que outros, após um breve contato, se dispuseram a participar de boa vontade. O mapeamento dos bibliófilos deu-se primordialmente por esses contatos, mas também por meio de matérias jornalísticas, listas de discussões e até mesmo e-mails enviados erroneamente por leiloeiros ou livreiros, com os contatos à vista.

Alguns contatos foram obtidos por conta de algumas listagens de livros para venda, enviadas por e-mail em 2005. Assim foi o primeiro contato, por exemplo, com Antonio Carlos Secchin.

Foram realizadas, ao total, 30 entrevistas e 20 conversas informais: além dos bibliófilos, sendo que alguns deles ocupam também a função de livreiro no estudo, foram também entrevistados editores, artistas, escritores, bibliotecários e livreiros. O bibliotecário entrevistado, Luiz Antônio de Souza, é o responsável pela biblioteca mais antiga da ABL, a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça; Darel Valença Lins, artista plástico, conhecido por suas gravuras, foi responsável por boa parte da produção dos livros da Confraria dos Cem Bibliófilos.

Seguem, abaixo, três tabelas: a primeira com os entrevistados cujos depoimentos foram gravados; a segunda com as ditas conversas informais, não gravadas; a terceira tabela lista outros bibliófilos já identificados. Como o tema da tese é “A bibliofilia no Brasil”, tentou-se, na medida do possível, entrar em contato com colecionadores de todo o país e não apenas do eixo Rio-São Paulo, onde se concentra parte importante da *oeconomia*: dos bibliófilos aos livreiros, encadernadores e restauradores. No exterior, foram contactados dois agentes de relevância para o estudo: o livreiro Richard Ramer, que lida com livros

raros portugueses e brasileiros em Nova Iorque e Lisboa, e o colecionador Alexandre de Barros, o único encontrado morando fora do país de forma definitiva.

É importante notar que nem todos os agentes que ocupam a função de bibliófilo são de fato bibliófilos. Isso ocorre por conta da subjetividade no uso do termo e na recusa de muitos colecionadores de assim se denominarem, pelos motivos que já foram expostos (ver *análise psico-etimológica*). A decisão quanto à classificação do agente só pôde ser feita após a interação com o pesquisador e a observação de suas bibliotecas, quando possível. Assim sendo, foram feitos comentários após as duas primeiras tabelas distinguindo os bibliófilos plenos, que cumprem os critérios determinados, relacionados em *análise psico-etimológica*, dos que apenas têm pendores bibliofílicos. Não custa lembrar que o principal deles é o colecionismo: o bibliófilo coleciona livros, da mesma forma que outros colecionam moedas ou estampas Eucalol. Esta característica é também a principal distinção de bibliomaníacos: estes acumulam livros como outros acumulam quaisquer outros objetos, sem critérios estabelecidos e aceitos em um meio social.

Entrevistas realizadas

Na primeira coluna o nome completo, na segunda o local da entrevista, na terceira a residência do entrevistado, na quarta a função que o entrevistado ocupa no escopo desta tese, na quinta a ocupação profissional, na sexta a duração da entrevista (em horas:minutos), na última a nota se a coleção do entrevistado foi visitada ou não, ou, no caso de outros agentes, se seus locais de trabalho foram visitados.

Nome	Local	Residência	Função	Interesse específico	Ocupação	Duração	Data	Vi
Antonio Carlos Secchin (1952)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Literatura brasileira	Escritor, professor, ABL	59	18/10/07	S
Luiz Antônio de Souza	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliotecário	-	Bibliotecário ABL	1:22	19/10/07	S
Alexei Bueno (1963)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Literatura Cinema Vários	Escritor, editor	1:05	22/10/07	N
Rodrigo Coutinho Xavier	Rio de Janeiro	Campinas	Bibliófilo	Obras importantes em suas áreas	Técnico judiciário	58	22/10/07	N
Alberto Chagas Barreto	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Área militar	Engenheiro	17	25/10/07	N
Eduardo Takemi Kataoka	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Direito	Advogado, professor	1:05	25/10/07	S
Roberto Menezes de Moraes	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo, livreiro	Genealogia	Livreiro	2:11	25/10/07	N
Margarete E. Cardoso	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Livreira	-	Livreira (Livraria Rio Antigo – ex Kosmos)	1:55	26/10/07	S
Manuel Portinari Leão	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Literatura	Advogado, empresário	1:11	26/10/07	N
Darel Valença Lins (1924)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Artista plástico (gravurista)	-	Artista plástico (gravurista)	1:03	27/10/07	S
Êsio Macedo Ribeiro (1963)	Brasília	São Paulo	Bibliófilo	Literatura brasileira pós-	Escritor	1:15	26/12/07	S

				Modernismo				
Eurico Brandão	Salvador	Salvador	Livreiro	-	Livreiro	2:38	18/08/08	S
Leonel Barros	São Paulo	São Paulo	Livreiro	-	Livreiro (Livraria Memorial)	54	25/08/08	S
Péricles Coli Machado e Maria Lucia de Oliveira Machado Leonardo	São Paulo	São Paulo	Livresiros, bibliófilo	Livros ilustrados do século XIX	Bibliófilo e Livreira	40	27/08/08	S
Plínio Martins Filho	São Paulo	São Paulo	Editor, bibliófilo	Bibliologia	Editor, professor	54	27/08/08	S
Alberto Lopes	Brasília	Brasília (temp)	Bibliófilo	Urbanismo	Arquiteto	42	07/06/09	S
Antonio Manuel Bandeira Cardoso	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Autores específicos	Advogado	30	08/06/09	S
Mauricio Barata de Paula Pinto	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Literatura brasileira	Professor	38	15/06/09	S
Waldemar Torres (1943)	Porto Alegre	Porto Alegre	Bibliófilo	Literatura brasileira	Veterinário	3:03	18/06/09	S ¹⁶⁶
Cassio Cotrim	São Paulo	São Paulo	Bibliófilo Paraty	História Paraty	Fiscal	57	21/06/09	S
Rui Aniceto Fernandes	São Paulo	São Paulo	Bibliófilo		Empresário	56	23/06/09	N
Ana Maria de Almeida Camargo	São Paulo	São Paulo	Bibliófila Bibliógrafa	Variado	Professora, Bibliógrafa	1:40	23/06/09	S
Cid Saboia de Carvalho	Fortaleza	Fortaleza	Bibliófilo	Variado	Professor, radialista	36	30/06/09	S

¹⁶⁶ Os livros que estavam em sua casa foram vistos, mas não sua biblioteca, em outro local.

(1935)				Camiliana				
Lúcio Alcântara (1943)	Fortaleza	Fortaleza	Bibliófilo	Variado	Médico político	26	30/06/09	S
José Augusto Bezerra (1948)	Fortaleza	Fortaleza	Bibliófilo	Variado	Empresário	37	27/06/09	S
Augusto de Campos	São Paulo	São Paulo	Escritor	-	Escritor	1:28	24/06/09	S
Padua Lopes	Fortaleza	Fortaleza	Bibliófilo	Literatura brasileira	Jornalista	45	30/06/09	N
Regina Cláudia Pamplona Fiúza	Fortaleza	Fortaleza	Bibliófila	-	Professora	27	Xx/06/09	N
Salvador Monteiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Editor de livros de arte	-	Editor de livros de arte	1:40	03/07/09	S
José Jorge de Leite Brito (1953)	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Cearnense	Livreiro			S

Entre os entrevistados, levando em consideração os critérios estabelecidos para se delimitar o bibliófilo, 16 deles com certeza podem ser considerados bibliófilos: Antonio Carlos Secchin, Rodrigo Xavier, Alexei Bueno, Roberto Moraes, Manuel Portinari Leão, Êsio Macedo Ribeiro, Péricles Machado, Mauricio Barata, Waldemar Torres, Cassio Cotrim, Rui Fernandes, Ana Maria Camargo, Cid Carvalho, José Augusto Bezerra, Padua Lopes e Jorge Brito. Lúcio Alcântara e Rubem Amaral encontram-se no limiar. É interessante notar que os dois tiveram contato próximo com Mindlin em diversas ocasiões, resultando mesmo, essa aproximação, na publicação de livros. Todos os outros têm, com certeza, pendores bibliofílicos, em maior ou menor medida.

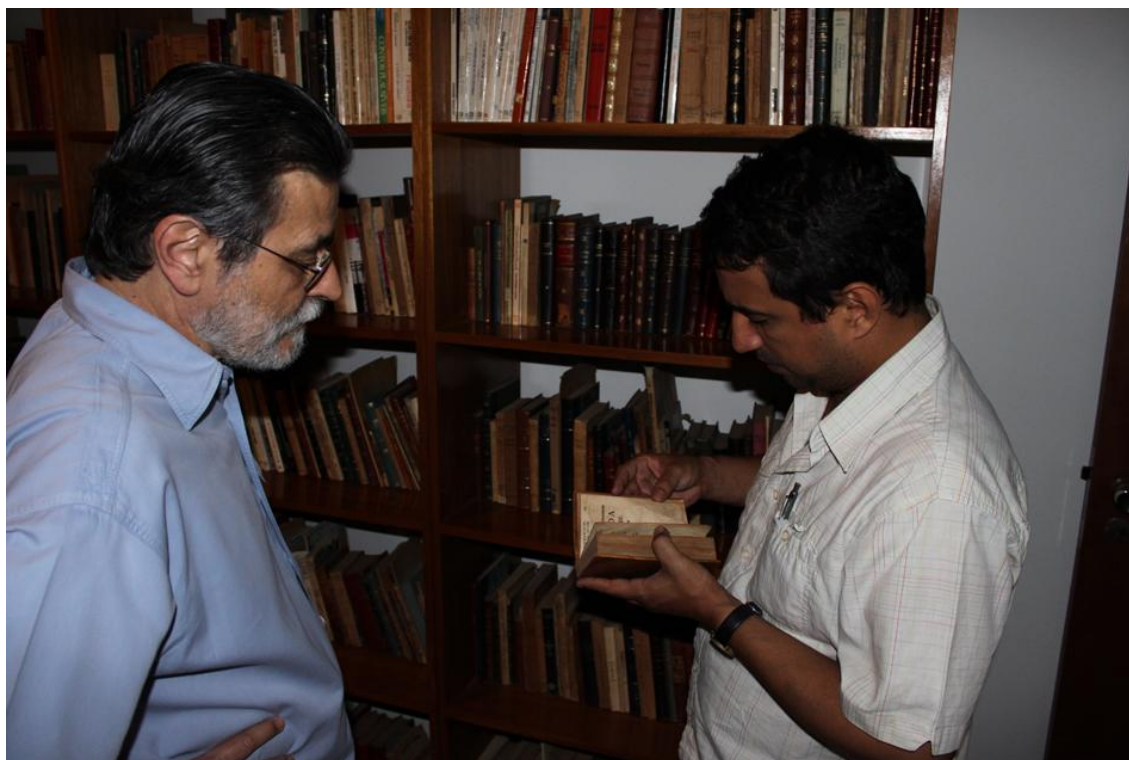
Conversas

Na tabela abaixo encontram-se agentes que não quiseram ou com os quais não foi possível gravar entrevista, mas que conversaram, em pessoa, por e-mail ou telefone. As informações sobre os três primeiros encontram-se na página de apresentações do grupo *biblion_brasil*, sendo que Júlio Marcondes já foi citado em matérias jornalísticas sobre bibliofilia.

Nome	Local	Residência	Função	Interesse específico	Ocupação	Vi
Ademar Fernandes de Araujo	Barueri	Barueri	Bibliófilo	Camoniana	Engenheiro químico	N
Aristoteles Rodrigues	Catanduva (SP)	Catanduva (SP)	Bibliófilo	Etimologia, Linguas Genealogia, Religião	Professor	N
Júlio Marcondes	São José do Rio Preto (SP)	São José do Rio Preto (SP)	Bibliófilo	Poesia	Professor	N
Antônio Lisboa Carvalho Miranda (1940)	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Poesia brasileira	Professor, escritor	S
Marcos Lindemayer (1986)	Porto Alegre	Porto Alegre	Bibliófilo	História do Brasil séc. XIX	Estudante	N
Décio Murilo Drumond	Brasília	Brasília	Bibliófilo Livreiro	Literatura brasileira	Livreiro	N
José Luiz Garaldi	São Paulo	São Paulo	Livreiro	-	Livreiro	S

André Gambarra	Porto Alegre	Porto Alegre	Livreiro	-	Livreiro	S
Waltercio Caldas (1946)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Arte contemporânea	Artista plástico	S
Alberto Abreu	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Livreiro	-	Livreiro	S
Ubiratan Machado	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Bibliófilo	-	Jornalista, escritor	N
Ronaldo S. Monteiro Lourenço	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Bibliófilo	Cangaço	Desenvolvimento tecnológico e industrial	N
Andre Seffrin	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Literatura e arte	Crítico de arte e literário	S
Danilo Matoso Macedo	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Arquitetura	Arquiteto	N
José Salles Neto	Brasília	Brasília	Bibliófilo	-	-	N
Athos Eichler Cardoso	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Literatura de massa	Militar, jornalista	S
Rubem Amaral	Brasília	Brasília	Bibliófilo	Poesia épica e cordel	Diplomata	S
Alexandre de Barros (1944)	Nova Iorque	Nova Iorque	Bibliófilo	História do Brasil e Numismática	Diplomata das Nações Unidas	N
Rômulo Nascimento	Manaus	Manaus	Bibliófilo	Livros de arte	Designer	N
Richard Ramer	Nova Iorque	Nova Iorque	Livreiro	-	Livreiro	S

Entre os entrevistados informalmente (“conversas”), levando em consideração os critérios estabelecidos para se delimitar o bibliófilo e as informações prestadas pelos depoentes, 9 deles com certeza podem ser considerados bibliófilos: Julio Marcondes, Marcos Lindenmayer, Décio Drumond, Waltercio Caldas, Danilo Macedo, José Salles Neto, Athos Cardoso, Alexandre Barros e Rômulo Nascimento. Como na tabela anterior, todos os outros têm, em maior ou menor medida, pendor bibliofílico.



Maurício Paula Pinto, em sua biblioteca, com Danilo Macedo

Outros bibliófilos identificados

À diferença das tabelas anteriores, ao invés de marcar se a coleção foi, ou não, vista, é apenas indicado se houve algum contato direto com o agente (em pessoa, por telefone ou e-mail). Quase todos agentes listados abaixo foram identificados por leituras de matérias jornalísticas ou por indicação de outros bibliófilos ou livreiros

Nome	Residência	Função	Ocupação	Contato
Aricy Curvello	Serra (ES)	Bibliófilo	Escritor	S
Ademar Fernandes de	Barueri (SP)	Bibliófilo	Engenheiro	N

Araújo			químico	
José Ribamar Sarney de Araújo Costa (1930)	Brasília	Bibliófilo	Político	N
Carlos Fernando Fortes de Almeida (1936)	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Médico	N
João Carlos Neto	Fortaleza	Bibliófilo		N
Flavio Loureiro Chaves	Porto Alegre	Bibliófilo (E. Verissimo)	Professor	N
Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa (1936)	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Professor	S
Yaponan Soares de Araújo (1936)		Bibliófilo		N
Ivan Teixeira	São Paulo	Bibliófilo (XIX)	Professor	N
Elysio Custódio Gonçalves de Oliveira Belchior (1923)	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Economista	N
Lelio Cimini	-	Bibliófilo	-	S
Guilherme Gutann	-	Bibliófilo	-	N
Alberto Vasconcellos da Costa e Silva (1931)	-	Bibliófilo	Diplomata	N
Genilson Soares	-	Bibliófilo	-	N
Paulo Renato Leite de Castro	-	Bibliófilo	-	N
Samuel Gorberg	-	Bibliófilo	-	S
Fernando Furquim de Campos	-	Bibliófilo	-	N
Aristóteles Alencar	São Paulo	Bibliófilo bíblia	Livreiro	N
Antonio Naud Junior	-	Bibliófilo	-	N
Pedro Corrêa do Lago (1958)	Rio de Janeiro	Bibliófilo	Livreiro, editor	N
Ruddy Mattos	Rio de Janeiro	Bibliófilo	-	N
Vicente Alberto Serejo Gomes (1951)	-	Bibliófilo cascudiana	Professor	N
José Tavares Guerreiro	-	Bibliófilo	Professor	N
Paulo Bonavides	Fortaleza	Bibliófilo	Jurista e professor	N

Carlos Alberto Silva	-	Bibliófilo	-	N
Antônio Delfim Neto (1928)	-	Bibliófilo	Economista, professor	N
Sinésio de Siqueira Filho	São Paulo	Bibliófilo (Paraguai)	-	S
Hariberto de Miranda Jordão	-	Bibliófilo	-	N
Carlos Mônaco	Niteroi	Bibliófilo	Livreiro	N
Antonio Cabrera Mano Filho (1960)	-	Bibliófilo	-	N
Jorge Yunes	-	Bibliófilo	Empresário	N
Paulo Betti (1952)	-	Bibliófilo	Ator	N

Das redes

O diagrama abaixo é apenas um esboço linear de como foi possível chegar a cada um dos entrevistados. A indicação de livreiros e bibliófilos, assim como a menção de seu conhecimento, foi absolutamente primordial no estabelecimento desses contatos. O segundo fator relevante para o sucesso dessas interações é a própria inserção do pesquisador no meio pois, por mais cautela ou desconfiança que muitos tenham, a vontade de interagir, de relatar, era grande: são poucos os bibliófilos que mantêm um contato mais constante com seus “colegas”.

No Rio de Janeiro foi uma livreira, Milena, da tradicional Leonardo da Vinci, que me pôs em contato com dois importantes bibliófilos: Manuel Portinari Leão e Waltercio Caldas. É importante notar que esta livreira não lida com livros usados (apenas ocasionalmente), portanto, as informações que me foram fornecidas não poderiam prejudicá-la como outros livreiros com viés antiquário poderiam pensar. Em Brasília, o alfarrabista Jorge Leite Brito foi capital em duas frentes: pôs-me em contato com alguns colecionadores da cidade, que se encontram de

frente a sua livraria aos sábados, e me proveu de materiais e indicações preciosas. Entre os bibliófilos, o destaque deve ser dado a Ésio Macedo Ribeiro, como se poderá observar na rede diagramada abaixo. No Ceará, a compreensão da bibliofilia local é devida principalmente a José Augusto Bezerra, atual presidente e maior incentivador da Associação de Bibliófilos Brasileiros. Segue, abaixo, o diagrama simplificado¹⁶⁷:

Antonio Carlos Secchin (RJ)

- Alexei Bueno (RJ)
 - Ubiratan Machado (RJ)
 - Ronaldo Monteiro Lourenço (RJ)
- Salvador Monteiro (RJ-BA)

Margarete Cardoso (RJ)

- Alberto Abreu (RJ)

Milena (RJ)

- Waltercio Caldas (RJ)
- Alberto Chagas Barreto (RJ)
- Portinari Leão (RJ)

Antonio Miranda (DF)

- Aricy Curvello (ES)
- Alberto Lopes (RJ-DF)

¹⁶⁷ Estão apenas enumerados os contatos conseguidos por indicação. Os demais foram conseguidos de forma independente, a partir de reportagens, listagens de livreiros e por meio de um fórum de discussão inativo, coordenado pelo pesquisador.

- Robson Corrêa de Araújo (DF)
 - Ésio Ribeiro Macedo (DF-SP)
- Ésio Ribeiro Macedo (2)¹⁶⁸ (DF-SP)
 - Cássio Cotrim (SP)
 - Maurício Barata (DF)
 - Waldemar Torres (RS)
 - Andre Seffrin (RJ)
 - Sinésio de Siqueira Filho (SP)
 - Rui Fernandes (2) (SP)
- Rui Fernandes (SP)
 - Hermann Wever (SP)
 - Aparecido Salatini (SP)
 - Helio Mattar
 - Tavares de Carvalho (2) (PT)

Briquet de Lemos (DF)

- Tavares de Carvalho (PT)
- Fernando Fortes (2) (RJ)
- Danilo Macedo (DF-MG)

Jorge Brito (DF)

- Athos Eichler (DF)
- Rubem Amaral (DF)

¹⁶⁸ O (2) indica apenas que o contato já havia sido feito, mas essa segunda lembrança influenciou positivamente na busca da entrevista.

- Cid Saboia de Carvalho (1) (CE)
- João Carlos Neto (CE)

Leonel de Barros (SP)

- José Luiz Garaldi (SP)

José Augusto Bezerra (CE)

- Lucio Alcântara (CE)
- Cid Saboia de Carvalho (2) (CE)
- Pádua Lopes (CE)
- Regina Cláudia Pamplona Fiúza (CE)

Os nomes que aqui não constam não geraram indicações, ou então o fizeram quando esses contatos já haviam sido estabelecidos. Os nomes reiteradamente indicados como referências pelos bibliófilos e livreiros foram os de Waldemar Torres, que construiu sua biblioteca em São Paulo, Antonio Carlos Secchin, no Rio de Janeiro, e José Augusto Bezerra, em Fortaleza. Ainda sobre Waldemar Torres, o motivo de ele ser referenciado por tantos bibliófilos é que mantinha em sua casa, em São Paulo, encontros periódicos com outros bibliófilos. Ao final de 1998, Waldemar mudou-se com sua biblioteca para Porto Alegre, onde criou o Espaço Engenho e Arte, inaugurado em 2000. Curiosamente, algumas grandes coleções não são conhecidas dos bibliófilos, mas quase que exclusivamente por livreiros. Estes, no entanto, não costumam partilhar informações sobre seus clientes atuais, por vezes nem mesmo de clientes já falecidos.

o comércio de livros usados e raros

causos e achados

o cuidado com os livros

o destino dos livros

O comércio de livros usados e raros

O comércio de obras raras deve ser visto também da perspectiva do bibliófilo, que não é apenas consumidor de livros raros, mas muitas vezes intermediário ou vendedor de obras e coleções. Alguns bibliófilos, como Cid Carvalho, acham que bibliófilos não comercializam livros:

Não, o bibliófilo dificilmente vende livro. Só conheci um bibliófilo que vendia livro aqui, que entrou num estado de... descompletou a biblioteca dele, mas, via de regra não.

Existem, no entanto, bibliófilos-livreiros, como Jorge Brito e Décio Drumond, de Brasília, e bibliófilos que, em maior ou menor medida, negociam seus achados, como Alexei Bueno:

Implacavelmente todo mundo que é bibliófilo, num momento, acaba comerciando, de um modo ou de outro, que é impossível.... Primeiro, você começa a saber o que vale. Um dia você, procurando as coisas que te interessam, descobre um negócio que vale muito dinheiro, muito dinheiro, por dez reais, cinco reais. Você não vai deixar de comprar porque você não é bobo e aí você vai vender. Implacavelmente você acaba fazendo um comerciozinho.

Antonio Carlos Secchin comenta também esse lado de negociante do bibliófilo:

(...) um núcleo de bibliofilia com ramificações em outros tipos de literatura (...) me levou a ter um conhecimento maior e também, eventualmente, topar com coisas preciosas de outras áreas que estão numa relação de preço que eu não vou deixar passar.

Foi justamente o jogo de consignação entre livrarias que praticavam preços diferentes, feito por Mindlin no início de sua bibliofilia, que lhe permitiu enriquecer a coleção de forma mais rápida. Nem tudo no antigo comércio de livros usados era bom para o bibliófilo. Práticas que tinham a ver não somente com a desorganização dos sebos, mas também com a esperteza dos livreiros, eram comuns. Uma das mais

desprezadas pelos colecionadores, conforme relata Cid Carvalho, comentando o comércio local, é a decisão do valor pela

(...) cara do cliente. Se você parecesse que era bem, bem de dinheiro, ele cobrava alto, se fosse uma pessoa mais humilde, ele cobrava baixo. Então não tinha preço e essa mania se alastrou aqui em Fortaleza e se agravou com um determinado livreiro que fazia isso amiúde. Então, desmotivou muito o sebo aqui em Fortaleza (...)

Para alívio dos compradores, essa forma de dar o preço está hoje em extinção. Os bibliófilos, claro, têm suas técnicas para que o volume desejado saia num valor mais em conta: misturam-no a obras sem valor, mandam outras comprá-las e até, em raros casos, agem despoticamente tomando o que lhe é de divino direito. Não houve, claro, um bibliófilo que confessasse tal ato, mas livreiros sim, sem, no entanto, dar nome aos bois. As técnicas, no entanto, foram descritas, como enfiar panfletos raros em volumes comuns, ou deitar uma pilha de volumes escolhidos sobre outro, raro, destraidamente, para então levá-lo de brinde.

Uma grande mudança na última década é a pujança material no país, que, aliada aos novos meios de comunicação, teve o mesmo efeito nas obras raras que no mercado imobiliário. Alexei se incomoda com os crescentes preços praticados, há regras a serem seguidas:

No comércio você tem que ganhar na compra e não na venda. Se você acha um troço, sobretudo de outro comerciante, por um preço absurdo [de baixo e] ele não sabe, você compra. É uma guerra de informação, digamos.

A cobrança de preços muito acima dos usualmente praticados seria injusta, quase desonesta, portanto. Essa inflação observada no mercado livreiro, infelizmente, não se reflete na qualidade do serviço prestado, no cuidado com a conservação, na descrição correta do exemplar, motivo pelo qual muitos preferem ainda comprar tomos raros apenas pessoalmente: o risco é grande de se comprar gato por lebre. Antonio

Carlos Secchin comenta os preços praticados aqui e questões correlatas, comparando-nas ao mercado no Velho Mundo:

(...) a exigência bibliofílica europeia é inconcebível. Porque tudo tem que estar perfeito, não pode ter manchas, não pode faltar nada. Um livro quase que fosse conservado em um frigorífico. Aqui tem um exemplar riscado, faltando página, muitas vezes sem a página de ante-rosto, lá não. Vai lá vender então! O cara vai e demora meses para vender. O preço aqui está completamente distorcido. Lá, no mercado bibliofílico, há centenas de bibliófilos que leem em duas, três línguas. A literatura brasileira não alcança nem Portugal, eles não estão ligando para a língua brasileira. Então é só uma coisa de cem, cento e poucos bibliófilos aqui no Brasil e sem poder internacional nenhum. Eu acho que os brasileiros têm uma distorção de preço absolutamente insuportável.

Essa distorção só existe, claro, porque há os que estão dispostos a bancá-la. Isso tem a ver, também, com o fato de o objeto de desejo de boa parte desses bibliófilos serem os mesmos tomos de literatura brasileiras: a demanda crescente, a oferta pouca. Além disso, a vaidade e a ganância têm também seu espaço nessa *oeconomia*: todos querem que seus tomos sejam valorizados: quanto mais, melhor. Caso se escolha colecionar algum tema preterido, alguma disciplina esquecida, os preços serão baixos, mas a garimpagem necessária. O que não se vende, os livreiros não se empenham em encontrar. Sobre as mudanças de interesses no mercado, o Leonel afirma que

(...) sempre, sempre vai haver mudança, em tudo. Porque na medida em que as gerações vão sucedendo, o gosto muda, a moda muda, tudo vai mudando. O tipo de livro que as pessoas procuravam, o que elas procuram hoje, isso sempre vai mudar. Então, há vinte anos as pessoas procuravam uma coisa e depois esse tema, ou esse autor, cai num esquecimento, passa para outro. Então, é uma sucessão tão grande de temas e autores que nem adianta falar. Tem caras que vão ser esquecidos mesmo, tem cara que é injustamente esquecido depois renasce, acho que o único autor que nunca perde clientela é o Machado de Assis. Vinte anos atrás, você vendia tudo de e sobre Machado de

Assis, hoje você vende tudo de e sobre Machado de Assis. Os outros, vão e vêm.

Outra questão que acaba por encarecer a bibliofilia para alguns é a falta de tempo, pois, quando se deixa de garimpar com frequência os sebos, se passa a depender de outros, ou de um grupo de livreiros conhecidos, e vão-se as bagatelas. Antonio Carlos Secchin comenta o problema:

Encontro cada vez menos coisas nos sebos. Hoje em dia eu tenho muito menos tempo, infelizmente. Eu frequento a Academia Brasileira, a Universidade. Era um prazer que eu tinha e que ainda tenho quando eu viajo. Faço questão de viajar, para levar, saber o que tem ali. Estou um pouco frustrado por conta dos leilões, esvaziou demais a procura. Em compensação, tem a Estante Virtual que é cheia de problemas, mas, pelo menos, permite que a gente possa ver livros em outros estados. Isso também dá um certo prazer, procurar livro fora. Apesar de nada substituir o encontro direto, físico, com o livro.

Por fim, apesar do interesse antagônico (quanto ao preço) quando da venda do livro, é essencial um bom relacionamento entre livreiros e bibliófilos, pois este é condição *sine qua non* na formação de boas coleções. Essa relação não é, no entanto, unicamente comercial ou material: há boas e duradouras amizades nesse ramo. Não é difícil, por exemplo, que clientes escrevam sobre livreiros em livretos comemorativos ou em homenagem a esses agentes culturais. A *Homenagem – Alberto de Abreu*, de 1998, e a *Homenagem ao livreiro Saraiva*, de 1943, são exemplos do gênero.

Causos e Achados

Uma das partes mais curiosas do folclore bibliofílico são os grandes achados, causos relatados com tanta verve quanto os de velhos pescadores. Antes de expor algumas dessas saborosas histórias, vejamos o que diz sobre eles Antonio Carlos Secchin:

Tenho vários [causos]. Mas eu tenho algo pelo que me pauto e que muitos bibliófilos não se pautam, eu acho que é uma comunidade muito linguaruda. Adoram se exhibir, contar vantagem, mas não falo mal não, se isso te dá prazer, mas eu sou muito discreto. Tenho muitos livros aqui que os bibliófilos, meus colegas, ficariam loucos se soubessem que eu tenho, eu nem falei pra eles, poderia causar maus sentimentos alheios. “Comprei um livro aqui que valia mil e eu comprei por dez”: eu não faço isso, porque uma frase que eu cunhei uma vez e que acho interessante é a seguinte: livro não tem procedência, livro tem destino. Então chegou em quem o merece ter. Tem algumas peripécias não tão saborosas, mas isso eu administro internamente. Eu não gosto muito de falar, salvo quando algo muito pitoresco - são coisas do cotidiano. Mas essas, publicadas, são histórias que se podem contar (risos). Todo mundo tem histórias que é de bom tom contar e histórias que é de bom tom omitir.

Se alguns poucos não quiseram contar esses causos, boa parte o quis. Muitos se ativeram às histórias de bom-tom, outros nem tanto. De qualquer forma, só foram aqui reproduzidas histórias dos próprios entrevistados, pois houve muita história de terceiros relatada por outrem. Um dos mais animados foi Alexei Bueno, que disse ter, entre outras raridades, “todo o Proust antes da guerra, a primeira edição do *Du côté de Swann*, de 1913, que é raríssimo. O livro de estreia dele, *Les plaisirs et les jours*, que também é um exemplar extraordinário.” A questão é o conhecimento, a procura: “E para mostrar que não basta ter dinheiro, eu consegui tudo isso no Rio de Janeiro a preço de banana, nada na Europa.” Alexei continua:

A grande coisa que eu tenho do Bandeira é o manuscrito original, absolutamente original, de 1916, do soneto do Antônio Lopes. Que eu saiba, é o manuscrito mais antigo do Bandeira. Manuscrito recente você tem milhares, Bandeira era um homem amado no Brasil inteiro, o pessoal pedia carta. Conheço pilhas de pessoas que têm poemas escritos do Bandeira, mas a maioria é dos anos 40 pra frente. Esse é de 16. Foi uma coisa inacreditável, [ele] escreveu o poema num exemplar da *Despedida* do Antônio Lopes, que é um livro póstumo, de 1902, e eu

encontrei o livro totalmente despedaçado, faltavam 40 páginas, mas, com frontispício – desculpa: a folha da brochura, o rosto, o frontispício, e atrás do frontispício o poema escrito pela mão dele em Petrópolis, 1916. Quer dizer, foi o exemplar dele que acabou se estragando todo, acabou no sebo e comprei aquele pedaço, comprei por um real só, e joguei fora, tinha a primeira edição em ótimo estado, e guardei só as quatro primeiras páginas (...) de um lado você vê a capa da brochura e do outro você vê o original do Manuel Bandeira.

Para não ficar apenas nos causos positivos, ele relata também como descobriu o paradeiro de um seu achado-perdido:

Tem um último episódio que, esse, eu acho extremamente pitoresco. Eu devia ter uns vinte e poucos anos, numa livraria que não existe mais, ficava na Marechal Floriano – tá gravando? -, na livraria Santana, Alberjano Torres, aliás, Santana era o dono, livreiro Santana, já morreu todo mundo. Eu, fuçando num balcão, embaixo, encontrei a primeira edição do *Faróis*, do Cruz e Souza, que é um poeta que eu adoro, de 1900, fechada. Estava tão perfeita que ninguém abriu, parecia que tinha saído da gráfica, mas não tinha preço marcado. Eu não tinha um tostão, estava completamente duro, falei: vou perguntar, não vou ter dinheiro para comprar, vou esconder esse troço. Tinha um dicionário muito vagabundo, uma enciclopédia, escondi para trás, coisa que todo cara que gosta de livro já fez. Voltei no dia seguinte. Quando voltei no dia seguinte, revirei aquela (...) toda, o livro tinha desaparecido, fiquei puto da vida: paciência. Anos e anos depois conheci o Yaponan Soares, que é um grande bibliófilo que mora em Santa Catarina, que é amigo meu, é muito amigo meu. Um dia num bar conversando com ele sobre essas coisas: “Imagina, um dia eu cheguei, na Alberjano Torres, fui puxar uma enciclopédia vagabunda, o que que eu vejo lá atrás, perfeito estado? O *Faróis*, fechado“. Era o cara que achou o livro e comprou na minha frente, esta história é inacreditável. Eu falei: “pô, agora descobri o destino do livro, está em boas mãos, paciência, faça bom proveito“. Mas esse foi um episódio engraçado porque é muito raro acontecer uma coisa dessas, você vir a conhecer (...) é um episódio interessante.

Ana Maria Camargo, bibliófila inveterada (a única encontrada neste estudo), relatou também um interessante caso. Em geral, disse que

evita ficar cobiçosa, pois acaba conseguindo a coisa sobre a qual põe os olhos:

Eu fiz um levantamento de tudo que se publicou em São Paulo, na Província de São Paulo, até 1860, desde que surgiu a imprensa. Minha ideia era fazer um trabalho - eu tenho tudo isso feito - faltaria assim passar uns três dias no Rio de Janeiro para completar meu levantamento. Eu vasculhei tudo que você pode imaginar, mas havia uma coisa... Um dia, o Olyntho Moura¹⁶⁹, que nem mantinha relações com meu pai, que tinha rompido com meu pai lá atrás - meu pai já tinha morrido na década de 70 - mas, a minha ex-sogra, que também já morreu, ela conhecia o seu Olyntho de Moura. Ela até paquerava o Seu Olyntho, porque eles dois estavam viúvos, eles iam numas excursões e a Dona Elza [ex-sogra] me reaproximou do Olyntho Moura, porque eu nem ia lá, em solidariedade ao meu pai (risos). Mas aí o Seu Olyntho, que era o tipo que gostava também de se exhibir, porque ele tinha uma biblioteca, falou: “eu tenho uma coisa que você não tem”, que era uma publicação feita - acho que é exemplar único mesmo - aqui em São Paulo, pelos estudantes da Faculdade de Direito, chamada *A Cameleida*. Era uma sátira, como todas as coisas com essa terminação. Sátira com os professores, um folheto assim com uma pequena ilustração gráfica, uma coisa muito rara. Ele disse que tinha, eu gostaria então de fichar, porque precisava dessa referência, nem tinha intenção de ter essas raridades. E ele me deixou fazer a descrição, me convidou, fui lá com a minha sogra, lá na casa dele (...) O Seu Olyntho morreu, a biblioteca ficou lá, a filha dele (...) ficou com a biblioteca porque sabia que o pai tinha uns dólares, deviam estar no meio dos livros (risos), ela vasculhou aquilo tudo, não sei se achou ou não. Eu sei que depois acabou vendendo para um cara que ficou no mesmo prédio da São Bento, do Olyntho Moura.

E um belo dia, o José Luiz Garaldi: “olha, Ana Maria, *A Cameleida* aqui, tá tanto.” Eu falei: “tá, eu quero”. Então, eu cobicei tanto aquilo lá que veio pra mim, então eu tenho o tal (risos)... (...) que o seu Olyntho

¹⁶⁹ Apesar de seu nome ser Olyntho de Moura, na maior parte das vezes o “de” era ignorado.

exibiu e falou: “Isso você não tem! Garanto”, sabe, com aquele olhar de que estava se vingando de alguma coisa passada lá com meu pai (...)

Outro colecionador que relatou uma história envolvendo Olyntho de Moura foi Cid Carvalho. Perguntado sobre seus causos, conta:

Ah, tenho, eu tenho casos de deixar a gente pensando: “como é que acontece?”. Uma vez eu estava em São Paulo atrás de um livro, *Estrelas funestas*, do Camilo Castelo Branco. Aí fui a uma livraria na rua Líbero Badaró e o dono dessa livraria era um intelectual, membro da Academia Paulista de Letras, (...)Olyntho Moura! Então eu fui lá ao Olyntho Moura, cheguei lá e encontrei muito livro do Camilo, muito livro do Camilo. Então eu disse: “o senhor tem *Estrelas Funestas*”? Aí ele disse: “não, não tenho”. “Mas eu estava louco para encontrar as *Estrelas Funestas*”. Era zangado, tinha mania de fotografia: “eu não já disse que não tenho?”. “Mas rapaz, eu quero procurar!”. “Pois então procure, mas eu não tenho.” Aí, rapaz, eu meti a mão – foi um gesto só – numa determinada prateleira na altura da minha visão, meti a mão e senti que tinha um livro lá por trás, encostado na parede e preso pelos demais. Aí eu afastei, tirei uns livros da frente, peguei e era o *Estrelas funestas*. Ele ficou tão chocado, pela veemência dele, que ele não cobrou o livro. Ele era muito engraçado, o Olyntho Moura, comprei muito a ele.

Cid Carvalho ganhou seu achado, mas a sorte do colecionador costuma depender também de alguns fatores não tão aleatórios. Entre eles estão o conhecimento do livreiro e a organização do acervo, assim como o que se procura e em qual praça. Ésio Macedo Ribeiro conta uma história ilustrativa dessa diferença de valorização entre diferentes cidades:

Recentemente eu comprei no Rio livros da biblioteca do Fausto Cunha. Ele tinha os livros em perfeito estado e 95% autografados para ele: em muito bom estado, todos os livros. Eu fiz uma seleção e o livreiro não punha preço nos livros. Tinha muita coisa do concretismo que eu nunca tinha visto na minha vida, coisas assim muito raras do concretismo [Ésio é um grande colecionador de poesia concreta]. Aí ele foi separando em montinhos, aí eu falei: “ih, esse cara...”. E o do concretismo ele ia pondo tudo num canto, falei: “esse cara vai me

esfolar aqui”. E eu já estava, sabe quando começa a dar dor na barriga? Aí começa a me dar aquela dor, falei: “ai, ele vai explorar...” Ele falou assim: “essa fila é 100, essa é 50, essa é 25, essa é 30 e aquele lotinho ali [o do concretismo], é de presente” (risos).

Não são apenas os bibliófilos, é claro, que conseguem grandes pechinchas com livreiros. Estas, decerto, estão do lado dos livreiros. Eles, no entanto, preferem não publicizá-las. Os principais motivos parecem ser dois: em primeiro lugar, não querem desagradar ninguém da família que lhes vendeu a biblioteca, divulgando o nome de um ou outro colecionador; em segundo lugar, não querem publicizar o lucro obtido com tais bibliotecas. Péricles Machado, auxiliado por Maria Lucia, relatou um desses achados, um álbum de fotografias de Marc Ferrez, comprado de um carroceiro, com fotos do Rio, São Paulo, Minas, Salvador:

Um dia eu estava aqui em cima, ia saindo de uma galeria, um [carroceiro] veio e me mostrou um álbum de São Paulo, não é? E eu vendi por 80 mil reais, lembra? Numa galeria aqui em cima: “o que é esse álbum?”. “Cem reais”. “Aqui, toma”. Vendi por um dinheirão, tá certo?

Casos como esse, todavia, não são comuns e só ocorrem por conta do trabalho constante de procura do bibliófilo e do livreiro. Roberto Moraes relatou uma das mais interessantes histórias de um livreiro-bibliófilo:

Eu tive muita sorte. [Numa] ocasião a minha esposa estava fazendo um acompanhamento, ela psicóloga, e tinha um supervisor que dava supervisão a ela, que freqüentava o consultório dele. Ela estava com uma moça, que era atendente do consultório. Conversa vai, conversa vem [e] ela disse: “lá em casa tem muito livro”. Minha esposa respondeu: “na minha também, são de genealogia”. Aí ela respondeu: “os da minha casa também são”. “Pô! Não é possível que você tem uma biblioteca de genealogia”. Eu fiquei desesperado para saber quem era o dono. Ela disse que os livros eram do avô dela, que tinha morrido. E, enquanto eu não consegui ir lá à casa ver e comprar os livros, eu não sosseguei.

Era de um genealogista famoso que se chamava Horácio Rodrigues da Costa. Os livros estavam numa casa enorme no alto da Tijuca, guardados num quarto que não tinha nem vidraça, os pombos estavam entrando para fazer ninho no meio das prateleiras. O interessante é que o velho tinha escrito nos livros o valor dos livros, da coleção, e a filha não estava nem aí para aquilo, estava tudo abandonado. Lembro que era véspera de Carnaval, que eu consegui que ela me recebesse. A mãe dela estava nos Estados Unidos. Eu vi livros que eu estava desesperado atrás. Enquanto eu não consegui comprar o livro, dar o cheque e pegar os livros, eu não saí da casa dela.

“O livro” era uma obra específica que Roberto procurava há tempos:

Ganhei muitos presentes, mas o único [livro] difícil de achar foi esse que eu estava contando, que eu fui lá na casa do Cabral para consultar e... Ele me emprestou o livro, eu tinha dezessete anos, ele me deu vários livros, mas aquele ele não me deu. E ele me emprestou, eu devolvi e fiquei com aquela história na cabeça, que eu tinha que ter aquele livro. Aí eu fui [e] escrevi uma carta pra ele, anos depois - eu já estava trabalhando - perguntando se ele queria me vender o livro ou me emprestar o livro. Ele estava vivo ainda. (...) passados, sei lá, cinco anos, eu perguntei se ele poderia me emprestar o livro de novo. O livro estava emprestado com outro genealogista, ele foi, pediu, disse que eu aguardasse, que ele ia pedir e depois ia entrar em contato comigo para me emprestar o livro novamente. Ele foi, escreveu para o genealogista lá de cidade de Valença, do estado do Rio e o cara devolveu o livro a ele. Só que nesse meio tempo o Cabral, dono do livro, morreu. Aí eu escrevi para a viúva dele, perguntando se ela me venderia o livro, que eu queria comprar aquele livro, que era muito importante pra mim. Ela me respondeu com uma carta que eu tenho guardada até hoje, me respondendo que eu ficasse tranquilo, que ela me venderia o livro, que ela ia mandar vender os livros todos, que tinha um amigo que estava arrumando a biblioteca, que eu aguardasse, que eu ia ser chamado lá para comprar o livro. Pois, quando ela me chamou para comprar os livros, chegando lá na hora, o livro já tinha sido vendido: eu perdi a oportunidade de comprar o livro. Eu fiquei muito triste. E o xerox veio de Portugal, uma prima tirou e eu mandei encadernar e eu fiquei com a

cópia de xerox, fiquei com aquele trambolho na minha biblioteca, mas sempre com aquela tristeza de ter perdido o livro.

Anos depois, um cliente [que] era metido a ser atravessador de livros me ligou e disse: “Roberto, eu comprei um lote de livros de genealogia, vê se você me ajuda a botar os preços”. Aí ele disse: *Genealogia Fluminense?* – esse eu tenho, é tanto... esse pode pedir tanto...fui ajudando ele a botar o preço. Aí, de repente, ele falou o nome do livro: “Famílias [?]”. Eu fiquei gelado do lado de cá e falei: “esse me interessa comprar”. Ele, como é uma cara doentio, perverso, ficou me cozinhando em banho-maria, dizendo que não sabia se ia vender, quanto eu pagaria. Eu disse para ele avaliar: “Me fala quanto é e eu vou ver se tenho interesse em comprar. Se eu puder comprar, eu compro; se eu não puder, eu não compro”. Aí ele pegou e nada, sumiu da livraria e não deu resposta. Dias e dias depois, talvez um mês depois, ele apareceu na livraria e disse que eu não tinha condições de comprar o livro: “Botei para vender na Livraria do Estrela, está lá em consignação”. Eu perguntei quanto ele botou no livro e ele disse: “quatrocentos reais”. “Vai lá buscar ele rápido que eu fico com ele, eu compro”. Ele foi lá e trouxe. Quando ele trouxe o livro eu reconheci o mesmo exemplar que era do tal do Cabral de Melo e constava ser o único do país. Eu paguei 400, mas eu pagava 4 mil naquele dia, porque eu estava desesperado atrás daquele livro e aí eu acho que fechou as minhas dificuldades todas.

O cuidado com os livros

Uma questão primordial para qualquer bibliófilo é a conservação dos livros. Não apenas a limpeza, mas também o restauro, o acondicionamento e mesmo a organização. Esta, aliás, é essencial, pois sem ela a biblioteca deixa de ser acessível, os livros deixam de ser manuseados e, como tantas coisas na vida, ao deixar de cumprir sua função, a de ser lido, folheado, degrada: junta-se acidez em seu miolo, passam despercebidos os bibliófagos.

A conservação dos livros é uma ciência recente e muitas das receitas clássicas em manuais datados podem ser perigosas não apenas aos livros, mas também ao bibliófilo. Elas vão desde mergulhar os exemplares em querosene até o espargir de DDT por suas páginas. Felizmente diversas instituições têm-se dedicado ao problema e a diretriz básica parece ser a mesma: não havendo necessidade, não se faça nada. Ademais, o melhor caminho é sempre o mesmo: a prevenção.

Perguntado sobre os cuidados que toma na conservação de sua coleção, Pádua Lopes conta que:

(...) comprando livro de segunda mão, eu faço higienização no livro, eu pessoalmente, certo? Eu limpo o livro, se tiver algum rasgo pequeno, alguma coisa, faço um pequeno remendo (...) e só coloco na minha biblioteca depois de devidamente higienizado. Agora, se o livro é velho e está precisando de uma nova capa, aí eu pego o livro, junto alguns, e mando sempre para São Paulo. Normalmente faço a encadernação de pelica, com a lombada em pelica: às vezes a encadernação vale três, quatro vezes o valor do livro que eu adquiri. E, evidente, a maioria dos livros que adquiri, especialmente dessa época, da primeira parte do século passado, são livros que realmente precisam de encadernação. A dificuldade também de encadernar, que é mandar aquele negócio, é uma chatice: faz a gente querer morar em São Paulo só pra fazer a encadernação, é uma coisa que nos desgasta profundamente.

Essa questão de encadernar os livros era tradicionalmente arranjada pelos bibliófilos não só pelo apelo estético das lombadas em couro, enfileiradas, quiçá, com seu monograma ou com cores diferentes de acordo com a temática, mas também por uma ideia de preservação preventiva. Este é o caso, por exemplo, de Waldemar Torres, que quando não os encaderna, manda confeccionar caixas com lombadas de couro, mandadas fazer especialmente para volumes pequenos, para que não destoem do restante da coleção. O grosso das encadernações ele as manda para Egídio Pulice, em São Paulo, que por muitos anos trabalhou na ORNABI. Pádua Lopes, no entanto, prefere mantê-los no original:

(...) eu acho que se puder, se estiver em boa condição, o livro deve permanecer no estado em que ele foi lançado. Eu sou a favor do estado natural do livro, eu não encadernaria todos os livros não. Eu só encadernaria os que seriam necessários para conservação deles. Eu acho que a capa é um fator de beleza dentro de um livro, e de personalidade. Porque você bota um livro todo... claro que ele é rico com a pelica, mas ele não é ele, mesmo que você bote a capa dentro, como é o correto, mas não é ele, acho que ele perde a personalidade. (...) Então eu acho importante manter a integridade do livro, como ele [é], não encaderno nenhum livro que não necessite de encadernação, encadernação é exceção.

Esse hábito dos antigos bibliófilos de encadernarem todos os seus livros tem decerto relação com a lembrança que eles têm das bibliotecas de outrora, todas em couro à moda francesa. Esses livros eram encadernados por vezes pelos livreiros, mas muitas vezes pelos compradores, pois eles eram vendidos apenas com um fino papel protegendo os cadernos costurados. A capa de brochura, com informações sobre o livro, foi vulgarizada apenas há pouco mais de cem anos.

A organização das bibliotecas visitadas é variável: alguns apenas com dificuldade conseguem encontrar algum livro, outros têm sistemas informatizados. Waldemar Torres, por exemplo, tem um catálogo impresso e encadernado como seus outros livros, em couro. Lúcio Alcântara tem seus livros organizados e etiquetados:

(...) Bom, é isso que eu fiz, eu contratei, já está isso aí com cinco ou seis anos, uma bibliotecária que vem aqui diariamente e que adora os livros e que conhece, acho que, hoje, a biblioteca, muito mais do que eu. [Ela] está fazendo justamente esse trabalho de catalogação, porque eu já nem sei mais o que é que eu tenho. Tem algumas coisas que eu compro até repetido e ela está catalogando e (...) informatizando, tem [também] alguns cuidados, com o desumidificador. Eu vivi em Brasília: então tinha uma parte dos livros aqui, tinha uma parte dos livros em Brasília, e tinha uma parte dos livros nessa Fundação [Waldemar Alcântara]. Só que a Fundação é uma coisa e uma outra é a minha biblioteca pessoal,

que, talvez, pode ser até que um dia eu doe para a Fundação, mas isso é outra questão(risos), por ora ainda não cogitei disso.

A maioria dos bibliófilos, quanto à organização, situa-se num meio-termo: nem tão organizados, nem tão caóticos. Levando-se em consideração a biblioteca de Lúcio Alcântara, especificamente, não é uma biblioteca composta majoritariamente de volumes antigos, o que talvez tenha facilitado sua decisão de contratar uma pessoa para deles cuidar. Ademais, quando uma biblioteca atinge determinado porte, é só com ajuda que ela pode ser mantida limpa e em ordem. Há colecionadores, contudo, que dificilmente deixariam seus livros serem manipulados por outrém. O manejo do livro, aliás, costuma ser um fator marcante na identificação de um bibliófilo: todo cuidado é pouco.

Uma última questão digna de nota é o local de acomodação dos livros: parte significativa dos bibliófilos mantém espaços fora de casa para os livros, em especial os que são casados. São poucos os bibliófilos que contam com a compreensão da família, quem dirá com o apoio...

O destino dos livros

Uma das grandes preocupações dos bibliófilos é o destino de seus livros. Não há colecionador que, já tendo constituído uma biblioteca razoável, não tenha pensado no assunto. Qual será, afinal, a morada de tais volumes, amalhados sistematicamente por anos a fio? É infelizmente conhecido o triste fim que parte importante das grandes coleções teve em instituições públicas nacionais, mas menos conhecido é o destino de coleções particulares que simplesmente são abandonadas em meio a disputas familiares pelo espólio, ou que são simplesmente descartadas pelo desprezo e despreparo dos familiares. No caso de Lúcio Alcântara, a questão se fez presente quando ele se deparou com uma dessas bibliotecas descartadas:

É uma grande questão o destino dos livros depois da morte do dono. Eu mesmo já comprei alguns livros (...) aquela Biblioteca de Obras Célebres (...) encontrei jogado no chão de um antigo sebo (...) era de um colega meu, que havia morrido e que eu, inclusive, me dava muito bem com ele - era um grande estudioso de Napoleão, escreveu inclusive livros. Eu não me interessei por nada de Napoleão assim, como militar, como estadista, para colecionar livros dele e livros sobre ele. Mas vi essa coleção lá, fiquei... primeiro que é uma obra interessante, depois que eu vi que o Drummond entrou na literatura lendo essa Biblioteca de Obras Célebres lá em Itabira, foi uma das primeiras leituras dele, que ele confessou uma vez numa entrevista. E porque vi lá o nome desse colega, esses livros jogados no chão, então é uma coisa muito... são as chamadas viúvas bibliocidas, às vezes não têm noção. Porque há dois polos aí: umas acham que vale uma fortuna e tem uma visão irrealista do que possuem e outras acham que não valem nada e atiram no chão, jogam em qualquer lugar, dão a qualquer pessoa, querem se ver livre por causa de problema de espaço. Então, quando eu voltei para ficar aqui mesmo em Fortaleza, quando tinha sido eleito governador, e minha mulher não queria mais morar em casa, eu passei para um apartamento que é aqui em frente, eu tive a sorte de comprar esse espaço aqui, que é só cruzar a rua. E isso me deu a chance de juntar tudo, reunir todo o meu acervo, que já está quase sem caber mais. Então isso foi bom porque eu pude organizar melhor. Tem uma parte que está na minha casa, nós vamos ver daqui a pouco. E também tem um detalhe, minha mulher é escritora, poeta, professora de língua, literatura francesa, mas não é uma bibliófila. (...) Então, eu digo sempre que nós somos casados em comunhão de bens e com separação de gabinetes e livros.

O fato da Biblioteca de Obras Célebres, assim como tantas outras coleções e enciclopédias, não ser objeto de coleção, situando-se numa posição incômoda entre o antigo e o novo, i.e., desatualizada, não desmerece o relato. Apenas um biblófilo diferenciaria essas coleções de outras, desejáveis. Essa questão de separar o joio do trigo é justamente a preocupação de Cid Carvalho:

Rapaz, isso é a grande preocupação do momento. A minha biblioteca tem tudo: livros modernos, tem obras assim, em papel bíblia. Eu gosto é de ler, a leitura. Mas tem muita obra antiga, antiquária. Eu pretendo separar, não sei como ainda, antes de morrer, separar as obras antiquárias (...) essas tem que ter um destino muito sério.

Outro que tem uma visão parecida é Alexei Bueno:

Olha, eu tenho uma estante de vidro fechada enorme, que eu pretendo que, ou eu, ou meu filho, ponha aquilo em leilão, tem coisa que vale muito dinheiro aí. A minha parte de cinema que, como eu te falei, creio que é a melhor do Brasil, eu gostaria muito de doar integralmente para algum lugar, também não pensei, o resto eu não estou interessado - o resto que as traças comam (risos), que voltem ao mercado. As duas coisas que me preocupam é o núcleo de cinema que, realmente, não há igual no país. Agora o que está na famosa estante de vidro, que é uma estante enorme, tem coisas que valem muito dinheiro, algumas difíceis de vender no Brasil, como o Proust, mas hoje em dia tem possibilidade para se contatar um livreiro fora e vender, eu acho melhor o meu filho torrar tudo. Também, que retorne ao mercado com algum retorno financeiro; o resto, quem quiser ficar com isso...

O grande interesse do meu filho até esse momento é a internet. Aliás, não é nem internet, que eu adoro também, é o *game*. Então não estou com grandes possibilidades para essas coisas, não. Eu já falei extra-oficialmente que o armário de vidro, pelo amor de Deus, não vendam jamais para o livreiro, porque eu não quero dar dinheiro para um (...) qualquer. Tive muito trabalho na minha vida, para voltar para um livreiro. Qualquer coisa, menos lá, o de vidro. E o de cinema, esse eu quero que seja para algum lugar, o resto eu não me preocupo. O resto tem livros excelentes, livros caros inclusive, em termos de leitura, caros, mas são livros de leitura, livros que se você tiver um dinheiro agora, você compra. Uma parte enorme de Arqueologia, que é uma mania minha, outra parte imensa da História das Religiões, que também é outra. Você vê que eu sou variado. Mas isso aí, realmente, não me preocupa.

Êsio Macedo Ribeiro, perguntado sobre o que pensa fazer com a sua biblioteca, diz:

Eu tenho pensado muito. (...) tenho onze sobrinhos e não tenho filho, aí fico pensando para quem deixar, se alguém vai ter cuidado. Eu estava falando com meu irmão e ele falou “ah, você tem que ir anotando os valores senão vamos vender por 1 centavo”, quando morrer. Mas eu tenho pensado muito nessa questão, principalmente depois que fiz quarenta anos. Você vai juntando, assim, tem o lado afetivo, mas tem o [lado] do valor mesmo, comercial, tem que pensar nas duas coisas.

Esse negócio de doação [é um] desastre completo. Já acompanhei várias dessas doações, é ridículo o que fazem. Por exemplo, eu já te comentei da biblioteca do Celso Cunha, o cara tinha o maior amor pelos livros, encadernava todos com capa de couro de cabra, mandou dourador para Portugal aprender a dourar os livros dele, aí ele morre, a biblioteca é vendida para a UFRJ e os livros ficam jogados num depósito, aonde entrou água, os livros foram molhados: livros raros, era uma biblioteca muito preciosa, então é muito triste. Eu tenho visto, também, famílias que vendem bibliotecas a preço de banana, a pessoa leva anos para conseguir um livro e aí a família vende, não sabe nem qual foi a dificuldade para ter aquilo e a importância mesmo para o futuro, para a história do livro, para a história literária de um país.

O único colecionador que afirmou não se preocupar com seus livros foi Pádua Lopes, que, mesmo não acreditando no divino, não resiste em apontar um destino para sua biblioteca:

Plano *post-mortem*? Não, *post-mortem* para mim nada, depois da morte, para mim depois da morte... Eu só tenho... já disse à minha família que nem em vida eu mandei nela, não vou mandar depois de morrer, então façam o que quiser com a minha biblioteca. Eu apenas digo que façam o possível para preservá-la ou doá-la, ou vender para uma instituição que possa seguir adiante. Eu acho que vale a pena esse esforço não ser em vão (...) Eu não faço o esforço pensando no futuro, eu faço o esforço porque acho que isso me gratifica, me gratifica e eu aprendo, eu aprendo literatura, a história da literatura, eu aprendo como se formam as reputações literárias, tudo isso está incluso dentro desse processo.

O prazer de se formar uma coleção e a vontade de permanência, em duro contraste com a condição humana, a inevitabilidade da morte,

inserir no bojo da bibliofilia o embate entre Eros e Tântatos. Se fôssemos, no entanto, relacionar a bibliofilia com um deus grego, este seria Mnemosina, deusa da memória, da escrita, mãe das nove musas. Antonio Carlos Secchin comenta a vontade de preservação do legado do bibliófilo:

Isso é uma coisa terrível, porque lembra que um dia não estaremos mais aqui e que eles vão nos sobreviver. Não quero pensar como aquele milionário japonês que tinha comprado um Van Gogh e mandou enterrar com ele - não que eu não tenha esse desejo, mas meu caixão ia ser muito grande. Já pensou o espaço no cemitério que ia ter? Eu acho que o melhor é, em vida, a pessoa administrar esse destino. É claro que todo bibliófilo deseja a manutenção do acervo, como se ele fosse aproveitar depois, claro que é uma ilusão. Acabou, não diz mais respeito a ele, mas diz respeito a futuros leitores que vão encontrar, às vezes, conjuntos concatenados de tal modo que dificilmente vai encontrar fora dali. Então essa dispersão, o problema dela é esse, não é só o fetiche do acervo do fulano. É que ali tem uma visão de mundo naqueles livros, tem um modo de organizar a realidade, tem um mundo de preferências e tem também um conjunto de raridades que se não forem preservadas como estão ali (...) vai ter cada vez menos exemplares, vai se dispersar, o bicho vai comer, vai ser jogado fora.

Além das questões inerentes ao fazer bibliofílico, a preservação de certas coleções tem por motivação a própria frustração do bibliófilo, como no caso de Jorge Brito, falando de sua Cearense:

Tem aquela ali, tem aqueles livros, são uns seis mil volumes, mas eu gostaria que os livros voltassem ao Ceará - alguns deles que nem foram, que foram impressos em outros lugares. [Gostaria] que fossem engrossar prateleiras das bibliotecas públicas, porque eu sei o que é pesquisar, tentar pesquisar, e não achar aonde pesquisar. Você deve ter sofrido isso já, certo? E você sabe, às vezes, que aquilo está em mãos de particular que não permite que você acesse aquilo (...) O saber, ele tem que ser compartilhado.

Talvez o principal resultado dessas suas pesquisas e buscas por livros e documentos antigos tenha sido o *Diário do Governo do Ceará – origens da imprensa e da tipografia cearenses*, lançado pelo Museu do Ceará.

Perguntado sobre a criação de seu Instituto, José Augusto Bezerra comenta os problemas levantados sobre o destino dessas coleções:

A ideia do Instituto veio dessa dificuldade que nós encontramos dentro da própria Associação dos Bibliófilos de saber o que é que se faz com os livros depois que nós morremos, depois que nós desaparecemos. Vemos que a maioria dos que possuem bibliotecas morrem e a família não tem experiência, não tem interesse, não tem isso como prioridade e aquele trabalho de muitas décadas se desintegra, ou é vendido por pouco mais ou nada, ou muitas vezes vai para os porões e os livros estragam e, enfim, não há uma continuidade daquele trabalho de uma vida. Então, procurando proteger esse aspecto futuro, primeiramente nós procuramos criar uma entidade jurídica, personalidade impessoal onde venhamos a ter uma renda (...)para que essa renda sirva apenas para a manutenção, a compra de novas obras e a continuidade desse trabalho de bibliofilia. E, bem como esse Instituto venha a servir também como um disseminador de conhecimentos para pesquisadores, para estudiosos, para professores, mesmo para estudantes de um nível mais elevado e que tenham um objetivo, um propósito de fazer trabalhos que realmente necessitem de pesquisas. Então, o nosso Instituto tem como objetivo maior essas duas premissas, primeiro servir de foco, de polarizador, de um centro cultural e em segunda hipótese dar uma continuidade no tempo e no espaço, para que esse trabalho não seja desperdiçado. Mesmo que às vezes se vende a um bom preço, mas nós não estamos falando só de dinheiro, porque na realidade nós fizemos por ideal, e não é por não estamos preocupados por vender ou não vender, nós estamos desejando que um legado daquele sonho que nós sonhamos, [que] esse legado seja transmitido para outra geração, através, naturalmente, de nossos filhos, se tiverem interesse, mas se não tiverem, nós não podemos deixar que esse trabalho [se perca].

observações gerais

Da bibliofilia

Da feitura da tese

a bibliofilia e a Ciência da Informação

Observações gerais

DA BIBLIOFILIA

Se desde finais do século XIX a bibliofilia, no país, foi atrelada ao colecionismo de Brasiliana, dos anos 1950 em diante ela migrou para a Literatura nacional. Entre os mais procurados estão autores canônicos do século XIX, como Gonçalves Dias e Machado de Assis¹⁷⁰, e autores do Modernismo, além de, mais recentemente, integrantes do Concretismo e mesmo alguns “poetas malditos”. De início, a bibliofilia estava atrelada ao estudo, à pesquisa, de forma profunda e erudita, como podemos ver pelo rol de bibliófilos mais antigos. A vontade de construção de nossa identidade e a dificuldade de acesso aos livros e documentos, muito maiores do que as encontradas hoje, foram fatores decisivos na *oeconomia* de então. O estudo era atrelado aos Institutos Históricos e algumas poucas bibliotecas particulares. O livro era símbolo de *status* entre a pequena elite ilustrada de uma forma muito mais ostensiva que nos dias de hoje.

De fato, vários dos principais acervos de pesquisa que encontramos em bibliotecas de instituições públicas brasileiras foram formados por esses pesquisadores do Império e da República Velha. A proeminência da História entre os estudos acadêmicos na era dos Institutos e no início do século XX estará decerto ligada a esses caçadores de livros e documentos e a suas bibliotecas. Da mesma forma, o *momentum* que a crítica literária alcançou pode ser também atribuído às grandes bibliotecas de literatura formadas por uma segunda geração de bibliófilos que vêm, aos poucos, sendo incorporadas às instituições públicas. Essas coleções só puderam ser formadas, está claro, por conta do amadurecimento e da riqueza da literatura nacional.

¹⁷⁰ O fetiche machadiano é inigualável no país.

Essas duas áreas do saber, a História e a Literatura, dominaram de tal forma a bibliofilia que as outras ficaram ofuscadas, mas não esquecidas. Encontrar colecionadores de áreas distintas, no entanto, justamente por estarem às margens da bibliofilia, é uma tarefa árdua. Eles não estão, afinal, no emaranhado da disputa constante que existe nas áreas mais visadas, como o Romantismo, ou a Geração de 45. Há também áreas nas quais, tradicionalmente, se formam grandes bibliotecas, nomeadamente o Direito, o que torna ainda mais difícil distinguir os bibliófilos. A moda, como já observado, muda, mas é difícil prever quais serão as áreas visadas futuramente. Algumas já se delineiam: a história da mulher, a influência da cultura negra, ou mesmo os estudos do livro. Esta última, no entanto, terá vida longa, pois o metainteresse é inevitável em toda área que se vai estabelecendo.

DA FEITURA DA TESE

De início, a projeto desta tese centrava-se numa pesquisa etnográfica, com intuito de estudar uma *oeconomia* que gravitava em torno do interesse por um objeto, o livro raro. Uma vez mapeada esta *oeconomia*, seria analisado seu funcionamento e o interrelacionamento de seus agentes. Na medida em que o trabalho se foi desenvolvendo, impôs-se o caráter exploratório da pesquisa, assim como a importância da escrita histórica, que se tornou parte significativa da tese a partir da indicação da banca de qualificação, com a parte comunicacional sendo relegada a segundo plano, mesmo que presente ao longo da narrativa elaborada.

Crê-se ter sido acertada a mudança do foco da tese, pois mesmo que de interesse específico para área de Comunicação na qual este trabalho se encontra, teria um caráter restrito, com menor interesse histórico e social. O trabalho de campo, extremamente rico para a formação do pesquisador, foi então complementado por uma não menos interessante

pesquisa em bibliotecas, coleções particulares e arquivos documentais diversos para o levantamento dos dados esparsos que ora se encontram coligidos. Ademais, um bom estudo da *oeconomia*, como proposto originalmente, pressuporia um mapeamento mais detalhado e seguro dos agentes, que talvez não fosse possível no espaço de tempo disponível.

Outra questão observada quanto ao mapeamento é que se tal trabalho de fato fosse levado a cabo, seria necessário, desde o início, a elaboração de tipologias e tabelas complexas para a anotação cuidadosa de todos os detalhes inerentes às relações observadas. Com tais dados em mãos talvez fosse possível elaborar uma rede neural conforme pensada inicialmente, que levaria em conta a temporalidade, a espacialidade e as conexões dos sujeitos. Não é fácil representar as redes, a comunicação e a circulação de informação de forma simples, sem ser simplório.

Ao tratar de simplicidade, é preciso notar que a busca etnográfica por informações e contatos demonstrou-se muito mais interessante e complexa do que o esperado. Alguns dos agentes mais próximos, chave no entendimento da *oeconomia*, se mostraram bastante zelosos ao preservar sua rede de contatos, de conhecidos, recusando qualquer diálogo. Outros, apesar de mencionarem um ou outro indivíduo, por vezes não quiseram mediar o contato, pedindo mesmo silêncio sobre a informação “vazada”. No mais das vezes, os alfarrabistas foram os mais cuidadosos dos agentes (houve uma gloriosa exceção, cuja fala terá de ser censurada). Por outro lado, alguns bibliófilos e livreiros, no primeiro contato, mostraram-se disponíveis e voluntariosos de forma surpreendente para o pesquisador, que havia sido exposto inicialmente a barreiras inesperadas.

Quando da consolidação de dados e da utilização das entrevistas, duas questões se apresentaram com maior destaque: a dificuldade na obtenção de dados biográficos básicos sobre figuras de relativa importância na história brasileira e a questão da preservação da

autenticidade da fala dos entrevistados quando de sua edição para se obter fluidez na leitura, além de questões pontuais como a manutenção das ditas “palavras chulas”.

Por fim, registra-se aqui que alguns tópicos trabalhados nesta tese serão desenvolvidos de forma autônoma, como “o descaso com os livros”, alguns perfis biobibliográficos e mesmo a análise psicosociológica da bibliofilia.

A bibliofilia e a Ciência da Informação

Os primórdios da Ciência da Informação atrelam-se, no Brasil, à Biblioteconomia, que já se desenvolvia a passos largos. O livro como objeto de estudo, todavia, foi perdendo seu espaço, tanto na pós-graduação, quanto na graduação, a tal ponto que o estudo de sua história, parte fulcral da compreensão da circulação de informações, foi em grande medida abandonado. Ao mesmo tempo, o mercado editorial nacional foi-se expandindo, cada vez mais complexo, o livro tornando-se objeto de interesse e estudo das mais diversas áreas, desde a Economia, com o estudo de sua cadeia produtiva, à Pedagogia, com estudos da leitura.

O ensaísta e filólogo Luciano Canfora comenta que a ideia de que os livros (e seus donos) são investidos de poder é típica de sociedades arcaicas. No entanto, como podemos constatar com o caso de José Mindlin, pelo não tão simples fato de ter, ao longo das décadas, construído sua vida ao redor dos livros, foi investido das mais diversas honrarias: membro das academias Paulista e Brasileira de Letras; doutor *honoris causa* pela Universidade de Brasília e pela USP, além de ocupar cargos de destaque como a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Antes de Mindlin, Yan de Almeida Prado e Plínio Doyle

havia alcançado destaque similar. É esse fascínio pelo livro que tem propulsionado os estudos mencionados.

Não se pode, assim, compreender uma disciplina que renegue, em seu seio, seu mais importante veículo de informação. Se ele não tem a primazia da informação rápida e renovável, coisa que nunca foi seu foco, e sim de jornais, de periódicos e da internet, continua sendo a fonte primeira da informação consolidada, depurada. A experiência no exterior, inclusive em cursos de Ciência da Informação e bibliotecas universitárias, pode e deve servir de exemplo na melhor organização desses estudos, na percepção do que pode e do que ainda está para ser feito. Para tanto, é preciso munir as bibliotecas de coleções especializadas e estabelecer intercâmbio com alguns dos centros europeus e norte-americanos, todos ligados a tradicionais instituições de ensino e pesquisa.

No Brasil, os estudos do livro têm focado a história editorial do país, com trabalhos que detalham e retificam o seminal *O livro no Brasil*, de Hallewell. Foi, assim, a visão de conjunto apresentada pelo inglês que incentivou uma série de outros estudos pontuais. Apesar de sua importância para a história do livro, a história editorial é apenas um dos possíveis ramos de investigação. O comércio livreiro, por exemplo, pouco foi estudado. Esses e outros tópicos, boa parte necessitando ainda de estudos exploratórios, são insumos preciosos para um melhor entendimento da produção e circulação da informação no país, para um levantamento e análise das redes que se foram constituindo. Editores e livreiros, assim como os bibliófilos cujas coleções integriam bibliotecas públicas, têm papel central na disposição da informação acessível aos pesquisadores.

Não parece haver dúvida, portanto, que mesmo para a preocupação primeira da Ciência da Informação, i.e., o estudo das redes informacionais na Academia, as questões levantadas e o papel desses agentes é extremamente relevante, pois são eles, muitas vezes, que informam o pesquisador, que agem como filtro da informação circulante

da mesma forma que bibliotecários e arquivistas nos acervos sob sua custódia.

Outros aspectos da produção de livros, por vezes mais técnicos, complementam a sua *oeconomia*. Entre outros, resta ainda a ser levantada e estudada a história da tipografia, em parte feita pelos periodistas, das bibliotecas, das artes gráficas: mesmo com a recente leva de publicações desses temas, muito ainda está para ser feito. Há, na verdade, muito mais material do que se costuma crer sobre cada um desses tópicos. O problema é que eles não se encontram nas instituições públicas (que dificilmente o teriam conservado...) e sim em mãos de colecionadores, amantes da tipografia e livreiros, pois estes costumam guardar tais livros para si. Um dos trabalhos feitos de forma paralela a esta tese, ao longo destes últimos cinco anos, foi precisamente o levantamento de uma bibliografia sobre estudos do livro, ainda em curso.

Ainda com vistas à relação substantiva entre o conteúdo da tese e à função social das disciplinas que constituem a base da Ciência da Informação¹⁷¹ é importante frisar que o mapeamento das importantes coleções contemporâneas aqui feito poderá servir de referência para que, no futuro, elas não sejam destratadas como o foram as coleções do passado. É preciso que os pesquisadores e professores se envolvam no destino não só das bibliotecas e demais acervos de suas instituições, mas nos de suas cidades. Às vésperas da impressão desta tese, circulou na lista de discussões da ANCIB um texto escrito por Pedro Sanches, professor de Museologia da UFPel, intitulado *Jornais do século XIX viram lixo em Pelotas*:

Há pouco mais de 15 dias, em fins de abril/inícios de maio [de 2011], a cidade de Pelotas, que até agora tinha se caracterizado por buscar a preservação da história e da cultura da cidade e do país como um todo, foi palco de uma situação completamente absurda e injustificável: a

¹⁷¹ Na Universidade de Brasília são os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e, mais recentemente, Museologia. Com diferentes composições e enfoques, essas mesmas áreas compõem os outros cursos universitários de Ciência da Informação no país.

direção de sua biblioteca pública, que é gerida por uma associação privada, simplesmente enviou para reciclagem, uma parte importante da história da cidade e da região! Livros, jornais, diários e mais monografias e documentos impressos (não se sabe exatamente o total do que foi descartado, nem quem definiu o que seria jogado fora), mas enfim, o suficiente para encher mais de um caminhão pequeno, foi enviado para recicladores. E só não foi parar no lixo mesmo porque, num episódio rocambolesco e pouco explicado, foi “salvo” por um dono de sebo, que imediatamente o comprou e o pôs a venda como uma mercadoria qualquer.

Entre eles, por exemplo, uma das únicas, senão a única coleção do jornal *A Federação* do ano de 1904. Vários outros anos inteiros deste jornal também foram literalmente jogados fora, sob a justificativa de “estarem duplicados”. Mas a catástrofe cultural vai muito além, pois todos os jornais encadernados, que eram duplos, e que se encontravam no porão da biblioteca, como os jornais *Correio Mercantil*, *Opinião Pública*, *Diário Popular*, também tiveram o mesmo fim. Estes são alguns dos jornais pelotenses mais importantes do XIX e XX séculos, e ficamos agora reduzidos apenas a sua coleção em uso, e cuja digitalização tem sido protelada por interferência direta da própria diretoria.

Infelizmente surge mais uma prova cabal do histórico descaso brasileiro com seus acervos bibliográficos e documentais. De qualquer forma, com os apontamentos para uma história da bibliofilia no Brasil, espera-se ter mapeado parte das grandes bibliotecas particulares brasileiras ao longo dos anos, desvelando sua importância, tanto para a constituição de acervos públicos, com todas as consequências já lembradas, quanto para o abastecimento do mercado livreiro, que termina por fomentar a formação de novas importantes bibliotecas.

Espera-se, também, ao final desta tese, ter-se vislumbrado a compreensão da *oeconomia* dos livros raros no Brasil: a possibilidade e as razões do colecionismo, o funcionamento e alcance da bibliofilia no país. Foi esse o propósito deste estudo de colecionadores e suas ações, da circulação de livros e ideias, da formação e dispersão de bibliotecas,

das redes que gravitam ao redor ou perpassam a bibliofilia: estudar o porquê dos que intentam conter materialmente o poder emanado de forma simbólica pelos livros foi decerto intrigante.

Ao longo dos últimos cinco anos, foram consultados mais de mil títulos de livros e periódicos, além de centenas de sítios da internet, que continham algo de interesse para a elaboração desta tese. Escolhi, no entanto, relacionar abaixo apenas as obras que foram citadas de forma direta no texto ou que tiveram uma importância maior no caminho da pesquisa.

ABER – Associação Brasileira de Encadernação e Restauro

<http://www.aber.org.br/>

Acervo digital da Folha de São Paulo

<http://acervo.folha.com.br/>

Estante Virtual – rede de sebos

<http://www.estantevirtual.com.br/>

Ex libris: arquivo da lista de discussão. Disponível em:

<http://palimpsest.stanford.edu/byform/mailling-lists/exlibris/>

Google Livros

<http://books.google.com.br/>

Instituto de Estudos Brasileiros - USP

<http://www.ieb.usp.br/>

Perlocutorio

<http://perlocutorio.com/>

Worldcat – portal de catálogo de bibliotecas

<http://www.worldcat.org/>

----. *14o. leilão de livros raros e papéis antigos*. São Paulo: Fólio Livraria, 2010. 120p.

----. *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. 152p.

----. *Acervo: Revista do Arquivo nacional / Leituras e leitores*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/ Arquivo Nacional, 1995.

----. *Akademios: revue mensuelle d'art libre et de Critique*. Paris, 1909.

----. *Anais do 1º. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*, 1978.

----. *Catálogo da Coleção Salvador de Mendonça*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1906.

----. *Catálogo dos periódicos da coleção Plínio Doyle*. Casa de Rui Barbosa, 2000. 415p.

----. *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Série Comemorativa / a Câmara nos 500 anos*. Brasília: Coordenação de Publicações, 2000. 475p.

----. *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados*. Coordenação de Publicações, 2004. 254p.

----. *Cent-cinquantième anniversaire / livre jubilaire*. Société des Bibliophiles belges séant à Mons et la Société des Sciences, des Arts et des Lettres du Hainaut. 1985. 58p.

----. *Dedicatórias: falam os amigos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1994. 25p.

----. *Ex libris (coleção Biblioteca Pública do Paraná)*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

----. *Homenagem: Alberto de Abreu*. Rio de Janeiro: Livraria Padrão, 1998. 221p.

----. *Homenagem ao livreiro Saraiva*. São Paulo: Associação dos antigos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, 1943.

----. *Obras raras na Biblioteca do Ministério da Justiça*. Série Obras Raras – 1. Brasília, 1981.

----. *Revista de Antropofagia*. Reedição. São Paulo: Abril / Metal Leve S. A., 1975.

----. *Scriptorium*. Vol. 2. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, 2010. 132p.

----. *Seminário profissional para preservação de bens culturais*. Rio de Janeiro: 1985.

----. *The book-analyst and library guide*. Londres: S. H. Lindley & Co., 1878.

ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras e Fapesp, 1999.

ABREU, Paulo Roberto; PRADA, Cynthia Granja. Transtorno de ansiedade obsessivo-compulsivo (TOC) e transtorno da personalidade obsessivo-compulsivo (TPOC): um “diagnóstico” analítico-comportamental. *Revista brasileira brasileira de terapia comportamental e cognitiva*. São Paulo, v. 6, n. 2, dez. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 abr. 2011.

ALENCAR, Vera de (org.). *Castro Maya bibliófilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

AMORIM, Galeno. *Retratos da leitura no Brasil*. Instituto Pró-Livro, 2008. 232p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, Amendoeira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 293p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Soneto da Buquinagem*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

ANDRADE, Mario de. *Cartas a Murilo Miranda - 1934/1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 182p.

ANDRADE, Mario de. *Cartas (Mario de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros)*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1968.

ANDRADE, Mario de. *A lição do amigo (cartas a Carlos Drummond de Andrade)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1982.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *O livro brasileiro*. 2ª edição. Cátedra, 1978. 166p.

ANTUNES, Cristina. *Memórias de uma guardadora de livros*. Escritório do Livro, 2004. 152p.

ASSIS, Machado de. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924. 387p.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Ilustrado por Portinari. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

BANDEIRA, Suelena Pinto. *A paixão que vem dos livros; um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*. Dissertação. (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomia. Brasília, UnB, 1990.

BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 129p.

BARATIN, Marc e JACOB, Christian (orgs.). *O Poder das Bibliotecas – a memória dos livros no Ocidente*. Tradução Marcela Mortara. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2000. 351p.

BARZUN, Jacques. *From dawn to decadance (500 years of Western cultural life / 1500 to the present)*. Nova Iorque: Harper Collins, 2000. 877p.

BASBANES, Nicholas A. *A gentle madness: bibliophiles, bibliomanes, and the eternal passion for books*. Nova Iorque: H. Holt and Co., 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *Le système des objets*. Paris: Gallimard, 1968.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas (Magia e Técnica, Arte e Política)*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 253p.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II (Rua de Mão Única)*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000. 277p.

BERGER, Leopoldo. *Manual prático e ilustrado do encadernador*. Prefácio de Rodrigo Octavio. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1946. 135

BEZERRA, José Augusto (org.). *Arquivos do Barão de Studart*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2010. 160p.

BEZERRA, José Augusto. “Ex-libris (a marca de propriedade do livro)”. In *Revista do Instituto*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2006.

BILAC, Olavo. *Caçador de Esmeraldas*. Ilustrado por Enrico Bianco. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos, 1949.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. 7 vols. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.

BOEREE, George. “Erich Fromm (1900-1980)”. 1997/2006.

<http://webspace.ship.edu/cgboer/fromm.html>

BOLLIOD-MERMET. *Crazy book-collecting or bibliomania*. Nova Iorque: Duprat & Co., 1894. X + 60p. Prefácio de Alphonse Duprat.

BORGES, Bruno de Alves. *Deus me livros: bibliofilia e marginálias nas Letras*. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2009.

BORKO, H. “Information Science: what is it?” *American Documentation*, 1968. Disponível em:

<http://www.scribd.com/doc/33626148/Information-Science-What-is-it-1967-H-Borko>

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004. 311p.

BRANCO, Zelina Castello. *Encadernação: história e técnica*. São Paulo: Hucitec, 1978. 175p.

BRAZIELLAS, Antonio Alves. *Memórias e escritos do livreiro Braziellas*. Rio de Janeiro, s/e, 1979. 127p.

BRITO, José Jorge Leite de. *Guia dos sebos do Brasil*. 1988. 44p.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: MEC/ Serviço de Documentação, s/d [1956]. 275p. (Coleção Letras e Artes)

BURY, Ricardo de. *Philobiblion, ou o amigo dos livros*. Tradução de Marcelo Cid. São Paulo: Atelie Editorial, 2007. 256p.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881. 339 p.

CALDAS, Waltercio. *Livros*. Museu de Arte Paulista, 2000. 32p.

CÂMARA, José Bonifácio. *Personas notas de um bibliófilo cearense*. Fortaleza: UFC, 1999. 185p.

CAMPOS, Arnaldo. *Um livreiro de todas as letras*. Escritório do Livro, 2006. 146p.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas – O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. 102p.

CARONE, Modesto. Depoimento. Projeto Memória Oral da Biblioteca Mario de Andrade. 2007.

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Depoimento_Modesto_Carone_1254953118.pdf

CARVALHO, Alfredo de. *Bibliotheca Exotico-Brasileira*. Vol. 1. Organizada por Eduardo Tavares. Rio de Janeiro: Pongetti, 1929. 385p.

CARVALHO, Alfredo de. *Estudos pernambucanos*. Recife: Livraria Acadêmica, 1907.

CASTRO, Jayme. *Arte de tratar o livro*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969. 199p.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador (conversações com Jean Lebrun)*. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: EdUNESP/ Imprensa Oficial, 1999. 159p.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros (leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII)*. Tradução Mary del Priori. 2ª. ed. Brasília: EdUNB, 1994. 111p.

CLAYE, Jules. *Manual do aprendiz de compositor*. Tradução de Barreto. Rio de Janeiro:

COUTO, Ribeiro. *O crime do estudante Baptista*. Monteiro Lobato, 1922. 212p.

DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. (Coleção Historial). Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 167p.

DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*. Unicamp, 1999. 156p.

DINIZ, Sílvio Gabriel. “Um livreiro em Vila Rica no meado do século XVIII”. In: *Kriterion – Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais*. Nos. 47-48. Belo Horizonte, 1959.

DOLGORUKIJ, Igor. “Ex-libris”. Boletim bibliográfico 4. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, 1944. p. 36-46

DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. 132p.

EARP, Fábio Sá e KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2005. 175 p.

<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/ebook/ebook.pdf>

ENEIDA. *Alguns personagens*. Ministério da Educação e Cultura, 1954. 71p.

ESTEVES, Manuel. *O ex libris*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956. 197p.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*. Série Texto & Arte. São Paulo: EdUSP, 1994. 509p.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *Aristarchos*. São Paulo: Departamento Municipal de Cultura, 1939. 114p.

FONSECA, Francisco J. Izidoro da. *Roteiro dos sebos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1996. 24p.

FREYRE, Gilberto. “Mestre Yan, o Malicioso”. Folha de S. Paulo. 14 de janeiro de 1979, Primeiro Caderno, p. 3

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941. 139p.

GARCIA, Celina Fontenele. “A biblioteca de Pedro Nava....”. Congresso Nacional da ABRALIC 1990 (ABRALIX, 1991, vol. 3)

GIL, Vicente. *A Revolução dos Tipos*. São Paulo: s/e, 1999. 262p.

GODINHO, Margarida Cintra (et alli). *Gráfica, arte e indústria no Brasil: 180 anos de História*. São Paulo: Bandeirante, 1991.

GOMES, Sônia de Conti e MOTTA, Rosemary Tofani. *Técnicas alternativas de conservação*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. 108p.

GONÇALVES, Marcos Paulo Nascimento [FIPE/USP]. *Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*. Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional de Editores de Livros. 2008. Disponível em:

<http://www.abdl.com.br/UserFiles/FIPE2009.pdf>

GRAVIGNY, Jean. *Montmartre en 1925*. Ilustrações de Vicente do Rego Monteiro.

GRIECO, Agrippino. *Memórias (2º. Volume)*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972. 393p.

GRILLO, Cristina. *Livros e objetos pessoais do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto vão a leilão no Rio de Janeiro*. Gazeta Online, Caderno B - Quarta-feira, 22 de março de 2000. Disponível em:

<http://anteriores.gazetaweb.com/2000/Mar/22/col/cadernob/cadernob.htm>

HABERMAS, Jürgen. *On the logic of Social Sciences*. Cambridge: MIT Press, 1988. 220p.

HOLANDA, Gastão de (org.). *Escritura*. Rio de Janeiro, s/e, 1973.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª. ed. São Paulo, EdUSP, 2005. 816p.

HOLMES, Ruth E. V.; LIMA, Oliveira. *Bibliographical and historical description of the rares books in the Oliveira Lima collection*. EUA: 1927. 367p.

IVO, Ledo. *Uma lira dos vinte anos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

KATZENSTEIN, Úrsula E. *A origem do livro*. HUCITEC, 1986. 455p.

KIKUCHI, Tereza. *José Mindlin, Editor*. São Paulo: EdUSP, 2004. 171p.

KNYCHALA, Catarina Helena. *O livro de arte brasileiro*. Pró-Memória, 1983. 166p.

KNYCHALA, Catarina Helena. *O livro de arte brasileiro II*. 1984. 250p.

KNYCHALA, Catarina Helena. *O livro ilustrado brasileiro*. Museo do Livro, 1991. 116p.

KOPYROFF, Igor. "The cultural biography of things" in: APPADURAI, Arjun (Ed.). *The social life of things – commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KYRIOS, Michael; STEKETEE, Gail; FROST, Randy O. e OH, Sophie. *Cognitions in compulsive hoarding* (p. 269-28). In: FROST, Randy O. e STEKETEE, Gail. *Cognitive approaches to obsessions and compulsions: theory, assessment, and treatment*. Pergamon, 2005. 516p.

LACERDA, Carlos. *A casa do meu avô*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 186p.

LACERDA, Carlos. *O Rio (peça em três atos)*. Rio de Janeiro, 1943.

LAGO, Pedro Correa do. *Documentos & autógrafos brasileiros na coleção Pedro Corrêa do Lago*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997. 191p.

LEITE, Solidônio. *A auctoria da Arte de Furtar*. 1917. J. Leite. 166p.

LEITE, Solidonio Attico. *Catalogo annotado da bibliotheca de Solidonio Leite*. Rio de Janeiro: J. Leite & c, 1922. 377p.

LÉVASSEUR, E. (org). *Le Brésil*. 2.ed. Paris: H. Lamirault et Cie/Syndicat Franco-Brésilien, 1889.

LIMA, Hermes. *Travessia*. Coleção Documentos Brasileiros (163). Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. P. 297.

LIMA, Jorge de. *Poemas Negros*. Ilustrado por Lasar Segall. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica, 1947.

LIMA, Oliveira. *Memorias (estas minhas reminiscencias...)*. Coleção Documentos Brasileiros, vol. 2. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. 319p.

LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária (São Paulo – década de vinte)*. São Paulo: IEB / USP, 1985.

LISPECTOR, Clarice. *Dez contos selecionados de Clarice Lispector*. Ilustrações de Marcelo Grassmann. Brasília: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, 2004.

LOURENÇO, José. *Lira Nordestina*.

LUCIANO. *Volume III*. Tradução: Y A. M. HARMON. Harvard University Press, 1995

MACHADO, Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil*. São Paulo: EdUSP / Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. 468p.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 264p.

MAGALHÃES, Aloisio e FELDMAN, Eugene. *Doorway to Portuguese*. Philadelphia: The Falcon Press, 1957.

MAGALHÃES, Camila de. “Um acervo largado às traças”. *Jornal de Brasília*, caderno VIVA!, p. 3, segunda-feira, 17 de novembro de 2008.

MAGGS Bros. *Bibliotheca brasiliensis; catalogo annotado de livros raros, de alguns autographos e manuscriptos... e gravuras sobre o Brasil e o descobrimento da America, 1493-1930*. Londres: Maggs Bros., 1930. 369p.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. São Paulo: EdUSP, 2008. 600p.

MARTINS, Eduardo. *Primeiro jornal paraibano*. João Pessoa: A União, 1976. 106p.

MARTINS, Manoel dos Santos. *Memórias novas e usadas*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996. 82p.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. Ática, 2001. 519p.

MARTINS Filho, Plinio. *A Arte Invisível ou a Arte do Livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 160p.

MARTINS Filho, Plinio. *Ex-libris*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 188p.

MEDEIROS, Sandra (coord.). *Célula Tipográfica*. Vitória: UFES, s/d.

MELLO MORAES FILHO, Alexandre José de. *Phytographia*. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1881.

MENDES, Erasmo Garcia. “Paulo Duarte”. In: *Estudos avançados*. São Paulo, v. 8, n. 22, Dec. 1994 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 5 de maio de 2011. doi: 10.1590/S0103-40141994000300018.

MENDES, Murilo. *Janela do Caos*. Ilustrado com litografias de Francis Picabia. Paris: Imprimerie Union, 1949.

MESQUITA, Vianney. *Sobre livros*. Fortaleza: UFC, 1984. 147p.

MEYER, Marlyse. *Do Almanak aos Almanques*. Ateliê Editorial, 2001. 204p.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. 435p.

MILLIGAN, Susan. *Terry Jones Koran Burning Abuses the Constitution*. Postado em 4 de abril de 2011:

<http://www.usnews.com/opinion/blogs/susan-milligan/2011/04/04/terry-jones-koran-burning-abuses-the-constitution>

MILTON, John. *Areopagítica – discurso pela liberdade de imprensa ao Parlamento da Inglaterra*. Tradução Raul de Sá Barbosa. Edição e notas Felipe Fortuna. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. 214p.

MINDLIN, José. *Destaques da Biblioteca InDisciplinada de Guita e José Mindlin*. São Paulo: EdUSP, 2005. 544p.

MINDLIN, José. *Discurso de posse*. 2006

MINDLIN, José. *Memórias esparsas de uma biblioteca*. Escritório do Livro, 2004. 128p.

MINDLIN, José. *'Não faço nada sem ALEGRIA'*. São Paulo, Museu Lasar Segall, 1999. 72p.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Agir, 2009. 103p.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros – reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp/ Companhia das Letras, 1998. 231p.

MINDLIN, José. *The gentle madness of a guardian of relics a chat with José Mindlin*. Providence, R.I., EUA: John Carter Brown Library and the Department of Portuguese & Brazilian Studies at Brown University, 1993.

MONTEIRO, Salvador. *Pássaros espaços (uma aventura brasileira)*. Rio de Janeiro: Edições do Amador, 1999.

MORAES, Rubens Borba de e CAMARGO, Ana Maria de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro (2 vols)*. São Paulo: Edusp/ Kosmos, 1993. 430 + 248p.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia Brasiliana: Rare Books About Brazil Published from 1504 to 1900 and Works by Brazilian Authors of the Colonial Period*. Los Angeles, UCLA Latin American Center Publications, University of California, 1983. v. 10 2 v. (xxvii, 1074 p.) v.1. A-L -- v.2. M-Z.

MORAES, Rubens Borba de e ANDRADE, Mario de. *7 cartas - lembrança de Mario de Andrade*. São Paulo: s/e, 1979.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259p.

MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz – ou – prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 187p.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra / Briquet de Lemos, 2005. 203p.

MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular (recordações)*. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 308p.

MORAES conversa livraria [REF?]

MORAES, Vinícius de. *Poemas, Sonetos e Baladas*. Ilustrado por Carlos Leão. São Paulo: Edições Gaveta, 1946.

MOTTA Filho, Cândido. *A vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. 327p.

NETO, Antônio. *Solidônio Leite – vida e obra de um gênio*. Recife: s/e, 2008. 295p.

NETO, Coelho. *O pároco (conto de Natal)*. Gravuras de Darel. Rio de Janeiro: Gráfica de Artes S.A., 1961.

NETO, João Cabral de Melo. *O Arquivo das Índias e o Brasil*. Ministério das Relações Exteriores, 1966. 780p.

NETO, João Cabral de Melo. *O Engenheiro*. Amigos da Poesia, 1945. 51p.

NEVES, Margarida de Souza. “Faculdade de Medicina da Bahia”. Disponível em:

<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria/faculdaedemedicinadabahia.htm>

NICOULIN, Martin; BOSSON, Alain. *Brésil, pages de beauté/ Brésilien von Seiner Schönsten Seite/ Brasil, beleza impressa*. Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000. 113p.

NOGUEIRA, Bete. “Um nobre mercador de sonhos”. Nós da escola. Ano 5 no. 53 2007. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/_download/revista53.pdf

PACHECO, Felix. *Duas charadas bibliographicas*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1931. 493p.

PACHECO, Felix. *Duas charadas bibliographicas – appendice*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1931.

PACHECO, Felix (1879-1935). *O valor imenso da bibliotheca brasiliense do Dr. J. Carlos Rodrigues*. Rio de Janeiro: 1930. 47 p.

PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

PALISSY, Bernard. *Extraits*. Ilustrado com gravuras em metal de Arthur Luiz Piza. Paris: Les Cent Une, 1969.

PARAÍSO, Rostand. *Livros, livreiros, livrarias*. Recife, Bagaço, 2006. 317p.

PAULA, João Antonio de. *Livraria Amadeu*. Série: A cidade de cada um. Belo Horizonte: Conceito, 2006. 72p.

PEREIRA, José Mario. *José Olympio – o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. 421p.

PINTÓ, Alfonso. *Corazón en la tierra*. Barcelona: El libro inconsútil, 1948. 24p.

PIRES, Homero. *Rui Barbosa e os Livros*. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 69p.

PSAUME, Etienne. *Dictionnaire bibliographique, ou nouveau manuel du libraire et de l'amateur de livres*. 1824

PUSCHKIN, Alexandre. *A dama de espadas*. Ilustrado por Martha Pawlowna Schidrowitz. Rio de Janeiro: Editora Brasília Aeterna / Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba, 1944.

PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2002. 301p.

QUEIROZ, Eça de. “Eduardo Prado”. *Revista Moderna*. Ano 2 no. 22, 1898

RAEDERS, Georges. *Bibliographie Franco-bresilienne 1551-1957*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 260 p.

RANGEL, Rosângela Florido. *Sabadoyle: uma academia literária alternativa?* Dissertação de Mestrado / FGV. 2008. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2150/CPDOC2008RosangelaFloridoRangel.pdf?sequence=1>

REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. 310p.

REIFSCHNEIDER, Oto. “Alfredo de Carvalho bibliófilo”. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, 2009.
<http://perlocutorio.com/page9.php>

REIFSCHNEIDER, Oto. “Bibliofilia e colecionismo: uma breve reflexão”. In: *Scriptorium*. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, 2010. Disponível em:

<http://perlocutorio.com/page6.php>

RIBEIRO, João. *O Folk-lore (estudos de literatura popular)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. 328p.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 4ª. Edição. Ilustrações de Di Cavalcanti.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

R.K. “As raridades literárias do bibliófilo Licurgo”. in *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. Quinta-feira 18 de novembro de 1981. P. 27

ROCHA, Glauber. *ABC da arte & do amor de Calasans gravador*. Salvador: Macunaíma, 1966.

RODRIGUES, José Carlos. *Bibliotheca brasiliense: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1907. 680 p.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. *Livros raros na Universidade de Caxias do Sul (identificação e catalogação descritiva)*. (dissertação de mestrado). Caxias do Sul, 2007. Disponível em:

http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-10-02T112749Z-140/Publico/Dissertacao%20Marcia%20Carvalho%20Rodrigues.pdf

RUFINONI, Priscila Rossinetti. *Oswaldo Goeldi*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. 316p.

SALOMÃO (Rei). *O cântico dos cânticos*. Rio de Janeiro: Ursula Erika Schidrowitz, 1946.

SAMPAIO, Albino Forjaz de. *Como devo formar a minha biblioteca*. Portugal: Livraria Sá de Costa, 1938. 389p.

SCHOPENHAUER, Arthur. “Sobre Livros e Leitura”. Tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Disponível em:

<http://www.escritoriadolivro.org.br/>

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*. Phenomenologica 11. The Hague (Holanda): Martinus Nijhoff, 1962. XLVII + 361p.

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers III: Studies in Phenomenological Philosophy*. Phenomenologica 22. The Hague (Holanda): Martinus Nijhoff, 1966. XXXI + 191p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, com: AZEVEDO, Paulo César de e COSTA, Ângela Marques da. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis – do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 558p.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Guia comentado dos sebos da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Guia comentado dos sebos da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Guia dos sebos*. Lexikon, 2007. 143p.

SENNA, Ernesto. *O velho comércio no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2006. 260p.

SENNA, Homero. *O Sabadoye – Histórias de uma confraria literária*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. 207p.

SILVA, Abimael. *Guia dos sebos de Natal & textos afins*. Natal: Sebo Vermelho, 1998. 217p.

SILVA, Roberto Candido da. *O polígrafo interessado: João Ribeiro e a construção da brasilidade*. Dissertação de mestrado orientada pela profa. Miriam Dolhnikoff. São Paulo: 2008.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada (da ternura à injúria na construção do livro de artista)*. Porto Alegre: URGs, 2008. 320p.

SIQUEIRA, Fausto. “Cupim consome Biblioteca de Santos”. Folha de S. Paulo, Ilustrada, 21 de fevereiro de 2000, p. 6.

SOBRINHO, POMPEU (et al). *Barão de Studart*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1956. 257p.

SODRÊ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SPINELLI Junior, Jayme. *Conservação de acervos bibliográficos e documentais*. Biblioteca Nacional, 1997. 90p.

STICKEL, Erico J. Siriuba. *Uma pequena biblioteca particular*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004. 731p.

STUDART, Barão de. “Os Mortos do Instituto”. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Ano XXXIII. Fortaleza, 1911. Disponível em:

<http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1919indice.html>

STUMPF, Bárbara Perdigão; ROCHA, Fábio Lopes. “Síndrome de Diógenes”. *Jornal brasileiro de psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000200012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 9 de abril de 2011. doi: 10.1590/S0047-20852010000200012.

TAVARES, Fernando. *Oswaldianas*. Belo Horizonte: Oficina Goeldi, 1981. 42p.

TAVARES, Luis Guilherme Pontes. *Nome para compor em caixa alta: Arthur Arezio da Fonseca*. Prefácio de Cid Teixeira. Salvador: Secretaria de Governo, 2005. 163 p.

TINTI, Lorenzo. “Bibliomanie e bibliofilie”. 43p. Disponível:

http://www.bibliomanie.it/bibliomanie_bibliofilie_lorenzo_tinti.htm

TOURINHO, Octavio de Campos. *Arquivo brasileiro de ex libris. 1. serie, 500 ex libris, A-Z*. Prefácio de Otto Floriano. Rio de Janeiro, s/e, 1950. 140 p.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Livro sobre livros*. São Paulo: HUCITEC, 1978. 237p.

TREDWELL, Daniel. *A monograph on privately-illustrated books: a plea for bibliomania*. Brooklyn, s/e, 1881.

TRÜBNER & Co. *Bibliotheca Brasílica: Catalogue of an Extensive Collection of Ancient and Modern Books Relating to the Brazil Empire, 1500 to the Present Time, and to the Neighboring South American States*. Londres: Trübner & Co, 1879. 54 p.

TURAZZI, Maria Inez. “A coleção Geyer doada ao Museu Imperial”. *Revista CPC*, São Paulo, v.1, n.2, p.47-79, maio/out. 2006. Disponível em:

http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=6&tipo=6

VALADÃO, Haroldo e DOYLE, Plínio. *Um bibliófilo, e Joaquim Manuel de Macedo, no Instituto Histórico Geográfico*. S/l: Imprensa Nacional, 1971. 22p.

VENANCIO FILHO, Alberto. “Edgardo de Castro Rebello, bibliômano”. (p. 319-329) In: *Revista do Livro*, no. 46, ano 14. Rio de Janeiro, 2002.

VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1972.

VIANA, Helio. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

ZICO, (PE.) José Tobias. *Caraça: peregrinação, cultura, turismo (1770-1976)*. 5^a. edição. Contagem: Littera Maciel, 1988. 270p.

- i Instrução normativa do IPHAN
- ii Lista de Luis Guilherme
- iii Relatório BCE
- iv Desapropriação Eichenberg
- v Lei e Decreto regulamentando a
exportação de livros antigos
- vi Conto de Drummond

Trecho da instrução normativa no. 1 de 11 de junho de 2007, do IPHAN.

IX – Os livros antigos ou raros, desse modo consagrados na literatura especializada, ou que tenham valor literário, histórico ou cultural permanente:

- a) a Coleção Brasileira: livros sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados desde o século XVI até o final do século XIX (1900 inclusive), e os livros de autores brasileiros impressos ou gravados no estrangeiro até 1808;
- b) a Coleção Brasiliense: livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias, que tenham valor bibliofílico: edições da tipografia régia, primeiras edições por unidades federativas, edições príncipes, primitivas ou originais e edições em vida – literárias, técnicas e científicas; edições fora de mercado, produzidas por subscrição; edições de artista;
- c) Os incunábulos, pós-incunábulos e outras edições impressas e gravadas, célebres ou celebrizadas, de evidenciado interesse para o Brasil, impressas artesanalmente nos séculos XV a XVIII (1800 inclusive), em qualquer lugar;
- d) As publicações periódicas e seriadas, em fascículos avulsos ou coleções: títulos sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados no estrangeiro até 1825; títulos impressos ou gravados no Brasil, de 1808 a 1900, inclusive; folhas volantes – papéis de comunicação imediata, originalmente soltos e esporádicos, impressas ou gravadas no Brasil, no século XIX (1900 inclusive); os títulos manuscritos, configurados como jornalismo epistolar, produzidos ou não sob subscrição no Brasil, no século XIX (1900 inclusive); os títulos célebres ou celebrizados, de evidenciado interesse para o Brasil, impressos ou gravados artesanalmente, nos séculos XVI a XVIII (1800 inclusive), em qualquer lugar.

X – Os exemplares de livros ou fascículos de periódicos representativos, respectivamente, da memória bibliográfica e hemerográfica mundial, avulsos ou em volumes organizados ou factícios, que apresentem marcas de colecionismo ativo ou memorial, tais como: ex libris, super libris, ex-donos e carimbos secos ou molhados; marcas de leitura personalizadas; marcas de exemplar de autor, com anotações autógrafas ou firmadas que evidenciam o amadurecimento e a redefinição do texto.

Art. 5º. No ato da inscrição no cadastro especial, a pessoa deverá apresentar a relação descritiva dos objetos disponíveis para comercialização, em estoque ou reserva, contendo as informações mínimas abaixo especificadas, e também na forma do Anexo I, que integra esta Instrução Normativa:

I – em caso de obra de arte, objeto de antiguidade, objeto de arte e objeto etnográfico: nome do objeto; título; autoria, época; origem, material/técnica; marcas/inscrições/legendas; dimensões (altura, largura, profundidade, comprimento, diâmetro); peso; consignação ou propriedade; fotografia;

II – em caso de documentos arquivísticos: título, incluindo tipo de documento/espécie e assunto; autor; destinatário; local de produção; data; volumes/tomos/rolos/páginas/folhas; duração; escala; no caso de conjuntos, produtor ou colecionador; consignação ou propriedade;

III – em caso de livros antigos ou raros: autor, título, edição, imprensa (local, editora, data), extensão (total de volumes/tomos/partes/páginas/folhas), dimensão (altura, tomada pela lombada, em centímetros), informação adicional que personalize o exemplar; consignação ou propriedade.

ANEXO ii

Listagem elaborada por Luís Guilherme, enviada por e-mail a 30 de agosto de 2010.

TÍTULOS DESTACADOS DA BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DA BAHIA

LIVROS

A., A. P. de. *A incoherencia da escravidão num paiz christão*. Obra religiosa, moral e politica oferecida e dedicada á causa três vezes santa do Sumo Bem. Salvador: Typographia do Bazar, 1885.

ACHILLES, Aristheu. *Aspectos da ação do DIP*. (Publicado originalmente na revista *O Observatório Economico e Financeiro*). Rio de Janeiro: DIP, 1941.

BAHIA. Memorias da viagem de SS.MM. II. S.e. (1860?)

BARROS, Francisco Borges de. *Dr. J. J. Seabra, sua vida, sua obra na Republica*. 2ª ed. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1931.

BOCCANERA JUNIOR, Silio. *As telas historicas do Paço Municipal da Bahia. Biographias*. Salvador: Livraria e Typographia do Commercio, 1922. (Na página seis há referência a atuação de Francisco Caminhoá na reforma da Câmara de Vereadores em 1886).

CARIGÉ, Eduardo. Biografia de Frei Bastos. Salvador: Imprensa Economica, 1904.

CARNEIRO, Manoel Borges. *Resumo chronologico das leis mais uteis no foto e uso da vida civil (...) contendo as leis até 1611*. Lisboa: Impressão Regia, 1818.

DIAS, Manoel Joaquim de Bulhões. *O livro indispensável á Guarda Nacional*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1859.

FAQUET, Émile. *Arte de ler*. Tradução de Eugenio de Castro. Paris: Livraria Aillard e Bertrand; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, s.d.

FARIAS, Cosme. *Lama e sangue*. Salvador: s.e., 1926.

MEDEIROS, E. J. *Guia Mercantil*. Edição de 1923-1926. Salvador: Typographia e Livraria Catilina, 1927.

MENDONÇA, Manoel Teixeira Cabral de. *O guarda livros moderno* (ou curso completo de instruções elementaes sobre as operações do comércio (...)) Lisboa: Impressão Regia, 1818. A obra tem três volumes, o último datado de 1835.

MESQUITA, Elpidio de. *Africanos livres*. In “Miscellanea” (tombo 1729). Salvador: Typographia Dois Mundos, 1886.

O EX-GOVERNADOR DA BAHIA BACHAREL LUIZ VIANA PERANTE O TRIBUNAL DA OPINIÃO. Salvador: s.e., 1901.

O TREZE DE NOVENBRO DE 1899 NA CAPITAL DA BAHIA (subsídios para a história). Salvador: Typographia e Encadernação do Diário da Bahia, 1900.

RIBEIRO, Prado. *Vida sertaneja* (usos e costumes do sertão bahiano). Salvador: Oficina Graphica d'A Luva, s.d.

RIBEIRO, Israel.. *As minhas prisões* (episódios de 34 dias de exílio). Salvador: s.e., 1926.

LEVASSEUR, E. de & alli. *Le Brésil*. 12ª ed. Paris: H. Lamiraut et Cie, Editeurs, 1889.

RODRIGUES, J. Barbosa. *Sertum palmarum brasiliensium*. 2 v. Bruxelas: Typographie Verve Monnom, 1903.

ROTEIRO TURISTICO DA CIDADE DO SALVADOR. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1958.

SÁ, José de. *O bombardio da Bahia e seus efeitos*. Registro político e histórico. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1918. (Libelo contra J. J. Seabra).

SILVA, Coronel Josino do Nascimento Ferreira e. *Consolidação das disposições em vigor relativas á Guarda Nacional ou Milícia Cívica*. Rio de Janeiro: Typographia d'O Paiz, 1894.

VIANNA, Francisco Vicente & FERREIRA, José Carlos. *Memoir of the State of Bahia*. Escrito por ordem do Governador Joaquim Manoel Rodrigues Lima, traduzido por Guilherme Pereira Rabello. Salvador: Typographia do Diário da Bahia, 1893. 657 p.

WRIGHT, Arnold & alli. *Impressões do Brazil no século vinte*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd, 1913.

WRIGHT, Marie Robinson. *The new Brazil*. Filadélfia: George Barrie & Son, 1901.

IMPRESSOS PELA TYPOGRAPHIA BAHIANA, de Cincinnato Melchiades

ALBUQUERQUE, Amphilophio de Mello e. *Da prophylaxia ocular*. Tese da Faculdade de Medicina da Bahia, 1911.

BARBOSA, Ruy. *Ruy Barbosa na Bahia*. Recepção promovida pela Comissão Popular. Discursos – A plataforma, 1910.

BOCCANERA JUNIOR, Sílio. *In memoriam. Um artista brasileiro*, 1913.

BOCCANERA JUNIOR, Sílio. *Os cinemas da Bahia. Resenha histórica (1897-1818)*, 1919.

BRITO, Lemos. *As lições da História*, 1917.

BRITO, Lemos. *Cartas do Norte*, 1907.

BRITO, Lemos. *Na barricada. Campanha de libertação da Bahia*, 1920.

BRITO, Lemos. *Páginas sul-americanas* (precedidas de uma carta do estadista e internacionalista argentino Sr. Dr. Estanislau Zeballos), 1917.

CARVALHO, Carlos Alberto de. *Tradições e milagres do Bonfim*. Obra seguida de interessante resenha historica da Peninsula de Itapagipe, 1915.

COSTA FILHO, *Aspectos juridicos*, 1915.

LEAL, Antonio K. Musgos (primeiros versos), 1912.

LEIS DO PODER LEGISLATIVO E DRECRETOS DO PODER EXECUTIVO DO ESTADO DA BAHIA DO ANNO DE 1913, 1914.

MARQUES, Xavier. *Praieiros. Janna e Joel*, 1899.

MARQUES, Xavier. *Praieiros. Mara Rosa*, seguido da narrativa *O arpoador*, 1902.

MIRANDA, Aurea. Fragmentos d'alma (versos), 1918.

RANGEL, Souza (presidente do Tiro Condense). *Ambula*. Homenagem sicera, inequivoco testemunho de ardente patriotismo para com o Brazil, 1917.

REGO, Manoel Luiz (advogado). *Imposto sobre dividendos* (artigos endereçados ao delegado fiscal do Tesouro Federal na Bahia), 1903.

PERIÓDICOS

A Guerra. Semanario de informação sobre a conflagração eropea. Salvador: C. Tourinho & C., 1915.

Arquivo Pitoresco. Lisboa: Castro Irmão e C^a, 1858 e outros anos.

Leitura para todos. Rio de Janeiro: s.e., 1906 e outros anos.

O Antonio Maria. Ilustrado por Raphael Bordallo Pinheiro. Lisboa: Litografia Guedes, 1979 e outros anos.

O MALHO (coleção de revistas oferecida pelo jornalista Karlos Weber).

Revista comemorativa do 1º centenario da Associação Comercial da Babia. Editado e organizado por Abilio Bensabath e dedicado á distincta classe comercial. Salvador: Casa Castro Alves, 1911. (Ilustração da capa em xincografia feita por Reis & Cia).

Revista da Associação Typographica Bahiana. Salvador: Typographia Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1902-3.

Revista do Instituto Geografico e Historico da Bahia. Número dedicado ao padre Antonio Vieira. Salvador: IGHBA, 1897.

Relatório da situação dos livros na BCE
com especial atenção ao subsolo

Outubro de 2008

RB
DO

Problema

A biblioteca central da UnB, uma das mais importantes bibliotecas universitárias do país, vive uma situação de abandono e descaso, tanto da comunidade acadêmica (professores, alunos e servidores) quanto especificamente de seus funcionários. O desconhecimento dos bibliotecários (falta de cultura geral, de bibliotecários especializados por área) aliados ao descaso com as obras adquiridas e doadas, culminou nos últimos tempos no descarte de milhares de obras relevantes, muitas delas pertencentes a grandes e antigas coleções adquiridas pela UnB.

É premente a mudança da cultura que se foi institucionalizando ao longo dos anos na BCE, assim como o estabelecimento de políticas de expansão (a biblioteca deveria ser central, não única) e seleção. Apenas para ilustrar a atual esquizofrenia da seleção, alguns títulos estão divididos entre Obras Raras, Acervo Geral e Depósito, com volumes esparsos pelos três ambientes.

Situação atual do subsolo

Disposição dos livros

No saguão central (mais de 10.000 livros):

- os livros de Lyra Filho (parte esteve sob um cano estourado, do qual vazava água);
- livros de Eliomar¹⁷² Baleeiro, Agripino Grieco, Carlos Lacerda, Eudoro de Sousa, Homero Pires (entre outros);
- arquivos de aço e fichas catalográficas ensacadas.

Na sala à esquerda (mais de 10.000 livros):

- livros diversos das bibliotecas supra-citadas e de outras compras/doações, além de coleções completas de revistas acadêmicas)
- na rampa que dá acesso à esta sala, há inúmeras caixas de livros novos publicados pela UnB, que nunca foram distribuídos/vendidos

Na sala à direita (milhares de teses):

- atrás de móveis diversos, no fundo da sala, encontram-se milhares de teses doadas pela Xerox do Brasil à UnB em 1986 (originalmente eram 12500 teses, a maior parte sobre a América Latina, no folheto da própria Xerox a única coleção deste porte nas Américas, fora apenas a da Biblioteca do Congresso dos EUA). Foi encontrado o catálogo original da coleção em uma caixa.

¹⁷² É Aliomar.

Condições do subsolo

- As paredes do subsolo estão repletas de colônias de fungos;
- Os funcionários fumam no saguão, em meio aos livros;
- Ao limpar a biblioteca, a água suja é jogada no salão, aumentando a umidade e propiciando a proliferação de fungos;
- Há revistas pornográficas entre os livros na sala à esquerda;
- Há diversos exaustores de ar-condicionado *split* direcionando o fluxo de ar-quente para os livros na sala à esquerda;
- Não há qualquer tipo de segurança que impeça a entrada no saguão principal.

Os descartes

Os livros que se salvaram da reciclagem pela empresa Nova Capital (que os compra por 24 centavos de real por quilo) puderam ser identificados por portarem assinaturas (como os de Homero Pires), carimbos (como os de Eudoro de Sousa, das Obras Raras e do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses - CBEP) e ex-libris (como os de Carlos Lacerda e Agripino Grieco), mesmo que muitos tenham sido desfigurados. Entre os livros descartados, foram identificadas:

- obras da biblioteca de Lyra Filho (ainda em comodato)

No “boletim da UnB” de 31/Agosto a 15/Setembro/1988, comenta-se sobre a importância da Biblioteca Lyra Filho que, encontrando-se na BCE desde essa época, nunca foi incorporada propriamente ao acervo, após 20 anos

- obras das bibliotecas de Homero Pires, Agripino Grieco, Carlos Lacerda, Eliomar Baleeiro, Francisco Xavier (entre outros)

Importantes políticos, intelectuais e bibliófilos, algumas de suas bibliotecas figuraram entre as mais selecionadas e importantes do país.

- parte significativa da biblioteca de Eudoro de Sousa (incluindo manuscritos)

Um dos fundadores da UnB e dos mais respeitados classicistas que aqui atuaram.

- parte significativa do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses

Este Centro ocupou uma grande sala na biblioteca (coleção que foi inicialmente formada por uma grande doação)

- obras correntes em língua estrangeira

Em especial alemão, são descartadas por julgarem os bibliotecários não haver uso para elas.

Além dos descartes, muitos livros nunca foram patrimonializados, ou sequer recebem alguma marca de posse sendo, portanto, facilmente desviados (política, aliás, que se fez comum ao longo dos anos). Dezenas desses livros, e alguns até mesmo com carimbos da UnB, terminam em sebos. Muitos livros acabam sendo descartados sem nem mesmo terem passado por algum processo de seleção. No salão de leitura inaugurado em 2005, havia antes milhares de livros. A biblioteca de Emanuel Araújo, um dos mais respeitados intelectuais da UnB, foi doada pela profa. Sônia Lacerda, sua esposa, há alguns anos, mas seu destino é desconhecido (não se sabe se foram descartados, se alguns se salvaram e entraram no acervo como doação anônima...). Estão sendo também descartadas milhares de fichas catalográficas. Entre as obras descartadas, para nos restringirmos apenas às obras raras, estão:

- livros do século XVIII;
- livros com dedicatórias de importantes intelectuais;
- livros que pertenceram a personalidades políticas.

O valor dos livros

Restringindo-se apenas aos valores monetários, em apenas três exemplos, pois o valor patrimonial, histórico e cultural do que foi e está sendo perdido é imensurável:

- ❖ A Biblioteca de Homero Pires foi comprada por 10.000.000 de cruzeiros (dez milhões de cruzeiros), o valor corrigido pelo índice geral de preços (IGP) da FGV (10/63- 10/08) seria hoje de 296.000 reais (duzentos e noventa e seis mil reais). Na verdade uma coleção como esta, hoje, seria muitíssimo mais valiosa.

- dados originais retirados de relatórios de prestação de contas da UnB

- ❖ A doação do Ministério de Ultramar de Portugal, que formou o núcleo do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, foi de 4.227.600 cruzeiros (quatro milhões duzentos e dezessete mil e seiscentos cruzeiros). O valor corrigido pelo IGP da FGV (10/63- 10/08) seria de 125.000 reais (cento e vinte e cinco mil reais).

- dados originais retirados do Diário Oficial

- ❖ Biblioteca doada pela Xerox do Brasil em 1986, composta de 12.500 teses, tinha o valor declarado de 1.500.000 dólares (um milhão e quinhentos mil dólares)

- dados originais retirados de folha informativa da Xerox do Brasil

Algumas propostas

Algumas medidas podem ser tomadas para contornar o desconhecimento, a falta de cultura geral (e de especialistas), de critérios de seleção e o descaso:

- ❖ Constituir um grupo de professores que acompanhe as atividades da BCE;
- ❖ Criar comissões de seleção que envolvam professores;
- ❖ Designar curadores especializados para cada uma das coleções;
- ❖ Incentivar um maior entrosamento entre professores do CID e profissionais do CEDOC com a BCE;
- ❖ Promover a BCE e seus acervos, para combater o desinteresse da comunidade acadêmica.

Podem também ser implementadas **políticas alternativas ao descarte** (i.e., ao picotamento de livros):

- ❖ Venda para alunos, funcionários e professores:

Algumas bibliotecas públicas estadunidenses, por exemplo, promovem feiras anuais para vender livros, discos e outros materiais que não interessam ao seu acervo. Outras mantêm um ambiente com estes materiais, que são vendidos a preços fixos (p. ex.: 2 real a brochura, 4 reais livros de capa-dura).

- ❖ Doação para alunos, funcionários e professores:

Os livros poderia ser separados por área de conhecimento e os alunos e professores das respectivas áreas teriam direito a X livros por semestre.



Parede do subsolo da BCE com livros deteriorando entre goteiras e poças d'água (especificamente a coleção de Baleeiro)

Desapropriação da biblioteca de Eichenberg

decreto nº 60.800, de 2 de junho de 1967.

Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, biblioteca privada.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 83, inciso II, da Constituição e em conformidade com o que dispõe o art. 5º, inciso I, do Decreto-lei número 3.365, de 21 de junho de 1941,

Decreta:

Art. 1º Fica declarada de utilidade pública, para fins de desapropriação em favor da Universidade Federal do Rio grande do Sul, a Biblioteca particular, de propriedade do Doutor Gert Eduardo Secco Eichenberg instalada na residência dêste à rua Santo Inácio nº 473, na cidade de Pôrto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º Fica autorizada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul a promover, amigavelmente ou judicialmente, a desapropriação aludida, na forma da lei.

Art. 3º Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 2 de junho de 1967; 146º da Independência e 79º da República.

A. Costa e Silva

Tarso Dutra

Disponível em:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=192160>

Lei e Decreto regulamentando a exportação de livros antigos

LEI Nº 5.471, DE 9 DE JULHO DE 1968

Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica proibida, sob qualquer forma, a exportação de bibliotecas e acervos documentais constituídos de obras brasileiras ou sobre o Brasil, editadas nos séculos XVI a XIX.

Parágrafo único. Inclui-se igualmente, nessa proibição a exportação de:

- a) obras e documentos compreendidos no presente artigo que, por desmembramento dos conjuntos bibliográficos, ou isoladamente, hajam sido vendidos;
- b) coleções de periódicos que já tenham mais de dez anos de publicados, bem como quaisquer originais e cópias antigas de partituras musicais.

Art. 2º Poderá ser permitida, para fins de interesse cultural, a juízo da autoridade federal competente, a saída temporária, do País, de obras raras abrangidas no art. 1º de seu parágrafo único.

Art. 3º A infringência destas disposições será punida na forma da lei, devendo ser efetivadas pela autoridade competente as apreensões dela decorrentes.

Parágrafo único. A destinação dos bens apreendidos será feita em proveito do patrimônio público, após audiência do Conselho Federal de Cultura.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação e será regulamentada dentro de 60

(sessenta) dias.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 9 de julho de 1968; 147º da Independência e 80º da República.

A. COSTA E SILVA

Tarso Dutra

DECRETO Nº 65.347, DE 13 DE OUTUBRO DE 1969.

Regulamenta a Lei nº 5.471, de 9 de junho de 1968, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos.

OS MINISTROS DA MARINHA DE GUERRA, DO EXÉRCITO E DA AERONÁUTICA MILITAR, usando das atribuições que lhes confere o artigo 1º do Ato Institucional nº 12, de 31 de agosto de 1969, combinado com o artigo 83, item II, da Constituição,

DECRETAM:

Art. 1º É proibida, sob qualquer forma, nos termos da Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968, a exportação de bibliotecas e acervos documentais constituídos de obras brasileiras ou sobre o Brasil, editadas nos séculos XVI a XIX.

Art. 2º A proibição abrange obras e documentos que, por desmembramento dos conjuntos bibliográficos, ou isoladamente, hajam sido vendidos.

Art. 3º As instituições culturais, as autoridades ou titulares de funções públicas, ou qualquer do povo, alertarão o Ministro da Educação e Cultura (1), diretamente ou por intermédio dos órgãos que o representem, sobre a venda, para efeito de exportações, no todo ou em parte, de bibliotecas particulares e acervos documentais, cuja saída do País constitua infração à lei.

Art. 4º A exportação de livros antigos, brasileiros, ou sobre o Brasil, editados nos séculos XVI a XIX (até 1899), dependerá de comprovação:

- a) de não provirem de conjuntos bibliográficos cuja exportação é proibida;
- b) de se haver pronunciado favoravelmente o Conselho Federal de Cultura (2), ou, por delegação dêste, o Conselho Estadual de Cultura competente.

Art. 5º No caso de venda para o exterior, nos termos do artigo precedente, poderá a autoridade interessada adquirir, em igualdade de condições, os livros em via de exportação, para as respectivas bibliotecas, ou de instituições nacionais que o solicitem.

Art. 6º Será permitida, para fins de interesse cultural, a saída temporária do País, de obras raras abrangidas no artigo 1º e seu parágrafo único da Lei nº 5.471, obedecidas as normas seguintes:

- a) o pedido de autorização, se as obras raras pertencerem a bibliotecas particulares, será feito ao Conselho Federal de Cultura (ou ao competente Conselho Estadual de Cultura);
- b) se as obras raras pertencerem a bibliotecas, arquivos e instituições federais, autorização será dada pela autoridade competente;
- c) se as obras raras pertencerem a bibliotecas, arquivos e instituições estaduais ou municipais, da autorização dada pela autoridade competente será notificado o Conselho Federal de Cultura (3) por intermédio do Conselho Estadual de Cultura ou dos órgãos que, temporariamente, representem nos Estados o Ministério da Educação e Cultura (1).

Parágrafo único. A saída de obras raras do País somente será autorizada por prazo determinado, que será especificado em termo de responsabilidade assinado por pessoa física domiciliada no País e de incontestável identidade.

Art. 7º As obras raras de que trata o artigo 1º, quando permitida a sua exportação, deverão ser minuciosamente relacionadas em documento a ser visado pelo Presidente do Conselho Federal de Cultura ou por delegação deste, pelos Conselhos Estaduais, para aprovação das autoridades aduaneiras por ocasião da fiscalização do embarque, requerendo a aplicação, se for o caso, do artigo 2º, da Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968.

Art. 8º Não se verificando o retorno ao País das obras raras saída para fins de interesse cultural, a autoridade federal competente tomará as providências adequadas, invocando, se esta for a hipótese, o artigo 3º da Lei nº 5.471, que manda punir a infringência de suas disposições.

Art. 9º É proibida, por igual, a exportação de coleções de periódicos que já tenham mais de 10 (dez) anos de publicados, bem como de quaisquer originais e cópias antigas de partituras musicais.

Art. 10. Apreendidos, por tentativa de exportação ilegal, livros, documentos, coleções de periódicos, originais e cópias antigas de partituras musicais, êsses bens serão destinados ao patrimônio público, após audiência do Conselho Federal de Cultura.

Art. 11. Para a destinação, ao patrimônio público, dos bens de que trata o presente Regulamento, se dará preferência a instituições culturais da região em que ocorrer a apresentação dos bens referidos no artigo 10.

Art. 12 Ouvido o Conselho Federal de Cultura, o Ministério da Educação e Cultura (3) decidirá, em definitivo, sobre a adjudicação a que se refere o artigo anterior.

Art. 13. para o efeito de adotarem as providências cabíveis, nos termos da Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968, e do presente Regulamento, serão oportunamente notificadas as autoridades aduaneiras e fiscais.

Art. 14. Revogadas as disposições em contrário, êste Decreto entrará em vigor à data de sua publicação.

Brasília, 13 de outubro de 1969; 148º da Independência e 81º da República.

AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD

Aurélio de Lyra Tavares

Márcio de Souza e Mello

Antônio Delfim Netto

Tarso Dutra

(1) Leia-se: Ministro de Estado da Cultura.

(2) O Conselho Federal de Cultura não foi recepcionado na estrutura básica do Ministério da Cultura.

(3) Leia-se: Ministério da Cultura.

A perfeita sabedoria – conto de Carlos Drummond de Andrade

A verdadeira Sabedoria está nos livros não-escritos, isto é, nas folhas de papel em branco, reunidas em volumes encadernados. É a conclusão de um bibliófilo que se tornou filósofo. Trocou os livros impressos, que lhe feriam a vista, por outros de imaculada brancura, e verificou que neles reside a verdadeira essência do conhecimento.

Gostava de abri-los ao acaso e passar os dedos, suavemente, na superfície virgem. Nenhuma teoria falsa, nenhum erro habitava aquelas páginas. Pelo contrário. Era como se o saber fora de discussão se aninhasse ali. O saber é branco, refletiu ele. As mentiras são coloridas e as letras são a representação visual de sofismas ou enigmas carentes de interpretação.

Sua biblioteca foi-se reduzindo, porque uma imperfeição no papel era de certo modo um erro, e o nosso homem fugia dele. Às vezes não era defeito de fabricação, mas simples dobra, ou sinal de unha deixado por alguém. O volume era condenado e, de redução em redução, a biblioteca se constituiu num só livro, que continha a verdade suprema e absoluta.

Folheá-lo seria risco imensurável, pois se acaso a página se rasgasse? Uma gota de café pingasse, ou a cinza do cigarro? Nunca mais o abriu. O livro foi posto sob uma redoma. O sábio contemplava-o em êxtase. Dormia feliz, sabendo que a sabedoria estava a dois passos da cama, protegida.

O calor partiu o cristal da redoma, e ao retirar o livro dentre os estilhaços ele cortou a mão, que sangrou sobre o volume, conspurcando a perfeita sabedoria. Nunca mais foi feliz.